
A ESPOSA
viagem
UM CONTRATO E NADA MAIS
da mesma autora de "Intensa Atração"
STHEFANE LIMA

A ESPOSA *virgem*

UM CONTRATO E NADA MAIS

STHEFANE LIMA

Ficha Técnica

Copyright © 2019 Sthefane Lima.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Ellen Scofield

Diagramação: Sthefane Lima

Revisão: Wânia Araújo

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. /98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital — Criado no Brasil.

1ª Edição.

Sumário

Ficha Técnica

Sinopse

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

SOBRE A AUTORA

Sinopse

Mateus Ávila era um grande empresário no ramo da construção. Erguer prédios sólidos e resistentes fazia parte da sua especialidade, contudo seu talento não se resumia apenas a isso, ele também possuía o dom de conquistar e seduzir a mulher que desejasse. Mas sua boa vida estava prestes a acabar. Cansado do seu estilo boêmio, o patriarca da família Ávila intimou Mateus a mudar seu comportamento e arrumar uma esposa troféu. Ele agora precisava de uma mulher delicada, discreta e, obrigatoriamente, virgem.

Elegante, serena, recatada e do lar era tudo o que Isabella Oliveira não era. Pelo contrário, ela era tempestuosa, indelicada e tinha uma língua afiada que irritava até o mais santo dos homens. O completo oposto do que se esperava de uma mulher da alta sociedade aclamada.

Os dois não possuem nada em comum, apenas o fato de terem aceitado um contrato simples e sem paixão, uma conveniência que cairia bem aos dois. Só um ano e tudo estaria desfeito.

Mas o que acontece quando dois opostos se encontram?

Agradecimentos

Esse livro foi um parto.

Com direito a todas as dores possíveis. Surtos necessários e alegrias enlouquecedoras.

E hoje eu só quero agradecer.

Primeiramente, ao meu Deus por mais esta vitória. Tu sempre recompensas aqueles que nunca desistem daquilo que está certo. Confiar na Tua força e no Teu poder é a melhor decisão que alguém pode tomar. O caminho nem sempre foi fácil, mas finalmente acabei conseguindo uma importante conquista. Vou desfrutar e me orgulhar do caminho que fiz até vencer, mas sem nunca esquecer que o mérito é sobretudo teu.

Muito obrigada à minha querida família! Além de entenderem essa vida de autora, vocês também me deram tudo aquilo de que eu preciso para viver esse sonho e ser feliz. Obrigada pela compreensão, paciência, amor e por todos os valores que me ensinaram. E acima de tudo, obrigada pelos sacrifícios que vocês fizeram para que eu pudesse ser quem eu sou hoje!

Agora, ao Anjo que foi colocado em minha vida. Gisa Costa, não existem palavras no dicionário capazes de expressar com justiça o tamanho da gratidão que eu lhe devoto. Obrigada por tudo, por você existir e ser minha amiga! Quando precisei, você esteve lá, me escutando, me incentivando, me amparando ou até mesmo me chicoteando. Falando em dar chineladas em minha cara. Mas, cara, você me deu a força necessária para eu superar meu pior momento, me dando o que de mais precioso existe: sua amizade sincera e desinteressada! Você é uma preciosidade, a melhor amiga que alguém pode desejar, e quero que saiba que também vou estar sempre aqui para o que precisar. Obrigada, amiga! Espero um dia retribuir tudo o que você me deu e por mim fez. Amo você!

É nos momentos mais difíceis da vida que descobrimos com quem realmente podemos contar. Olha aqui a revisora mais paciente e ‘gente boa’ que existe. Wânia, obrigada por decidir entrar neste barco comigo. Sem a certeza da sua ajuda, sei que esse momento teria sido muito mais difícil de superar, talvez impossível. Obrigada de coração, você é uma pessoa maravilhosa!

E eu não poderia esquecer: quero aqui, renovar meus agradecimentos aos meus

leitores que dedicam parte do seu tempo para lerem minhas histórias. Sem vocês não haveria por que manter esse sonho, nem por que dedicar boa parte da minha vida a escrever. Tenho sorte em tê-los como amigos reais ou virtuais.

É para todos vocês essa história.

Sthefane Lima ♥

Por livre e espontânea pressão familiar, vai acontecer um casamento. Isabella e Mateus os convidam para esse momento de insanidade.



Prólogo



Mateus

— Inacreditável! Mais de uma hora de atraso, Mateus. O que eu faço com você? — papai indaga, forte. — Eu já estava sem desculpas para explicar a toda a família o porquê de o jantar não ter começado. Espero que você tenha uma justificativa digna!

Assim que passo pelo umbral, dou de cara com o senhor Damião e vejo sua expressão fechada e tensa. Os olhos azuis, que herdei, não têm brilho algum e isso não é um bom sinal. Os cabelos pretos salpicados de fios brancos estão arrumados no costumeiro penteado contido, nenhum fio fora do lugar, enquanto a boca está retorcida em contrariedade e os punhos, fechados em cada lado do corpo.

Sim, papai está irritado.

— Damião…. — mamãe chama baixo, tentando livrar minha pele como sempre.

— Basta, Marta! — Ele levanta a mão. — Ele precisa aprender que os compromissos assumidos devem ser cumpridos e que um homem tem que honrar sua palavra. Essas atitudes de moleque não podem continuar porque só sujam ainda mais o sobrenome que ele carrega e faz questão de menosprezar, dia após dia.

— Papai, tive um imprevisto — Interrompo seu sermão. — Eu vou explicar e me desculpar com todos, se isso o fizer se sentir melhor. Agora vamos, senão nos atrasaremos ainda mais.

Ele sacode a cabeça, abre e fecha a mão algumas vezes e respira fundo. É nítido que minhas desculpas não foram aceitas, mas, pela ocasião, ele vai encerrar a discussão. Conheço-o e sei que esse assunto não será esquecido, o que é uma pena, pois hoje eu não queria brigar com ele.

Cansando de nossas brigas sem fim, desvio o olhar para a elegante figura ao lado dele, a senhora Marta Ávila, minha mãe. Ela não está irritada, mas tem a expressão frustrada e decepcionada. Sei bem que ela estava segurando a explosão do meu pai e tentando me defender a todo custo. Para ela, tudo era uma fase e brigas não me fariam mudar. E ela estava mais do que certa. Eu não mudaria, pois não estava fazendo nada de errado.

Olho mais atentamente para a bela mulher que usa um vestido na cor bege e sapatos na mesma tonalidade. Ela jamais aparentou a idade que tem, e quem a ver ao meu

lado, pensa que é minha irmã mais velha. Dou um passo, pego-a em meus braços e beijo seus cabelos castanhos, da mesma cor que os meus. Ela também me aperta forte, como se fosse uma reprimenda, mas logo alisa minhas costas, movendo suas mãos de cima a baixo, na linha da minha coluna. Esse gesto parece irritar ainda mais o senhor Ávila, que branda forte:

— Fui um pai relapso. Não deveria ter fechado meus olhos para suas criancices. Deixei essa situação durar muito tempo, mas isso acaba hoje mesmo — o senhor Damião diz, forte.

Olho-o tentando compreender o sentido de suas palavras, mas, antes que eu possa perguntar o que sua ameaça significa, ele sai a passos duros e decididos, rumo à sala de jantar.

Nunca o vi tão irritado, mas eu desconfio que isso tudo é por causa da última fofoca que inventaram sobre mim, porém eu posso provar que é mentira, uma jogada de uma garota interesseira, daquelas que caçam a fortuna de homens ricos como eu para tentar ganhar a vida. Mas ela não sairá ganhando desta vez, pois vou mostrar a ela que comigo não se brinca. Ela vai aprender a nunca me enganar e, muito menos, me enfrentar.

— Entenda o seu pai, ele só quer o seu bem — mamãe pede, ainda em meus braços.

Apenas assinto com a cabeça. Sei o que ela quer dizer, afinal passei minha vida toda sobre essa *pressão* — uma consequência dura de ser filho único —, por isso, tenho a obrigação de ser o exemplo perfeito, afinal, sou o primeiro herdeiro, aquele que carrega sobre os ombros toda responsabilidade de dar continuidade ao nome da família.

Contudo, sou jovem, e hoje é sábado. Eu poderia estar em uma balada ou encontrando alguma mulher da lista de *excelentes para foda* para ter uma movimentada noite, mas estou aqui, na casa da minha família, porque papai inventou um jantar de negócios misturado com um encontro familiar — o que aposto que será um porre. Até poderia ter inventado alguma desculpa, eu era bom nisso, mas é quase impossível dizer não para o velho Damião, ainda mais se ele estiver colado no seu pé, como um bom cão que fareja alguma mentira ou vexame.

E por falar em escândalos, eu sou um colecionador deles. Não faço por onde, mas não consigo fugir deles Veja meu nome: Mateus (comum) Ávila (onde a porra pega). A família Ávila, tradicional e famosa em São Paulo, é dona da mais antiga e bem-sucedida construtora do país, a *Classe A*, que foi fundada pelo meu avô e tem passado de geração

para geração.

Agora está nas minhas mãos. Assumi a direção do negócio havia três anos e, durante todo esse tempo, cuidei da empresa como se fosse minha vida. Não cometi erro algum e ela tem faturado como nunca, recentemente até fechamos um negócio de bilhões de reais, mas parece que minha vida profissional não é a parte que faz mais sucesso. O auge das revistas e programas de fofocas é minha vida pessoal e privada, as saídas rotineiras e o rodízio de mulheres que me acompanha. Já ameacei processar todas as mídias que estampavam minha cara para vender ou ter audiência, mas papai sempre foi contrário. O poderoso Ávila dizia que eu tinha que entrar nos eixos, andar na linha e construir outra reputação. E que eu não podia continuar *manchando* o nome da família assim.

Mas o que eu estava fazendo de errado? Não estava matando ninguém, muito menos roubando. Só estava curtindo a vida e sendo feliz. Não é isso que devemos fazer? Buscar nossa própria felicidade sem prejudicar o próximo?

Ranjo os dentes, contrariado.

Com minha mãe segurando meu braço direito, caminhamos até a sala. Assim que chegamos, umas dez cabeças se viram em nossa direção. Toda minha família está com os olhos bem focados em mim. Mamãe logo vai para seu lugar na mesa, enquanto eu fico de pé, parado feito uma criança desobediente que precisa pedir desculpas por ter comido o doce antes do jantar.

Porra! Eu não deveria ser forçado a fazer isso. Sou um homem adulto que me sustento com meu próprio suor, mas encaro meu pai, e seu olhar é quase uma ordem.

Inferno!

Respiro fundo, buscado calma para suportar os olhares especulativos do resto da família e, principalmente, o sorriso ordinário de Eduardo. Peço a Deus que me dê equilíbrio, pois, se ele abrir a boca para falar alguma de suas piadas, enfeito seu rosto com a marca de um soco meu.

Arranho a garganta tentando tirar o bolo de ira que me entala, antes de começar a falar:

— Oi, grande família. Peço perdão pelo atraso, mas tive um imprevisto que custei a resolver. — As palavras saem com um chiado. — Mas agora estou aqui e podemos ter nosso momento familiar.

Ninguém fala nada. Melhor assim.

Então, com passos pesados, vou até o meu lugar, à direita de papai. Mal me sento e já posso escutar a ladainha do meu primo antipático, que, por um milagre, ainda não comentou sobre o meu atraso ou sobre a última fofoca em que me meteram.

Pratos e pratos sofisticados são servidos, enquanto conto cada volta dos ponteiros do meu *Rolex*, ansioso para levantar minha bunda da cadeira e correr para um lugar onde eu pudesse gritar.

Quando, finalmente, o jantar termina, e eu acho que vou sair ileso e sem mais acusações, papai me intima:

— Mateus, venha comigo até o escritório. — Levanta-se rápido e joga o guardanapo branco em cima da mesa. — Eduardo, também me acompanhe, pois o assunto a ser discutido é de seu interesse.

Com fúria, me levanto, jogo o guardanapo na mesa e, com as narinas puxando o ar com força, sigo o ditador Ávila. Eduardo vem ao meu lado, ajeitando o terno e com o sorriso de imbecil bajulador. O cachorrinho perfeito, bem adestrado e que ganha todas os biscoitinhos e medalhas na coleira de ouro.



Sabe aqueles momentos em que você pressente que algo de ruim está prestes a acontecer? Quando seu peito bate rápido, seu sangue ferve, e todo o seu corpo gela?

Essas são todas as sensações que me invadem.

Sei que algo terrível vai acontecer dentro desse escritório. E pior, sei que serei o alvo, por isso, com os punhos cerrados e a expressão dura, sento-me na cadeira de frente ao meu pai, que parece todo majestoso do outro lado.

— Eu não vou fazer rodeios — papai dita, ajeitando-se melhor em seu assento de couro. — Estamos aqui reunidos, pois tenho um ultimato para você, Mateus. Você está ciente de que não aceito o seu modo de viver e nem a reputação que está criando. O nome

da construtora não pode mais estar atrelado a escândalos e muito menos o sobrenome Ávila pode ser citado diariamente em revistas baratas ou programas de televisão.

— Ou nas páginas policiais — Eduardo completa fazendo-me virar para ele imediatamente. — Não me olhe assim, primo. Não sou eu quem está sendo acusando de forçar sexo com uma mulher.

— Cale a boca! Ordinário e puxa-saco. Não sou esse tipo de canalha e nunca precisei forçar mulher alguma a se deitar em minha cama. Tenho moral e caráter, coisa que você nunca vai ter. — Fixo bem meus olhos nos seus e levanto o dedo indicador longo, apontando-o em sua direção. — Não que isso seja da sua conta, mas vou lhe dizer mesmo assim: as mulheres matam e morrem para estar ao meu lado. Se tenho várias, é porque sei seduzir, ou melhor, sei satisfazê-las.

— Já chega! — Papai esmurra a mesa, fazendo um som seco ecoar por todo ambiente. — Isso não muda o fato de que você está sendo acusado de abuso sexual. Muito menos tira nosso nome desse absurdo em que você se enfiou. A moça que o denunciou disse que tem várias provas e testemunhas.

— Papai, eu não fiz isso. É tudo armação — rosno. — Meus advogados já estão cuidando do caso. Victor já está em pose de algumas provas de minha inocência. Vou processar aquela vadia por calúnia.

— Mas preciso lembrar, primo, que você já foi visto duas vezes com essa mulher — Eduardo fala, a voz coberta de cinismo. — Devo salientar que ela alega ter lhe dito não, pois não se sujeitaria a ser mais uma na sua cama, e você não reagiu bem a essa negativa.

Enxergo tudo vermelho, quando me levanto e pego o infeliz pelo colarinho de sua camisa social.

— Você está insinuando que eu abusei daquela infeliz? — pergunto, rangendo todos os dentes no processo. — Eu entendi direito?

— Estou somente lembrando o depoimento dela — ele responde, as palavras soando baixo.

— E como você sabe o conteúdo do depoimento daquela interesseira? — Desta vez minha pergunta parece ter um tom mortal, pois o som da minha voz veio do mais profundo canto da minha garganta.

— Solte seu primo. — Sinto papai ao meu lado. — Atitudes de desiquilibrado não

vão provar sua inocência e, muito menos, agredir seu primo, sangue de seu sangue. Isso só suja ainda mais sua péssima reputação. Solte-o, Mateus.

Antes de largar o corpo do imbecil na cadeira, puxo ainda mais o tecido de sua camisa. Ele fica vermelho, mas tenho certeza de que ele consegue escutar minha ameaça:

— Minha vida não é de seu interesse ou domínio, não se atreva a querer controlar tudo meu. Deixe sua inveja de lado e vá cuidar da sua própria vida medíocre.

Então ele cai, desajeitado e fazendo barulho, como um grande saco de batata sendo jogando no chão do alto de um caminhão. Em seguida, tosse enquanto volto a ocupar minha cadeira.

Olho para o senhor Damião Ávila, que voltou para seu assento de rei, e vejo sua expressão ainda mais dura do que quando me recebeu. Agora até seus fios de cabelos estão fora do lugar, os olhos azuis estão escuros, devido à fúria que o consome, e a boca é em linha fina, completando sua pose de dono do mundo.

— Ouça o que vou lhe dizer, Mateus. — Até mesmo as palavras, ele consegue deixar frias. — A dignidade é uma virtude que requer um alto valor moral. Quem possui essa virtude, é coberto da coragem necessária para ser firme e seguro na formação de opiniões. Onde falta dignidade, não há honra. Sem honra, não somos ninguém diante da sociedade. Para conseguir respeito e confiança, é preciso trabalhar duro e batalhar todos os dias. Leva-se tempo para conquistar, mas, para perder, precisa apenas de uma atitude errada. É como diz o ditado: *leva-se oito anos para erguer um prédio, mas basta apenas 8 segundos para derrubá-lo*. Você, meu filho, vem se derrubando dia após dia. Eu simplesmente não posso deixar que você se destrua assim e nem vou permitir que acabe com a dignidade conquistada pelos seus avós. Assim, eu não vejo outra saída a não ser exigir que você limpe sua reputação e o nome da família, ou deixe a empresa nas mãos de alguém que tenha mais consideração e respeito pelo nome Ávila.

O silêncio domina toda o escritório por um momento. Então olho na direção do meu primo, que já exibe um sorriso vitorioso, pois ele bem sabe que é o próximo na linha de sucessão. Mas não tenho muita chance para decidir qual dente arrancarei de Eduardo, pois as exigências e condições de Damião Ávila ainda não tinham acabado.

— E a única alternativa que vejo para você ganhar novamente a credibilidade da sociedade é ter uma mulher respeitável ao seu lado. Digna, de boa fama, sem casos amorosos antigos para que a imprensa não encontre escândalos em seu passado que manchem o relacionamento de vocês. Uma moça casta, de preferência. Você precisa ter

responsabilidade e que criar sua própria família, por isso, sua única opção é se casar. Você precisa de uma esposa. Uma esposa virgem.

— O QUÊ?



Capítulo 1

Isabella

Mais uma entrevista.

Mais um não.

— *Desculpe, mas você não tem os requisitos para vaga em aberto, mas guardaremos seu currículo em nosso banco de dados para novas oportunidades.*

Escuto novamente a maldita frase que já tinha decorado e até mesmo passado a ouvir durante meus sonhos todas as noites. Sonhos não, pesadelos.

Bom, o fato é que eu tinha perdido tempo tentando conseguir uma vaga como vendedora de uma loja chique no *shopping*. Mas até que a negativa foi justa desta vez, porque eu não sei nem diferenciar uma maldita seda de uma viscose. Para mim, é tudo o mesmo tecido ou pedaço de pano. Quem se importa com isso? Bem, pelo visto as grã-finas fresca se importam. Falando nas peruas, tenho certeza de que, quando fosse atendê-las, não conseguiria segurar minha língua e responderia suas futilidades.

Por mais que eu saiba que não duraria muito tempo no emprego, saio cabisbaixa da sala de entrevistas, pois preciso demais de um trabalho. As coisas lá em casa estão ficando feias, e me sinto na obrigação de ajudar minha mãe com as despesas domésticas. Ela vem segurando a barra nesse último ano, e quero dar um descanso para a mulher que sempre lutou sozinha. Saio da loja e vou caminhando lentamente até me deparar com a praça de alimentação que, como costume, está lotada e barulhenta. Olho para um lado e me deparo com um quiosque do *McDonald's*, onde os sorvetes parecem criar vida e me chamam. Fazia tanto tempo que tinha comido essa delícia gelada que minha boca saliva, e meus olhos brilham, cobiçando os *Mcflurry.* Nunca me atrevi a pronunciar esse nome para não pagar um mico e, da vez que choveu na minha horta e pude me dar ao luxo de saborear um desses, tive que agradecer ao atendente que entendeu o meu pedido: *um Mc de sonho de valsa, por favor.*

Sacudo a cabeça e virou meu pescoço para o outro lado, mas o capeta atenta, e me pego babando na propaganda de um hambúrguer com carne dupla, queijo *cheddar* triplo, camada bônus de *bacon*, molho *barbecue*, *picles* e alface americana. Tudo entre duas fatias de pão feito com grãos de trigo exclusivamente escolhidos. Uma frescura, mas uma prova de que, neste mundo, até o coitado de um grão pode ser rejeitado e descartado.

É, estou na mesma situação do coitado do grão imperfeito.

Respiro fundo, tentando esquecer as injustiças que tem acontecido em minha vida, mas é uma péssima ideia, porque todos os aromas atiçam as vermes que habitam o meu estômago e o coitado grita feito louco, em um ronco que deve ter ecoado por todo o ambiente.

Então, fazendo a egípcia, abaixo a cabeça e saio correndo para o mais longe possível da praça de alimentação. Não posso perder tempo desejando o impossível, já estou atrasada para chegar à minha casa. Corro mais rápido e só paro quando não escuto mais o barulho infernal e nem sinto cheiro de comida. Só então, fecho meus olhos e tento respirar normalmente.

Recuperada, olho ao redor para tentar me situar. Graças a Deus, vim parar diante dos elevadores e até me surpreendo que não tenha uma fila enorme para usá-los. Aciono um e, quando as portas se abrem, pulo para dentro, apertando o botão no painel rapidamente. A viagem é curta, logo as portas se abrem novamente e, quando dou um passo para fora, não sei onde estou. O local iluminado e cheio de carros me dá uma pista de aonde fui parar, mas não sei como cargas d'agua acabei no estacionamento do *shopping*, se eu não estou de carro, e o ponto de ônibus fica na outra extremidade.

Droga!

Por que tudo de errado tem que acontecer na minha vida? Só posso ter chutado a cruz de Cristo em outra vida!

Olho para o relógio em meu pulso e percebo que perdi a tarde toda presa naquela sala. Cacete, agora, com certeza, vou passar mais de uma hora esperando o ônibus. Chegarei bem mais tarde em casa e não poderei ajudar minha mãe, sem falar que levarei novamente a notícia ruim de não ter passado na entrevista de emprego.

Mas o que eu poderia fazer sem experiência e muito menos uma boa indicação? Nada! Nem chorar, eu podia, pois sabia que minhas lágrimas nada resolveriam, só me deixariam pior e agravariam ainda mais o estado angustiado de minha mãe.

Sem opção, respiro fundo e começo a fazer meu caminho de volta. Contando com o atraso do motorista, torcendo para que ele tenha parado em todos os sinais vermelhos e acreditando em minha velocidade, eu ainda poderia pegar o ônibus das 18h, chegar cedo, ajudar nas tarefas de casa e descansar para amanhã começar mais cedo minha rotina de espalhar currículos pela cidade.

Como o papa-léguas fugindo do coiote, cruzo o primeiro quarteirão do estacionamento, mas, quando estou quase alçando o próximo, escuto uma buzina alta que me ensurdece.

Olho na direção do barulho e vejo um carro prata vim em minha direção. Não tenho tempo de reação, apenas fecho os olhos, rezando todas as ave-marias e os pais-nossos, clamando para que Deus possa me livrar da morte, pois ainda sou muito nova e tenho muito o que fazer neste mundo. Mas, apesar de todas as orações, sinto o impacto em minhas pernas, e logo sou jogada ao chão, caindo de bunda e batendo a cabeça no piso liso.

— Está tudo bem? — Uma voz muito polida soa perto de mim, e sinto um toque suave em meus braços, mais precisamente no pulso. — Está sentido alguma dor? Você consegue se levantar?

Minha cabeça gira, e tento abrir meus olhos, mas, ao invés das luzes do teto, enxergo vários vaga-lumes na minha frente.

— O que aconteceu?

— Fique calma — a voz bonita pede. — Vou precisar tocar em sua perna, mas não se assuste, é apenas para saber se quebrou algo.

Então ele apalpa minhas pernas cobertas pela calça jeans e, mesmo com o tecido grosso, sou capaz de sentir o calor que emana do seu toque.

— Não quebrou. — É nítido o alívio que ele sente ao falar isso. — Você deve ter caído pelo susto.

Tento abrir novamente meus olhos que, dessa vez, graças a Deus, não me deixam na mão. Então, busco o dono da voz cortês, e uma sombra muito grande e corpulenta surge na minha frente. Levanto minha cabeça e, quando consigo focar no rosto do homem que me ajudou, já não tenho certeza se estou viva ou se realmente fui atropelada e morri, pois vislumbro um anjo muito belo olhando-me de volta.

Jesus, me abane! Que anjo!

Paro meus pensamentos carnais quando concluo que ele só pode ser meu anjo guardião, embora não use nada daquelas roupas brancas, nem tenha asas ou caracóis loiros. Ele usa um terno escuro com uma gravata vermelha sangue e tem cabelo castanho-claro, jogado para cima, formando um topete leve. A única semelhança com a imagem dos anjos que já vi são os olhos azuis. Azuis da cor do céu para onde ele vai carregar minha

alma.

Analiso demoradamente seu rosto perfeito, coberto por uma barba escura. A expressão não é das mais calmas, mas eu posso entender. Ele deve estar cansando de cuidar de mim, pois sei que não sou uma das criaturas mais fáceis de proteger, já que vivo entrando em confusões. Então, com certeza, ele já não aguenta mais interceder por mim.

Ele movimenta seus belos lábios vermelhos, e não consigo compreender bem suas palavras, mas posso chutar que ele está fazendo uma oração para que minha alma vá em paz, e eu não vire uma pagã sem rumo, por isso, fecho os olhos para receber minha bênção e partir em paz.

— Vou chamar um médico. — A voz bonita soa novamente. — Só por precaução.

— O quê? — pergunto, confusa, tentando me situar. — Se já *tô* morta, para que preciso de um hospital? Por que não faz logo seu trabalho direito e me leva para o paraíso? Prometo que vou me redimir junto a Deus e interceder para que sua próxima protegida não seja tão difícil quanto eu.

— Do que está falando? — Ele franze o cenho.

— Você não é meu anjo guardião?

— Você está bêbada? — pergunta. Imediatamente abro meus olhos de novo, e então o vejo encarando-me com atenção. — Você não pode ser tão imprudente, garota — ele dita, e agora sua voz está firme. — Venha, vou levá-la para um hospital.

— Não precisa — digo, fraca. — Eu quero me levantar, estou apressada, tenho que chegar à minha casa logo.

— Venha, me deixe te ajudar.

Sinto seu toque suave em meus braços, e então, como se eu não pesasse nada, ele me põe de pé e encostada na lataria do seu carro. Deixo meu corpo descansar no capô do automóvel, sentindo-me lerda, como se estivesse bêbada. Respiro fundo para tentar aliviar a sensação de peso na cabeça e, depois de cinco expirações fortes, já me sinto melhor. Mexo minhas pernas, até mesmo dou alguns passos, e realmente não tenho nenhuma dor. Em seguida, mexo os braços e eles também respondem normalmente.

Ufa! A única exceção é minha bunda que dói quando volto a me encostar no carro. Bem, dos males os menores.

— Está vendo o que causou? Uma confusão desnecessária. — Ele aponta seu dedo

para mim. — Mas também pudera, não teve noção do perigo ao se jogar na frente do meu carro. Sorte sua que consegui frear a tempo.

Só então encarro o homem com as sobrancelhas franzidas e, como uma fita sendo desfeita em minha mente, a situação se esclarece.

— Espere — emito, sacudindo a cabeça. — Você não é meu anjo coisa nenhuma. Você tentou me matar — acuso. — Você quis passar por cima de mim com seu carro. Tenho certeza de que estava andando rápido demais e não percebeu que eu tinha a preferência por ser pedestre.

— O quê? — ele rosna, duro. — Foi você quem entrou na frente do carro de uma vez. Eu até mesmo buzinei, mas você continuou.

— Então era seu dever ter parado e me deixado passar. E não agir feito um imbecil, tentando tirar minha vida.

— Olhe. — Ele aponta para um sinal. — Eu estava na minha vez, então era você quem deveria parar. Sem mencionar que não pode ser tão cega que não consiga ver um carro vindo em sua direção. Além disso, você estava correndo em um lugar inapropriado — fala e aponta para o estacionamento, como se isso explicasse alguma coisa.

— Agora vai colocar a culpa em mim?

— Por acaso você é louca? — questiona, sua voz grossa começa a denotar irritação, e vejo seus olhos azuis escurecerem. — Pelo estado insano em que corria, devo considerar que sim. Isso sem falar do jeito como quase se matou, com certeza, você é uma burra maluca.

Quem esse idiota pensa que é?

— Alto lar, *seu cavalgadura* — reclamo, em desafio às suas grosserias. — Eu não sou nenhuma louca. Foi você que veio do nada e deve ter sido devolvido por alguma nave espacial, ou então acha que isso aqui é uma pista de *Fórmula 1*.

— Além de suicida, é doida. Era só o que me faltava — ele resmunga, retorcendo a boca em contrariedade. — Eu não queria te matar. Deveria reconhecer seu erro. E teve sorte por não ter arranhado ou amassado meu carro, do contrário, teria que arcar com o prejuízo.

Ele se afasta e fica me encarando com fúria, sem piscar os olhos azuis, enquanto me queima viva. Então ele bufa, parecendo um cavalo selvagem prestes a sair dando coices em quem estiver por perto. Mas, com certeza, deve me faltar um parafuso a menos,

pois me aproximo ainda mais do desconhecido, erguendo uma sobrancelha e encarando-o sem medo:

— Você só pode estar de brincadeira — exclamo, sacudindo a cabeça. — Isso é inacreditável! Você quase me atropela e ainda quer colocar a culpa em mim por andar dirigindo feito um louco? *Tá* se achando o Ayrton Senna? Sinto muito te informar, mas estamos bem longe de Interlagos.

— Escute, menina, você não vai me fazer sentir culpa pela sua falta de atenção e maluquice. Da próxima vez que decidir sair por aí correndo, certifique-se de que está em um local seguro ou então em um parque livre. — Sua voz até mesmo ecoa em todo ambiente, parecendo um trovão. — Exijo que se retrate agora mesmo de suas acusações sem cabimento — ele dita, cruzando os braços na frente do peito.

— Quê?

Ele respira profundamente, enquanto também cruzo meus braços na frente dos seios. Bem, se ele acha que vou assumir uma culpa que não é minha ou aguentar suas grosserias calada, ele está completamente enganado.

— Peça desculpas, garota abusada!

— Nem quando chover canivetes. Você que deveria pedir desculpas por dirigir em alta velocidade e querer me matar.

— Sou estou perdendo meu tempo. Não vou mais discutir, pelo visto, não sofreu nada com a queda. Com certeza, é maluca de nascença — fala rudemente. — Agora, vou entrar no meu carro e, dessa vez, tente não se jogar na frente.

Seu corpo elegante dá meia volta e, após poucos passos, ele abre a porta do motorista. Nem tinha reparado no modelo do seu carro. Ok, não é como se conhecesse todos, mas podia apostar que esse não é um dos mais baratos. Ele bate a porta com força e sai cantando os pneus pelo estacionamento.

Imbecil!

— Tomara que seus quatro pneus furem numa estrada vazia e chuvosa — grito minha maldição para o nada.

Então volto a fazer meu caminho novamente, agora com a certeza de que só vou chegar à minha casa depois das 9h da noite.

Bufo. Tudo culpa daquele cego idiota!



Capítulo 2

Mateus

Um mês depois….

Estaciono meu carro na minha vaga privativa, no estacionamento da construtora. Desço, arrumo meu terno e ajeito meus óculos escuros no rosto. Ele vai disfarçar minhas olheiras, fruto de uma noite mal dormida e bem divertida. Digamos que ontem eu rendi mais algumas matérias para as revistas de fofoca. Hum… diria até que o conteúdo que proporcionei será capaz de sustentar a mídia sensacionalista por bem mais de uma semana. Como sempre, ontem exagerei nas bebidas, circulei por algumas boates do centro de São Paulo e escandalizei ainda mais ao sair acompanhado por três mulheres. Mas eu precisava disso, tinha que ocupar a mente com outras coisas que não fossem as palavras duras e firmes do senhor Damião.

Porra! Casar ou sair da *Classe A*. Estava entre a cruz e a espada, à beira do precipício e tinha um pateta doido para me empurrar de lá e tomar meu lugar. Mas, se

tinha uma coisa que eu não sabia, era perder.

Não daria a oportunidade de Eduardo ganhar essa. Já bastava ele pagar de bom moço para toda a minha família, sendo o exemplo que eu deveria ser, bajulando e crescendo aos olhos do meu próprio pai. Não lhe daria a chance de tomar o meu cargo.

Eu tinha lutado muito e me esforçado além da conta para ser o CEO da construtora. Caralho, tinha desistido do meu sonho infantil de cursar Engenharia Civil para estudar Administração de Empresas, pois um bom empresário precisava saber guiar seus negócios na direção certa, além de gerenciar pessoas e recursos. Anos focado nas altas metas da construtora para agora ser passado para trás.

Com meu costumeiro mau humor matinal, entro na cabine de aço, digito o código de segurança, e o elevador privativo começa a subir diretamente para o meu andar. Não quero esbarrar com nenhum dos outros funcionários, já estou bem atrasado e não quero dar um mau exemplo.

Assim que dou o primeiro passo para fora, avisto Victor — meu amigo e advogado — encostado na mesa da minha assistente. Sua expressão é de desagrado, ele não está nada feliz por ter levado um chá de cadeira. Bem, ele estava me esperando para nosso ridículo *processo seletivo*. Se eu pudesse, adiaria essa merda para outro dia.

Droga! Mas quem disse que eu podia? Só se quisesse assinar meu aviso prévio e minha carta de fracasso. Mas o inferno ficaria gelado no dia que isso acontecesse.

Para meu total desprazer, também avisto Eduardo e sei bem o que esse medíocre veio fazer aqui, seu sorriso de babaca deixa tudo às claras. Esse miserável vem agindo com um juiz do tempo. Todos os dias, ele vinha até minha sala para me lembrar de que ainda não me casei, nem sequer arrumei uma noiva. Ele também aproveitava para esfregar na minha cara que o processo que aquela puta abriu contra mim ainda corria na justiça. E para piorar, descobri que ele tinha começado a entrar em contato com alguns clientes, apresentando-se como diretor geral da construtora. Ele queria usurpar minha vaga antes mesmo de eu ser destituído.

Sim, minha paciência e saco, a cada dia, ficavam menores por ter que aguentar esse ordinário. Por mim, já teria chutado sua bunda fora daqui e o espancado até o inferno. Despejar toda minha ira nele até a irritação sair do meu sangue quente. Até tentei, mas Victor me convenceu de que a melhor forma de revidar e fazer esse filho da puta sentir o gosto da derrota era cumprir o quanto antes com as exigências do meu pai. E eu tinha que concordar com essa merda. Não podia perder mais tempo, um mês já tinha se passado e eu

precisava arrumar a *candidata* perfeita.

Com raiva, passo por Eduardo, fazendo de conta que ele é uma das paredes do meu escritório, dou um bom dia para os demais e entro em minha sala. Jogo a pasta de couro e os óculos na mesa e respiro fundo antes de me sentar. Hoje, prevejo um dia daqueles. Cheio, torturante e infernal.

Não dá nem cinco segundos e o imbecil do Eduardo está na minha sala. Fecho minhas mãos em punho e prendo meus olhos nele. Se o idiota fosse sensato, sairia correndo daqui, pois acredito que minha expressão não é das melhores. Mas, se tem uma coisa que ele saber fazer bem, é ser um ignorante. Então não economizo na grosseria, quando deixo minha voz sair:

— Se não tem algo de útil para me dizer, nem abra a boca. Não tenho tempo para ocupações insignificantes iguais a você.

— Bom dia, primo. — Ele senta-se na cadeira em frente à minha mesa. — Alguma irritação nos olhos? Eles estão vermelhos e inchados.

— Talvez meus olhos sejam sensibilidade à visão de idiotas — rosno, trincando os dentes para não ultrajar meus bons modos e minha educação. — Agora, preciso trabalhar, afinal tenho que formular e implementar alguns projetos grandiosos que alavancarão ainda mais o sucesso da *Classe A* e nos proporcionarão um alto rendimento. Não tenho tempo para gastar, então saia.

Aponto para porta, pego logo o telefone e disco o ramal da minha assistente, pedindo para que Victor entre de imediato. Se eu tinha que me sacrificar e me condenar ao casamento, que pelos menos fosse rápido

Escuto uma batida e, em questão de segundos, o elegante advogado entra pelas portas duplas com uma expressão de quem vai me estrangular. Com certeza, as três horas que o fiz esperar teriam seu preço, pois, se tem uma coisa que ele não gosta, é de perder muito tempo. Aposto que ele irá cobrar honorários magnânimos como vingança e eu abrirei minha carteira com gosto, pois ele já me livrou de muitos apuros. E estava contado muito com ele para me ajudar com essa merda de cobrança do velho Ávila.

— Você ainda está aqui? — questiono sério para o panaca do meu primo, que apenas observa em sua cadeira. Espero que ele esteja farejando o aroma da derrota. — Quer ajuda para encontrar o caminho para sua sala?

— Tão prestativo, mas não preciso. — Ele se levanta, abotoa o terno e sorri.

Começa a andar e, ao passar pelo meu amigo, profere: — Tenha um bom trabalho, primo. Quem sabe hoje não é o seu último dia aqui. Nesta sala. Nesta empresa. Estou contando os dias para assistir à sua queda e finalmente assumir o lugar que é meu por direito.

— Filho da puta! — Esmurro minha mesa, quando ele bate a porta.

Victor gargalha sem nenhum pudor. Ele é o único que acha essa situação engraçada. O desgraçado quer me ver ferrado, preso em um maldito casamento e, qualquer desgraça que me acontecer, o deixará radiante. Afinal, não é esta a função de um amigo: zombar do azar do outro para depois ajudar?

— Acalme-se, assim vai enfartar antes de chegar o momento do casamento. Guarde seu nervosismo para o grande dia, pois ele acontecerá em breve.

— Não fale essas baboseiras — reclamo. — Saiba que, se eu pudesse, me casava à distância e mandava a mulher para o Polo Norte ou para Marte. Longe o suficiente para não complicar minha vida e nem exigir mudanças em mim.

— Ainda vou desistir de ter você como cliente. Você é impossível! — ele diz e senta-se na cadeira em frente à minha mesa. — O bom é que vou poder ser exorbitante na cobrança dos honorários.

— Pode adicionar quantos zeros quiser nessa conta. Dinheiro nunca foi um problema para mim — afirmo. — Só faça de tudo para me ajudar a sair deste furacão em que minha vida se tornou. Diga-me que encontrou as candidatas perfeitas.

— Busquei as melhores do mercado. — Ele levanta uma sobrancelha num tom sugestivo. — Você poderá me agradecer depois. Tenho certeza de que, depois que as vir, não saberá escolher qual será a nova senhora Ávila.

— E sobre o passado? Todas têm ficha limpa? — pergunto, não esquecendo a exigência mais exagerada. — E todas são virgens?

— Completamente — Victor afirma. — Contratei uma agência de confiança e todas fizeram exames que serão apresentados antes da assinatura do contrato. Tudo sigiloso. Não desconfie do meu trabalho, mesmo que essa tenha sido uma das tarefas mais difíceis que você já me passou.

— Então, onde estão? — pergunto, colocando o dedo indicador na boca e o polegar abaixo do queixo. — O que estamos esperando para começar o processo de seleção?

— Precisei colocá-las em uma sala, antes que seu primo petulante desse de cara

com elas. Achei adequado, senti que ele poderia fazer algo para te prejudicar, não confio em absoluto nele. Deveria manter os olhos mais abertos para não ser pego de surpresa. Eduardo não é peça boa. Não é de hoje que te aviso.

— Eduardo não passa de um covarde. É como aqueles cães que latem, mas não mordem. Ele não é capaz de me atingir, é muito idiota para isso — emito, com desdém. Meu primo nunca foi páreo para minha inteligência, e não seria agora que perderia tempo com ele.

— Bem, então vamos começar com a *entrevista* em busca da noiva perfeita. Vamos transformá-lo num homem de família. — Ele levanta-se e deixa sua pasta de couro na cadeira. — Acho conveniente ser individual, assim você pode conhecer melhor as particularidades de cada uma, contrapor as informações e depois optar por aquela que mais te agradou.

— Certo. — Sou seco em minha concordância. — Traga uma a uma, até aqui. Não esqueça que todas elas precisam assinar um termo de confidencialidade. Isso não pode cair nas garras da mídia, em nenhuma hipótese.

— Está tudo redigido nos conformes e com uma multa colossal para quem ousar pelo menos insinuar ou soltar o que vai acontecer nesse escritório.

— Muito bem. Traga a primeira.

Victor sai, enquanto fico estralando meus dedos — não por nervoso. Essa é uma mania que tenho quando estou irritado, e me vejo em um caminho sem saída, em uma situação que requer todo meu potencial e inteligência. Mas nunca imaginei que esta situação seria um casamento, o meu casamento.

Não era isso que eu queria para minha vida. Nunca me vi preso em um casamento, não que eu desacredite o amor ou tenha qualquer tipo de trauma, na verdade, sequer tenho experiência com isso. Apenas acho essa *coisa* idiota e brega demais para mim. Sou adepto da liberdade e a favor de que um homem desfrute o máximo possível de sua jovialidade, fazendo da sua vida o que bem entender. Mas a sociedade é muito primitiva e tenho a porra de uma família conservadora.

Sim, eu nasci em jaulas de ouros e, pelo visto, continuarei preso, desta vez, a uma esposa. Meu semblante fecha e penso que preciso escolher uma mulher que veja isso apenas como um negócio. Alguém que queira receber uma compensação generosa em dinheiro e seja capaz de sustentar esse casamento de fachada. Uma mulher que não seja emocional demais, não sinta ciúme e, principalmente, não invente de me amar.

Escuto uma batida e sou tirado dos meus pensamentos. A porta se abre e me ajeito melhor na cadeira, colocando em meu rosto a expressão mais austera que consigo. Não quero dar nenhuma chance para que alguma delas ache que pode me levar na conversa. Hoje a escolhida terá de ser íntegra em cada resposta. Não é só minha vida que está em jogo, é minha competência, meu poder e meu próprio respeito.

Uma moça esbelta, loira e vestida de vermelho sangue passa pelo o umbral. Anda temerosa em seu salto astronômico até ficar em frente à minha mesa. Meu olhar percorrer seu corpo de cima a baixo. Seu biótipo é daquelas modelos que passam fome e suas pernas são brancas, compridas e magras. Sua cintura é tão fina que se ela virar de lado, pode ser comparada a uma folha de papel. Os seios parecem duas melancias grandes, desproporcionais demais para seu corpo franzino.

— Sente-se — rujo, não me esforço para esconder meu malgrado. — Como se chama?

— Simone — diz, ao sentar-se, cruzando as pernas devagar, num gesto que não me causa nada. Muito patético para o meu gosto.

— Victor, me traga o documento — peço para meu advogado, que ainda está inerte, segurando a porta.

Ele parece acordar e vem até a sua bolsa, jogada na outra cadeira. De dentro, retira uma certa quantidade de papéis e me entrega. Em seguida, ele também se senta, pois eu tinha pedido para que ele me acompanhasse, já que não tinha certeza se conseguiria sobreviver a essa droga. Então ele seria mais como um bote salva-vidas, lembrando-me de que aquilo era o melhor a ser feito e pedindo-me para respirar antes de insultar ou ofender qualquer uma das mulheres que passariam por aqui.

— Simone, preciso que assine esse termo. — Coleto uma folha das que me foram entregues. — É um termo de confidencialidade, de caráter sigiloso, assegurando que as informações ditas nessa sala não poderão ser divulgadas sob qualquer hipótese. Em caso de descumprimento, as ações cabíveis e multas descritas serão aplicadas.

A mulher pega o papel, apenas passa o olho rápido pelo conteúdo, coloca sua rubrica enfeitada no final da página e me entrega, sorrindo

— Bem, Simone. Eu preciso de uma esposa. — Vou direto ao ponto. Certas coisas precisam ser objetivas. — E eu estou fazendo uma seleção para achar a mulher perfeita para essa função. Gostaria que me dissesse o que a tornar a *candidata* ideal. Me faça te escolher.

A *Barbie* ambulante abre bem os olhos e parece muito assustada. Não é todo dia que um homem faz uma proposta dessa. Ah, a quem estou querendo enganar? Ninguém nunca teve que se sujeitar a essa humilhação. Sou o único fodido que estava se submetendo a isso. A mulher abre diversas vezes a boca, mas logo se recompõe. Seus olhos agora brilham, e tenho quase certeza de que ela deve ter me conhecido. Mais certeza tenho de que ela conhece minha fama e fortuna.

Sou a galinha de ovos de ouro de São Paulo. O solteiro mais cobiçado do Brasil. O homem perfeito, segundo algumas revistas. Não são coisas que invento.

— Posso dizer que sou a mulher perfeita, pois tenho classe e educação, então saberei me comportar nos jantares da alta sociedade. — Ajeita o decote, deixando suas melancias ainda mais em evidência. — Sem falar que posso agradá-lo muito no quesito sexual…

— Espere — Interrompo-a. — Quais são as suas experiências sexuais?

— Tive um namorado que me ensinou muitas coisas. Uma delas foi como fazer um homem ir à loucura apenas com minha…

— Saia! — brando, impossibilitando-a de continuar. — Não tem os requisitos que procuro.

— Como? — ela pergunta, numa tentativa ridícula de parecer amuada, mas sua cara franzida e olhos pidões só aumentam minha impaciência.

— Eu disse para sair.

Fecho minha expressão e olho duro para a mulher. Ela é sábia, levanta-se rápido e, dessa vez, sai quase tropeçando nos saltos.

— Mateus, respire — Victor, pede. — Você foi severo com a garota.

— Você me disse que tinha feito um trabalho inquestionável, mas a primeira mulher que me traz já não está dentro do requisito primordial cobrado pelo general Ávila. Sem falar que ela não me agradou em nada. Muito vulgar e obtusa.

— Algum erro aconteceu. Vou entrar em contato com a agência assim que terminarmos — ele responde, sério. Já sei que ele arrancará algum tipo de multa ou processo daquela espelunca. — Posso trazer a próxima?

— Fazer o quê? — Reviro os olhos. — Pode sim.

Uma a uma, as mulheres vão entrando, assinando o termo e sendo dispensadas por

mim. Todas são muito vulgares e sem atrativos. Quando não são assanhadas e ambiciosas, são muito tímidas e íntegras demais. Com nenhuma delas, meu pau deu sinal de vida, parecia que ele estava no Polo Norte. É de suma importância que a escolhida seja capaz de me excitar, pois, se tem alguma coisa boa que isso vai me trazer, é o sexo. Se eu não tiver tesão e desejo pela minha esposa, esse inferno poderá ficar bem pior.

— Essas eram as melhores do mercado? — pergunto para Victor que parece tão cansado quanto eu. Não foi fácil passar duas horas ouvindo barbaridades e o choro de algumas mulheres. — Não acredito que perdi tanto tempo com isso.

— Sinto como se tivesse feito uma maratona em um minuto — expressa e respira fundo. — E não quero nem imaginar que terei que buscar outras pretendentes, mas antes eu precisarei dar um jeito para que essa agência nunca mais abra as portas.

— Agora precisamos correr contra o tempo. — Bufo e atiro uma caneta longe. — Papai não me deu um prazo, mas sinto que ele está prestes a vir aqui e cobrar o cumprimento de sua sentença maldita. Ele nunca foi de ficar muito quieto e, desde aquela fatídica noite, não apareceu mais. Então quando ele surgir, vai ser igual a um tornado de obrigações e sermões.

— Não quero estar perto.

Não respondo, apenas enfio as duas mãos em meus fios de cabelos e os puxos. Minha cabeça parece prestes a explodir a qualquer momento. Estou à beira de um surto. Tinha colocado muitas expectativas e certezas no dia de hoje e fui frustrado em todas elas.

— Porra! — urro e puxo meus cabelos mais uma vez. Fecho as mãos em punhos e soco a mesa fazendo alguns objetos decorativos caírem e rolarem até o chão.

Antes que eu tenha tempo de me preocupar com a organização dos objetos caídos, meu telefone toca e atendo.

— Que seja algo importante, Sara — digo, rangendo os dentes.

— Senhor, tem uma moça que o aguarda para o processo seletivo. — A voz firme da minha assistente, nada abalada pelo meu excesso de fúria, soa em meus ouvidos. Sempre fico impressionado com a capacidade que ela tem de não absorver nada, mas posso entender, afinal, alguns anos de experiência e um salário gordo no final mês são excelentes motivadores.

— Mande-a entrar — digo, seco e bato o telefone, já prendendo os olhos no meu amigo. — Ainda tinha mais uma pretendente?

— Não fazia ideia, mas acredito que seja uma atrasada. — Ele junta as sobrancelhas. — Vamos atendê-la, talvez seja *a noiva perfeita*.

— Ou mais uma perda de tempo.

Um toque e a porta é aberta. Na frente, Sara aparece, sua expressão é profissional e séria, e logo uma garota surge pela porta branca. Ela parece muito pequena em comparação à minha assistente — aposto que ela não passa dos 1,60 de altura.

A princípio, não enxergo seu rosto direito, pois ela está de cabeça baixa e seus cabelos longos e castanho-claros impossibilitam minha visão. Então olho com o cenho franzido para seu corpo e imagino que a menina deve ter pegado a primeira roupa que viu, pois sua calça jeans parece desgastada e a camisa está amassada, além de ser muito grande para ela. Nos pés, uma simples sapatilha preta, sem detalhe algum.

Ela não parece confortável em seu lugar, pois muda o pé de apoio várias vezes em poucos segundos. E não pareço nada satisfeito, pois tenho a convicção de que ela me fará perder mais tempo ainda.

— Como é seu nome? — pergunto, duro.

A garota levanta sua cabeça, o queixo erguido e o peito inflado. Com passo decididos e confiantes, se aproxima, e seu rosto angelical é a primeira coisa que me chama a atenção. Seus olhos em um tom esverdeado ou azul, não consigo definir, parecem duas bolas de luz, brilhantes e expressivos. A boca em linha reta não denota nenhum resquício de felicidade, ainda mais quando dita, firme e forte:

— Isabella. Eu me chamo Isabella Oliveira.



Capítulo 3

Isabella

Atrás de um pobre, corre um bicho.

É o que minha mãe dizia todo santo dia quando mais uma dificuldade aparecia em nossas vidas. Mas acho que não é um simples bicho que está atrás de mim, e sim um monstro de dez cabeças e faminto para caramba.

E o mostro que encurralou a minha família era esperto e sabia todas nossas fraquezas. Ele estava bem perto de nos engolir, sem ao menos mastigar. E eu não queria terminar minha vida como um arroto de monstro.

Contudo, não sabia mais o que fazer e nem a quem recorrer. Estava perdendo as esperanças, a fé em dias melhores e a paz. Fui iludida por achar que, com um curso superior, as chances e oportunidades seriam melhores.

Deus! Minha mãe e eu fizemos o maior sacrifício para eu conseguir cursar administração. É, não se engane, quando se tem pouco até para comer, estudar se torna uma batalha longa e severa. Poderia ser considerada uma guerreira, pois com unhas e dentes, consegui concluir a universidade. Agora tinha uma merda de diploma. De gaveta. Um papel sem utilidade que não servia nem para limpar a bunda.

Sorrio da minha desgraça, pois, se eu chorasse, com certeza, inundaria toda São Paulo. Ainda mais se lembrasse o último acontecido.

Três. Três meses para abandonar a nossa casa, antes da demolição. O lar em que moro desde que me conheço por gente será destruído para dar lugar a um grande mercado de atacado e varejo. Todas, eu disse todas, moradias da região virarão pó, sumirão do mundo como se nunca tivessem existido. E a tragédia não será pouca, pois são mais de cem famílias sem ter para onde ir.

Encosto minha cabeça na janela do ônibus e fecho os olhos. Queria que tudo isso fosse um pesadelo, mas eu sabia que, quando abrisse meus olhos novamente, nada mudaria. Eu continuaria dentro do coletivo, rodando toda cidade, entregando currículos e recebendo os *nãos* que eu atraía feito um imã. Não é exagero, já passei por mais de vinte entrevistas. Inspiro fundo, pois sei que, ao final do dia, minha triste realidade se tornará cada vez mais angustiante. Afinal, quanto mais demoro a achar um emprego, mais cresce a

certeza de que eu, Julinho e dona Eva seremos os mais novos moradores de rua do centro de São Paulo.

Sinto uma dor no peito. Não posso deixar isso acontecer.

A fim de não perder mais tempo, abro meus olhos e peço parada. Assim que desço do ônibus, sinto meu estômago roncar mais alto que o carrinho de pamonha que passa na rua lá de casa. Estou apenas com um pão que comi mais cedo no café da manhã, porque o dinheiro está contado. Eu não podia me dar ao luxo de comprar uma balinha sequer, então engoli o ar junto com a saliva e barganhei com minha barriga:

— Na volta para casa, a gente compra algo para comer.

Com minha fome iludida, volto a caminhar, sem rumo ou destino. Tenho mais de vinte currículos para entregar, então é o que eu farei. Estou na Avenida Paulista, onde opções de empresas, lojas, restaurantes e demais negócios é o que não faltam.

Minha primeira tentativa é em um restaurante. Quase sou expulsa, pois acharam que estava ali para comer e, por causa das minhas roupas simples, deduziram que eu não tinha como arcar com algo tão caro. A única coisa que posso fazer é sair, mas não me abalo ou revido o ataque, pelo contrário, sinto compaixão da pessoa que não tem um pouco de empatia. Cedo ou tarde, ela será cobrada pela lei do retorno, pois se tem uma coisa em que acredito é no *aqui se faz, aqui se paga*.

A segunda tentativa é em uma floricultura, cuja atendente, graças a Deus é sorridente e educadamente diz que não há vagas em aberto e que provavelmente o negócio irá fechar, visto que, hoje em dia, ninguém mais comprava flores.

De repente, me vejo parada em frente a um prédio cuja fachada é instigante. Nunca tinha visto algo tão chamativo e elegante assim. As paredes cinzas e de uma aparência brilhante lembram bem um diamante gigante, e as janelas, todas voltadas para a Avenida e de vidros escuros, acentuam essa semelhança. Em um tom de branco e com uma caligrafia fina, o nome *Classe A* se destaca no topo. Assim, por fora, não posso dizer a que ramo essa empresa pertence, mas com certeza é um negócio muito rentável.

Quando dou por mim, estou subindo os degraus da pequena escada que leva até a entrada. Forço a abertura da porta, mas vejo que estou fazendo errado, pois, em letras pequenas, está escrito *puxe* — nunca entenderei o padrão entre o *empurre* e o *puxe*. Puxo a porta pesada de vidro escuro e, assim que dou o primeiro passo, literalmente arregalo os olhos com o requinte do lugar. Tenho até medo de dar outro passo e sujar o chão de tão limpo que brilha, aqui se o pão pode cair com a manteiga para baixo, poderemos comê-lo

sem nos preocupar com o risco de pegar alguma doença depois.

Espio mais adiante e tremo quando quatro pares de olhos me miram, especulativos. Imediatamente, estanco no lugar, pois sinto que, se der mais um passo ou até mesmo respirar, serei atingida por vários lasers, no estilo daqueles filmes de ação e tristemente tenho que admitir que não sou dublê de algum ator de *Matrix* para sair ilesa. Os homens que me observam parecem duas paredes altas e largas. Eles estão de terno preto, óculos escuros e aparelhos de comunicação no ouvido. Uma boa referência de *Homens de Preto*.

Deus, será que invadi alguma empresa *ultra-mega-power* secreta? Dada a minha pouca sorte, eu não duvidaria.

— Bom dia — digo, rápido, colocando as mãos para trás do meu corpo a fim de demonstrar que não sou nenhuma ameaça. — Vim apenas entregar meu currículo para algum possível processo seletivo, mas acho que não me adequo ao lugar.

Dou um passo para atrás, pronta para correr pela minha vida, mas bato com as costas na porta. Tento empurrá-la com meu próprio corpo, mas a porta nem se move. Droga! Tenho que empurrá-la com mais força, mas como vou fazer isso sem dar as costas e correr o risco de ser metralhada?

— Você disse processo seletivo? — A voz grossa da parede nº 1 soa alto.

Não me atrevo a falar, apenas afirmo com a cabeça.

— Então venha por aqui, senhorita — o outro, no mesmo tom grosso, me chama.

Ele estende sua mão, apontando um caminho e rezo mentalmente umas cinco ave-marias e dois pais-nossos antes de seguir na direção indicada. Deus, tenha piedade de mim, que eu não esteja sendo levada para o matadouro.

Quando entramos no elevador, quase me espremo em um canto. Não que seja uma medrosa, mas aqui minhas chances de luta diminuem ainda mais. Então fico estudando tudo, qualquer movimento e a respiração do homem, preparada para usar meus poucos conhecimentos de defesa pessoal, que precisei aprender por morar em uma periferia.

Quase dou graças a Deus em voz alta quando as portas se abrem, e saímos. O mesmo choque pela riqueza de antes me atinge, pois aqui o ambiente também é muito refinado. Acredito que não deva ser diferente do luxo da Casa Branca, do presidente do Estados Unidos, ou do Palácio de *Buckingham*.

É, estou bem ferrada. Para que diabos fui entrar aqui? Eu e meu carma de me meter em enrascadas.

O homem que me acompanha vai de imediato até a mesa em que há uma mulher bem elegante atrás. Os dois conversam, e ele aponta para mim. Logo a ruiva está me analisando como se fosse uma máquina de raio-x. Ela sacode a cabeça e volta a prestar atenção no que o homem de preto fala, mas, por fim, decide me chamar para que eu me aproxime.

Merda! Eu poderia tentar fugir, já que o elevador está ao meu alcance, mas, com certeza, não passaria do homem que ficou lá embaixo. Minhas chances são mínimas. Bom, acho que implorar pela minha vida pode ser menos perigoso.

Então me aproximo da ruiva e, quando ela me enxerga mais de perto, franze o cenho. Tenho certeza de que está condenando minhas vestimentas, pois eu não combinava com o luxo do lugar. Minha calça jeans fubazenta, minha camisa amassada e larga, e minhas sapatilhas pretas e simples. Para piorar, a coitada está até mesmo descolada, pois a cola *Super Bonder* não fez seu trabalho com eficiência, já que o solado continuava solto. A mulher me olha mais uma vez e logo pega o telefone. Não consigo me concentrar no que é falado, minha mente roda por causa do preconceito que as pessoas têm ao ver uma pessoa usando algo simples ou até mesmo muito velho. Mal sabem elas que o mais importante é o caráter e ter o que comer no final do dia.

Apenas saio do meu mundo quando ela pega meu braço e me puxa para uma porta enorme. Ela dá uma batida mínima, gira a maçaneta e entra. Sigo atrás com a cabeça baixa, os cabelos caindo nas laterais do meu rosto. Um frio em meu estômago, diferente do incômodo da fome, me faz alternar o peso de pé em pé. Um nervosismo toma conta do meu ser, parece que estou preste a apresentar um seminário.

— Como é seu nome? — Uma voz áspera soa firme.

Misericórdia! Meu sangue todo esfria. Eles me trouxeram para o todo poderoso chefão. Bando de pau-mandados de uma figa!

Mas se há algo que eu tenho, é dignidade. E se tivesse que morrer, seria com honra, por isso, empino meu queixo e inflo meu peito o tanto que posso. Aproximo-me confiante, puxo todo ar que sou capaz de guardar e solto-o aos poucos, antes de falar com coragem e força:

— Isabella. Eu me chamo Isabella Oliveira.

Quando encaro o líder, com minha sobrancelha esquerda arqueada em desafio, perco o ar novamente, pois não estava preparada para o que meus olhos viam.

O porte de autoridade e soberania do homem de cabelos lisos, marrons e médios é a primeira coisa que me chama atenção. Os olhos azuis, parecidos com o céu limpo e sem nuvem, é a segunda e mais demorada, pois custo a desviar meu olhar — parece que suas íris têm a capacidade de me manter presa ou fazer meus olhos de reféns. Então eu cometo o erro de mirar a boca do chefão. Digamos que mirar não é bem o que estou fazendo no momento, está mais para contemplar e babar pelos lábios cheios, brilhantes e vermelhos. Minha mente desenha sua boca adornada por uma barba cheia e rala por diversas vezes, ante de ser interrompida.

— Vai ficar aí, parada feito uma árvore e calada como uma tola por muito tempo?

Olho-o e ele parece tão irritado que seu rosto está vermelho. Ele puxa o ar com força, mexendo as narinas rapidamente. Seus olhos agora parecem um céu carregado em que se forma uma tempestade.

Um estalo surge em minha cabeça e lembranças voltam à minha mente. Os mesmos olhos, o mesmo topete gloriosamente em pé, a mesma estupidez, a mesma selvageria.

Inferno, já tive o desprazer de esbarrar com esse infeliz antes. Não posso acreditar que estou diante do idiota do estacionamento que tentou me matar atropelada e, após de me comparar com uma suicida louca, exigiu que eu pedisse desculpas por algo que ele tinha feito, depois sumiu, cantando os pneus. E agora parece que ele tem minha vida novamente em suas mãos. Mas, pelo visto, não se deu conta disso, pois, em nenhum momento, deu sinal de me reconhecer. Contudo, não seguro a língua ou dou valor à minha própria existência quando devolvo com brutalidade:

— E você vai bufar feito touro e dar coices como um cavalo selvagem por muito tempo?

Escuto uma risada alta e viro-me na direção do som. Deparo-me com um homem trajando um elegante terno cinza. Ele, diferente do outro, está sentado e me olha, sorridente. Não sabia que tínhamos companhia, já que a ruiva havia saído assim que falei meu nome.

— Corajosa e divertida. — Aponta para mim. — Gostei.

— Menos, Victor — o cavalo coiceiro e rude diz, sentando-se. Mesmo assim, não perde sua superioridade. Ele aponta para uma cadeira e fala: — Sente-se. Não tenho tempo a perder, garota, então vamos começar logo.

— Prefiro ficar de pé — afirmo e me coloco atrás de uma das cadeiras que ficam de frente para mesa, uma proteção inútil. — Dê logo sua sentença, não quero continuar tomando seu tempo. Se não for pedir muito, que não seja cruel.

— Do que está falando, garota? — Ele junta as sobrancelhas, confuso. — Que sentença e crueldade?

— Você não vai aproveitar e terminar de fazer o que tentou um mês atrás? Agora pode mandar me matar como queima de arquivo.

— Você é louca! — ele ruge. — De onde diabos tirou isso? Por acaso tenho cara de assassino?

— Eu não sou louca — defendo-me. — Mas os homens de pretos me abordaram de uma forma muito estranha e logo me trouxeram para cá, o que é ainda mais suspeito. — Aponto para a sala toda. — E cara de assassino não, mas de cavalo bravo, aí posso afirmar que tem.

Outra onda de gaitadas é solta pelo tal de Victor ao meu lado — o homem até mesmo segura a barriga. Bom, pelo menos esse se diverte comigo. Talvez ele também possa interceder por minha vida.

— Mateus, ela é perfeita. — Ele olha para o homem que parece prestes a me queimar viva. — Só precisaria de alguns ajustes nas vestimentas, mas ela possui a atitude e o humor que vai de encontro ao seu. Juntos seriam espirituosos e completamente imbatíveis.

— Você está aqui para me ajudar ou zombar da minha cara? — o tal Mateus ruge para o homem de cinza. Um leão perderia feio para ele. O homem é uma mistura de todos os bichos selvagens.

— Para ajudar, sempre — Ele encara o outro. — Eu não te diria isso, se não fosse para o seu bem.

O homem sisudo não responde nada, apenas bufa e torna a me observar. As sobrancelhas franzidas fazem sombra para os olhos azuis tempestuosos, a boca é em linha reta, e as narinas são levemente abertas.

— Vamos começar o processo seletivo então. — Quase não move o queixo quadrado ao falar, duro e firme.

— Processo seletivo? — pergunto, querendo saber se não tinha escutado demais. Afinal, às vezes, a ilusão e a vida nos fazem de trouxa.

— Foi isso que falei, garota. Além de louca, é surda?

Deus! Não me dou nem o trabalho de responder suas ofensas, pois quase desmaio, quando sinto minhas pernas tremerem. Quase não acredito que, ao final de tudo, terei uma oportunidade de fazer uma nova entrevista e conseguir meu tão sonhando e necessitado emprego. Não importa a vaga, eu me contentaria com qualquer coisa, até mesmo limpar as privadas e o chão. Eu agradeceria para sempre.

Deus é pai. Deus é pai, rogo uma prece em gratidão.

— Vamos ver quais são suas chances de se tornar minha esposa — vocifera, forte e resoluto.

— O quê?

Minha pergunta sai baixa, e minhas pernas enfraquecidas são incapazes de segurar o meu peso. Sinto meu corpo ir ao chão lentamente e não posso fazer nada para evitar a queda.

É como se eu estivesse sendo arrastada por um furacão. Um tornado chamado Mateus.



Capítulo 4

Mateus

Salto rápido da minha cadeira quando vejo o corpo da garota insolente ir ao chão. Infelizmente, não consigo chegar a tempo de impedir sua queda barulhenta. Agacho-me ao seu lado e, rapidamente, levo meus dedos até seu punho, sua pulsação está tão fraca que mal a sinto. Coloco um dedo embaixo de seu arrebitado nariz para tentar sentir sua respiração e, graças a Deus, constato que ela está respirando, mesmo que suavemente.

Com delicadeza, pego-a no colo e deito a garota no sofá, ajeitando seu pescoço para que fique o mais confortável possível. Toco novamente seu pulso, e continua tão fraco quanto antes. Olho atentamente para o rosto da garota, em busca de alguma evidência do que possa ter causado o desmaio, mas não vejo motivo algum.

Droga! O que diabos essa menina tem?

Inspeciono seu rosto pálido e inanimado. Olhando-a assim, percebo que seu rosto é familiar para mim, mas não consigo lembrar onde eu a vi antes. Dormindo, nem parece que é a rebeldia em pessoa. Não teve um pingo de noção ou juízo ao me enfrentar, me desafiar e me ofender com suas palavras. Com certeza, é uma doida desvairada que fugiu de algum hospital psiquiátrico. E muito magra. Isso não me passou despercebido. Foi tão fácil erguê-la do chão que estou assustado com sua leveza. Talvez suas roupas largas e grandes tenham me iludido visualmente.

Uma preocupação sobe por minha espinha. O que essa menina fazia para pesar tão pouco?

Sim, posso ser um cavalo selvagem, como ela mesma falou, mas não sou um filho da puta sem coração. Preocupo-me com o bem-estar do próximo, ainda mais quando essa pessoa pode me causar um problema por estar desmaiada em minha sala. Na empresa onde meu cargo está por um fio.

Um toque em meu ombro me faz retroceder e interrompe qualquer pensamento indevido que pudesse tomar conta de minha mente. Levanto-me rápido e, com agilidade, estou próximo à minha mesa.

— Você acha que precisamos chamar um médico ou uma ambulância? — Victor pergunta nitidamente preocupado, olhando a menina estendida e imóvel em meu sofá.

— Sim, chame um médico. De preferência o da família. Precisamos saber o que aconteceu com a garota e ainda garantir que ela saia bem dessa sala. Não quero nem imaginar o que será de mim, se algo de ruim acontecer a ela. Acho que seria o meu fim. Papai não iria querer nem me ouvir. Não teria chance de defesa — digo, rápido e logo pego meu telefone. — Enquanto o médico não chega, vou pedir para Sara trazer um copo com água e um algodão com álcool para tentar despertar a garota.

Após conversar com a secretária, respiro fundo para que o oxigênio faça meu cérebro funcionar e buscar uma alternativa para que meu envolvimento seja mínimo, e eu escape ileso de mais uma acusação.

— O doutor Carlos já está a caminho — meu amigo me informa.

Viro-me para ele e perguntou, irritado:

— Por que estas merdas de confusões têm que acontecer justo comigo?

— Calma — Victor pede. — Não aconteceu nada grave com a garota. Não seja pessimista e veja a oportunidade que caiu como uma bênção em suas mãos. Você pode dizer que ela não aguentou seu pedido de casamento. Mateus, falei sério quando disse que ela é a mulher certa para ser sua esposa. Me parece simples, com caráter e uma atitude forte. Ela é completamente diferente dos padrões vulgares que a mídia está acostumada a ver com você, isso seria um impacto bom e mais uma prova da sua mudança. Você mostraria que se tornou um homem diferente. Não é isso que seu pai quer?

— Você pegou a loucura da garota? — inquiro, a preocupação dando lugar à irritação. — Não vou me casar com uma garota insolente, doida e insuportável. Eu não a aguentaria ao meu lado por muito tempo, teria que costurar sua boca e não sou adepto a atos de crueldades. Não ouse nem insinuar ou conjecturar algo entre mim e ela. Não vou me casar com ela, nunca.

O som de uma tosse baixa me faz desviar os olhos em fúria do meu amigo para a garota que tenta debilmente ficar sentada no sofá.

— O que estou fazendo aqui? — ela pergunta, confusa, mal conseguindo olhar ao seu redor.

Apressado, vou até ela para tentar ajudá-la. Seguro seus braços finos com as duas mãos e tento firmar seu corpo sentado. Isabella me estuda. Seus olhos bêbados e sem firmeza parecem tentar me reconhecer. De repente, como se meu toque a queimasse, ela se remexe tentando a todo custo se soltar de mim. Quando consegue, ela acerta um tapa na

minha mão.

— Quem lhe deu permissão para me tocar? — diz, a voz fraca quase inaudível. — Não vou ter nada com você. Dessa vez, você não vai me enganar, então mantenha suas ferraduras longe de mim.

— Não estava te tocando para conseguir algo de você — expresso, firme. — Eu tinha a melhor das intenções, apenas queria te ajudar, garota.

— De boas intenções o inferno está cheio — diz, encarando-me. Seus olhos, que agora consigo definir que são verdes, me desafiam. — E eu não acredito que uma pessoa com características selvagens tenha capacidade de ajudar alguém. Já tive provas suficientes do quão imbecil você pode ser.

Uma batida na porta me impede de revidar seu insulto. Então carregando uma garrafa de água mineral e uma maleta branca com uma cruz vermelha, Sara entra na minha sala. Ela olha e estuda todo o ambiente, talvez perguntando-se para que pedi essas coisas, mas, como a profissional discreta que é, não comenta nada.

— Trouxe o que foi solicitado, senhor Ávila — enuncia, como se eu tivesse pedido alguns dos costumeiros relatórios de reuniões passadas ou documentos da empresa. — Precisa de algo mais?

— Sim, estou aguardando a chegada do doutor Carlos, então quero que ele venha até meu escritório com a maior discrição possível. Quero que o acompanhe e não deixe ninguém desconfiar de que ele está atendendo uma pessoa aqui. Ninguém, principalmente, Eduardo.

— O senhor Eduardo saiu para o almoço e creio que deva demorar, pois foi acompanhado com o senhor Roberto, seu tio — anuncia, e isso soa quase como música aos meus ouvidos. — Eu mesma ficarei esperando o doutor na portaria e o trarei pela entrada privativa.

— Ótimo, agora me dê essa água. A maleta não será mais necessária. — Estendo minha mão e ela me entrega a garrafa, saindo da minha sala.

— Sua língua vai cair se disser obrigado ou por favor? — A voz meio irritada da garota rebelde soa ao meu lado. Então, miro seu rosto tentando entender ao que ela se refere. Ela tem uma das sobrancelhas arqueadas e os braços cruzados em frente ao peito. — Você acha que tem o rei na barriga ao invés de triplas e banhas?

— Minha língua não vai cair, mas serei capaz de arrancar a sua, caso fale mais um

insulto para mim — ameaço, perdendo a capacidade de me manter calmo diante dessa petulante. — Agora, beba essa água. E isso não é um pedido.

Faço questão de colocar a minha expressão mais sombria e temível, quando lhe entrego a garrafa de água. Mesmo assim, ainda vejo a garota abrir a boca e tentar revidar, mas Victor pergunta algo, tirando sua atenção de mim e agradeço, pois não queria ter que cumprir minha ameaça.

Vou até a janela de vidro com vista panorâmica e fito a rua lá embaixo, a esta hora a Avenida Paulista parece mais cheia do que nunca. Vejo centenas de carros, um atrás do outro, e imagino que todos estejam socando a buzina como se o som tivesse o poder de tirar os outros veículos da frente, mas a verdade é que só causam barulho e tumulto. Centenas de pessoas se esbarram, enquanto caminham rápido como se seus passos fossem controlados e cronometrados.

Meu sangue pulsa, e minha respiração aumenta. Uma veia insistente parece que vai detonar a qualquer momento minha cabeça. Já tinha previsto que hoje seria um dia cheio e sufocante, afinal não era do meu agrado ter que procurar uma noiva, mas, nem na pior das hipóteses, supus que eu esbarraria com essa mulher insuportável e sem filtro e muito menos que ela viria a desmaiar no meio da minha sala.

Porra!

— Agora que estou acordada, você poderia explicar a insanidade que falou antes de eu apagar? — Escuto a garota perguntar, ela não faz questão de esconder sua irritação. — Por que precisa de uma esposa? E o que o fez pensar que vou me sujeitar a ser mulher de um cavalo selvagem?

Viro-me e a vejo de pé, olhando para mim com fúria. Victor assiste a tudo sorridente, parece que não prevê que estou prestes a deitar essa menina no meu joelho e tirar sua postura irritante nas palmadas.

— Nem adianta me olhar com essa cara de quem está com dor de barriga e longe do banheiro. Não quero ser nada sua, muito menos esposa. Desisto disso que chamou de processo seletivo, pois vim em busca de um emprego, não de um casamento.

Dou alguns passos em sua direção, pronto para cansar minhas mãos em sua bunda, mas ela é salva, novamente, pelas batidas em minha porta. Quando olho na direção da entrada, vejo doutor Carlos carregando uma pequena maleta e acompanhado de minha assistente. Com passos longos e irritados, vou até eles e dispenso novamente Sara, mas, dessa vez, digo um obrigado quase inaudível. Até desconfio que ela tenha escutado.

— Doutor Carlos. — Aperto a mão do médico que conheço a um bom tempo e a quem minha família e eu confiamos nossa saúde. — Sinto muito atrapalhar sua agenda, mas tive um incidente e preciso do seu diagnóstico.

— Mateus Ávila. — Ele aperta minha mão com firmeza e segurança. — Quem precisa do meu diagnóstico tem sentido algo? Algum sintoma ou dor?

— Não é comigo — respondo e viro na direção da petulante garota que está novamente sentada no sofá e nos encara com atenção. — Acredito que essa moça precise de uma consulta, ela desmaiou e gostaria de saber o motivo. Quero ter certeza de que ela não se machucou ou que estado de insanidade não foi acentuado.

— Você é inacreditável! — ela dita, sacudindo a cabeça. — Se tivesse perguntado, não teria necessidade de chamar o médico. Claro que desmaiei de susto pelo absurdo que saiu de sua boca.

Eu a fito com um olhar assassino, querendo arrancar sua língua mentalmente, antes que ela consiga falar que estou fazendo um processo seletivo para arrumar uma esposa. Não quero que isso se espalhe, porra!

— Foi bem o que imaginei — Victor diz, interrompendo a fala dela e o meu avanço. — Mas vamos deixar que o médico a examine e diga se está tudo bem, afinal, você ficou desacordada por um tempo. É para seu bem, Isabella.

Mas ela continua me encarando, e eu também não desvio o olhar. Quem essa garota pensa que é para me desafiar e achar que não vou combater à altura?

— Vamos, me deixe medir sua pressão, coletar algumas informações e possíveis sintomas para descobrir o que pode ter levado à sua inconsciência — doutor Carlos diz, entrando em nossa frente e interrompendo nossa batalha de olhares.

Ela se remexe no sofá e concorda com a cabeça, mas faz questão de soltar uma longa e alta respiração de contrariedade. Pouco me importo, se tivesse que amarrá-la para que fosse examinada, eu faria.

Carlos senta-se na outra ponta do sofá, começa a tirar alguns equipamentos de sua maleta, e me aproximo mais para acompanhar melhor a consulta.

O doutor verifica a pressão dela e anota. Examina seus olhos com uma pequena lanterna e escreve outra vez no seu bloco. Em cada oportunidade, Isabella me afronta com seus olhos verdes provocadores.

— Agora precisarei de algumas informações para ter um diagnóstico melhor — o

doutor avisa, e ela apenas acena. — Qual a sua idade?

Ela me olha antes de responder. Cruzo os braços na frente do peito, indicando que não vou dar um passo para longe daqui antes que tudo termine.

— Tenho 20 anos — responde, por fim.

Não fico surpreso, afinal ela parece bem jovem.

— Sente dor em alguma parte do corpo? — Carlos pergunta depois de anotar sua idade.

— Não.

— Toma algum remédio de uso diário?

— Não.

— Sua última menstruação?

— Ah, mas isso não vou responder — ela fala, firme. — Não na frente desse senhor metido que se acha dono do mundo. Ele não precisa saber das minhas intimidades. — Aponta para mim. — Sem falar que me sinto completamente bem e estou achando um exagero toda essa cena. Não estou doente e não preciso mais ficar aqui. Quero ir embora e esquecer que entrei na empresa desse ser indomesticável.

— Entrou porque quis e agora só sai quando eu permitir — rosno, firme e com força. — E seus olhares desafiadores ou insultos não vão mudar isso.

— E seus coices não vão me causar medo — emite, segura.

— Parem os dois — Victor intercede. — Estão transformando uma simples consulta em uma guerra sem fim. Mateus, dê privacidade a Isabella. Desse jeito, você só faz o doutor demorar mais tempo e, consequentemente, perde o seu também. Lembre-se de qual é a nossa meta para hoje.

Bufo, mas tenho que concordar com o filho da mãe. Não podia mais perder tempo, eu já tinha desperdiçado um mês. Um mês em que não mudei e continuei seguindo minha vida como se não estivesse no cabresto do senhor Damião.

Meu telefone toca, fazendo-me ceder completamente, então, com passos brutos, vou até minha mesa. Saco o telefone e atendo com animosidade:

— Diga, Sara.

— Senhor Mateus, gostaria de informar que o senhor Damião Ávila acaba de

passar pela portaria e acredito que o destino seja a sua sala. Achei conveniente que fosse avisado a tempo.

— Merda! — esbravejo.

Eu já poderia prever a tragédia em que meu escritório se transformaria.

Meu dia ruim iria, com certeza, piorar mil vezes mais.



Capítulo 5

Isabella

Caralho!

Nunca mais vou entrar em um lugar que não conheço ou seguir qualquer homem de preto. Nunca. Não importa a situação.

"Isso é uma regra, Isabella", grito mentalmente.

Não é possível tanta falta de sorte assim. Acredito que está longe de nascer uma pessoa mais azarada do que eu. Só posso ter acordado com o pé esquerdo, passado debaixo de uma escada, quebrado cinco espelhos, cruzado com um gato preto, ou então nasci com a bunda virada para Marte, ou para puta que pariu. O que for mais longe da boa sorte.

Porra!

Quando os humilhados serão exaltados?

Sequer presto atenção no que o doutor fala, só busco uma maneira de sair dessa merda sem ficar cagada.

Eu calculo quantos metros tem do sofá até a porta. Não é longe, eu poderia escapar correndo, o problema é que parece que tenho três pernas e é provável que eu me atrapalhe com uma delas, estatele minha cara no chão e quebre todos os dentes da frente na queda.

— Nenhuma chance de gravidez?

Sou forçada a olhar para o médico à minha frente e esquecer qualquer teoria de fuga que minha mente criou.

— N-ão. Nenhuma — engasgo ao responder. — Não tenho namorado. Nunca tive namorado. Já terminou o interrogatório? — acrescento rápido, pensando novamente em como vou escapar daqui sem quebrar algo no caminho e chamar muita atenção.

— Só mais uma pergunta — o doutor anuncia, percebendo meu desconforto — Faz quantas horas que se alimentou?

Ah! Merda. Qual é a desse doutor?

Desvio meu rosto para longe, não querendo que ele veja a mentira em meus olhos. No processo, acabo focando no cavalo selvagem, que relincha ordens ao telefone. Ele não

parece nada feliz com a ligação. Se antes seu rosto e suas expressões eram de um homem prestes a ter um ataque de cólera, agora ele está à beira de um ataque de nervos.

Quando ele bate o telefone novamente no suporte, me assusto com o barulho alto que o gesto provoca. Com passadas longas e pesadas, ele se aproxima do homem sorridente e mais gentil, que estivera prestando atenção na minha consulta. Então, ele o arrasta para o outro lado do escritório e começam uma discussão acalorada. Eu até tento, mas não consigo escutar nitidamente o que os dois conversam, mas, com certeza, não é algo que agrade aos dois homens, pois a cada palavra dita, uma careta diferente é feita.

De repente, os dois se viram para mim. Victor logo desvia o olhar e volta a conversar com Mateus, que continua me encarando. Ele escuta, calado e tenso. Por algumas vezes, fecha o punho com força e sua expressão fica mais pesada a cada minuto. Por fim, noto quando puxa o ar forte antes de concordar com a cabeça.

Sinto-me inerte quando o selvagem começa a vir em minha direção, trotando com toda sua rudeza. Até mesmo me esqueço de respirar ou piscar. Alguma coisa dentro de mim sabe que devo estar preparada para essa aproximação. Procuro forças em minhas pernas para me levantar, mas elas parecem duas gelatinas. Com certeza, a tortura e o recente desmaio têm uma grande parcela de culpa, mas o olhar duro de Mateus me deixa inerte e de pernas bambas.

Como fugir de um furacão que se aproxima rápido demais?

Pois é, não há escapatória. Por mais que eu tentasse correr, minha fuga só ficaria mais agoniante. O que posso fazer é esperar e torcer para que os danos não sejam muito grandes e que eu possa ficar de pé ao final desse desastre, já que estou no olho do tornado.

— Isabella, venha comigo — ele dita, quando está perto o suficiente. — Preciso conversar com você em particular. — Sua expressão é dura, quase imóvel ao falar. Então, vira-se para o médico e diz: — Carlos, espero que já tenha concluído. Passe o diagnóstico para Victor, ele também fará o pagamento.

— Sim, conclui a consulta — o médico fala, começando a colocar suas coisas dentro da maleta. — Foi um prazer revê-lo, Mateus. Espero sua visita para uma consulta de rotina.

Os dois apertam as mãos e o doutor vai até aonde Victor o aguarda. Apenas me mantenho sentada e miro Mateus com cenho franzido, querendo saber o que o faz pensar que pode falar assim comigo, como se eu fosse sua propriedade e tivesse que o obedecer.

— Não escutou, garota? — inquere, com a voz irritadiça. — Levante sua bunda do sofá ou eu mesmo a levantarei daí e garanto que, de fato, poderá ver toda minha selvageria.

— Ah! Vá se danar, cavalo — respondo, sem paciência. — Não tenho que te obedecer. Agora mesmo, vou embora. Não faço mais questão de estar em sua baia chique. Passar bem, você e sua grosseria.

Levanto-me, decidida e dando graças a Deus que minhas pernas me responderam, mas não chego a dar um passo porque o brutamontes entra na minha frente. Bato meu corpo no seu — quer dizer, bato na parede que é seu tronco duro — e volto para trás. Encaro-o, levantando uma de minhas sobrancelhas com audácia e pergunto:

— Vai sair da frente ou serei obrigada usar minhas artes marciais e partir para a agressão? — Levanto uma mão como se fosse estapeá-lo. — Não gostaria de quebrar sua cara de estúpido.

— Você vem conversar comigo. — Ele fecha sua mão grande em meu pulso fino. — Não tenho tempo para seu atrevimento. Ou você caminha por boa vontade, ou eu te arrasto. Você decide.

Ele não me dá tempo de escolha e sai andando rápido, levando-me no processo. Tento espernear, mas o infeliz é forte e parece decidido a me arrastar feito um homem das cavernas. Ele sai da sala, acena para a ruiva e caminha até o elevador. Rápido demais, estamos dentro da caixa de metal. Só então ele me solta, e aproveito para encará-lo com meus olhos fulminantes.

— Aonde pensa que vai me levar? — inquiro com os dentes trincados. — Isso é sequestro.

— Você verá em um instante. — Sua voz ecoa no ambiente fechado. Então vira-se de costa para mim, e eu tenho vontade de esmurrar seus ombros largos, mas, antes que consiga erguer as mãos e fechá-las em punho, ele novamente me arrasta para fora da cabine de aço.

Só para quando entramos dentro de uma sala enorme, com uma grande mesa de vidro preto, rodeada de cadeiras com estofado branco. Ele me solta e bate a porta, encostando-se nela. Respira fundo e passa os dedos longos pelo rosto, subindo em direção ao cabelo e, quando chegam ao destino, puxam os fios com força. É nítido que está zangado, mas quero que ele e sua ira vão para o quinto dos infernos. Eu é que não vou ficar calada e aceitar suas selvajarias e sua estupidez.

— Saia da minha frente — emito, a princípio, com calma. Sempre ouvi dizer que nunca se pode revidar as grosserias de um idiota, mas, no final, acabo deixando a raiva que me queima por dentro falar mais alto. — Não quero estar aqui com você. Já disse o quanto não me agrada estar com um cavalo selvagem e sem rédeas. E simplesmente não tenho vontade, nem vocação para me tornar a domadora de um.

Mateus olha para mim, sacode a cabeça e começa a andar de um lado para o outro. Ele parece bem altivo e nervoso ao fazer isso. O tecido de sua calça escura se aperta e deixa suas pernas compridas e musculosas em evidência, enquanto o terno aberto revela a camisa branca e o balançar da gravata no pescoço. Espio seus braços fortes e os ombros largos, meus os olhos descem por seu pomo de Adão, que oscila à medida que ele engole a ar. Mais atrevida, percorro seu peitoral, que estica o tecido, desenhando a forma ferina de um homem perfeito.

Maldição!

Por que ele tem que ser tão, mas tão bonito?

Quando ele para e volta a fixar seus olhos azuis em mim, decido que não posso achá-lo atraente e que sua personalidade feroz e impiedosa é a única coisa em que devo prestar atenção.

— Juro, garota, que se não precisasse de sua ajuda agora, já teria dado um jeito de tampar sua boca — ele rosna entre dentes. — Agora, veja se consegue manter sua matraca fechada e me escutar. Tenho uma proposta para te fazer e posso ser bem generoso na recompensa.

— Não posso garantir ficar de boca fechada — alerto. — Afinal, minha mãe não queimou minha língua com mingau, não tenho costume de ouvir ignorâncias e muito menos de levar desaforo para casa. Mas posso lhe dar cinco minutos, antes que eu o tire da minha frente à minha maneira.

Seus olhos azuis me fitam com furor. Ele não pisca em nenhum momento, enquanto respira rápido e cadenciado. Então balança o pescoço, logo sua pose resistente fraqueja, e sua cabeça tomba para frente, enquanto os braços compridos caem na lateral do corpo.

— Não sei como dizer. — Ele volta a fixar seus olhos em mim. — Dada as suas loucuras, é capaz de reagir fora do esperado.

— Não vejo outra forma falar que não seja com a boca. — Aponto para a maldita,

de lábios grossos e vermelhos, coroada por uma barba escura. — E se for para me ofender, não quero mais ouvir merda nenhuma.

— Preciso que finja ser minha noiva — ele fala rápido e duro.

— O quê? — praticamente grito e esbugalho meus olhos.

— Preciso de uma noiva e preciso que seja agora. — Sua voz sai, exasperada. — Seja minha noiva agora e convença meu pai de que estamos juntos.

Começo a sorrir, uma risada que vem lá de dentro, profunda e muito escandalosa. Olho para seu rosto pálido em desespero e nego com a cabeça, gargalhando como se nunca tivesse passado por uma infelicidade na vida, como se estivesse diante de um dos melhores comediantes do mundo. Até mesmo deixo a cabeça cair para trás e limpo as lágrimas que começam a escorrer dos meus olhos.

— Você só pode estar louco! — digo, ainda entre risadas. — Eu não vou fazer esse papel. — Sacudo a cabeça — Por acaso tenho cara de atriz? Melhor, por acaso tenho cara de médica veterinária?

— Isso não é uma piada, garota — ele rosna com força. — Então pare de sorrir e agir como uma maluca. Não estaria pedindo isso, se realmente não estivesse precisando. Não queria ter que passar mais tempo ao seu lado, mas as circunstâncias me forçam a fazer esse pedido estúpido para você.

— Então, me deixe ir. Também não estou mais a fim de aturar a sua cara feia e emburrada.

— Qual parte de que preciso que finja ser minha noiva você não entendeu?

— A parte que me envolve — respondo a contragosto. — Agora, me deixe ir, e prometo que não colocarei meus pés novamente nesse lugar.

— Não. — Ele estende um braço na minha frente. — Acho que você não entendeu a urgência do meu pedido. Acredito que meu pai está na minha sala e eu preciso voltar para lá com uma noiva. O que quer para fingir ser minha noiva?

Eu me assusto com seu tom desesperado. Então o analiso melhor, e ele é a própria personificação da angústia. Olhos bem arregalados, boca em linha fina e respiração profunda. Seu peito sobe e desce, como se o coração estivesse sufocando em cada batida. Seu rosto belo está todo suado e o pobre cabelo liso e marrom novamente é maltratado por seus longos e grossos dedos.

Meu lado sensato — sim, eu tenho um, por mais difícil que seja acreditar — fica compadecido por causa do seu desespero. É como se o homem bruto não existisse mais. Em seu lugar, agora há um garoto de cinco anos que cometeu alguma malcriação e está se escondendo do pai com medo do castigo severo que irá receber.

Deus, o que fazer nessa situação?

Por que essas encrencas têm que acontecer na minha vida?

Porra! Qual corrente do bem eu quebrei?

Quando sair desse lugar, com certeza passarei em uma igreja e pedirei perdão pelos pecados que já cometi.

— Peça o quanto quiser, eu pago. Coloque seu preço.

Rápido, sinto a humilhação percorrer meu corpo, enquanto memórias tomam minha mente, mas não permito que elas ganhem espaço e me sufoquem. O homem diante de mim tem o dinheiro que pode salvar minha família, apenas precisaria mentir um pouco, mas e a minha dignidade?

Sinto um enjoo no estômago e recorro a uma respiração profunda para me livrar do incômodo. Se eu aceitasse, estaria renunciando à minha moral e ética? Será que suportaria fingir ser noiva de um homem bruto que, além de tentar me matar uma vez, só diz grosserias?

— Diga algo, garota. Aceite minha proposta.

Levanto minha mão para contê-lo e passo a caminhar de um lado para o outro. Eu não poderia, seria incapaz de conviver comigo mesma.

— N-não posso — digo, negando com a cabeça. — Não é assim que as coisas funcionam. Isso foge de meus princípios, não quero ter que mentir para uma pessoa que não conheço.

— Estou lhe oferecendo uma oportunidade imperdível. Será que não enxerga isso, garota?

— Pois então faça sua oferta a outra pessoa porque estou indo embora — falo duramente, ao me colocar na sua frente com as mãos na cintura.

Não me demoro e passo por Mateus, caminhando rápido, agradecendo mentalmente quando ele não tenta me impedir, bem ciente da confusão sem fim que eu poderia causar.

Não sei como, talvez com a mesma intuição que o sapo tem para pular e escapar de um buraco, encontro uma escada e desço os degraus praticamente correndo, com medo de que o cavalo mude de ideia e mande seus homens de pretos atrás de mim.

Quase beijo o chão sujo da calçada quando piso fora do prédio que tanto me encantou por fora, mas que tinha me irritado poucos minutos depois.

Não olho para trás em nenhum momento, decidida a voltar para casa.



Chego em casa e encontro Julinho assistindo à televisão na sala. Ele está esparramado no único pequeno sofá que temos em nossa sala e parece alheio à minha chegada. Olho de longe e reconheço seu desenho preferido. Bom, não vou incomodá-lo, por isso, caminho até onde julgo que dona Eva está. Nem preciso entrar muito para avistar mamãe de pé na pia, lavando a louça do almoço. Na mesa de madeira, vejo um prato coberto com outro, com o que acredito que ser meu almoço.

Olho melhor para o lugar pequeno e organizado, percebendo que as paredes pintadas de cal já precisam de uma nova demão. O velho fogão de duas bocas tem duas panelas em cima, com o que deve ser o nosso jantar. A geladeira de porta bege, antiga e que deve consumir mais energia que cinco ares-condicionados ligados completa a lista de eletrodomésticos. Não temos armários, apenas um móvel de aço para pendurar as poucas panelas e utensílios. Um lugar simples, igual ao restante da pequena casa. Mas era o lar a que eu e minha família estávamos acostumados.

Em dois passos, já posso abraçar mamãe pelas costas. Envolvo os ombros da mulher que me deu a vida e descanso minha cabeça em seu ombro direito, querendo confortá-la um pouco antes de lhe dar uma notícia ruim. Ela é sábia e não preciso nem abrir a boca. Minha mãe simplesmente para o que está fazendo, se vira e retribuiu o abraço.

— Não se cobre tanto, minha menina. — Ela passa as mãos por minhas costas e então toca minha bochecha. — Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem.

Eu sacudo a cabeça, crendo em suas palavras e usando-as como um bote salva-vidas.



Capítulo 6

Isabella

A música soa alta quase estrondando meus tímpanos, enquanto estou em um quartinho apertado tentando, a todo custo, enfiar minhas pernas pela abertura da saia que parece embalada a vácuo. Com muita luta e perseverança, consigo subir o couro vermelho por minhas coxas e fechar o zíper na cintura até me sentir terrivelmente apertada. Com desgosto, pego a fina e curta camisa branca, visto-a e me olho no espelho pendurado na parede. Estou ridícula em meu uniforme.

Sim, você não leu errado.

Eu tenho um uniforme porque consegui um emprego.

Não diria que é o trabalho perfeito, mas foi a única oportunidade que me concederam e não pude rejeitá-la. A boate XX era bastante movimentada, e dei graças a Deus por eles precisarem de mais uma atendente.

Arrumo meus cabelos em um rabo de cavalo alto e saio, indo até o bar em que meu companheiro já atende inúmeras pessoas. Respiro fundo e me aproximo, apertando o ombro de Vagner, que se vira e sorri para mim. Ele é a pessoa que me treinou na minha primeira semana, sem falar que, em pouco tempo, já se tornou meu amigo e, principalmente, meu protetor.

Bem, não é fácil ser garçonete em um bar do Centro. São muitas cantadas e assédios. Os homens se tornavam mais assanhados e insultadores quando bebiam e, por muitas vezes, tive que me sujeitar a situações em que alguns deles tentaram me ganhar na lábia.

— Quem abriu as portas do inferno? — sussurro para Vagner, que entrega uma cerveja para um homem que me inspecionou assim que coloquei os pés atrás da bancada.

— Sábado é sempre assim. — Ele aponta para o lugar que ferve de gente dançado e bebendo. — Se for ficar muito tempo por aqui, vai ter que se acostumar.

Apenas sacudo a cabeça. Desde o primeiro dia, ele se assustou com minha presença e me disse na lata que eu não duraria muito tempo no lugar que, segundo ele, não era ambiente para uma jovem mulher como eu. Disse também que eu merecia mais que as cantadas baratas e os arrotos na cara dos bêbados nojentos e que nem todas as gorjetas gordas seriam capazes de pagar o sono e o tempo que eu perderia trabalhando até tarde.

Um jovem de cabelos loiros se encosta no balcão, e seus olhos verdes percorrem todo meu corpo, prendendo-se em meus seios, que ficam à mostra devido ao decote quadrado da camisa. Poderia até jurar que o dono do bar tinha feito esse uniforme de propósito, que isso era um atrativo especial para manter os homens bebendo e gerando lucro para ele.

Um infeliz esperto.

— Uma dose de uísque, princesa. — A voz pesada e embolada do loiro já demonstra que não é sua primeira dose.

Viro-me e pego a garrafa de líquido âmbar. Na bancada, apanho um copo e coloco na frente do homem que agora tem um sorriso cínico estampado em seu rosto bonito. Se eu pudesse chutar, com certeza, apostaria que seu sorriso era porque ele podia apreciar minha bunda, mais arrebitada nesse pedaço de saia que me expõe mais do que eu gostaria. Idiota, ele pode ter visto a cena, mas não verá o filme completo. Assim que termino de servi-lo, ele agarra o copo, vira com tudo, e seus olhos enchem de água.

— Me sirva mais, princesa! — Ele bate o copo no balcão. — Não me deixe seco. Me encha sempre com o seu mel.

Ele pisca e aponta para as bebidas, mas logo seus olhos desviam para minhas coxas. Respiro fundo, tentando me controlar para não deixar a garrafa voar bem no centro de sua cara infeliz.

Continuo enchendo o copo do idiota e ele segue falando suas frases de duplo sentido e exigindo que continue a atendê-lo, mesmo que eu tenha que servir mais clientes, à medida que o inferno de pessoas aumenta. Mas tudo desanda quando ele tenta segurar minha mão na décima vez que o sirvo. Esquivo-me, não era a primeira vez que um cliente cometia essa audácia, e dou graças a Deus quando sinto Vagner ao meu lado, segurando minha outra mão e encarando o canalha.

— Algum problema? — ele pergunta, duro e firme.

— Não. Apenas estava agradecendo à princesa pelo seu ótimo atendimento. — Solta minha mão e pisca.

— Certo — Vagner ruge, sem deixar de olhar severamente para o loiro, mas logo vira-se para mim. — Tire seu intervalo, vá descansar enquanto eles estão mais preocupados em dançar.

Assinto com a cabeça e sigo para o quartinho que serve como vestiário e local de

descanso. Entro, respiro fundo, sentando-me no pequeno *puff* e me permito fechar os olhos. Se eu não precisasse desse emprego, com certeza não teria conseguido aguentar nem mesmo o primeiro dia. Sempre que chego à minha casa, sinto como se um trator tivesse passado por cima de mim e alguém tivesse chutado minha cabeça.

Assusto-me ao escutar uma batida na porta. Abro meus olhos rapidamente e dou de cara com o loiro babaca que tinha segurado minha mão.

— O que faz aqui? — inquiro, levantando-me, em alerta.

— Senti que não tirou os olhos de mim enquanto me atendia.

Ele se aproxima, e dou alguns passos para trás.

— Esta é uma área para funcionários. Por favor, saia.

— Que tal eu senti o sabor desta boca? — A voz embriagada soa a poucos centímetros do meu nariz. — Depois daqui, podemos usar ela de um jeito mais prazeroso ao redor do meu pau.

Dou mais alguns passos para trás, até estar colada à parede. O infeliz prensa seu corpo grande contra o meu e, rapidamente, pega meus pulsos, encurralando-me.

— Me largue — falo, tentando me soltar das garras do homem bêbado.

— Assuma que quer que eu te foda. — O bafo novamente atinge meu rosto. — Aqui será um ótimo lugar, você pode até gemer alto como a puta que é, enquanto eu afundo na sua boceta bastante utilizada.

Fecho os olhos, apenas sinto o aperto sumir dos meus pulsos e escuto o som de um soco. Então vejo Vagner puxar o homem pelo pescoço até a porta aberta e o jogar no chão. Não satisfeito, chuta o corpo mole diversas vezes, ao passo que o homem geme alto.

— Seu porco imundo! — meu companheiro grita.

— Mas que merda está acontecendo aqui? — Ouço a voz grossa do dono do bar. — Solte o filho do delegado, Vagner, antes que consiga um processo que te arrancará até os dentes.

— Esse imundo estava encurralando a Isa! — Vagner dá outro chute bem no centro do estômago do infeliz. — Não quero nem pensar o que aconteceria, se não tivesse notado sua ausência do bar.

— Me poupe, homem. — O homem velho olha para mim com a boca retorcida. — Quem pode garantir que essa garota não deu liberdade para o homem e se insinuou para

ele? Não vá me dizer que acha que ela é inocente nessa história toda.

— O quê? — pergunto, com a indignação dominando minha voz. — Você é tão imundo quanto ele.

— Ah, garota, não se finja de sonsa. Você sabia que, ao aceitar esse emprego, teria que fazer alguns extras.

Antes que ele termine de falar, acerto-lhe um tapa barulhento no rosto.

— Eu não me prostituo!

Bruno segura minha mão, que ainda está levantada na frente de sua face, e sua expressão é dura e irritada.

— Quem você pensa que é, garota? — Sinto os pingos de saliva saltarem em mim, tamanha é brutalidade com que ele fala. — Como ousa me bater assim?

— Sou uma mulher digna. Nunca vou me sujeitar a ser um lanchinho especial para seus clientes — devolvo, puxando com brusquidão meu pulso do seu aperto.

— Então este lugar não é para você. Não quero uma funcionária que não saiba ser agradável com os meus clientes. Está demitida. Não precisa nem mesmo terminar o expediente de hoje. Fora da minha boate!

Dito isso, meu ex-chefe me dá as costas e vai ajudar o porco imundo, que continua caído, contorcendo-se de dor.

Sozinha, apenas deixo meu corpo escorregar até o chão, sem me importar em demonstrar fragilidade. Meus olhos ardem com as lágrimas que queimam, querendo escorrer e não as seguro. Choro com a dor da impotência, a sensação da humilhação e um aperto no peito de por ter novamente fracassado.

Porra!

Sinto Vagner abaixando-se diante de mim e limpando minha bochecha.

— Sinto muito, mas acho que foi o melhor assim. Você sabe que nunca concordei com a sua presença aqui. — Ele fica de pé e estende uma mão ajudando-me a levantar. — Agora limpe o rosto, erga a cabeça e se arrume, enquanto vou chamar um taxi para levá-la embora.

— Não precisa. Ainda é cedo, eu posso pegar o ônibus.

— Não discuta, menina. Não a deixarei sair daqui para esperar um ônibus em uma

parada deserta, aceite minha ajuda.

Ele sai antes que eu tenha tempo de responder. Sacudo a cabeça, decidida a não aceitar sua ajuda, pois sei que ele também precisa de dinheiro e que junta toda e qualquer gorjeta que ganha para cuidar da esposa e do filho que está prestes a nascer.

Querendo sair daquele antro o mais rápido possível, me desfaço das roupas de puta e visto a calça jeans escura, uma blusa de manga simples e calço meu velho e guerreiro tênis, que uso sem meias. Pronta, escrevo uma carta para Vagner, agradecendo por toda sua ajuda e rejeitando o táxi.

Deixo apressada o quartinho, usando a saída para os funcionários, e respiro fundo quando chego ao lado de fora. Como é a parte traseira da boate, será necessário que eu dê a volta para pegar a rua que me levará até meu ponto de ônibus. Olho para a escuridão que me espera e vejo apenas alguns carros parados e umas mulheres que fazem ponto de programa. Bom, serei obrigada a atravessar tudo se quiser chegar à minha casa ainda hoje. Então solto meus cabelos, abaixo minha cabeça e vou quase colada ao muro, em passos rápidos, fingindo não escutar os convites das prostitutas para entrar para o time.

Agradeço quando chego ao outro lado, aqui é mais iluminado e movimentado. Olho para a entrada da boate que está cheia. Inúmeros homens bem vestidos e mulheres muito bem arrumadas fazem fila para entrar. Sacudo a cabeça, apesar de lamentar a perda do emprego, sabia que era o melhor para mim. Até mesmo mamãe era contra eu trabalhar aqui, ela sempre dizia que ficava com um aperto no coração enquanto eu estava longe e que só conseguia respirar quando eu voltava para casa.

Falando em casa, engulo em seco. O maldito prazo foi diminuído. Agora só teríamos uma semana para abandonar os barracos antes de eles serem demolidos.

Inferno!

O desespero, que não estava pouco, agora duplica, pois, com o dinheiro que ganhava aqui e as gorjetas, teríamos o suficiente para pagarmos um aluguel.

Mas agora não tinha mais isso, então não adiantava ficar chorando pelo leite derramado.

Sigo na minha caminhada, mas, assim que dou o primeiro passo para cruzar a rua, esbarro em um corpo muito duro e forte. Levanto os olhos para encarar quem me atrapalhou e fico surpresa com o que vejo.

— Cavalo Selvagem?

Arregalo os olhos para ver o homem de camisa polo branca, que deixa seus olhos mais azuis, e calça jeans preta destacando suas pernas grossas. Mateus olha para mim, com as sobrancelhas arqueadas e uma expressão dura.

— Só podia ser a garota insuportável. — A boca retorce em desgosto. — O que está fazendo aqui?

— Acho que minha vida não é da sua conta — atiro minha resposta. — Agora se já terminou de relinchar, pode sair da minha frente.

— E se eu não quiser? — Seus olhos brilham em desafio.

— Então não poderei me responsabilizar pelos meus atos agressivos. — Junto as duas sobrancelhas, em atrevimento.

Ele sorri, mas a felicidade não chega aos seus olhos.

— Como se pudesse me atingir com seu tamanho minúsculo. — Ele aponta para mim. — Agora venha comigo, temos uma conversa pendente.

— Me obrigue. — Cruzo os braços na frente dos seios.

— Com todo prazer.

Mateus se abaixa aos meus pés e cruza seus braços fortes em minhas pernas, jogando meu corpo por cima dos ombros, como se eu fosse um saco de batatas e ele, um trabalhador rural. Mas isso não vai ficar impune! Esmurro suas costas e começo a sacudir as pernas, que ele aperta como se seus braços fossem uma sucuri, impedindo-me de continuar esperneando.

— Me solte, seu cavalo! — grito, chamando a atenção de alguns transeuntes, que apenas olham e segue seu caminho, como se tudo isso fosse muito normal.

— É assim que tratamos crianças atrevidas! — ele fala e grito novamente, quando sinto sua mão grande estapear minha bunda. — Tem mais de onde saiu essa, então, se não se comportar, não me importarei de te dar outro corretivo, garota. Apenas fique calma, porque só quero terminar aquela nossa conversa.

Então ele dá passos rápidos e compridos, chacoalhando-me no processo, e parece um homem das cavernas quando me joga no banco do carona do carro. Esperto, trava a porta e entra rápido no lado do motorista.

— Aonde pensa que vai me levar?

Ele não responde, sequer olha para mim. Apenas gira a chave, ligando o carro e sai

no trânsito. Fico bufando em meu lugar, olhando para ele como se eu pudesse soltar raios assassinos pelos olhos, mas odiando não ter esse poder.

Não demora nem dez minutos, e estamos cruzando a portaria de um prédio muito seguro, com cancelas iguais àquelas dos *shoppings*. O cavalo entra em uma espécie de estacionamento, repleto de carros chiques até parar em uma vaga que pertence à cobertura, segundo a sinalização na parede. Ele desliga o automóvel e finalmente olha para mim, mas não se demora e sai. Em seguida, abre a porta para mim e segura meu braço, puxando-me para fora do carro.

— Você não pode fazer isso! — Estapeio-o com a mão que está livre, somente para ele segurá-la também.

Com o punho fechado em meus pulsos, sai me arrastando pelo piso liso. Tento freá-lo, forçando meu corpo para trás, mas eu não consigo detê-lo. Quando estamos diante de um elevador, ele aciona o painel e as portas se abrem tão rápido que acredito que estivera ali, esperando por ele. Ele me puxa para dentro, novamente acessa alguns botões, e o elevador se põe em movimento.

Quando paramos em um andar, ele sai e volta a me puxar. Vislumbro o local, vejo uma parede muito branca e coberta de quadros que chamam minha atenção, mas não tenho muito tempo para admirar os desenhos, pois logo estamos passando por uma porta escura e muito larga.

— Bem-vinda à minha casa — ele dita e se volta para trancar a porta.

— Por que me trouxe para o seu curral?

Ok. É exagero da minha parte comparar sua mansão com um curral. Tenho certeza de que o restante dos cavalos não tem um sofá marrom capaz de acomodar toda uma família de vinte integrantes, muito menos um piso de madeira devidamente encerado. Também podia apostar que não deveria ter paredes bem pintadas e, com certeza, não contaria com uma mesa enorme e rodeada de cadeiras confortáveis, além de uma cozinha separada da sala por um balcão alto e repleta de móveis e eletrodomésticos de última geração.

— Vamos jantar — diz, de repente, como se tivesse me arrastado o caminho todo apenas para isso.

— Não quero comer — minto. Estava morrendo de fome. — Quero ir embora o quanto antes.

— Você não sairá daqui. E vamos comer sim, você é muito magra, parece que vai voar a qualquer momento. — Ele corre os olhos pelo meu corpo. — E comendo, sua boca poderá ficar fechada para escutar o que eu tenho a te falar.

Antes de eu conseguir responder à sua ofensa, ele pega meu cotovelo e me guia até o balcão alto que avistei de longe.

— Sente-se, garota. — Aponta para um dos bancos altos e vai para a cozinha. Abre a geladeira e tira de lá uma caixa de pizza e uma garrafa de vinho.

Ele coloca a caixa de pizza no micro-ondas, a garrafa em cima da bancada de granito e começa a abrir algumas portas do armário branco. É nítido que ele não faz a mínima ideia de onde está o que ele procura. Ele puxa uma gaveta, retira alguns talheres e depois, na porta debaixo, pega dois pratos, colocando tudo na bancada. Em seguida, dá dois passos e, certeiro, abre o compartimento em que há algumas taças grandes penduradas.

O apito do aparelho soa, avisando que a pizza já esquentou, e ele retira a caixa. Então a abre, deixando à mostra o queijo borbulhante, fazendo minha boca quase salivar — havia anos que não comia uma pizza. Ele coloca um pedaço em meu prato e dois no dele. Depois, serve o vinho nas duas taças e desliza uma para mim.

Logo ele está devorando em silêncio seus pedaços e, olhando-o assim, ninguém diria que é um homem elegante, que usa terno durante o dia e solta coices para todos os lados. Cansada para discutir e muito faminta, começo a comer, calada, mantendo-me sempre alerta, afinal ainda não sei por que ele me trouxe até sua casa.

Quando ele termina de engolir sua pizza, vira a taça de uma vez e bebe tudo em só um gole. Então Mateus me encara, e engulo o bolo de comida que estava mastigando. Necessitada, pego o vinho e dou um gole longo.

— Eu vou direto ao ponto. — Sua voz ruge ecoando no local silencioso. — Uma semana atrás te fiz uma proposta que você rejeitou precipitadamente. Mas agora não tenho mais tempo e nem alternativa. Considerando que o destino quis me ajudar hoje, me colocando diante de você novamente, estou aqui para reiterar meu pedido.

— O quê?

— Ainda preciso de uma noiva, garota. — Ele se remexe em seu banco. — Melhor, preciso de uma esposa o quanto antes para apresentar à minha família e ao restante da sociedade. Aceite minha proposta e poderemos fazer um contrato que será bom

para nós dois. Estou disposto a ceder e fazer o que você quiser. Só me ajude. Não será um casamento convencional, mas sim um negócio que pode ser muito vantajoso para mim e ainda mais para você.

— Isso é loucura — chio, balançando a cabeça. — Não posso aceitar isso. Eu te odeio, e você com certeza não é meu fã, então nunca conseguiríamos passa muito tempo no mesmo ambiente

— Podemos resolver isso. Já disse que estou disposto a ceder. — Range os dentes. — Pense bem, é um ótimo negócio, e você terá muitos benefícios sendo minha esposa. Vou pagar todas suas despesas pelo tempo que durar o nosso acordo, terá uma mesada e cartão de crédito para usar como bem entender, além de um carro e, quando tudo isso terminar, garanto que receberá uma pensão tão grande que nunca mais precisará trabalhar na vida.

Baixo a cabeça e fico estudando minhas alternativas. Sim ou não. Bom, eu tenho princípios e nunca me sentiria bem por me vender assim e me sujeitar a viver uma mentira por dinheiro. Também seria uma afronta à minha querida mãe, ela nunca aceitaria que eu concordasse com esse noivado falso. Apesar das decepções que já teve na vida, ela ainda acredita na ilusão do amor e sonha que eu encontrarei meu príncipe e formarei minha própria família. Então ao dizer sim, também teria que mentir para ela e não queria perder sua confiança, nem quebrar suas ilusões de romântica.

Por outro lado, é a porra da chance de resolver nossos problemas. Não precisaríamos mais nos deitar com a incerteza do amanhã, com a preocupação de não sabermos se teríamos um lugar para dormir no dia seguinte. Com esse contrato, eu compraria uma casa e ninguém nunca mais poderia nos expulsar, nem veria minha mãe chorar pelos cantos, culpando-se por não ser capaz de dar um lar para seus filhos. Eu estava com a faca e o queijo na mão. E eu poderia unir o útil ao agradável, ajudando minha família e, de quebra, fazer uma boa ação para o cavalo desesperado.

— Tudo bem, vou ser sua noiva — aceito e ele abre os olhos, surpreso. Porra, tenho certeza de que isso vai ser a maior burrada da minha vida. — Mas tenho condições — acrescento rápido, ele não vai dar todas as fichas do jogo nesse fingimento.

— Me parece justo. Vá em frente, garota. — Ele fixa seus olhos em mim. — Mas saiba que, se for alguma de suas loucuras, está descartado. Então pense bem no que vai exigir.

Levanto um dedo e começo:

— Primeiro, pare de me chamar de garota. Isso me faz parecer uma criança e, se eu fosse, não poderia ser sua noiva. — Ergo outro dedo. — Segundo, minha mãe não pode sequer sonhar que nosso relacionamento vai ser de mentira e nem que nós pulamos as etapas, então, para ela, você ainda é meu namorado, depois de um tempo, podemos dizer que nosso amor é maior e não aguentamos mais viver longe um do outro. — Mais um dedo estendido. — Terceiro, nada de beijos ou carinhos melosos fora de momento. Claro que não sou tola, sei que seremos forçados a essas demonstrações do nosso *amor*, mas peço que não se aproveite da minha boa vontade, pois não faço questão de tocar seus lábios. — Levanto o dedo anelar. — Quarto, não quero dinheiro. Isso me transformaria em uma puta de luxo. Sem falar que não saberia como explicar para minha mãe de onde veio esse dinheiro. Quero que você me dê um emprego seguro, em que possa me esforçar para ganhar meu próprio sustento. — Levanto meu polegar. — Quinto, não sei muito sobre boas maneiras e elegância, mas aprenderei para não passar vergonha. Mas não ache que poderá mandar em mim, não sua propriedade e continuarei fazendo as coisas que sempre fiz, não mudarei meu jeito e vou continuar com meus gostos. Então não entre nisso pensando que vai fazer uma revolução em minha vida. — Estendo minha outra mão para cima. — E nunca, nunca faremos sexo. Não tenho a menor vontade de rolar em algum feno com você.

— Terminou? — ele pergunta com a voz grossa, os olhos crispados em mim e apenas aceno com a cabeça. — Posso aceitar suas condições e, para nossa segurança, mandarei Victor redigir um acordo para assinarmos. — Ele umedece seu lábio inferior com a língua. — Estou confiando em você, então não ouse espalhar qualquer informação sobre nosso acordo ou tudo será desfeito. Para todos os efeitos e para a sociedade, somos um casal de verdade. — Ele aponta seu indicador para mim. — Portanto quero que venha morar em meu apartamento o quanto antes

— Por quê? — pergunto, o medo embrulhando meu estômago.

— Porque precisamos passar um tempo juntos, para aprendermos a conviver bem, pelo menos na frente dos outros. Sem falar que o casamento vai acontecer em menos de um mês, então adiar nossa convivência não vai servir para nada.

— Por que o casamento precisa ser tão rápido? — pergunto com a cara de espanto e engolindo em seco. Para me acalmar, bebo outro gole do vinho doce. — Minha mãe nunca acreditará que casei tão rápido assim. O sensato seria esperar uns três meses, no mínimo.

— Porque já perdi muito tempo. Meu pai anda no meu encalço, você me deixou na

segunda passada em uma situação muito injusta e complicada, então tenho fugido dele nos últimos dias. — Ele vira de costas, mas logo retorna a prender seus olhos em mim. — Então, quando eu surgi, se já tiver uma noiva, ganharei pontos extras na visão dele.

— O que seu pai tem a ver com esse contrato?

— Papai acredita que preciso limpar minha imagem e reputação e, de acordo com suas ideias antigas, só posso fazer isso se tiver uma noiva e consequentemente me tornar um homem de família. Então ele resolveu me dar uma sentença e agora estamos aqui fechando esse acordo.

— Muito maduro e adulto da sua parte — falo, deixando o sarcasmo escorrer da minha boca.

— Tenho os meus motivos — ele ruge. — Como acredito que deva ter os seus para aceitar minha proposta.

Sacudo a cabeça, pois ele está certo.

— Quando se tornar minha esposa, precisará de roupas apropriadas. — Ele olha para a minha blusa simples. — Vou te acompanhar até as melhores lojas de São Paulo e me certificar de que você gastará dinheiro suficiente para pareça elegante quando for anfitriã dos meus jantares ou quando formos convidados para algum compromisso social.

Escuto-o e continuo a beber o vinho da minha taça, que não tinha ideia de que poderia ser tão bom.

— Acho que posso suportar isso.

Ele sorri.

— Tenho certeza de que fará o seu melhor. — Então fixa seus olhos azuis em mim. — Agora vamos para a regra mais importante.

— Qual?

— Isso é só um contrato e nada mais. Então, não se apaixone por mim, garota.

A campainha soa alto, impossibilitando-me de responder, e Mateus se levanta rápido, indo até a porta.

Idiota! Como se eu tivesse alguma queda por cavalos. Assim que ele voltar, eu o farei engolir seus relinchos.

— Acho que nosso acordo terá início agora. — Sinto um frio percorrer minha

espinha. — Meu pai está aí fora, mas ele não pode te ver assim. — Então ele aponta para uma porta. — Ali tem um banheiro, vá até lá e tente dar um aspecto melhor e mais apresentável às suas roupas. Se quiser, pode até usar algumas peças minhas.

Ponho-me de pé, desejando ter o poder de me teletransportar até minha casa e esquecer que tinha aceitado me meter nessa enrascada, mas acabo fazendo o caminho que ele indicou. Mas, antes de entrar, escuto novamente a voz grossa de Mateus ditar:

— Ah, Isabella, nada de loucuras diante dele. Aja como uma mulher simpática e, principalmente, como se me amasse.

Então entro com tudo no banheiro.

Que Deus me salve e ajude, pois eu não tenho a menor noção do que poderá acontecer nessa merda de noivado falso.

E o pior é que agora não tem mais volta.



Capítulo 7

Mateus

Vejo a garota entrar no banheiro e respiro fundo, aliviado, afinal, eu tinha conseguido uma noiva, insuportável e de língua solta, mas ainda assim uma noiva.

Porra!

Eu ainda não fazia ideia de onde minha cabeça estava quando deixei Victor me convencer de que ela era minha única opção. Ele disse que Isabella era perfeita porque preenchia o principal requisito exigido pelo meu pai: era virgem, segundo o médico. Uma virgem singela e sem passado — o que eu poderia confirmar depois com um exame e algumas investigações.

Ele disse que era uma maneira excelente de demonstrar para o ditador Ávila que eu era um homem melhor e não me seduzia por peitos, bundas e corpos espetaculares. Ou talvez o jeito simples de Isabella demonstrasse que agora eu preferia mulheres que não fossem tão vulgares e fúteis, afinal ela é completamente diferente das companhias com quem fui visto ou associado, principalmente, as mais recentes.

Com isso eu concordava, pois não tinha costume de sair com nenhuma louca. Mas, com frustação, tive que dar o braço a torcer para as outras questões. Isabella parecia ser modesta e pura. Uma garota que estava longe de ter os atrativos que me chamariam a atenção. Seu rosto é pálido demais, com olheiras profundas, parece que não sabe o que é dormir, mas talvez um pouco de maquiagem possa fazer algum milagre. Seus cabelos longos e volumosos precisam ser cortados e cuidados por um especialista. Seu corpo magro demais poderia ser melhor vestido por uma *personal stylist* que não reclamaria, pois ela era uma cliente com o biotipo ideal, mas não posso dizer que Isabela era o meu tipo, pois gosto que as mulheres com quem saio tenham mais curvas. A exceção, o que pode ser considerado extraordinário nela, são seus olhos verdes, grandes e cintilantes, que de alguma forma pareciam me deixar detento deles.

Bufo, contrariado, pois agora o que importa não é o que prefiro, mas o que preciso. E com dor, preciso admitir que necessito de Isabella. E sua aparência não importa, afinal, nosso envolvimento seria completamente falso.

Com um gemido, ajeito meus cabelos, que sempre são alvo dos meus acessos de raiva, para enfrentar o poderoso Ávila.

Solto novamente a respiração e espio pelo olho mágico. Ele está vestindo seu costumeiro terno escuro e usa uma gravata azul. Os cabelos bem penteados e arrumados combinam com sua postura grandiosa e imponente.

Porra! O ditador em minha porta e a louca em meu banheiro. Eita que noite maravilhosa!

— Que visita ilustre! — digo, ao abri a porta. — Que honra o ter em minha humilde casa, senhor Damião Ávila.

Meu tom festivo parece não contagiar o homem, que me olha com uma expressão rígida. Imediatamente, sei o que ele veio fazer aqui. O que eu poderia jurar que não ficaria pior, acaba de chegar ao topo de um dia frustrante. Agora, passo a duvidar se chegarei vivo e são ao final desta noite.

Nunca tive uma sexta tão penosa como essa. Logo cedo, tive que enfrentar uma reunião grandiosa com alguns investidores e, após muito discutir, consegui fechar o negócio. Depois, ainda tive o dissabor de encontrar Eduardo em minha sala, trocamos ofensas e consegui expulsá-lo da minha cadeira. Em seguida, foi a vez de ter Victor em meu pé, afirmando que eu deveria ir em buscar da garota louca e que essa era minha única saída. E quando pensei que fosse ter uma noite divertida para me livrar do estresse, esbarrei com Isabella.

— Mateus. — Sua voz soa grossa e com animosidade, tirando-me dos meus pensamentos. — Pela sua expressão, diria que não gostou da minha visita.

— Longe disso, papai. — Estendo-lhe a mão, que ele aperta forte. — Fico feliz que esteja aqui. Entre, que tal uma taça de vinho? Em que posso ajudá-lo?

Com agilidade, vou até a bancada e sento-me. Respiro fundo e encaro papai, que continua com os olhos azuis em fúria e presos em mim. Então ele coloca seus ombros para trás, num gesto que conheço bem, ele está se preparando para discutir.

Merda!

— Isso eu pergunto a você — ele, emite, rude. Então com passos elegantes, vem até mim e senta-se em uma das cadeiras ao meu lado. — Em qual idioma devo tentar conversar com você dessa vez? Não é possível que, depois de nosso último encontro, nada tenha mudado e que você ainda continue agindo do mesmo jeito. Sem falar que passou a semana fugindo de mim. Que espécie de homem é você? Além de querer afundar sua família, é covarde?

Fecho meus punhos, as intensidades de suas palavras queimam meu sangue e fazem a ira correr por minhas costas.

— Quando vai virar um homem digno da confiança que coloquei em você? — O tom duro de papai me faz engolir em seco. — Mateus, não o criei para ser uma vergonha para nossa família, sinto que toda educação e bons modos que eu e sua mãe lhe demos foram em vão, pois faz questão de não os usar. Você sabe que eu lhe ofereci duas alternativas e dei tempo suficiente para você tentar mudar e buscar um caminho digno, tornar-se um homem de reputação boa, diferente desse objeto imoral de quem a impressa faz bom uso…

— Papai …. — Tento interrompê-lo.

— Não. Não ouse dar mais uma de suas desculpas rotineiras e sem sentido que eu já sei de cor. Se pelo menos deixasse de causar escândalos todas as noites, eu poderia suportar, mas você não consegue se manter no sigilo. Pelo contrário, faz questão de espalhar sua devassidão para todos, mas não é somente a sua fama que está afundando. Você coloca em jogo o prestígio da construtora. Não adianta ter fechado negócios milionários, se o foco sempre é sua vida pessoal, que vai de mal a pior. É intolerável e não posso mais me fazer de cego. Então acho que você já está ciente de que minha visita não tem nada de amistosa ou habitual, estou aqui para tirar você do….

De repente, um estrondo alto vem do meu banheiro. Senhor Damião olha nessa direção, vira-se para mim, e sua expressão de decepção e revolta indica que, com certeza, estou em apuros.

— Está escondendo uma mulher em seu banheiro? — Sua pergunta soa mais como uma afirmação. — Não acredito que foi capaz de tamanha baixaria e imprudência. Não posso acreditar no filho que tenho.

Então ele se levanta de uma vez, fazendo-me saltar junto. Não tenho como impedir que papai caminhe a passos rápidos até virar a pequena parede que esconde a porta do meu banheiro e, muito menos, evitar que ele abra a porta e se depare com uma mulher toda molhada dentro do meu banheiro.

O lugar está um caos. Papéis e algumas toalhas se misturam no chão e em cima da bancada de mármore. Todos os meus produtos estão jogados no piso e no vaso sanitário. Da pia, jorra água como se fosse uma fonte e transforma o chão em uma piscina.

Que furacão passou por aqui?

Papai fica paralisado, olhando para Isabella, que sorri e acena como se nada de errado estivesse acontecendo, enquanto me xingo mentalmente e tenho vontade de gritar.

Que porra essa garota está tramando?

Deveria ter seguido meus instintos e resistido à ideia de que ela seria a noiva perfeita. Está na cara que ela é sinônimo de confusão.

— O que está acontecendo aqui?

Mal escuto a voz do senhor Damião, pois estou focado e tentando achar uma maneira de correr a tempo e tampar a boca de Isabella, antes que ela cometa outra insanidade.

Mas acontece muito rápido e, em um segundo Isabella está estendo sua mão para meu pai, que a olha intrigado, mas o bom costume o vence e ele segurar e aperta a mão dela. A louca sacode o braço dele repetidas vezes, quase arrancando-o do corpo.

— Olá, senhor — ela, diz sorrindo. — Desculpe está molhando-o todo, mas posso explicar. Eu estava aqui, pois, com meu descuido, derramei vinho na minha camisa e Mateus, gentilmente, me cedeu seu banheiro para que eu pudesse me limpar. Mas acontece que sou uma desastrada e quando fui lavar minhas mãos após usar o banheiro, a torneira da pia desenroscou e a água saltou diretamente em mim.

Ela vira-se para mim, abre seu sorriso sarcástico, mas logo faz uma cara de choro e dó.

— Desculpe, querido, por destruir seu banheiro. Juro que não fiz por querer. Até mesmo tentei conter a força da água com alguns papéis e toalhas. Ah, me perdoe também pelos seus produtos de higiene. Não sei como derrubei alguns no chão. Eles quebraram e com certeza devem ter custado muito caro. Me diga como posso reverter isso.

— Não tem problemas, *docinho.* — Minha voz sai mais rouca e grossa do que pretendia. — Você se machucou? — acrescento rápido e estendo meus braços para ela.

— Não, graças a Deus estou bem. Mas pensei que fosse morrer afogada. — Ela vem e se encolhe em meu peito, molhando-me todo. Sua voz fraca a faz parecer uma garota indefesa, mas aposto que ela causou essa confusão de propósito. — A água saltou tão rápido que não consegui desviar. De verdade, não tinha a intenção de tornar isso aqui uma piscina.

— Tudo bem — digo, tentando parecer carinhoso e sufocar a ira que cresce dentro de mim. — Venha, deixe-me te levar até o sofá e arrumar algumas toalhas para você se

secar. Não quero que pegue uma gripe.

— Você é um homem perfeito. — Congelo quando sinto seus dedos frios tocarem minha barba e percorrê-la. Mas quase grito de dor quando ela puxa forte alguns pelos. — É tão bom e atencioso comigo. O que eu faria sem você?

O que ela está fazendo?

Decidido a não descobrir, afasto meu rosto de seus dedos cruéis e puxo seu corpo, começando a andar na direção do sofá. Deixo-a sentada e, em dois passos, estou subindo a escada em direção ao meu quarto para buscar algumas toalhas, pois as que ficam no banheiro estão tão molhadas quanto Isabella.

Assim que desço, papai está diante de mim, e seus olhos azuis refletem choque e espanto.

— Alguém pode explicar o que isso significa? — ele inquere, grosso e firme. — Mateus, quem é essa garota?

Inferno! Não era bem assim que pretendia apresentar minha querida noiva louca. Planejava algo mais normal e simples e queria prepará-la um pouco, mas agora, sendo pego desprevenido por papai, não tinha mais como fugir. Encaro a causadora dessa confusão, e ela parece bem feliz, tem a cabeça erguida, ombros para trás e queixo levantado, nada envergonhada pela situação em que me colocou. Então, para me desafiar, ergue as sobrancelhas sugestivamente e sorri.

Respiro fundo e conto mentalmente até dez. Merda. Não funciona, continuo fervendo de raiva. Mas eu lhe daria o troco, ela que esperasse. Isabella saberá que não se pode brincar com fogo e sair ilesa.

Então caminho até ela, sento-me ao seu lado e coloco a toalha em volta dos seus ombros, o mais carinhoso que consigo ser, enquanto quase explodo de raiva. Com um gesto polidamente mecânico, pego sua mão na minha e digo:

— Papai, essa é Isabella, minha noiva. — Aperto seus dedos fortemente. — E Isabella, esse é Damião Ávila, seu futuro sogro.

— Noiva? — papai pergunta, atônito.



Capítulo 8

Isabella

Sorrio ao perceber o cavalo-pai ficar abismado e me encarar, confuso. Com certeza que não passei pelo seu detector de qualidade. Tenho até medo de verificar como está minha aparência no momento. Pelo seu semblante mortificado, só posso estar parecendo a Medusa, com cabelos feitos de serpente, prontas para atacar o homem à minha frente; o olhar petrificante que o deixou em modo estátua, e a pele escamosa e pegajosa, como uma sereia feia e amaldiçoada pela deusa Antena. Também pudera, estou toda molhada e parecendo um monstro descendente dos seres da vida marinha.

Até mesmo sinto a água escorrer em meu ombro e descer por todo o meu corpo até molhar o lindo estofado luxuoso. Mas logo deixo meu mundo fantasioso e gemo ao sentir Mateus quase esmagar meus dedos. Tento puxar minha mão de seu domínio, mas as ferraduras dele não permitem.

Tudo isso por que quis lavar seu banheiro?

Ah, tenha paciência!

Ele deveria era me agradecer, pois foi a única maneira mirabolante que arrumei para que seu pai não percebesse o estado simples e pobre das minhas roupas. Foi esse idiota mesmo que me pediu para dar um jeito de parecer mais apresentável. Ele não devia levar em consideração a saída que encontrei, afinal, os fins justificam os meios. Só tive que derramar alguns produtos, estragar algumas de suas camisas caras, entupir a pia e quebrar o registro da torneira.

Mas, caramba, foi para seu próprio bem.

Olho bem para Damião, parado à nossa frente, e noto que o coroa usa um terno preto que parece ter sido feito para ele. Os sapatos escuros são tão limpos e lustrados que, de longe, conseguiria me enxergar neles. Nunca iria imaginar que sapatos feitos de espelhos eram moda, mas não sou a melhor acompanhante do mundo *fashion*. Em seu rosto, a expressão séria demonstra que deve ser um homem muito intransigente. Mas também pudera, quem hoje em dia obrigaria o próprio filho a se casar?

Observando bem, o cavalo-filho é cuspido e escarrado do pai. A mesma altura, os olhos, a postura poderosa e intensa. Mesmo não querendo, tenho que admitir que os dois tem a mesma beleza. Uma beleza capaz de deixar qualquer mulher babando e admirando

por horas, dias, meses ou anos. Espere, me deixe refazer minha frase. Qualquer mulher que não seja eu, pois no dia que eu babar e admirar Mateus, pode me internar porque estou louca.

Estico-me um pouco e deito minha cabeça no ombro largo de Mateus. Os olhos azuis do meu sogro quase saltam da caixa craniana. Não quero nem imaginar qual careta ele faria se ele ouvisse a ameaça que está prestes a deixar meus lábios:

— Se você apertar mais uma vez minha mão, juro que cortarei seus dedos um a um, farei um picadinho deles e depois uma sopa para você beber de canudinho — sussurro o mais baixo que consigo no ouvido dele, que sensatamente solta minha mão.

— Desde quando tem uma noiva?

A voz austera do elegante papai soa novamente e me ajeito, olhando para o que o filho vai falar. Mateus engole em seco diversas vezes. Aproveito e uso a toalha macia que ele trouxe para mim. Começo enxugando meu rosto e um pouco dos cabelos, depois o pescoço e os braços para logo voltar a cobrir minhas pernas molhadas com o pano macio.

— Não faz muito tempo — o cavalo selvagem responde firme depois do que me pareceram longos minutos. — Mas eu já planejava apresentar Isabella no próximo final de semana. Agendaria um jantar para toda família e compartilharia essa maravilhosa novidade, não contava que o senhor nos pegaria de surpresa assim.

Eu sorrio alto e Mateus rapidamente me fuzila com os olhos.

— Querido, acho que não é isso que seu pai quer saber — emito, passando um dedo por sua bochecha quente. Mateus treme e respira fundo, então viro-me para o homem, que parecer ainda não acreditar no que está vendo. — Somos noivos desde hoje.

— Isabella…. — Mateus tenta me interromper.

— Mas acredito que nos amamos desde à primeira vista — digo, deixando um suspiro pesado escapar. Então faço a melhor cara de apaixonada, igual às que vejo na televisão. — Desde que Mateus quase me matou atropelada no estacionamento do shopping Morumbi.

— O quê? — ele pergunta, baixo e logo passa seu braço por minha cintura, deixando-me a milímetros dele, para sussurrar em meu ouvido, com a voz grossa e quase amedrontadora: — Não ouse dizer nenhuma de suas loucuras.

Beijo seu rosto barbudo para fingir que ele não se aproximou para me ameaçar e soltar seus coices.

Bom, se já estou no inferno, por que não abraçar o capeta?

Cruzo os braços nas costas de Mateus, descansado minha mão em sua cintura direita. Continuo com minha cara de apaixonada e, em algumas oportunidades, deixo um beijo em seu peito grande e musculoso.

Juro que não estou me aproveitando e tirando uma casquinha. Não tenho vontade nenhuma de encostar minha boca nesse selvagem. Somente estou cumprindo com que ele pediu. Não era para agir como se eu o amasse? Então só estou executando brilhantemente, diga-se de passagem, meu papel. Qualquer atriz estaria perdendo feio para mim. Minha atuação está sendo digna de um Oscar e quem sabe até mereço uma estrela na calçada da fama. Sonhar não custa nada, né?

— Como assim? — o pai pergunta, sentando-se no sofá diante da gente.

— Eu tinha acabado de sair de uma entrevista, da qual fui rejeitada e estava muito apressada para chegar à minha casa e ajudar minha mãe. — Deixo uma respiração funda escapar— Muito fragilizada, peguei o elevador errado e acabei indo parar no estacionamento, mas eu precisava mesmo era pegar um ônibus, a parada ficava no extremo oposto, então assim que comecei a cruzar todo o caminho de volta, seu filho, que estava dirigindo feito um louco, quase me matou. Fui parar no chão, a queda foi tão feia que acabei machucando minha cabeça e confundi seu filho com um anjo.

Aconchego-me mais no colo de Mateus. De sua camisa, exala um cheiro intenso e másculo que me deixa completamente confusa. De repente, me pego inspirando forte e desejando sentir para sempre esse cheiro bom. Mas paro a respiração no meio do caminho e então afasto meu nariz traiçoeiro do seu peito largo.

Qual é? Desde quando acho cheiro de cavalo gostoso?

— O quê? — Mateus salta ao meu lado fazendo meu braço cair no sofá. — *Docinho,* acho que isso é irrelevante para meu pai. O importante agora é ele saber que nos amamos, decidimos nos casar porque não podemos mais viver um longe do outro.

— Eu amo tanto contar a história de como nos conhecemos e nos apaixonamos, querido. — Faço um beicinho para ele, que trinca os dentes e puxar o ar fortemente. — Acho que seu pai gostaria de escutar, não é mesmo?

Então olho para o velho, torcendo para que ele concorde. Queria continuar minha atuação e, de quebra, deixar meu noivo mais irritado, quase a ponto de explodir. Podem pensar que sou maluca, mas acho engraçado o jeito que ele junta as sobrancelhas, aperta

os lábios e respira fundo.

— Não me importo em escutar — o velho rosna. — Continue com a história, Isabella.

Quase levanto e faço um *toca aqui* com meu querido sogro, mas me seguro, e Mateus, prevendo minha ideia, me aperta forte na cintura, deixando-me presa no lugar. Reviro os olhos e não duvido que amanhã as marcas de seus dedos estarão em minha pele.

— Está vendo, querido? — Dou um beliscão em sua cintura. Se é para ter marcas, que tenhamos os dois. Ele quica no estofado com susto e dor. — Seu pai quer escutar nossa história. — Pigarreio, preparando-me novamente para atuar. — Como eu estava dizendo, quando eu caí, minha cabeça bateu no chão, então Mateus se aproximou, e achei que estava vislumbrando um anjo querendo levar minha alma desta para melhor. Mas eu estava enganada, seu filho era um grosseirão real que colocou a culpa em mim, sendo que o único errado foi ele que andou rápido demais e confundiu o estacionamento com uma pista de *Fórmula 1*. Mas agora vejo que a discussão toda foi para esconder a atração mútua que sentimos. Só descobrimos que toda aquele desdém era amor na segunda vez quando nos encontramos no escritório. Jamais poderia imaginar que, ao entrar na empresa, iria encontrar novamente o amor que sacudiu meu mundo, literalmente. Né, querido?

Mateus me olha, estupefato. Seu cenho está franzido e seus olhos azuis, tensos, mas logo arranha a garganta para concordar comigo.

— É verdade, docinho. — Ele range os dentes.

— Mas isso não explica por que se tornaram noivos apenas hoje — o velho esperto dita.

— Papai…

— Você está certo, senhor Damião — corto o cavalo selvagem. — Se ficamos noivos apenas hoje, é tudo culpa minha. Eu estava relutante, é claro que eu e seu filho não fazemos parte do mesmo mundo. Sou de uma família simples, que trabalha duro para ter seu ganha-pão. Nunca iria imaginar que um homem como ele poderia me ver com outros olhos. Mas ele me fez entender que nosso amor é maior que qualquer obstáculo ou preconceito. Se ele não tivesse corrido atrás de mim, implorando por uma chance, eu teria desistido e optado por esconder meus sentimentos. Então hoje quando ele se ajoelhou e chorou na minha frente, me pedindo em casamento, não pude mais recusar. Isso explica por que estou sem aliança. — Levanto minha mão direita para o homem estupefato em minha frente.

— Isso é verdade, Mateus? — meu sogro pergunta para o filho, que está ao meu lado respirando fundo.

— Com certeza, papai — ele dita, a voz bruta ecoando por toda elegante sala. — Eu e Isabella estamos juntos, nos amamos e queremos nos casar imediatamente. Sinto que finalmente encontrei minha alma gêmea, a mulher que tira toda minha sanidade e tranquilidade. Meu coração a escolheu desde o primeiro dia. Não posso esperar mais para ter essa mulher em minha vida, e sermos um casal feliz. Quero ser seu mundo, assim como ela é o meu.

Então sinto um beijo em minha testa, despertando uma sensação estranha que percorre todo o meu corpo. Os lábios grossos, molhados e quentes entram em contato com minha pele fria, causando-me um estremecimento na espinha e um frio diferente no estômago. Para disfarçar meu choque, abraço novamente Mateus como se eu gostasse de seu toque falso. Encaro Damião, que agora me dedica um olhar mais humilde e brilhante, e não consigo entender esse afeto repentino. Talvez o cavalo selvagem tenha fechado com excelência nossa representação. Eu preciso admitir que ele deu uma cartada segura.

— Tudo bem. — O velho respira fundo. — Marcaremos, o mais breve possível, um jantar para apresentar sua noiva à sociedade. Agora, preciso voltar para casa, já está tarde.

O elegante homem se levanta, ao mesmo tempo em que o filho também fica em pé. Com uma olhada longa para Mateus, fico ciente de que a conversa entre eles ainda não tinha acabado, mas não me deram um sinal do que ainda poderiam discutir. Damião aperta minha mão e logo está dando passos em direção à porta. Fico apenas olhando, enquanto Mateus conduz o pai até a saída.

Segundos depois, meu querido noivo está de volta, com uma expressão dura e puta da vida. Os gélidos olhos azuis parecem que, a qualquer momento, soltarão raios mortais em minha direção. Com teimosia, sustento seu olhar determinado. Ele dá um suspiro aborrecido e então leva os dedos longos até os fios marrons, puxado o coitado do cabelo.

Apenas o fito em silêncio. Bem, quem sou eu para impedi-lo de ficar careca? Se era uma vontade sua, que ele assim o fizesse. Não me importava se ele ficaria com a cabeça parecendo um ovo de avestruz.

— Por que tem que agir feito um louca? — pergunta, quando para de puxar os cabelos, a postura rude. — Acredito que não precisava inundar meu banheiro e nem inventar histórias ridículas para meu pai.

Sacudo a cabeça, enfática.

— Nada disso, minhas atitudes foram o que salvou a noite

— Você só pode estar brincando. — Ele sorri.

— Como não? — pergunto, colocando-me de pé. — Seu pai nunca acreditaria que estamos juntos assim do nada. Se não fosse minha história e atuação, agora mesmo nosso acordo estaria desfeito. — Cruzo os braços na frente dos seios. — Agora que tal se desculpar pelo atropelamento?

— Você é louca? Como vou me desculpar por algo que você inventou?

— Vai dizer que não se lembra de mim? — questiono, arqueando uma sobrancelha. — Tudo bem que pode não ter me reconhecido antes, mas agora com certeza já deu para concluir que sou a garota que você quase matou no estacionamento, foi um grosseirão e fugiu.

— Era você a maluca que estava correndo e se jogou na frente do meu carro? — Seus olhos arregalados e em choque me fitam. — Agora olhando toda sua petulância e loucura, realmente é você.

— Em carne e osso. — Sorrio. — Estou esperando seu arrependimento — desafio-o.

— Não vou mais discutir e muito menos pedir desculpas por algo que foi imprudência da sua parte — ele rebate, firme. — Venha, vou te levar para casa. Já está tarde e amanhã teremos um dia cheio de muitas adequações.

— Não vai nada — devolvo no mesmo tom seguro. — Posso muito bem voltar sozinha. Com certeza, estarei mais segura.

— Isabella, eu não perguntei. Vou levá-la para casa, então vamos logo, antes que eu a coloque em meu ombro e a carregue feito um homem das cavernas. Acredito que já teve provas o suficiente de como posso representar um muito bem.

Respiro fundo e conto mentalmente até mil, impedindo que minha língua ferina solte milhões de palavrões destinados ao selvagem. Então sinto um aperto no pulso, meu mundo vira de cabeça para baixo, e sei que Mateus está cumprindo sua palavra.

Maldito!



Remexo-me, inquieta, no banco do carona do carro luxuoso. Mateus dirige concentrado pelo trânsito caótico de São Paulo, enquanto, a contragosto, vou indicando o caminho. Quanto mais nos aproximávamos do meu bairro, mais o cenário muda. Do tom de cinza e escuro dos prédios chiques do centro para as cores diversas das casas simples pintadas, feitas de alvenaria, muitas delas até em mau estado.

Quando o veículo vai passando pelas ruas estreitas e irregulares, a vizinhança sai. Não importa a hora, meio-dia ou meia-noite, as bisbilhoteiras sempre estão prontas para formar seus fuxicos que durariam por muito tempo. Eu sabia que seria alvo da língua delas e que minha orelha iria esquentar por muito tempo, mas eu não pude fugir do homem que me carregou nos ombros e me trancou em seu carro.

Meu humor cai quando avisto minha casa de longe. Sem cerca ou muro na frente, uma quitinete branca de porta e janelas de madeira.

— Aqui é sua casa?

A voz de desgosto de Mateus faz meu humor decair.

— Algum problema? — Minha voz sai grossa, preparada para defender meu lar.

— Não! — Sua resposta não me convence. — Você tem algum problema que eu deveria saber?

Viu? Não disse?

— O que você está pensando?

— Você usa ou já usou drogas?

— O quê? — Arfo, supressa, mas eu posso entender sua desconfiança. Não moro no bairro mais conceituado da cidade e muito menos no que tem a melhor fama. É comum as pessoas daqui terem vícios e usarem drogas. Mas, mesmo assim, sinto uma dor no peito por sua suspeita.

— Não tenho problemas com drogas. Se moro aqui, talvez seja porque é o único lugar que eu e minha família podemos manter. Agora se acha que isso é um problema para

você, não temos mais que levar isso adiante. Você é muito metido e preconceituoso para meu gosto. — Faço menção de abrir a porta do carro, mas ela está travada.

— Desculpe, não quis insinuar nada. Peço perdão se foi isso que deu a entender. — Pelo menos parece sincero em seu pedido. — Não acho que aqui é um lugar seguro, sempre vejo notícias nos telejornais de que a criminalidade nesse bairro é maior do que no restante da cidade. Você não pode passar nem mais um dia aqui. Não pegaria bem para minha reputação ter uma noiva e não ser capaz de protegê-la. Posso oferecer para você e sua família um lugar melhor, mais confortável e confiável.

— Não precisa — rebato. — Da minha família, cuido eu. Como vou ter um emprego, sem dúvidas poderei resolver isso. Agora, se me permite, quero ir para minha casa.

Ele bufa e respira fundo.

— Ok — aceita. — Mas antes de entrar, quero combinar duas coisas para amanhã.

— Fale.

— Primeiro, quero renovar seu guarda-roupa. Como disse antes, sendo minha noiva, você não poderá mais andar tão simples. Te acompanharei nas compras para garantir que terá tudo do que precisa e da melhor marca. — Aceito com um aceno de cabeça. Eu concordara com isso antes e iria me esforçar para parecer elegante diante da sociedade. — Segundo, quero que vá comigo até um médico de confiança. Preciso que realize alguns exames para assegurar sua saúde e… virgindade.

— O quê?

Tudo que consigo fazer é esbugalhar meus olhos e encará-lo, paralisada.



Capítulo 9

Mateus

— Enviarei meu motorista amanhã, por volta das 8h, para que ele te leve até mim. Te acompanharei para que possamos resolver esses assuntos. Tenha uma boa noite, querida noiva — falo para a garota, que tem uma expressão ofendida no rosto. Ela não responde nada e apenas sai do carro, como se ele estivesse pegando fogo.

Bufo. Ela sempre tem que agir feito uma atrevida? Não passa de uma menina petulante e presunçosa.

Mas o meu aborrecimento pela garota perde forças, quando a acompanho entrar em casa, com um olhar de pesar. O lugar pequeno e em mau estado não podia ser considerado um lar. Não podia ser capaz de oferecer conforto e muito menos segurança. Olho melhor para o lugar e percebo que todas as residências estão no mesmo estado deteriorado. O esgoto corre a céu aberto e há vários animais no meio da rua, sem coleira de identificação e, muito provavelmente, sem vacinação. Sei que no Brasil as diferenças entre as classes sociais eram absurdas e que a cada dia crescia mais. Esse é um sério problema de um governo que não assegura as necessidades básicas igualmente para todos. Também sei que ela não é a única a sofrer com problemas de moradia, mas eu não entendo por que ela não permitiu que eu mudasse, ainda hoje, sua realidade e de sua família.

A *Classe A* tem um projeto em andamento, no qual serão feitas casas populares a baixo custo, ideais para pessoas com dificuldade financeira. Será em um bairro bom e mais seguro. As habitações serão feitas com materiais baratos, mas que garantam total proteção e aconchego. A alvenaria com blocos de concreto, fachada com textura acrílica, quartos com piso em carpete de madeira e, para os demais ambientes, o revestimento do piso seria executado com cerâmica padrão. Revestimento de azulejo até o teto no banheiro e demais ambientes com pintura em látex PVA, exceto na cozinha, que possuirá aplicação em azulejo sobre a parede hidráulica. Ainda conterá um sistema de esgoto, completamente sustentável e que não prejudicará os rios da cidade.

Sendo dono da construtora, eu poderia facilitar que Isabella fosse beneficiada pelo programa habitacional popular. Faço uma nota mental para que, em uma nova oportunidade, apresentar o projeto a ela e convencê-la de que será uma oportunidade única.

Ligo o motor da minha *Mercedes* e saio para o trânsito. Iria diretamente para casa

porque o dia de hoje tinha sido exaustivo. Nunca em minha vida teria imaginado que arrumaria uma noiva louca e que papai a aceitaria tão rapidamente, mas sabia que a garota tinha pegado o velho quando disse que era de uma família simples e que gostava de trabalhar para ganhar seu próprio sustento. O bendito caráter que ele tanto prezava, sem falar na verdade que ela conseguiu expressar em suas poucas palavras e ações. Quem poderia imaginar que ela seria uma boa atriz?

Sacudo a cabeça e volto a me concentrar no tráfego. O que importa agora é que meu plano está dando certo. Eu me casaria e continuaria sendo CEO na construtora.



Levanto-me cedo no dia seguinte, a insônia tinha me pegado de jeito na noite anterior. Então, para aliviar um pouco minha irritação, decido fazer um pouco de exercício físico. Coloco roupas de musculação e sigo para a academia individual, que é composta por diversos aparelhos. Hoje optarei pela esteira e, assim que ligo o aparelho, o zumbido alto adentra meus ouvidos. Regulo-o para que eu possa fazer uma corrida intensa e longa, conecto meu *iPod* no sistema de som do cômodo — quero uma música alta e que quase estoure meus tímpanos e teste as paredes à prova de som.

Desconto no piso da esteira todo meu mau humor, em passada pesadas e irregulares, logo o suor está descendo por todo meu rosto e peitoral. Pego uma toalha do suporte e enxugo de forma brusca minha testa e meu pescoço, depois jogo-a no chão. Não dá cinco minutos, e estou suando novamente. Decidido, retiro minha camiseta encharcada e atiro-a longe, continuando minha corrida agitada.

Eu termino sem fôlego, o peito arfante e com a irritação ainda queimando meu sangue. Não era adepto de sair para compras, então não estava feliz em ter que acompanhar aquela garota insuportável, mas meu único propósito era que ela pudesse ter as roupas adequadas para cada ocasião, também tinha que levá-la ao médico de confiança para que pudesse atestar, de fato, sua virgindade. Eu não fazia questão da comprovação, acredito que ela não mentiu para o doutor Carlos, mas era bom ter como provar para o velho Ávila, já que essa era uma das suas malditas exigências.

Olho no relógio em meu pulso e vejo que não passa das seis horas da manhã. Ainda faltam duas horas para Isabella chegar, tempo suficiente para que eu acerte alguns detalhes de nosso acordo. Desligo a música estridente, vou até o móvel onde tem um aparelho telefônico e digito rapidamente os números que já sabia de cor.

Estou sendo um filho da puta, pois sei que Victor não acordava antes das sete da manhã, mas eu pouco me importo com seu mau humor matinal e até mesmo duvido que ele consiga vencer o meu.

— Hummmm… alô? — Meu amigo atende depois do quinto toque, com a voz sonolenta.

— Ei, desculpe se te acordei — minto. — Preciso de sua ajuda.

— Novidade…

— Preciso que faça duas coisas para mim — eu continuo ignorando seu tom de ironia. — Primeiro, quero que redija um contrato simples assegurando alguns direitos à minha futura esposa. O importante é ter uma pensão gorda depois do divórcio, um emprego vitalício com salário generoso na construtora, um carro e uma conta bancária enquanto estiver comigo. Os deveres são de seu conhecimento. Tenho certeza de que vai saber compor esse acordo. Depois me envie por *e-mail*.

— Considere feito, já tinha redigido antes — vangloria-se. — Só preciso saber se a felizarda é a Isabella, pois terei que ir atrás de algumas informações, como os números da documentação dela.

— Infelizmente, sim — respondo bronco, enquanto ele gargalha do outro lado do telefone. — Quando terminar de rir da minha cara, avise que vou lhe pedir a segunda ajuda — resmungo, aborrecido.

Sabia que seria alvo de sua zoação por muito tempo, porque, se tinha uma coisa que animava Victor — mais do que transar por aí — era ver que eu estava me fodendo.

— Pode continuar — fala, tentando segurar o maldito sorriso.

— Preciso que agende uma consulta com uma ginecologista de confiança. Se possível, que seja para hoje à tarde. Irei às compras com Isabella, então seria excelente conseguir resolver esses pormenores ainda hoje.

— Tudo bem — concorda. — Boa sorte. Claro que depois quero saber como foi seu passeio com a noiva.

Ele começa a rir alto. Não suporto e desligo o telefone sem me despedir. Bufo, raivoso, enquanto quase quebro o aparelho telefônico. Se eu não tivesse que cumprir com esse maldito casamento, não estaria à beira da cólera.

Respirando fundo, faço outra ligação. Sara atende o telefone no segundo toque, e penso que, com certeza, sou o pior chefe que uma pessoa pode ter. O bom é que me redimo com os benefícios e a remuneração que dou para todos os meus colaboradores. Em seu modo profissional, minha assistente anota todos os meus pedidos e avisos, mas ela não consegue conter o suspiro de choque quando peço que entre em contato com o banco para criar uma conta em nome de minha noiva e enviar o mais breve possível um cartão de crédito sem limites.

Ok. Sei que o abalo da minha assistente foi causado pelo fato de eu me referir e uma mulher como minha noiva, pois uma das obrigações de Sara sempre foi enviar presentes caros para as mulheres com quem eu saía à noite e no dia seguinte sequer lembrava o nome. Ela estava acostumada com o cretino libertino que eu era e não com um homem prestes a ir para forca.

Desligo, depois de confirmar que minhas solicitações serão resolvidas com a maior brevidade possível e penso que ela merece um aumento.

Verifico novamente o relógio e vejo que apenas meia hora havia se passado. Bom, eu ainda precisava tomar um banho, escolher uma roupa confortável, tomar o desjejum e depois acompanhar minha louca noiva até a rua Oscar Freire, o ponto mais nobre do comércio da moda, onde eu tinha certeza de que haveria as melhores roupas para ela.

Decidido, subo a escada que me leva até a parte superior do apartamento, onde minha suíte fica localizada. Antes de começar a retirar as roupas para o banho, saco meu celular e mando uma mensagem de texto para meu motorista, informando que ele deve buscar Isabella e autorizando-o que usar força bruta para colocá-la dentro do carro e cordas fortes para mantê-la amarrada até conseguir trazê-la ao meu apartamento.

Eu bem sabia que ela bancaria a esperta e tentaria fugir do nosso eminente encontro. O que a garota não sabe é que já não podemos mais retroceder, muitos passos já foram dados para frente, e eu não tenho costume de voltar atrás em uma decisão.

Eu a tinha aceitado como noiva. Então, em breve, ela seria minha esposa.

Deixo o celular em cima da cama e sigo para o banheiro. Retiro meu tênis e as meias, deixando-os de lado. Depois, descarto o *short* molhado de suor, a *boxer* preta nas mesmas condições e pego meu pau em minha mão. Não está duro, pois eu já tinha me

desfeito da bendita ereção matinal e aliviado a tensão na esteira. Um ponto surge em minha mente. Eu não tinha a menor intenção de fazer sexo com Isabella, mas também não tinha disposição para me tornar um celibatário.

Isso nunca.

Meu pau está acostumado com fodas duras. Sexo quente. Bocetas molhadas e sensuais. Eu não tenho costume de passar mais de três dias sem dar uma trepada, sem ter uma mulher gritando e gozando em cima de mim, enquanto eu alcanço o meu próprio ápice. E esse não seria casamento um empecilho para minha devassidão.

Não mesmo.

Entro, debaixo da ducha de água quente, decidido. Se será um casamento de aparência, então não devo fidelidade à minha esposa.



De banho tomado e devidamente vestido, desço novamente as escadas até a cozinha. Não sou nenhum *expert* na cozinha, realmente não foi com esse dom que nasci. Vim ao mundo para comandar pessoas e controlar recursos, para elevar os lucros da construtora. Vou direto até a mesa bem-posta com um farto café-da-manhã, imaginando que seja obra da minha governanta, Ana. Essa sim tinha nascido para cozinhar, a mulher parecia ter mãos de fadas, pois sua comida sempre me fazia querer repetir o prato.

— Sempre me surpreendendo, Ana — dito, assim que me sento em uma cadeira. — Com certeza, tem algum plano secreto para me deixar barrigudo.

Ela gargalha por trás do balcão. Era estranho, pois, com Ana, me sentia bem e até mesmo compartilhava alguns acontecimentos de minha vida. Nada demais, apenas minhas versões das histórias que saíam na mídia. Talvez seja pelo fato de ela estar comigo desde que me mudei das casas do meus pais, ou de minha mãe confiar muito nela, ou o mais considerável, o fato de sua aparência anciã me causar respeito por lembrar a minha avó. Ela até mesmo cuida de mim como se eu realmente fosse um de seus muitos netos. Nunca

permite que eu saia sem comer ou recolher as roupas que deixo jogadas pelo apartamento.

Sirvo-me de um café sem leite e, quando estou levando a xícara até os lábios, a campainha soa alto. Ana sai detrás do balcão e vai até a porta. Eu acompanho de longe, sentindo meus nervos se prepararem, pois passará por ali uma garota de boca afiada, cabelos da cor de mel e olhos verdes atrevidos.

Não estou errado. Com passadas duras, Isabella adentra minha sala de estar. Ela me avista sentado e rapidamente vem até a mim. Quanto está perto o suficiente, estudo seu corpo. Hoje ela veste uma calça jeans azul sem modelagem e uma camiseta simples de mangas grandes demais para seus braços finos. Nos pés, o mesmo um tênis preto um pouco velho.

— Se era para ficar apenas me encarado, com certeza poderia fazer isso através de uma foto minha — ela dita, a voz demonstrando que não está nada contente.

— Sente-se — digo, ignorando seu sarcasmo. — Vamos tomar café antes de sairmos.

— Tão romântico esse homem! — Ela cruza os braços na frente dos seios. — Me admira muito que eu seja a única tola capaz de aceitar se casar com você. Até mesmo encontrei, na frente de seu prédio, uma fila de mulheres apaixonadas e gritando seu nome.

— Pare de ser insuportável, Isabella. — Pego um pão. — Vamos tomar café, quanto mais tempo demorarmos aqui, mais tarde esse tormento terminará.

— Como se fosse do meu querer ir às compras com você — ela continua a me provocar, em pé com sua postura de petulante. — Jamais imaginei que um cavalo selvagem feito você pudesse ser conhecedor de moda.

— Basta! — grito, irritado. Não entendia por que essa garota tinha a capacidade de tirar minha sanidade e tranquilidade. É como se ela fosse o fogo e eu, a pólvora, bastava ela chegar perto para eu explodir.

— Eu não tenho medo dos seus relinchos.

Deus! Cadê minha paciência?

Desvio meu olhar de Isabella e avisto Ana, assistindo, divertida, à nossa cena. Ah, meu Deus, até ela? Quando todos deixariam de se divertir com meus tormentos?

Levanto uma sobrancelha para ela, que rapidamente some por uma porta — acredito que seja para a área de serviço.

— Garota, ou você se senta nessa maldita cadeira e começa a comer, ou vou arrumar um jeito de colar sua bunda aí e vai demorar dias para conseguir se levantar. — Aponto para a cadeira ao meu lado direito.

— Vou me sentar — ela, fala a boca retorcida. — Mas deixo claro que só faço porque estou cansada de ouvir seus relinchos.

Com desgosto, Isabella senta-se. Com menor vontade, pega uma xícara e serve-se de café. Não discuto mais, se ela não quer comer nada, não vou adulá-la. Se bem que, com seu corpo magro, seria bom que ela pudesse comer em qualquer oportunidade.

Eu termino meu desjejum em silêncio. Pego meu celular em cima da mesa e vejo a notificação de um *e-mail* de Victor, sequer preciso abrir para saber que se trata do nosso contrato. Decido que as assinaturas podem esperar nosso retorno. Então me levanto, olhando para a garota que parece bem irritada e falo, apontando para algumas comidas intactas:

— Já que não vai comer, é melhor que comecemos logo nossos compromissos de hoje. Quando voltarmos, analisaremos o contrato e assinaremos. Fui claro?

— Como água. — Range os dentes.

Porra! Eu sentia que este dia seria desgastante. Pelo meu mau humor e pelo desaforo de Isabella. De duas, uma: ou eu surtaria e explodiria antes do casamento, ou jogaria tudo pelos ares e desistiria desse inferno, pois eu sabia que meu mundo iria virar de cabeça para baixo e tudo se tornaria um caos quando fossemos marido e mulher.



Capítulo 10

Isabella

O motorista estaciona em frente ao *shopping* mais chique da cidade, com suas lojas cheias de manequins com roupas de couro, vestidos e roupas de grife. Um lugar que eu nunca entraria — não para comprar. Não consigo entender como um simples pedaço de pano qualquer pode ser mais caro que um carro, só por levar a assinatura de um estilista famoso.

Mateus desce, e o motorista aprendiz de cavalo abre minha porta. Dedico-lhe um olhar injuriado, em sinal de que ainda não o havia perdoado por fazer um escândalo na frente da minha casa, chamando atenção de toda a vizinhança com seu *show de buzina*. As fofoqueiras enfeitaram as janelas prontas para fantasiar em suas cabeças criativas o motivo daquela visita.

Além disso, ele bateu em minha porta e confundiu a cabeça de minha mãe ao dizer que eu precisava acompanhá-lo, pois o seu chefe estava me esperando e dera ordens que eu me preparasse para ir o mais depressa possível. Conclusão: antes que dona Eva começasse o interrogatório, entrei no carro. Preferia enfrentar o cavalo às perguntas da minha mãe. Pelo menos um deles eu poderia responder do jeito que quisesse.

Ignoro a mão estendia do motorista e desço, analisado bem o lugar. Não é como se nunca tivesse pisado ali. Claro que, em minhas andanças, já passei por aqui, mas foi algo muito rápido. Não gosto de como as pessoas daqui tratam os menos favorecido. Ok, o lugar cheira à riqueza, até porque as ruas são bem limpas e parecem revestidas de brilhantes. Sem falar que o silêncio é muito agradável, já que não tem os gritantes camelôs que estou acostumada a ver na rua 25 de março. Aqui, nada de fiscal correndo atrás de pai de família que tenta ganhar o sustento a todo custo. Mas nada justifica o preconceito e o olhar torto que recebo nesse exato momento.

Entramos no *shopping* e vamos para uma das lojas mais caras. Mateus abre a porta de vidro da loja com uma expressão amarrada, fazendo um gesto para que eu entre. Reviro os olhos e dou o dedo para ele, que me encara em choque. Ah! Mas isso é o mínimo que farei. Com certeza, ele vai se arrepender de me obrigar a passar por isso ou não me chamo Isabella Oliveira. Ele aprenderá que quem semeia vento, colhe tempestade.

Assim que entro, sou estapeada novamente pelo luxo do lugar, aqui nada de lotação, empurra-empurra ou confusão para ver quem pega primeiro a peça mais barata no

montão. As roupas estão todas bem arrumadas em algumas arraras, separadas por cores, tamanho e sexo. Tem um espaço só para bolsas e sapatos. Um para roupas de banho, íntimas e de dormir. É um lugar espaçoso e iluminado por lustres grandes iguais aos que vi nas últimas lojas de grife em que já deixei meus currículos. As vendedoras estão detrás de um balcão, todas elegantes e bem vestidas — talvez elas deixem o próprio salário aqui. Nenhuma delas vem até a mim, pelo contrário, todas começam a me olhar estranho, com as sobrancelhas bem-feitas curvadas. Para o azar delas, hoje eu não estava no modo *só estou olhando, vou dar uma pesquisada e na volta compro*. Não, hoje eu estava no modo *noiva de um milionário selvagem, pronto para gastar muito para me tornar bem-vestida, mesmo eu não querendo.*

Falando no capeta, assim que ele adentra o local, as mulheres ficam em pavorosa, começam a mexer no cabelo, ajeitar os peitos dentro do sutiã e saem desfilando de trás do balcão, em seus saltos altos, que deixam as canelas secas longas.

Como urubu em carniça, elas o rodeiam, sorrindo e insinuando-se. Viro para olhar melhor a cena medíocre e o descarado devolve a atenção jogando charme para cima delas. Infeliz! Ok, o cavalo pode ser bonito, ainda mais em roupas comuns. A camisa polo preta quase estoura no peito largo que demonstra como ele deve gastar muito tempo em alguma academia. A calça jeans modela e se ajusta perfeitamente às suas coxas grossas. Os cabelos marrons desajeitados e jogados para cima lhe deixam mais jovem. Olhando-o assim, é impossível imaginar que esse homem peida ou caga. Se o fizer, com certeza tem um cheiro bom.

Epa, lelê! Pare, mente. Não estou aqui para admirar esse selvagem, mas também não o deixarei ficar se vangloriando na frente dessas atrevidas. Tínhamos um propósito, então o cumpriríamos. Não era ele quem estava com pressa antes de sairmos do seu apartamento?

— Amor, acho que esta loja não tem nada que me agrade — falo com desdém, mirando bem as vendedoras, que param suas gracinhas e ficam de boca aberta e olhos arregalados, como se o mundo tivesse rodado ao contrário e deixado essas baratas tontas.

Mateus franze o cenho, olhando para mim como se eu tivesse criado outra cabeça, mas logo se recompõe e ajeita sua postura.

— Do que não gostou? — A voz grossa parece ecoar pelas paredes da loja. — Sempre venho aqui. Sou um cliente fiel e, em todos esses anos, sempre me agradei de tudo. Aqui é um espaço requintado, com bom atendimento e todas as opções de roupas

que você precisará. Então vamos fazer suas compras aqui.

— Percebe-se o ótimo atendimento, as vendedoras até mesmo são muito afetuosas e carinhosas. — Eu o encaro, mas logo desvio meu olhar com fúria para o monte de carniceiras.

— Mateus Ávila.

Escuto uma voz muito fina e rabugenta soar ao fundo. Então viro-me, à procura da dona, e dou de cara com uma loira bastante alta e linda. Ela usa um vestido vermelho-sangue apertado, que desenha muito bem sua cintura fina e o quadril largo. Cada passo em nossa direção, é uma jogada de perna e um rebolado — parece uma lagartixa albina passeando em uma parede quente.

— Camile Paiva. — O cavalo a cumprimenta com um beijo na bochecha. — Não esperava te encontrar aqui.

— Imagine se esperasse — digo, sacudindo a cabeça e fitando Mateus com ira.

— De vez em quando, é bom olhar como andam os negócios — a lagartixa albina fala, ignorando meu comentário. Ela sorri e coloca uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Mas o que está fazendo aqui? Precisa de algumas roupas? Chegaram novos ternos diretamente da Itália.

— Deixarei para olhar depois — responde calmo, nem parecendo o cavalo selvagem que é. — Hoje estou aqui para outra tarefa. — Então aponta para mim. — Preciso de diversos modelos de vestidos, saias, calças jeans e social. Roupas modernas e sapatos adequados para essa garota. Um guarda-roupa completo. Não me importo com os valores a serem gastos.

Ela me olha dos pés à cabeça. Então pisca os olhos e balança o pescoço. Se bem sei, o único neurônio dela deve estar tentando entender por que ele está fazendo isso por mim, uma garota *labrocheira* que, com certeza, não ficaria bem em nem uma das roupas da loja. Estou acostumada a usar minhas calças simples e minhas camisas largas. Com pernas finas, corpo franzino, bunda que não dá um pastel e seios que sempre ficam dançando dentro dos sutiãs, sou completamente diferente das modelos para quem os estilistas projetam suas roupas, visto que nasci longe do luxo e não sou elegante.

— É-é… claro. — Ela arranha a garganta minutos depois, quebrando o silêncio que tinha se formado. — Eu mesma a acompanharei e farei o possível para que tudo saia exatamente como pediu.

— Ótimo. — Ele esfrega uma mão na outra. — Fico mais aliviado, sabendo que ela estará em boas mãos. Isabella é toda sua.

— Venha, vamos deixar Mateus alguns milhões mais pobre. — Ela me estende uma mão, indicando o caminho, enquanto eu torço a boca em afronta.

Bufo, contrariada e vou com ela. Passo pelas vendedoras que estão novamente atrás do balcão elegante e continuam em choque com a minha presença.

A mulher de um neurônio só me leva diretamente até aos vestidos. Ela vai recolhendo as araras e colocando em seu antebraço. Depois caminha até um estofado branco gigante e os coloca em cima. Vai até as prateleiras de sapatos e pega alguns saltos em tons variados. Volta e me entrega um vestido azul curto com uma sandália preta de tiras finas e salto médio.

— Experimente essa combinação — fala, a voz ainda irritante. — É um conjunto ideal para compromissos informais ou até mesmo almoços simples. — Então aponta seu dedo magro para o lado. — Ali tem um provador. Quando estiver pronta, saia para aprovarmos.

Reviro os olhos antes de obedecer. Se bem que quanto mais rápido eu provar essas benditas roupas, mais rápido estarei livre disso. Com esse pensamento, sigo para onde ela apontou e começo a me despir. O vestido que ela escolheu cai como uma luva. Sento-me no pequeno *puff* que tem dentro do vestiário — que pelo tamanho é maior do que o meu quarto — e retiro os tênis, calçando as sandálias. Fecho a última tira em meu tornozelo e fico de pé, tentando me acostumar com o salto. Não é como se eu nunca tivesse andado em um, mas não tenho lembranças de quando tive um em meus pés.

Quando saio para mostrar como ficou a roupa, encontro Mateus em pé e Camile escorada em seu ombro, como se não tivesse forças para se manter sob as próprias pernas, mas considerando que parecem dois palitos de dentes, duvido mesmo que possam suportar o peso do silicone dos seios e da bunda.

— Querido, está aprovado? — declaro alto, chamando a atenção dos dois. — Quer que eu dê uma voltinha?

Antes de ele responder, giro meu corpo e quase sinto o mundo rodar. É, nem todas nascem com graça e charme.

— Achei que ficou bom. — A loira é a primeira se pronunciar. — Azul parece ser a sua cor.

— Concordo — o cavalo confirma, olhando-me demoradamente. De repente, saca o aparelho celular do bolso, franze o cenho e dita: — Preciso atender, mas volto logo. Camile, confio em suas escolhas.

Então, a passos largo, ele se afasta até a sessão masculina. A mulher vira-se para mim e faz sua cara de cu com caganeira, enquanto eu lhe devolvo meu olhar de menosprezo.

— Acho que podemos ver alguns modelos de calças e camisas sociais — fala, fazendo cara de desgosto.

— Ele tem o pau pequeno — falo, assim que ela se aproxima mais, apontando para Mateus, que ia de um lado para o outro ao telefone.

Não faço ideia se ela já não teve a oportunidade de rolar com ele em algum feno, mas, pelo jeito que seus olhos se abrem e o vermelho surge em seu rosto, aposto que não. Bom, vamos nos divertir um pouco.

— Como? — pergunta confusa, o rosto maquiado completamente abalado.

— Pequeno e fino. Sequer faz cócegas. Sem falar das vezes que broxou. Sabe, acredito que os produtos que ele toma para fortalecer os músculos estão deixando seu pau enfraquecido. — Sacudo a cabeça para colocar mais veracidade em minha afirmação.

Tudo bem que nunca vi o dito cujo e tão pouco faço questão de ver, mas concordem comigo que essa é uma boa vingança para o cavalo. Qualquer homem se sente completamente abalado e morto ao ser associado a essa característica. Bem, eu disse que o faria se arrepender terrivelmente de ter me obrigado a ir a essas malditas compras. E eu bem que estou gostado da cara assustada da siliconada. Parece que ela engoliu um abacate inteiro e não está conseguindo respirar direito.

— Eu-u-u — ela gagueja. — Por que está dizendo isso?

— Oras! — Pisco para ela. — Porque vi que você está toda animada e saltitante para o lado dele. Então quis te alertar antes de você se decepcionar ao ver o objeto minúsculo. — Faço a demonstração levantando meu dedo mindinho para ela, que engole em seco. — Considere isso como uma gentileza feminina. — Viro-me para voltar ao provador, mas logo mudo de ideia. — Ah, ia esquecendo. Não sei se sabe sobre seus gostos peculiares, então vou te alertar. Sou uma garota de programa, acho que ele se viciou na minha chave de perna e agora quer me dar um agrado a mais. Bom, mas isso é um segredo. Não diga nada por aí.

Então caminho calmamente até o provador. Quando chego e fecho a porta, começo a sorrir feito uma hiena do desenho de *Madagascar*, que fugiu do zoológico e está perdida em plena São Paulo. Sorrio tanto que saem lágrimas dos meus olhos e a barriga dói. Então me sento, ainda tendo minha crise hilária com a cara de frustação da loira oxigenada.

De repente, escuto batidas duras na porta.

— Abra, Isabella! — A voz rouca e puta da vida de Mateus me faz ter certeza de que a mulher sem cérebro já deu com a língua nos dentes.

— Estou nua — emito, do outro lado.

— Então se vista, mas abra essa porta. Quero saber o que disse para Camile. Ela pareceu muito aflita ao me dizer que precisava sair para resolver algo.

— Por que está desconfiando de mim? — pergunto, ainda sem abrir a porta.

— Porque sei que, assim como um mais um são dois, você só pode ter cometido alguma de suas insanidades.

— Pois bem! — Abro a porta de uma vez, encontrando-o com o olhar azul irado e escuro. Está com a testa enrugada de tanto franzir o cenho. — Pelo visto nem sabe contar e, sendo assim, não pode provar que fiz nada. Se aquela lagartixa albina quis ir embora, ela deve ter algum motivo especial. Agora você colocar a culpa em mim, não vai mudar nada e muito menos trazê-la de volta.

Ele bufa algumas vezes e fecha as mãos em punho. Então cerra os olhos e parece contar mentalmente até dez. Quando ele volta a mirar seus olhos azuis em mim, ainda se vê a irritação.

Ah, mas ele que se explodisse na minha frente! Eu pouco me importava.

— Vou descobri o que você fez — dita, quase rosnando, os dentes rangendo.

— Boa sorte, tentando descobrir algo que não existe — eu continuo, em minha defesa. — Agora podemos ir embora, já que a sua estimada e simpática amiga se foi?

— Não! — Ele é enfático em sua resposta. — Vamos continuar aqui. Não estava brincando quando disse que quero um guarda-roupa decente para você. Até agora só provou um vestido e uma sandália, que já podem ser separados para você levar. Ainda faltam muitas peças. Todas novas.

— Ah, não me diga que vou ter que trocar até as minhas calcinhas? — pergunto, cruzando os braços em desafio. Não é como se ele pudesse mandar até nas minhas roupas

íntimas. Tudo ficaria coberto pelas roupas chiques, ninguém veria mesmo. Sem falar que recentemente tinha comprado algumas calcinhas novas.

— Tudo novo — ele repete. — Então até suas calcinhas serão trocadas.

— E se eu não quiser? — desafio-o.

— Então andará nua por baixo. — Ele pisca e sorri cinicamente. — Porque, da sua casa, não trará nada.

Cansada para discutir, entro e bato a porta com força.

Ah… isso não ficaria assim.

Nas próximas horas, provo tantas roupas que já não aguento mais nem ficar de pé. São centenas de saias, de muitas cores e cortes. Blusas de tamanhos diferentes, decotes quadrados, redondos e em V, calças jeans e sociais, terninhos para usar no trabalho, peças de banhos, camisolas e até mesmo as benditas *lingerie* que Mateus fez questão de participar das escolhas. Claro que quis fazê-lo engolir algumas peças de rendas e fio-dental, mas infelizmente ele era mais alto que eu e não consegui empurrá-las na goela dele.

A última sessão em que passamos é de roupas esportivas. Fico irritada por ter que comprar roupas de ginástica tão caras, mas o cavalo bate o pé e afirma que preciso para os treinos que eu faria na sua academia particular. É provável é que eu não faça merda nenhuma, pois não sou adepta de atividades físicas, então choveria canivetes no dia que o deixasse me forçar a fazer isso.

Ao meio-dia, minha barriga ronca, afinal, eu tinha comido bem pouco em minha própria casa. Não fiquei à vontade e muito menos tive coragem de comer algo no apartamento do selvagem, não seria justo não poder dividir com minha família a mesa farta e a diversidades de alimentos. Então, para não ficar com a consciência pesada, tinha apenas bebido café.

Estou estirada no sofá, trajando uma nova roupa, o maldito tinha falado sério quando disse que não queria mais me ver usando nada velho. Mas até que estava confortável em uma calça jeans preta apertada, uma blusa de seda vermelha e uma sandália do tipo anabela bege. Enquanto olho para o exagero de sacolas no chão, aperto meus dedos e puxo-os, um-a-um, estalando alguns no processo. Estou odiando o rumo leviano que essa situação está tomando, mas me forço a pensar na minha família. É por eles que estou fazendo isso, é por eles que vou aguentar esse maldito contrato. É por eles

que vou fingir ser noiva de um homem que não suporto e tão pouco me aguenta.

Vejo Mateus voltar do caixa, onde estava fazendo o pagamento. Ele caminha até a mim, com seus passos duros e ao mesmo tempo elegantes, e penso que, se ele quisesse mudar de carreira, com certeza poderia dar certo como modelo.

— Primeiro compromisso concluído com sucesso. — A voz demonstra cansaço. Talvez ele tenha se esforçado muito retirar peças dos cabides e escolher as melhores e mais elegantes para que eu experimentasse. — Agora, vamos voltar para minha casa e almoçarmos. Como a consulta médica não deu certo para hoje, quero discutir e assinar o contrato.

Quase grito um amém, quando ouço que a consulta não deu certo. E me seguro para não me levantar e gritar viva com um salto e cambalhota carpada, no estilo de Daiane dos Santos. Não estava nada contente por ter aminha intimidade invadida assim.

— É uma ofensa eu ter que arreganhar minhas pernas para um médico que não conheço, só porque você quer — digo, ainda sentada no confortável sofá.

— Não vamos discutir isso — ele corta o assunto. — Vamos logo para o meu apartamento. Já podemos colocar suas roupas novas em seu quarto, já que em breve se mudará para lá.

— Veremos, veremos…

Então levanto-me, indo em direção a porta, e ele me segue.

Bom, parece que agora daremos mais um passo em nosso relacionamento. E assim que eu assinasse o bendito contrato, seria noiva de um cavalo selvagem que precisa provar algo para pai e ter uma nova reputação para a sociedade, enquanto preciso alugar uma casa para evitar que minha família more na rua.

Com certeza, o casamento dos sonhos de qualquer mulher.



Capítulo 11

Mateus

Um silêncio muito abrangedor toma conta do interior do carro, e eu não posso deixar de agradecer, pois prefiro a calma quando estou de saco cheio. Olho para Isabella, que está no outro extremo do banco traseiro, e noto que ela tem a cabeça encostada na janela e o olhar distante. Bom, o melhor é deixá-la quieta e calada em seu canto, pois tudo que sai da boca dessa garota tem o poder de me irritar. E hoje ela tinha atingido toda o limite da minha paciência.

Deixo de observá-la e aproveito para olhar pela minha própria janela. O trânsito hoje não está caótico e flui muito bem, um milagre considerando que estamos em plena São Paulo. Alberto cruza a Avenida Rebouças com tranquilidade até entrar na rua Lisboa, onde fica localizado meu apartamento. O prédio de infraestrutura e engenharia moderna é chamativo, principalmente por suas faixada em tom de concreto e janelas de vidro. Ok, sou um apaixonado por construções de todos os tipos, mas com certeza optei por morar aqui pela tranquilidade e paz que o bairro proporciona. Sem falar que fica próximo à construtora — o que evita que eu me atrase muito nas noites em que decido deixar toda minha devassidão aflorar.

O motorista estaciona em uma de minhas vagas. Desço do carro e deixo a porta aberta para que a garota saia, mas eu estava sendo tolo, ao acreditar que ela agiria conforme eu esperava. Porém, não faço bem o papel de bobo e muito menos sou conhecido pela serenidade. Em minha vida, assim como nos negócios, sou conhecido pela minha intolerância e imparcialidade. Então, como vejo esse casamento como um acordo comercial, agirei do mesmo modo que me comportaria em uma reunião prestes a fechar um contrato milionário para a construtora.

Assumo minha postura, obstinado. Abaixo um pouco a cabeça e tenho uma visão da insolente. Firmo meu olhar duro nela, que me devolve um revirar de olhos. Ela vai além ao sorrir e me desafiar, levantando sugestivamente as sobrancelhas. Rapidamente, a irritação corre em meu sangue e o faz ferver. Respiro fundo, mas a calma não me atinge. Parece que Isabella não conhece a palavra limite e ultrapassa o meu.

— Desça agora mesmo desse carro — dito, firme. — Temos assuntos sérios a serem tratados. Seu atrevimento não vai adiantar de nada, pois só permitirei que vá embora quando terminarmos.

— Por que não deixa de ser babaca e vem abrir minha porta? — Sua voz sai arrogante. — Com certeza é o que a sociedade esperaria de um noivo muito apaixonado. Assim trabalharemos sua imagem de cavalo para cavalheiro. Se bem que é impossível mudar seu DNA, mas você pode fingir que não tem ferraduras e muito menos solta coices.

Rosno e aperto minhas mãos em punho.

O que eu disse sobre mantê-la quieta e calada?

São a esses momentos sem filtros e de insanidade mental que eu me referia. Cansado demais para revidar ou entrar em uma briga sem fim com Isabella e causar tumulto na garagem do prédio, dou a volta no carro e abro sua porta. Ela desce como se não tivesse feito nada e começa a caminhar em direção ao elevador.

Bato a porta com força, então peço para que Alberto descarregue o carro e suba com as sacolas para o apartamento. Bem, tínhamos conseguido trazer uma parte das compras do guarda-roupa novo de Isabella, infelizmente o restante seria enviado depois, mas ela já tinha algumas peças para colocar no *closet* da suíte que ela ocuparia em breve.

Sigo até onde a garota está parada, evito contato visual, para não acentuar ainda mais minha irritação. Acesso o painel e digito o código que nos levará até a cobertura. Como é um elevador privativo, rapidamente as portas da cabine de aço se abrem, e faço, com sarcasmo, um gesto para ela entre primeiro. Ela se acomoda em um canto, enquanto fico de costas.

A viagem é feita dentro de minutos. Assim que abro a porta do meu apartamento, fico ciente de que terei que dar uma cópia das chaves, assim como o código do elevador para Isabella. A maldita aproximação e intimidade que evitei com todas as mulheres com quem já me envolvi. Nunca nem uma delas colocou os pés no meu apartamento e agora uma mulher moraria aqui e invadiria meu espaço pessoal, provavelmente transformando meus dias em um perfeito inferno.

Bufo, sentindo uma leve sensação de indignação. Por que papai inventou de fazer essa maldita exigência? Por que a sociedade simplesmente não aceita que alguns homens não nasceram para se casar? Por que minha família não aceita meu próprio jeito de viver?

— Não diga que me trouxe até aqui apenas ficar admirando o nada. — A voz da garota me tira dos meus pensamentos.

Olho para ela, que está em pé no meio da minha sala de estar. Os olhos verdes e provocadores estão brilhantes e focados nos meus. Seus cabelos compridos e claros caem

pela lateral de seu rosto, até debaixo de seus seios. Não me dei conta antes, mas o vermelho da sua camisa nova destaca seu tom de pele pálido e realça a cor dos cabelos, deixando-os mais luminosos. Desço meus olhos mais um pouco e noto que a calça jeans preta e apertada ressalta suas pernas pequenas e magras, dando-me a certeza de que ela precisa se alimentar melhor. Bom, eu poderei cuidar disso quando ela vier morar comigo.

Mas tinha um fato que eu não poderia negar: ela fica diferente com roupas modernas e do seu tamanho, ainda mais usando uma sandália que a faz crescer alguns centímetros.

— Espero pelo menos que tenha engolido sua própria língua. — Ela soa novamente chamando minha atenção. — Com certeza será uma conquista para a humanidade deixar de ouvir seus relinchos.

— Sinto muito informá-la, mas minha língua continua no mesmo lugar — emito, voltando a olhar em seus olhos. — Vou pedir para que minha governanta sirva o almoço — digo, já andando em direção à cozinha, mas viro-me e continuo: — Fique aí e não mexa em nada. Comporte-se.

Encontro Ana na área de serviço, guardando alguns produtos de limpeza em um armário.

— Ana, sirva o almoço para duas pessoas — peço, chamando sua atenção. — Depois, quero que ajude Alberto com as compras e arrume tudo no closet da suíte que fica ao lado da minha. Minha noiva a ocupara em breve.

Então saio, deixando minha governanta boquiaberta, pois eu tinha feito questão de enfatizar a palavra *noiva*. Bom, não tinha mais por que esconder algo que seria inevitável, se teria uma nova moradora em meu apartamento todo meu pessoal tinha que saber.

Volto para sala e encontro Isabella mexendo em algo que está em uma prateleira decorativa. Aproximo-me e percebo que ela olha uma foto minha de quando eu era criança. Uma obra de minha mãe, que bateu o pé e interferiu na decoração. Segundo ela, meu aparamento era impessoal demais, a *design* de interiores tinha feito tudo muito frio e ela poderia dar um toque. Claro que relutei, mas ninguém diz não para dona Marta, especialmente quando ela cismava em mostrar fotos suas por aí.

Arranho minha garganta, fazendo a garota mexeriqueira tomar um susto. Rápido, ela se vira em minha direção e percebo seu rosto vermelho.

— Não disse que não era para tocar em nada? — indago, tomando de suas mãos o

pequeno porta-retrato.

— Esse na foto é você? — interroga, ignorando minha pergunta. Apenas assinto com a cabeça. — Bem, um potrinho muito fofo. É uma pena que cresceu. Com certeza não era tão selvagem é agora. Olhe só para essas covinhas na bochecha.

Ela aponta para a foto novamente.

— Chega, não a trouxe aqui para analisar minhas fotos — profiro, pegando em seu pulso. — Vamos, a comida já deve estar servida.

Conduzo-a até a cozinha, e Isabella força seu corpo, tentando não caminhar, contudo, sou maior e mais forte. Então logo estamos diante da grande mesa posta com um cheiroso e completo almoço. Faço a garota se sentar em uma cadeira e vou até a minha.

— Um completo babaca — emite.

Bato a mão na mesa.

— Pare de ser uma garota insuportável, Isabella! Vamos comer e depois acertar nosso contrato.

Aponto para a travessa que tem na mesa e os pratos — hoje Ana tinha feito canelone ao molho branco —, mas a garota fica apenas olhando para comida. Inferno, qual é o problema dessa menina com uma simples refeição?

— A comida não vai encher seu prato apenas com a força do seu olhar — declaro, firme e duro.

— Não, mas aposto que algumas dessas facas e garfos conseguem voar com a força do meu olhar. — Ela se vira para mim, os olhos verdes quase escuros.

— Estou esperando seu poder estranho, *Carrie* — digo, levantando a sobrancelha e abrindo um sorriso mínimo. Isabella respira fundo, entendendo minha referência ao filme de terror. — Contanto que comece a comer, não me importo que faça todos os objetos desse lugar voarem.

Ela bufa e então começa a colocar a comida em seu prato, e não me surpreendo quando se serve de apenas uma colher da macarronada. Novamente, decido não comentar sobre o fato de ela comer tão pouco, igual a um passarinho. Sirvo-me de três conchas cheias e um pouco de vinho. Até faço menção de encher a taça da garota, mas ela a retira antes que eu consiga fazê-lo.

O almoço é feito em silêncio. Como Isabella colocou tão pouca comida,

rapidamente ela está com o prato limpo, enquanto eu termino a minha refeição com calma. Assim que tomo o último gole do vinho e limpo a boca com o guardanapo, fico de pé. Espero que a assinatura desse contrato não nos cause uma tremenda indigestão.

— Venha, vamos até meu escritório. Lá teremos um pouco mais de privacidade, afinal, nem todos precisam saber do conteúdo desse contrato.

Não a espero levantar e saio a passos decididos até meu escritório particular — quase uma réplica da minha sala na construtora. Vou até a cadeira e sento-me, já acessando meu *notebook* e *e-mail.* Assim que o abro, vou direito até o arquivo que Victor me encaminhou, clico no documento e faço a impressão ali mesmo de duas cópias.

Segundos depois, a garota está cruzando a porta do meu escritório. Com calma, ela vem e senta-se na cadeira que tem na frente da minha mesa. Pego as folhas na impressora e lhe entrego.

— Serão somente duas cópias, uma para cada um de nós. Depois de assinarmos, guardarei no meu cofre e compartilharei a senha com você. Daqui a um ano, quando tudo terminar, poderemos rasgar os contratos, destruindo-os como se nada nunca tivessem existido.

Isabella vacila ao pegar as folhas e depois começa a ler o documento com calma e atenção. Eu não preciso ler, sei bem que Victor não fez nada que pudesse me prejudicar, ele era a pessoa em que eu mais confiava no mundo, depois de minha mãe. Continuo olhando para a garota que em breve se tornará minha esposa, temendo sua reação e uma possível desistência.

É como se eu estivesse diante de dois caminhos. Um escuro e cheio de cobras, outro muito claro e pegando fogo. Então, qualquer um dos dois que eu escolhesse daria merda.

— Então, está de acordo? — pergunto, quando ela abaixa os papéis e foca seus olhos em mim.

— Acho que posso suportar isso — ela responde, voltando a olhar para o contrato. — Então só preciso assinar para que tudo esteja firmado?

— Sim, é um contrato que está limitado por um acordo bilateral e escrito, então não precisa ser registrado em cartório para ter validade judicial.

— Não sou mulher de voltar atrás em minha palavra, então como já tinha concordado antes, não tem por que me negar assinar isso — ela aceita. — Pode me passar

uma caneta?

Passo a caneta para ela, que coloca sua assinatura no final de cada página nas duas cópias. Então ela me passa a caneta, e eu faço o mesmo.

— Então estamos noivos — dito, sacudindo os contratos.

— Uma cena romântica, digna de um filme de princesa — responde com o sarcasmo que só foi deixado de lado por cincos minutos. — Existe algo mais ou posso ir para casa?

— Bom, tenho outro assunto. — Faço uma careta sem saber como iniciar a questão delicada e íntima. Controlo a respiração e estalos alguns dedos, enquanto penso.

— Que seria?

— Sexo.

— Sexo? — Sacudo a cabeça confirmando e ela fala: — Não farei sexo com você. Tinha deixando isso bem claro antes de assinarmos esse contrato. Não vou me deitar com um cavalo feito você.

Levanto uma sobrancelha com desdém.

— Não estou lhe propondo que façamos sexo. — Sorrio. — Assim como você, também não me interesso em ter qualquer tipo de contato físico com você, mas tampouco virarei um celibatário por conta desse casamento falso.

— O quê?

— Isso mesmo. Como sou um homem com uma reputação a ser criada, prometo e garanto que serei discreto em meus encontros extraconjugais. Sem contar que nosso contrato pode ser quebrado se nosso casamento for questionado por parte da sociedade e de minha família, então dobrarei ainda mais meus cuidados quanto a isso.

— Compreendo — ela dita, simples.

— Compreende?

— Sim. Nosso casamento é falso, apenas deve parecer real. Então com certeza pegaria mal se fossemos alvos de fofocas por conta de traição. Então assim como você tomará cuidado e promete ser discreto, juro que também não chamarei atenção para os encontros com meus amantes.

— Como é? — Desta vez o choque toma conta de mim.

— Exatamente. Seria complicado você ter que lidar com perguntas sobre sua masculinidade e virilidade, se eu fosse pega me aventurando por aí com outros homens. Imagina o que iriam pensar? Não quero que achem que você não é capaz me dar assistência e muito menos que se torne o mais novo corno de São Paulo. Sem falar que é preferível ser visto como um cavalo selvagem do que uma rena do Papai Noel.

— Acho que você está invertendo os papéis. — Arranho a garganta, para que minha voz fique firme ao ditar: — Você não pode sair por aí manchando minha reputação. Com certeza, do jeito que é maluca, não conseguiria manter isso em segredo. Não saberia ser discreta e poderia arruinar tudo.

— Hum…. vejamos bem. — Ela se ajeita em sua cadeira, cruzando uma perna em cima da outra. — Está dizendo que eu não posso sair por aí tendo sexo selvagem e casual, mas você pode?

— Foi isso que quis dizer. Prometo que não passará por nem uma situação constrangedora.

— Não, meu bem. Não é assim que a fita toca. Não é assim que o barco navega.

— Hum?

— Se eu não posso ter sexo com ninguém, você também não pode. Não me interessa se vai ser discreto, se vai sair com muitas ou apenas com uma. Se é uma mulher do bem, se é uma prostituta qualquer ou se é a porra do amor da sua vida. Nada disso importa. Aqui os direitos serão iguais. Sem diversão para mim, sem diversão para você. Aposto que poderá encontrar sua satisfação carnal de outro modo. — Ela para por um momento, apenas para continuar: — Entendeu ou vou ter que desenhar?

— Até agora tínhamos conseguido chegar a um acordo sobre todas as outras questões. — Aperto meus olhos na direção dela. — Tenho certeza de que podemos chegar a uma boa decisão sobre isso também.

Os olhos verdes da garota reviram com teimosia e desdém. Logo ela os prende em mim com determinação e diz:

— O único acordo é que se você pode, eu também posso. Se quer fazer orgias, eu farei igual. Se vai aguentar nosso casamento forjado sem sexo, também aguantarei. Agora só não me peça para aceitar essas idiotices de diferenças entre homem e mulher. Eu *tô pouco me lixando para isso.* — Ela coloca uma maldita mecha de cabelo atrás da orelha e se ajeita novamente na cadeira. — Sua única alternativa seria ter um pouco de ação com

sua esposa, mas visto que não quero me aproximar de você, tampouco sinto um pingo de atração por cavalo, você terá um casamento apenas de fachada e tão puro como água benta.

— Você está sendo irracional.

Ela sorri, sorri alto como se não pudesse deixar de gargalhar da minha cara.

— Aposto que é melhor do que ser uma vaca.

— Porra! Isso não é justo.

— Você quer foder? Então se foda você e seu contrato fajuto. Estou fora.

Então, ela descruza as pernas, levanta-se e tão rápido está diante da porta de madeira escura do meu escritório. Pisco, perplexo, não acreditando que ela realmente está me dando as costas e jogando tudo pelos ares. Somente acordo do meu transe quando ela bate a porta e me vejo obrigado a correr atrás da insolente. Odeio que ela seja minha única saída. Odeio ainda mais o fato de que não voltaria atrás e assinaria meu diploma de fracassado. Detestava mil por cento a minha maldita determinação de querer ser um novo homem diante da sociedade, especialmente aos olhos do meu pai carrasco. Então é centena de vezes melhor engolir o orgulho do que sentir o amargo sabor da derrota.

— Isabella — chamo, quando ela já está chegando no meio da sala. — Está bem, não vou foder com ninguém.

Então ela se vira, como se estivesse esperando meu desespero.

Insolente. Louca. Insuportável.

— Muito bem.

— Vou alterar o contrato e colocar essas novas cláusulas.

— Não será necessário — ela fala, sorrindo. — Você me dá a sua palavra?

— Sim.

— Então posso aceitar isso. Acho que é bom, às vezes, confiar nas pessoas. Tente e verá a maravilha que isso pode te causar internamente. — Ela se vira novamente em direção à porta.

— Espere, tenho algo para te dar — peço, indo até um aparador, e pego a caixa que contém o celular que tinha solicitado à minha assistente — É seu.

— O que é isso? — pergunta, recebendo a caixinha e sacudindo.

— Seu novo celular para que possamos conversar e manter contato. Nele, está salvo meu número para qualquer emergência. Mas não pense que pode ficar me ligando a qualquer momento.

Ela sacode a cabeça, então revira os olhos.

— Agora preciso ir para casa. Já que continuamos noivos, preciso preparar o terreno para minha mãe, temo que logo terei que te apresentar a ela. Sem falar que, a essa hora, dona Eva já deve ter ligado para polícia. Não foi nada legal a abordagem do seu motorista idiota.

— Com certeza, se ele não tivesse agido assim, você daria um jeito de enrolá-lo. Sei bem como pode agir como uma louca — falo, apontando para ela. — Acho que não temos mais nada a resolver por hoje. Está livre para ir, mas Alberto a levará, de agora em diante ele sempre irá buscar e deixar você aonde for preciso. E falando na sua mãe, quero que venha em definitivo para cá, no máximo em três dias. Se quiser, posso disponibilizar um apartamento para o restante da sua família. Não seria nenhum incômodo.

— Não precisa.

— Mas eu tenho… — tento falar sobre o projeto da construtora, mas ela já tinha cruzado a porta.

Bem. Agora é só seguir com o contrato.

Tenho a noiva, agora me falta a festa de noivado para minha família e a dela, o casamento e *voilà*… Tudo vai entrar nos eixos do que jeito que todo mundo espera.

Não é essa a regra da vida: nascer, crescer, reproduzir e morrer?

Uma porra! Eu preferia: Nascer, viver, foder, viver, me divertir….

Mas nem tudo é como preferimos.

Simples?

Aposto que não.



Capítulo 12

Isabella

Sacudo a cabeça e olho novamente para saber se não estou vendo miragem.

Mas a figura bem alta e de cabelos marrons jogados para trás de forma metida, vestido em uma camisa branca que o deixa elegante demais para o ambiente, está ali e parece muito confiante com os braços fortes apoiados em cima da mesa coberta por uma toalha de plástico de pimentões grandes vermelhos e verdes.

Sei que está sentado desajeitadamente em uma cadeira nada confortável de madeira. Isso fica mais evidente quando ele se remexe no assento, provavelmente aliviando a coitada da sua bunda que nunca foi obrigada a se acomodar em algo tão duro e desconfortável por muito tempo.

Ver o cavalo selvagem em minha cozinha, em plena noite de segunda-feira, me faz ter certeza de que não estou tendo visões no meio do deserto do Saara. Não, com certeza não sou a Cleópatra, que tem um monte de súditos prontos para acatar suas ordens e um exército de homens apenas esperando um mínimo olhar seu, torcendo para ser seu novo amante. Continuo sendo Isabella, a pobre sem sorte e que arrumou um babaca para noivo.

Um silêncio quase massacrante toma conta do lugar, acho que se nos esforçarmos um pouco, conseguiremos escutar as moscas batendo as asas ou quem sabe até o som de um pingo d’agua caindo do chuveiro do banheiro do vizinho. Vejo o maxilar quadrado do cavalo se mover e sua boca se contorcer em linha fina e sorrio para ele, que não desfaz sua expressão pesada.

Aposto que não gostou nada de ter recebido minha mensagem dizendo que hoje era o dia de conhecer sua querida sogra, afinal, não poderia me casar com um homem sem antes apresentá-lo para dona Eva. Sem falar que ela parecia uma delegada fazendo milhares de interrogatórios, desde que eu tinha voltado para casa depois das compras. E o mais difícil foi explicar minhas novas e chiques vestimentas.

Remexo-me na minha própria cadeira. Alguém sabe como apresentar um namorado rico para a mãe? Se souber, por favor me ajude, pois não sei o que fazer, ainda mais quando a miro e percebo seu olhar confuso para nós.

Dou um suspiro alto, chamando a atenção de dona Eva. Sei que ela não acreditou na minha historinha. Antes do Mateus chegar, tinha resolvido avisar sobre meu namoro

para que ela não fosse pega de surpresa. Basicamente, contei que eu tinha conhecido um homem maravilhoso, que o amor tinha nos pegado de jeito e que uma paixão avassaladora tinha nos dado uma rasteira, fazendo-nos cair um na graça do outro.

Bem, ela acredita em amor à primeira vista porque é uma romântica incurável, mas eu estava sendo otimista demais em achar que ela acreditaria que um homem abastado com ele iria ao menos olhar em minha direção, quanto mais se apaixonar por mim.

É. Com certeza isso era muito difícil de acreditar.

Porém, tive que arriscar e tentar fazê-la acreditar, pois se ela suspeitar que estou entrando em um casamento falso só para ajudar nossa família, é capaz de ela nunca se perdoar por sua incapacidade financeira e se lastimar por ser uma mãe ruim. Nem eu me perdoaria pela perda da minha moralidade. Não queria deixar minha mãe de coração partido, mas também não a podia deixar sem teto. Isso nunca.

Mamãe tinha se recusado a se sentar e está de pé, numa postura defensiva. Ela cruza os braços na frente dos seios e me encara. Caralho! A bendita pose de *abre o bico e conte agora o que isso significa, antes que eu a faça falar na base da chinelada, vou contar até 3*. Mas, pelo o tanto que conhecia, sabia que ela já começaria a contar no próprio 3.

— O que esse doutor faz aqui? — dona Eva pergunta, já adiantando-se a qualquer um de nós dois. Ela se vira na direção do meu noivo, claramente sem associá-lo ao homem da minha história.

— Mãe…

— Senhora Eva, estou certo? — Meu noivo panaca me interrompe, sua voz rouca fazendo eco em minha cozinha. — Me chamo Mateus e estou muito feliz em estar aqui esta noite para oficializar meu relacionamento com sua filha. Com muita honra, digo que sou o namorado de Isabella.

Paft! Suas palavras são como um chicote no ar, vindo diretamente na minha direção. Merda! Aturdida, começo a sentir a tensão do lugar, minha mãe parece que levou um choque e está com os olhos esbugalhados, sequer deve piscar. Sinto o estômago se revirar com o pânico que sobe por minha espinha dorsal, enquanto o maldito tem uma sobrancelha levantada e um sorriso cínico. Com certeza deve estar se vingando da minha apresentação ao seu papaizinho. Até posso ler em seus lábios: *está ferrada*.

Cacete! Se ele for devolver tudo, então estou bem lascada. Meu alerta vermelho de

vai dar merda apita alto dentro da minha cabeça.

Mamãe se vira para mim novamente e abre a boca por duas vezes antes de conseguir falar direito:

— Esse é o rapaz que você conheceu?

— Bem, sim, mamãe. Esse é homem de quem falei mais cedo, é meu Mateus, meu amado namorado. Como disse, estamos apaixonados. — Engulo em seco, a mentira deslavada saindo da minha boca.

— E como conheceu um homem rico, Isabella? — Sua pergunta me faz ter uma crise de tosse, pois, ao contrário do pai de Mateus, dona Eva conhece bem minhas atitudes e sabe quando estou mentido. — Não sou cega e posso ver pelas roupas e especialmente pelo luxuoso carro parado na frente da nossa simples casa que ele não pertence ao nosso mundo.

O que davam às mães para elas serem tão desconfiadas? Tudo bem que a minha está no caminho certo, mas tudo que fazemos não está correto, segundo o manual delas. Ok, também tem a possibilidade de que estou sempre na trilha errada.

— A senhora tem razão — Mateus fala com educação, fazendo-me olhá-lo rapidamente e me perguntar onde ele tinha deixado as ferraduras. Novamente, não parecia o selvagem que é. — Mas a senhora acredita em amor à primeira vista?

Plim! Plim! Plim! Sou capaz de escutar o som da campainha de bingo e vitória de Mateus. O descarado acertou bem na mosca, o ponto fraco da minha mãe.

— Não vamos prolongar isso, querido — peço, controlando-me para não dar um salto sobre a mesa e cair tampando sua boca. — O importante agora é que já contamos para mamãe sobre o nosso relacionamento e o nosso grande amor.

— Faço questão, docinho — Merda! Parece que já vi nesse filme. — Senhora Eva, eu achava que sabia o que era respirar, mas estava enganado. Assim que vi Isabella, foi como se eu sentisse o ar em meus pulmões pela primeira vez. Como se só ali eu tivesse começado a viver. Imediatamente, me vi preso em seus olhos verdes e não quis mais ficar longe do seu olhar. — Ele suspira, então alcança minhas mãos em cima da mesa e aperta-as forte, fazendo-me sentir sua palma fria. — Eu caí de amor como nunca imaginei ser possível. Sei que temos algumas diferenças, mas nada é obstáculo para nosso o amor. Não sei mais viver sem sua filha. Não desistirei dela e vou lutar sempre pelo nós.

Deus! Se eu não soubesse que era tudo uma farsa, até acreditaria em suas palavras.

O infeliz parece um ator de verdade, até tem um sorriso nos lábios. Quando chegarmos ao final desse acordo, nós dois poderemos ser indicados a um Oscar.

Olho para dona Eva e percebo ela que está com os olhos brilhando por causa das lágrimas não derramadas, por acreditar que a filha finalmente encontrou seu príncipe e agora viveria um conto de fadas. Tudo o que ela sempre desejou para mim. Novamente, a fria dor da culpa corre por minhas costas. O que eu falaria para ela quando tudo isso acabasse? Que o amor que se dizia forte tinha perdido força tão rápido quanto a ganhara?

— Está tudo bem, mamãe? — pergunto, quando a vejo se sentar rápido, e puxo minhas mãos das ferraduras de Mateus.

— Está sim — responde. — Há quanto tempo se conhecem? — Ela o mira, ainda emocionada.

— Contando com o tempo que tive para amansar a fera da sua filha… — Ele sorri, o som enchendo o lugar. — Diria que mais de três meses.

— Tudo isso? — Então olha para mim com uma expressão acusadora, mas logo se volta novamente para ele. — Isabella não tinha falado de você antes. Só hoje fiquei sabendo da sua existência.

— Mãe… — tento, mas novamente sou interrompida pelo charmoso mentiroso.

— Não acredito nisso, docinho. — Ele encena uma cara amuada. — Você tem vergonha de mim? Por que não disse nada para sua mãe do nosso amor? Acredito que também não revelou o nosso desejo de morar juntos em breve.

— Como? — A voz novamente em choque de mamãe toma conta do lugar. — Morar juntos?

— Sim, como eu disse. Não posso mais ficar longe de Isabella. Ela é a chama que mantem minha vida acesa.

— Não sei se concordo com essa pressa toda. — Mamãe deixa escapar uma respiração profunda. — Minha menina é muito nova para sair de casa, ela sempre esteve comigo, nunca se envolveu com homem algum. Mas sempre sonhei que ela encontraria o amor verdadeiro, um homem que a protegesse e cuidasse bem dela.

— Tudo o que mais quero é fazer Isabella feliz. — Mais mentiras saem de sua boca. — Quero ser seu mundo, assim como ela é o meu.

— Querido, não está tarde para o seu compromisso? — pergunto, querendo xingá-

lo, mas esforçando-me muito para mudar de assunto. — Aposto que não quer chegar atrasado.

— Eu cancelei, docinho. — Sorri. — Sabia que não iria me perdoar por ficar apenas alguns minutos com você. Surpresa, temos a noite toda! Quer me acompanhar até meu apartamento? Isso se sua mãe permitir, garanto que você estará de volta antes das dez da noite. Meu próprio motorista a trará em segurança — ele fala, sorrindo, jogando seu charme fajuto no ar.

Prendo meus olhos assassino em Mateus. Será que eu seria presa por maus tratos aos animais se arrancasse o coração dele com minhas próprias mãos? Ou se raspasse sua crina brilhosa no zero e furasse seus olhos azuis? Ou se tirasse seus brancos dentes com um alicate de jardineiro e colocasse pregos em suas ferraduras?

Bem, eu poderia arriscar depois, pois tão certo quanto dois mais dois são quatro, eu me vingaria à minha maneira dessa sua afronta em minha casa.

— Ainda é cedo, filha, vá passear com seu namorado — mamãe diz, sonhadora.

— Então vamos, docinho? — ele pergunta, estendendo a mão para mim.

— Sim

Não! Tenho vontade de gritar, mas seguro minha chance de revanche. Nunca fui adepta da ideia de que vingança é um prato que se come frio. Acredito que faço parte do time *bateu, levou*.

— Senhora Eva, foi um prazer conhecê-la.

Ele se levanta, ficando ao lado da minha mãe. Então pega a mão dela e beija o dorso, parecendo algum nobre do século dezenove, mas na verdade ele não passava do cavalo do cavalheiro.

— Espero que, na próxima visita, possa ao menos tomar um café — responde, encantada com o charme do delicado homem selvagem.

— Prometo que conversaremos mais na próxima vez.

Então saímos da cozinha e, em menos de dez passos, cruzamos a sala onde meu irmão está em *seu* sofá — ele passa tanto tempo ali que o estofado já faz parte do seu corpo. Ele apenas acena quando dou *tchau* e saio apressada, sendo seguida pelo cavalo, que está prestes a perder seus dentes da frente.



Mateus abre a porta de seu apartamento, deixando espaço para que eu entre. Caminho a passos duros até o centro da sala, preparando-me para a batalha que está prestes a acontecer. Ele fecha a porta atrás de si, então vem em direção a um móvel branco como se eu não tivesse ali, pronta para matá-lo a sangue frio.

— Tome. — Entrega-me um envelope, que pego com um olhar confuso. — Aí tem um cartão de crédito sem limites, um cartão de débito com informações de sua conta bancária, assim como as chaves do prédio e as senhas do elevador privativo e do cofre.

— O quê? — Abro o envelope e constato que, de fato, tem tudo o que ele realmente falou. Saco um cartão prata e vejo meu nome em relevo, escrito em uma coloração dourada.

— Para usar e fazer compras da forma que quiser — ele responde.

— Não quero usar seu dinheiro — falo, com um sabor amargo na boca. — Então acho desnecessário.

— Não é desnecessário, entenda que vamos ter uma imagem de casal, esse detalhe é importante em caso de emergência. Você verá que, quando for minha esposa, seu círculo de amizade mudará, as mulheres de meus sócios vão querer estar com você, então como explicarei que minha esposa não tem um cartão de crédito para usar como bem entender? Serei taxado como um marido ruim e insensível. Além do mais, está escrito no nosso acordo — ele explica.

— Eu poderia muito bem arcar com minhas despesas, se tivesse um emprego — resmungo. — Afinal, quando poderei ter meu trabalho e ganhar meu próprio dinheiro? — questiono, querendo saber quando ele iria cumprir com o combinado.

— Ainda não sei a qual cargo se adequará.

— Posso muito bem limpar o chão, servir café ou até mesmo ser a menina que tira cópias ou recepciona. Não me importo que seja um cargo operacional, ou até mesmo braçal.

— Não vou deixar minha noiva e futura esposa trabalhar em um cargo baixo.

Seria, no mínimo, estranho — guincha. — Como é formada em administração, talvez a coloque para ser analista em algum setor. Me dê dois dias e resolveremos essa questão.

— Espere. — Respiro fundo. — Como sabe a minha formação? Você investigou a minha vida?

— Isso é irrelevante. Agora temos outros assuntos para resolver.

— Porra nenhuma! — replico, olhando-o, dura.

Mas ele me ignora, voltando a caminhar até o móvel novamente.

— Quero que use isso de hoje em diante.

Ele levanta uma caixinha azul diante da minha visão. Analiso o pequeno objeto de veludo, um nervosismo subindo por meu corpo. Até poderia tentar me iludir, mas sabia o que tinha ali dentro: o objeto que caracterizaria nossa união diante a sociedade.

— Espero que não pense que me ajoelharei diante de você. — Sua voz sarcástica ecoa na sala.

— Acho impossível você conseguir dobrar suas quarto patas, mas adoraria vê-lo se arriscar — devolvo suas palavras ácidas, com implicância.

Ele balança a cabeça.

— Pois vai ficar querendo. — Ele bufa, irritado. — Pegue-o e use sempre, afinal uma noiva não pode andar sem a aliança.

Coloco o envelope no bolso traseiro do meu *short* jeans. Então abro a caixinha encontrando um anel dourado, um grande solitário, rodeado com um monte de pedrinhas brilhosas que refletem e fazem um jogo de luz em meu rosto, quando a iluminação atinge os brilhantes. Pego o pequeno arco em minha mão e pergunto:

— Quanto isso custou?

— Coloque-o. Faz parte de nossa farsa — desvia do assunto. — Falando nisso, domingo temos que comparecer em um jantar na casa dos meus pais. Vou aproveitar para apresentá-la à família como minha noiva. Será a nossa festa de noivado.

— Mas…

— Mas nada — ele me corta. — No sábado, quero que você durma aqui para nos prepararmos melhor. Sei que tinha falado antes que a queria aqui em três dias, mas acredito que podemos esperar até depois do jantar. Então quero que conheça seu quarto

para deixá-lo do seu gosto, antes de se mudar.

— Mostre o caminho, oh grande e magnífico chefe. — Faço um gesto de desdém com as mãos para seu tipinho arrogante.

Então ele começa a subir a escadas de degraus largos e escuros, enquanto eu o sigo. Passamos por um corredor onde ele apresenta as portas como sendo uma biblioteca, o seu quarto e o meu fica em frente.

— Esta suíte é a sua. — Ele abre a porta de madeira talhada e branca, entra e acende a luz.

O espaço é enorme e todos os móveis são em cores neutras, diferente dos tons escuros predominantes no restante de seu apartamento. No meio do cômodo, tem uma cama enorme, coberta com uma colcha e lençóis beges. De cada lado, tem um criado mudo com pequenas luminárias. Olho mais adiante e noto as cortinas cinzas cobrindo o que imagino ser uma janela grande.

— Você pode trocar as cores das paredes, móveis, piso. — Ele aponta para tudo. — Posso disponibilizar profissionais da construtora, quem sabe uma arquiteta e uma *design* de interiores para te ajudar.

— Eu gostei assim. — Sou sincera em minhas palavras. — Não quero mudar nada.

— Ótimo. — Ele adentra mais até estar diante de duas portas. — Aqui está seu *closet*. Todas suas roupas já estão aqui. — Ele abre as portas, então posso vislumbrar as peças, sapatos e bolsas. — E aqui é seu próprio banheiro, com ducha e banheira.

Espio, vendo o local todo coberto de mármore branco.

— Tem certeza de que não quer fazer nenhuma alteração?

— Já disse que não — resmungo. — Afinal, não será bom mudar sua casa apenas por um ano, será um gasto em vão.

— Certo — concorda e então passa as mãos pelos cabelos, bagunçando seu penteado contido.— Estive pensando, acho que agora seria um bom momento para que começarmos a trabalhar nossa imagem como casal.

— Imagem de casal?

— Sim. Seremos um casal diante da sociedade. E será, no mínimo estranho, se eu me aproximar e você ficar dura feito uma estátua. Noivos se tocam, se acariciam. Uma familiaridade e intimidade que são demonstradas através de afetos.

— O que está querendo dizer?

Junto minhas sobrancelhas sentido que os pensamentos dele não são nem um pouco bons.

— Vamos ter que agir de maneira pacífica um com o outro e estarmos preparados para beijos e toques, como qualquer outro casal apaixonado. Não vai poder surtar ou querer sair correndo quando esses momentos chegarem, pelo contrário, terá que devolver com carinho cada contato e carícia.

— Tenho certeza de que podemos deixar isso para depois.

Ele dá alguns passos em minha direção, enquanto eu recuo, até bater meu corpo na parede. Mateus coloca as duas mãos, uma em cada lado da minha cabeça. Sua respiração pesada chega até a mim e depois seu cheiro amadeirado toma conta do ar que respiro.

— O que você está fazendo?

— Ensaiando. Faça seu papel.

De repente, sinto um de seus dedos em minha bochecha, uma carícia leve e quente que arrepia toda minha pele. Então com a outra mão, ele segura firme minha cabeça, deixando-me presa ali entre seu corpo forte e a parede dura. Ele desce seu nariz comprido por onde seu dedo passeou, inspirando forte, como se pudesse sugar meu cheiro, e sinto minha alma ser aspirada. Seu sopro cálido toca o meu rosto e, com uma calma nunca esperada, Mateus cobre minha boca com a sua. Sequer tenho tempo de raciocinar ou desviar, e nossos dentes batem, quando ele se apossa dos meus lábios. Sua barba rala arranha levemente a minha pele e ofego, enquanto ele enfia a língua em minha cavidade. Mateus chupa minha língua que estava inerte e, com seu toque, ela passa a se mover com a dele, como se dançassem a *Macarena*.

Ele movimenta a cabeça para direita, seus lábios macios e maleáveis moldando-se aos meus com habilidade e facilidade. Uma sensação diferente sobe por meu corpo, chegando até o topo da minha espinha, fazendo um calor me percorrer por inteiro. Chio, então ele aproveita e morde meu lábio inferior, puxando-o como se esticasse um chiclete.

— Está vendo — ele fala, afastando-se. — Não foi tão ruim assim. Com certeza, com um pouco mais de treinamento, pode beijar melhor. Talvez consiga deixar de ser menos tensa e fria.

Espere! Pare o mundo. É sério mesmo que ele está dizendo isso do meu beijo? Depois de me agarrar e tomar a iniciativa?

— Pois para mim foi péssimo — respondo, puxando o ar com força. — Não quero ter que tocar novamente a sua boca de cavalo. Tem muita baba.

Limpo a boca com o dorso da mão sentindo meus lábios maltratados pelos seus dentes.

Então saio, deixando-o paralisado no meio do meu mais novo quarto.

Ah Deus! Isso tinha que valer a pena!



Capítulo 13

Mateus

Espalho, sobre a mesa do meu escritório, esboços de um possível projeto da construção de um novo restaurante conceitual na zona leste de São Paulo. Segundo minha agenda e o lembrete de minha assistente, ao meio-dia, terei uma reunião com os administradores do empreendimento para fechar o negócio. Então queria estar preparado para que obtivéssemos sucesso na transação.

Olhando o desenho do prédio e as plantas do local, vejo que a proposta dos proprietários é bem simples e de fácil execução. Eles apenas querem um prédio sólido e esteticamente diferente, feito de tijolos e janelas de vidros. Um conceito de ambiente familiar, que deslumbrasse à primeira vista e fosse convidativo e confortável para qualquer ocasião, de almoços a eventos grandes e corporativos. Um restaurante coringa para diversos clientes, a nova moda das empresas para não irem à falência por ter apenas um público-alvo.

Tudo isso pode não fazer sentido para você, mas para mim é tão natural quanto respirar. Eu vejo um projeto e já o materializo em minha mente, pois é isso que admiro e amo fazer já tem três anos. Trabalhar duro, fechar negócios, erguer edifícios, casas, empresas, gerar empregos diretos e indiretos é a minha vida. É aqui, na construtora, que descarrego toda as minhas raivas e frustações.

Bem, era.

Agora, por mais que tente analisar o projeto, minha mente trabalha ao contrário, fazendo-me relembrar os acontecimentos de ontem à noite. Rosno e tento respirar fundo, mas a gravata parece travar minha garganta e impedir que o ar chegue até meus pulmões. Contrariado, me levanto da cadeira e retiro a peça azul marinho, atirando-a em cima dos papéis espalhados. Aproveito e tiro o paletó escuro, jogando-o na mesma direção.

Por que resolvi beijar aquela louca?

Sim, precisávamos de preparação. Não podíamos deixar que soubessem que queríamos arrancar um a pele do outro em pleno jantar de noivado. Seria, no mínimo estranho, ter um casal prestes a subir ao altar sem química alguma. Foi por isso que agi daquele jeito, para que a nossa encenação parecesse mais verdadeira e inquestionável. Nenhum casal que demonstra amor é duvidoso, pois a sociedade gosta de se iludir com esse sentimento.

Porém eu, que esperava encontrar lábios duros e secos, fui recebido por uma boca macia e delicada. Supus que a tocaria e sentiria o frio em sua pele, mas fui surpreendido ao tatear seu corpo terno. De todo modo, não foi ruim, mas não se comparava aos milhares de beijos que já tinha espalhados por aí. Ela ainda precisa de mais algumas aulas até corresponder de forma adequada e apaixonada. Isso significa que serão necessários mais treinos.

Tudo o que eu não queria. Porra!

Sentindo-me inquieto, começo a caminhar de um lado para o outro, mas sou impedido de continuar meu acesso de irritação, quando meu telefone toca. Respiro fundo e atendo.

— Diga, Sara. — Sento-me novamente.

— Senhor Mateus, sei que tinha pedido que não ser incomodado — minha assistente soa baixo, provavelmente, querendo não irritar ainda mais a fera que tinha acordado em meu corpo hoje. — Mas o senhor Victor Alvarez está aqui querendo entrar em sua sala.

— Vou atendê-lo, mande-o entrar — peço, desligando o telefone em seguida.

Segundos depois, Victor entra.

— O que está fazendo aqui? — questiono de imediato. — Além do mais, por que pediu para ser anunciado, já que nunca não faz questão sequer de bater em minha porta quando vem me visitar?

— Olá para você também, amigo — Aproxima-se da minha mesa. — Quanto tempo! Eu estou bem, obrigado por perguntar.

— Não estou no clima.

Ele balança a cabeça, sorrindo.

— Bem que sua assistente me adiantou que hoje seu humor estava infernal. — Coloca sua pasta em uma cadeira e senta-se na outra.

Dou uma risada mínima da descrição perfeita.

— Então pare de enrolar e vá direto ao ponto. Tenho uma reunião em menos de meia hora.

— Tenho duas notícias boas e uma ruim. — Ele levanta os dedos para enfatizar suas palavras. — Qual você quer ouvir primeiro?

— Vamos começar pela ruim, assim quem sabe as boas ajudem a me recuperar.

— Então a má notícia é que toda a mídia está alvoroçada com umas fotos suas em você carrega Isabella no ombro.

— Como é?

Minhas sobrancelhas se levantam de forma repentina. Então miro meu amigo com minha expressão mais confusa.

— Basta acessar qualquer site de fofoca que a foto vai estar em evidência. — Ele aponta para meu *notebook*. — Parece que algum *paparazzo* fotografou você na frente de uma boate, carregando uma mulher no ombro até seu carro. Tem toda a sequência, relatos dizem que parecia uma discussão de casal e que você estava bem intenso e ativo. Se é que me entende.

Antes mesmo de ele terminar de falar, já estou navegando pela *internet*, abrindo alguns sites sensacionalistas e de muita repercussão entre a mídia barata. E como Victor diz, em todos eles há uma grande foto nossa e chamadas bem criativas para a matéria:

O galã das cavernas…

Mateus Ávila: o macho que faz virar seu mundo de cabeça para baixo ….

Viril, másculo e muito macho …

Respiro fundo, tentando conter minha raiva, mas minha mão aperta tão forte o *mouse* que escuto os estalos do material resistente partindo-se. Levanto-me da cadeira tão rápido que ela cai para trás e faz um barulho ao bater no chão. Com punhos fechados, dou um soco na mesa.

— Faça com que isso saia da mídia imediatamente! — Esforço-me para não gritar ou xingar, para não fazer mais alarde e chamar a atenção de toda construtora. — Descubra o infeliz que vendeu essas fotos e o processe para que ele tenha que vender até as cuecas para pagar a indenização por usar minha imagem sem autorização.

— Relaxe — Victor pede, calmo. — Isso pode ser um bom sinal.

— Como vou relaxar? Isso é uma grande merda. Inferno! — Agora grito, levando minhas mãos aos cabelos e puxando-os. — Minha reputação e meu nome estão em jogos. Sabe que isso obviamente me prejudicará ainda mais diante dos olhos do velho Ávila. E pensar que, dias atrás, eu estava dando provas de que era um homem mudado, que iria controlar minha vida pessoal e cumpriria com as exigências dele.

— Mateus, deixe-me falar — ele diz, ficando de pé e aparente em minha visão.

Assinto, mesmo que minha mente esteja operando em milhares de quilômetros por minutos.

— Conte.

— Não me refiro a essas reportagens, mas as que virão. Pense comigo, se você vier a público e explicar tudo, esclarecer que Isabella é sua noiva, que o casamento está marcado para o mais breve possível, tudo isso pode influenciar na percepção que todos têm de você, já que vai parecer mudado. Quem poderia imaginar que o maior galanteador de São Paulo se casaria? Sem falar que seria mais um indício ao seu favor, no caso de denúncia de assédio que Letícia abriu contra você.

— Ainda tem a porra desse processo. — Deixo minha cabeça cair para trás. — Sequer me lembrava dessa infeliz interesseira. Em que passo estão as investigações?

— Pense comigo, se dissermos que tem uma noiva e que por isso não precisa abordar mulheres na rua, o juiz pode acreditar que você nunca cometeria um crime assim. Além do mais, Isabella poderia depor a seu favor. Tenho certeza de que pode convencê-la a fazer isso. O testemunho de uma mulher, diante dessa acusação, pode interferir na decisão do juiz. Sem falar nas provas de vídeo que já consegui. Seu nome sairia limpo, sem mancha alguma e ainda poderia favorecer sua imagem. Um homem que tem uma mulher que o ama e confia, isso é uma cartada enorme para sua mudança.

Bufo, contrariado, mas gostado da ideia. Se Victor tem um talento, é ser criativo e brilhante, então não me surpreendo quando ele ganha a maiorias dos casos nos tribunais e ainda livra meu nome de tudo que é processo.

— Digamos que você pode estar certo. — Baixo a voz, olhando-o. — O grande problema será convencer aquela insuportável a me ajudar. Sem dúvidas, ela me causaria mais problemas, só para infernizar ainda mais a minha vida.

Vou até a cadeira, levanto-a e me sento novamente. Então caio derrotado e apoio os cotovelos na mesa para segurar minha cabeça, que está querendo explodir.

— Não fale assim da sua noiva, ela é divertida e não seria a primeira vez que estaria salvando sua vida — ele fala seguro, então sorri. Bem, temos um advogado aqui. — Você fala tanto de inferno, mas essa menina é um anjo em sua vida. Se ela não tivesse aparecido, neste momento você certamente já teria perdido seu cargo e a empresa. Imagine aí como seria sua vida sem ela. Onde estaria agora? Então você tem que agradecer a ela

em qualquer oportunidade que tiver.

Não me importo de disfarçar a virada de olhos.

— Ainda não estou garantido. Muito menos posso cantar vitória antes do tempo, pois a exigência é o casamento — lembro.

— Tenho certeza de que Isabella não é do tipo de mulher que desonra sua palavra. Além do mais, ela já assinou o contrato, com certeza não poderá voltar atrás. Não com a multa de quebra de acordo, caso uma das partes não cumpra com o combinado.

— Do que está falando?

— Não acredito que não leu o contrato. — Ele olha confuso para mim, mas apenas nego com a cabeça.

— Confiei em você. Pensei que não seria capaz de me foder.

— Bom, não é de todo ruim. Coloquei no contrato que, caso um dos dois desista antes do casamento, a parte que renegou pagará uma multa de dois milhões de reais para a outra.

Assenti. Achei um exagero, mas não podia deixar de concordar que era uma boa medida de segurança. Assim nenhum de nós poderia surtar e jogar tudo pelos ares, especialmente Isabella, já que duvidava que ela estivesse aceitando esse casamento pelo dinheiro.

Victor levanta e abotoa seu terno.

— Bom, já que terminamos por aqui, nos veremos em breve — fala, pega a pasta e começa a cruzar meu escritório em direção à saída.

— Espere! — peço. — Onde está a segunda notícia boa?

Ele vira-se antes de alcançar a maçaneta.

— Acho que você tem uma consulta hoje ao final da tarde com uma ginecologista. A médica achou meio estranho atender uma paciente com o nome de Mateus Ávila, então não se assuste se ela achar que você é uma transexual.

Então ele sai, antes de ouvir meus xingamentos.



A reunião foi longa e cansativa. Fui tolo ao achar que, por ser um projeto simples e de fácil execução, conseguiria convencer de imediato os administradores de que a *Classe A* poderia atender sua solicitação prontamente.

Mas o que eu não sabia era que os donos do restaurante queriam que todo o prédio fosse com materiais ecologicamente corretos e que ao redor fosse feito um jardim com árvores específicas da cidade que sofriam com o desmatamento. E pior, eu concordava com a ideia. Não é porque encho a cidade de pedras e mais pedras, que não posso fazer um bem à natureza.

Então tinha concordado e pedido desculpas, prometendo que, dentro de uma semana, apresentaria outra proposta. Fique surpreso por eles aceitarem e confiarem na minha palavra, fechando o negócio antes mesmo da exposição dos novos esboços. Segundo Maximiliano, o sócio mais velho, ele tinha apreciado minha atitude de assumir o erro e a minha capacidade de transformar problemas em soluções, já que tinha partido de mim a ideia de fazer um ponto perto do restaurante para coleta de óleo de cozinha das residências próximas, além de fazer tanques de coletas seletiva.

Volto para minha sala, radiante e confiante. É bom se sentir competente. É gratificante fechar negócios para construtora.

Passo por minha assistente, que de pronto fica em pé e alerta. Deve estar esperando por meus berros e ordens, mas a surpreendo com meu tom educado, ao solicitar que ela peça um almoço para mim no meu restaurante favorito, e ela fica mais perplexa quando me ouve dizer a palavra *por favor*. Por pouco, ela não cai para trás.

Já em meu escritório, envio um *e-mail* para a equipe de engenheiros, arquitetos e técnicos de edificações, informando as mudanças necessárias para o projeto. Assim que clico em enviar, ouço uma batida em minha porta, então vejo Sara entrar com uma sacola de papel com a logomarca do restaurante. Ainda descobrirei como ela é tão rápida e eficiente em meus pedidos. Ela deixa tudo em cima da mesa e me encara com olhos bem abertos, quando digo obrigado.

Abro minha refeição e me delicio com o aroma. Peixe a *escabeche*, com salada verde e uma porção de arroz — meu prato predileto. Saco os talheres e começo a comer, mesmo que seja quase 16h. Não é a primeira vez que não faço minha refeição no horário propriamente correto. Quando se tem um negócio para gerir, às vezes, deixamos nossa vida de lado. Ainda mais quando queremos esfregar o sucesso na cara de invejosos feito meu primo Eduardo, que não vejo desde o dia do processo seletivo para encontrar minha noiva. Sei que ele está vindo para construtora, mas não faço ideia de porque deixou de ser um babaca e juiz do tempo em minha sala. Decerto, já sabia da minha novidade. Pensando nele, talvez não seja má ideia colocar Isabella como sua colega de setor, já que ele é gerente do financeiro, ela poderia muito bem ser a supervisora de finança. Isabella não teria dificuldades em coordenar e controlar os gastos por obra, fazer planilhas de custos e ganhos.

Bom, falando na louca…

Descarto o prato sujo, bebo um gole de água e saco meu celular, indo até minha agenda. Antes de clicar na tecla de chamar, inspiro fundo para ser capaz de tolerar sua chatice. Aposto que ela passou na fila do aborrecimento mil vezes. O telefone chama seis vezes antes de ela atender.

— Olá, Isabella…

— Olá, cavalo. Estava demorando para me atazanar. — Ela me interrompe, a voz rouca e grossa.

Rosno. É claro que ela não tem filtro na mente, muito menos na língua. mas estou pouco me fodendo para sua irritação sem fundamentos.

— Ofícios de um noivo! — replico, firme. — Para que essa má educação? Precisa de mais trato e gentileza ao entender um telefone. Já sei qual será seu novo compromisso depois de hoje: aulas de etiquetas e bons modos.

— Falou o nobre perdido de São Paulo. Como se não fosse um selvagem mal-educado e arisco — revida, e posso quase sentir sua ira. — Mas por que está me importunando a essa hora?

Então escuto uma movimentação, passos e algo sendo arrastado pelo chão. Tento focar minha audição para tentar adivinhar o que se passa lá. Talvez ela esteja na mesa de sua cozinha simples, que em minha visita fiquei surpreso por ser bem organizada e distribuída. Digamos que ela e sua mãe souberam aproveitar bem o pequeno espaço que até mesmo tinha um ar de conforto, coisa que não eu esperava encontrar em uma casa que

achei tão maltratada por fora.

— Vai falar ou apenas ficar respirando alto? — ela pergunta, sua voz denotando impaciência. — Tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo seus chiados toscos.

— Preciso que esteja pronta dentro de uma hora — ignoro sua agitação. — Mandarei meu motorista pegá-la, temos um compromisso. Não ouse inventar desculpas ou tentar fugir, Alberto está inteirado e autorizado a agir da forma que solicitei. Isso é tudo.

Desligo, sem me importar se tinha irritado ainda mais a fera.

Jogo meu celular na mesa e tamborilo meus dedos no tampo de vidro. Possivelmente, terei que pagar com isso mais tarde. Ah, a quem quero enganar? Sabia que a garota insuportável viria com fogo para cima de mim. Restava só saber quem sairia menos queimado.



Capítulo 14

Isabella

Escuto o *tu-tu-tu* em meu ouvido e tenho vontade de jogar na parede o telefone que o próprio cavalo me deu. Com ele despedaçado, não receberia incômodos bestas e nem teria a ligação desligada em minha cara.

Estúpido!

Sua má educação só pode ser de nascença.

Jogo meu celular *ultra-mega-power* moderno em cima da cama e volto a arrumar minhas coisas em caixas de papelão. Estou guardando todas as roupas para doação, já que agora tenho um *closet* abarrotado de peças novas e sei que meu querido noivo não permitirá que as use em sua casa e muito menos nos eventos aos quais eu o acompanharei.

Sem falar que eu sabia que, a qualquer momento, a maldita comissão de despejo chegaria. O prazo dado já havia passado, não sou tola para achar que o novo dono dos terrenos deixaria as famílias ficarem aqui por caridade e desistiria da ideia de demolir tudo para seu bel-prazer e fortuna. No mundo atual, todo mundo está se fodendo para empatia e reciprocidade. Todos estão pensando em seu próprio bem, suas riquezas e felicidade fajutas. Então quanto antes todos nós estivermos preparados, melhor. Já tinha visto na televisão que uma desocupação desse tipo nunca era feita de forma amena ou civilizada.

Já podia imaginar a situação. De um lado, o dono do terreno com apoio das autoridades e armado até os dentes, e de outro, centenas de famílias vulneráveis e atormentadas, tentando resistir ao máximo à tomada de seus lares. Já tinha escutado pela rua que alguns moradores estavam preparando uma manifestação e temi que a situação saísse do controle. Estava com medo de que minha família sofresse com as consequências desses protestos.

Nós já deveríamos ter deixado esse bairro e alugado algum outro casebre, mas estou reticente em usar do dinheiro que Mateus disponibilizou para mim como recompensa pela assinatura do contrato. Como explicaria para mamãe que, de repente, agora eu tinha dinheiro para resolver todos os nossos problemas? De certo, ela não acreditaria na explicação do pote de ouro no final do arco-íris, ou que ganhei na *Megasena*, ou que a fada do dente tinha me visitado, ou que dinheiro caiu do céu.

Falando em explicação, dona Eva, desde ontem, não queria saber de outra coisa a

não ser falar sobre o cavalo selvagem. O infeliz tinha mesmo caído nas graças dela. Como mamãe mesmo disse, Mateus era um *romântico apaixonado*.

Rawww…

Só se fosse nos sonhos dela. Se tem algo que não combina com Mateus é romantismo. Bom, ele gosta mais de selvageria, de morder e sugar a boca das pessoas, prender entre os dentes os lábios alheios, aspirar todo o ar do outrem, para depois dizer que poderia ser melhor.

Sacudo a cabeça, recusando-me a lembrar do detestável beijo de ontem — se é que aquilo poderia ser considerado um beijo. Está mais para lambidas nojentas. Eca! E nem pense que isso é desdém. Fui eu que senti os lábios molhados dele, então posso classificar da maneira que quiser.

Escuto batidas em minha porta que felizmente me tiram do caminho perigoso e assassino que minha mente estava tomando. Antes de abri-la por completo, mamãe enfia sua cabeça e diz, sorrindo:

— Ainda não me acostumei, mas o mesmo motorista que veio te buscar dias atrás, *tá* aí, querendo te levar novamente.

Ela entra e olha para todas minhas coisas arrumadas. Sei que ela não concorda com minha pressa e ainda acredita que um milagre acontecerá e tudo não passará de um grande pesadelo.

— Era só que me faltava! — Ranjo os dentes, deixando de lado uma das caixas que estava empurrando. — Agora mesmo resolverei isso.

— Isa…

Ela ainda me chama, usando meu apelido, mas não paro. Saio do meu quarto, a passos rápidos e pesados e, antes mesmo de abrir a porta, escuto as benditas buzinadas do aprendiz de cavalo. Assim que coloco os pés fora, já posso ver a roda de fofoqueiras, pronta para o melhor flagra.

Aff!

— Não perde tempo, né? — pergunto, olhando bem para o motorista que ainda está dentro do carro.

Então ele abaixa o vidro fumê e me responde:

— Senhor Mateus deu ordens para que eu a levasse até ele.

Um tremendo de um pau-mandando!

Aproximo-me e digo:

— Se ele te mandou até aqui, então você sabe para onde temos que ir, não é?

Então escuto uma movimentação atrás de mim, viro-me e vejo mamãe em minhas costas.

— Vai sair para encontrar seu namorado? Para onde vão?

Cacete! Não respondo minha mãe e volto a encarar o motorista, querendo arrancar dele alguma informação. Odiei o cavalo por não ter me contado para onde iríamos.

— Senhora, não estou autorizado a passar qualquer informação. O senhor Mateus foi bem claro nessa questão, apenas venha comigo. E não saio daqui sem cumprir com o solicitado. — Ele volta a apertar a terrível buzina.

— Pois se não vai falar, então acho que não vou.

Viro as costas, a fim de tentar persuadi-lo. Talvez se achasse que eu não iria, ele resolvesse dar com a língua nos dentes.

— A senhora quer que eu perca o emprego?

Giro o corpo na direção dele novamente. Porra, o feitiço virou contra o feiticeiro?

— Pois é isso que vai acontecer se não vier comigo. — Então desce do carro e continua: — Senhora, tenho família para sustentar, uma mulher que depende de mim. Estou com uma filha recém-nascida, não posso, em hipótese alguma, ficar desempregado!

Já mencionei que meu coração é mais mole que manteiga derretida? Pois é, eu tenho um coração e não posso condenar um pobre coitado que está somente fazendo o serviço dele.

— Tudo bem, eu vou. Me dê apenas cinco minutos — digo, virando de costas e encontrando mamãe, olhando-me questionadora. Bom, agora eu não poderia tirar as caraminholas de sua cabeça. Eu tinha um encontro, sabe Deus aonde, com meu noivo.



Uma hora depois, o carro elegante para diante de um prédio grande. Prendo meus cabelos em um coque alto e aliso minha camiseta vermelha. Estou repetindo a única roupa elegante que levei para casa, foi a única que tinha ficado fora das caixas. Olho pela janela, novamente, curiosa, pois imaginei que o motorista me levaria até o apartamento do chefe idiota. Quando minha porta é aberta, salto do carro e deixo minha cabeça cair para trás, olhando até o topo da obra moderna, admirando como a faixada de vidro escuro do edifício reflete o tom cinza dos prédios vizinhos.

— O que estamos fazendo aqui? — inquiro, pois, sendo um prédio sem identificação ou placas, não tinha como saber.

— Venha, senhora. — O motorista estende a mão, apontando para a porta giratória. — O Senhor Mateus a aguarda.

Eu estou ainda mais confusa e com os nervos à flor da pele. Quando começo a andar, passo pelas portas giratórias e encontro uma recepção com três moças e um rapaz por trás de pequenos blocos branco, como se cada um tivesse seu próprio balcão.

— Boa tarde — uma recepcionista morena nos atende. — Em que podemos ajudar?

— Onde o senhor Mateus Ávila se encontra? — O motorista se adianta.

— Ele está no oitavo andar, senhor — ela fala, sorrindo. — Venham por aqui. Ele nos pediu para que vocês entrassem assim que chegassem.

Ela sai detrás do balcão para nos acompanhar até o elevador, então aperta o botão de acionamento e, menos de cinco minutos depois, as portas de aços se abrem. Meu estômago começa a se revirar, e sinto que aquele encontro não acabará bem, parece que estou indo para alguma armadilha. É o mesmo pressentimento que tive quando entrei na empresa de Mateus. Inspiro fundo para tentar me acalmar e penso que terei que ir ao encontro dele para descobrir o que me aguarda.

As portas se abrem, dando-me a visão de um saguão todo branco, com piso do

mesmo tom e bem limpo. Em minha frente, o janelão me dá uma visão do céu, que começa a entrar em seu tom alaranjado de final de tarde. Olho para minha direita e encontro Mateus, sentado em uma espécie de sofá. Tento não admirar meu noivo, mas sou traída pelos olhos bobos, que passam a analisá-lo, indo dos sapatos pretos brilhantes, passando pela calça social preta, a camisa branca aberta no colarinho e com os punhos arregaçados até seus cotovelos, o rosto firme e parando nos cabelos despenteados. Ele está agitado, olha o relógio em seu pulso e logo passa as mãos compridas pelo rosto barbudo.

— Senhor, aqui está a senhorita Isabella — seu motorista fala, chamando sua atenção.

Assim que ele nos vê, levanta-se da cadeira e vem até nós, seu corpo grande e forte aproximando-se de mim, a passos compridos e irritados.

— Está atrasada — rosna baixo para mim. — Não gosto de ficar esperando feito um idiota.

— Boa tarde para você também, querido. — Miro seus olhos azuis que estão preso nos meus.

Ele ignora meu cumprimento cheio de sacarmos e diz:

— Sem gracinhas.

Ele se aproxima mais, e posso até sentir sua respiração em meu rosto.

— Onde estamos?

— Cumprindo com nosso compromisso e acordo — ele sussurra. — Venha, temos uma consulta com a ginecologista.

Então ele prende sua mão entre meus dedos, e quem olhasse de longe, juraria que era um gesto apaixonado, de um casal que não podia deixar de se tocar, mas tenho certeza de que ele só fez isso para assegurar que eu não sairei correndo dali.

Um frio sobe por toda minha coluna, chegando em forma de amargor à minha boca. Sabia que esse dia chegaria, eu mesma tinha concordado com essa invasão de privacidade ao assinar aquele maldito contrato.

Ele começa a andar e sigo seus passos até uma mulher cuja presença não tinha notado ao entrar. Certo, eu farei essa maldita consulta, mas se Mateus cogita, nem que seja por um minuto, que essa violação de privacidade não terá retaliação, ele está muito enganado!

— Boa tarde, tenho um horário marcado com a doutora Barcellos. Em nome de Mateus Ávila — o cavalo dita grosso para a recepcionista.

— Boa tarde. Só um minuto, senhor, enquanto consulto a agenda — ela pede, checando na tela do seu computador. Então pega o telefone, digita uma tecla e fala: — O senhor Mateus Ávila está aqui para a consulta. — Ela escuta por um momento e continua: — Certo.

— Confirmo o agendamento. Vocês já serão atendidos, esperem apenas um minuto até que a sala seja preparada — ela fala, ao desligar o telefone.

— Obrigado — ele responde para mulher e depois se vira para mim, perguntando: — Está tudo bem?

— O quê? — questiono sem entender sua pergunta, ou o fato de ele me olhar com cuidado.

— Você está mais pálida que o normal. Seus olhos estão aflitos, e você sequer tentou puxar sua mão da minha.

— Ah! — Aproveito e puxo meu braço com brusquidão, tirando minha mão de seu aperto. — Você queria que estivesse feliz por ter que abrir minhas pernas por aí? Não, isso está me deixando azeda e tensa, mas você quer que eu faça isso, sem falar que está no contrato. Então tenho que fazer, afinal, eu assinei, concordando com essa palhaçada.

— Primeiro, não sou eu quem quero. — Ele me mira. — Você acha que gosto de estar aqui? Não, não gosto e acho um absurdo, mas conheço o pai que tenho, por isso, prefiro me resguardar para evitar qualquer acusação de que não estou cumprindo com o que foi pedido. Desculpe-me por te sujeitar a fazer isso.

Pela primeira vez, desde que o conheço, sinto um pouco de empatia na voz de Mateus e até mesmo consigo enxergar em seus olhos um pouco de ternura.

— Eu farei o exame — afirmo. — Contanto que não queira conferir minha virgindade pessoalmente — brinco para apaziguar o clima tenso e aflito que se forma na sala de espera.

Mateus apenas me olha, chocado. Ele abre a boca para revidar, mas uma das três portas que ficam perto da mesa da recepcionista é aberta e surge um médico todo vestido de branco e com uma pasta na mão.

— Senhor Mateus Ávila?

— Sou eu — o cavalo responde, aproximando-se do homem, sua expressão irritada transformando-se em confusa.

— Prazer, sou Joaquim Barcellos. — O doutor olha para mim. — Sua esposa pode entrar. Acredito que ela seja a minha paciente.

— Espere — ele dita. — Tenho certeza de que agendei com a doutora Barcellos.

— Acho que sou o único Barcellos nesta clínica. — Ele estende a pasta, como se isso explicasse algo. — Olhe aqui a ficha de pré-agendamento. Deve ter acontecido alguma falha de comunicação quando foi solicitada a marcação de consulta.

Dou um passo para seguir o belo médico, mas sou impedida de continuar pelo aperto firme de Mateus em minha mão.

— O que foi? — questiono, olhando-o com uma sobrancelha arqueada.

— Não quero que se consulte com um homem. — Ele solta minha mão e aponta para dentro do consultório. — Espere aqui. Vou verificar com a atendente se tem alguma médica disponível para hoje. Caso contrário, pedirei para remarcar para o mais breve possível. — Então se vira para recepcionista.

— Por que não podemos fazer a consulta com um médico? — Olho-o, questionadora. — Não vejo problema algum. Acredito que ele seja qualificado para exercer essa função.

— Não importa. Não vou permitir que faça a consulta com ele. Agora me aguarde aqui. Vou verificar a possibilidade de uma médica mulher.

Mateus se afasta e vai até a recepcionista. Decidida, entro na sala que está com a porta aberta e sento-me em uma das duas cadeiras que há em frente à mesa do médico. Nunca estive em uma consulta ginecológica, então não sabia o que esperar de uma sala como essa. Em minha cabeça voadora, cogitava que tivesse um monte de camisinhas espalhadas, corpos mostrando as partes e tudo mais, porém o ambiente parece confortável e tranquilo. Segundos depois, meu querido e furioso noivo entra rangendo os dentes e sentando-se ao meu lado.

— Bem-vindos. Então, qual o motivo da consulta? — O médico estende a mão para mim, que aceito, e depois para Mateus, que deixa a mão do homem no ar.

— Desculpe, doutor — falo, sorrindo cinicamente para o cavalo irritado ao meu lado. — Mas meu noivo está com ciúmes. Uma coisa meio idiota da sua parte. — Estendo uma mão e passo a acariciar os ombros dele.

— É normal, os homens são meios reticentes com ginecologistas do sexo masculino, mas posso garantir que sou profissional e agirei eticamente — ele explica.

— Já que minha noiva quis se consultar com você, doutor — Mateus range os dentes, então pega minha mão que alisava sem braço e a aperta forte —, estamos aqui para que ela realize alguns exames pré-nupciais. Em breve, nos casaremos e queremos que tudo seja feito de forma consciente. Preciso saber sua condição sexual. Sem falar que me importo muito com sua saúde.

— Está de acordo com isso? — O ginecologista olha para mim, analisando-me.

— Estou sim.

— Eu entendo — o médico fala, mexendo no *mouse* de seu *notebook*. — Primeiro, vamos começar colhendo algumas informações para preencher sua ficha. Esses dados vão mostrar como anda sua saúde íntima, quais exames serão necessários e até mesmo o melhor método anticonceptivo que posso receitar.

Então ele começa o interrogatório, enquanto eu pareço um réu respondendo tudo. Da data da primeira menstruação aos sintomas que sentia ou já tinha sentido. O cavalo ao meu lado apenas observa tudo.

— Certo, agora pedirei que vá até aquele biombo e vista a bata que tem em cima de uma mesa para o exame físico. Coloque a abertura para trás. Quando terminar, volte e deite-se na maca.

Ele aponta para onde há uma porta azul, que está aberta.

— O que será feito agora? — O cavalo, que estava calado demais para o bem dos meus ouvidos, soa curioso.

— Um exame padrão para a primeira consulta ginecológica. Farei a verificação de prevenção, coletarei material para saber se alguma bactéria ou fungo afeta a flora íntima.

— Eu acompanharei — Mateus dita, firme.

— Perdão, senhor, mas é um exame íntimo e somente a própria paciente pode solicitar o acompanhamento de terceiros.

O cavalo me fuzila com os olhos. Como se eu temesse seu olhar azul e feroz.

— Não quero acompanhamento. — Sou dura em minha escolha.

— Nem pensar— Mateus declara alto e levanta-se.

— Senhor, pedirei que mantenha a calma e aceite a decisão de sua noiva. Caso contrário, terá que se retirar do consultório. — O doutor usa seu modo profissional, mas posso sentir que ele está de saco cheio dos coices de Mateus.

Com um aceno de mão e bufando, Mateus aceita e volta a se sentar com a boca retorcida e as narinas dilatadas. Levanto-me e começo a andar no mesmo momento em que o médico fica de pé. Vou até o lugar indicado encontrando uma espécie de banheiro pequeno. Avisto a bendita bata que vai me deixar de bunda de fora e tiro-a do envelope de plástico antes de começar a me desfazer das minhas roupas. Em menos de cinco minutos, estou de volta, sentido o vento do ar condicionado bater em minha carne descoberta. Com um frio na barriga, caminho até a maca.

— Agora fecharei o acesso que liga minha sala ao consultório — o médico fala ao fechar uma pequena portinha de vidro, deixando-nos em uma espécie de cabine. — Antes de começar, quero que esteja ciente de que além de verificar sua virgindade, o exame de toque é muito importante, porque permite analisar as condições em que se encontram seus órgãos internos. Verificarei o útero e se existe alguma massa ou processo expansivo em desenvolvimento nos ovários ou se eles estão inflamados. Pode ser um pouco desconfortável, mas não será doloroso. Você precisa apenas relaxar. Certo? — ele pergunta parecendo muito profissional.

Sacudo a cabeça. Querendo ou não, estou com receio e muito nervosa.

— Só vou pedir que se deite de costas, com pernas afastadas, e que coloque os pés no apoio. — Faço, como é pedido. — Isso, agora vou começar o exame, vai sentir apenas um leve incômodo.

Eu fecho os olhos quando sinto o toque gelado entre minhas pernas, mas respiro fundo. De leve, abro os olhos e fico concentrada na pequena lâmpada do teto. Para disfarçar meu constrangimento, começo a contar quantos feixes de luz saem dela, mas antes de chegar ao quarto, o médico anuncia:

— Pronto. Tudo normal. Pode se trocar.

Desço como um foguete da maca e entro rápido no mesmo banheiro, retirando mais depressa ainda a bata, e começo a me vestir. Quando saio novamente, tudo está limpo e a porta foi aberta, dando-me uma visão da sala, e vejo Mateus fazer uma pergunta que o médico parece se recusar a responder.

Aproximo-me para escutar o que está agitando os ânimos do cavalo.

— Não posso revelar um segredo profissional sem o aval da paciente. Possuo moral e ética. Aguarde sua noiva lhe contar, pois, além de mim, somente ela mesma pode lhe dizer com certeza essa informação. — O médico é enérgico em suas palavras.

— Pode dizer doutor — falo, pegando os dois de surpresa. — Pode confirmar ao meu querido noivo que sou virgem. Que mantenho o lacre da pureza.

— De acordo com o exame, detectei sim que a membrana mucosa específica, mais popularmente conhecida como hímen, não foi rompida. Contanto, a ausência dessa película não significa necessariamente que uma mulher não é virgem. A virgindade de uma pessoa não deve ser atrelada a isso, e sim ao envolvimento e as sensações que ela viveu física e emocionalmente com uma pessoa por meio dos contatos sexuais, sejam eles quais forem.

O silêncio toma conta do lugar, enquanto sento-me novamente. Mateus parece não respirar ou até mesmo piscar.

— O resultado dos seus exames clínicos só estarão prontos em duas semanas. — O doutor resolve quebrar o clima e logo opta por mudar de assunto de forma inteligente. — Quer escolher algum tipo de anticonceptivo? Temos opções de pílulas, injeções, DIU e o método mais seguro e eficaz: as camisinhas.

— Bem, isso é conversa para uma nova consulta — Mateus diz apressado e nervoso ao se levantar, então estende sua mão para mim. — Vamos, docinho.

— Bom, então aguardo você para dar o resultado do exame feito hoje.

Levanto e estendo minha mão para agradecer ao médico, mas os dedos compridos e a mão grande de Mateus me interrompem, segurando meu pulso firmemente. Sem responder ou ao menos se despedir, ele sai praticamente forçando-me a seguir seus passos até o elevador. Olho ao redor, procurando seu motorista, mas não o encontro em lugar algum. As portas da cabine de aço se abrem, e sou arrastada para dentro.

— Para que tanta presa? — pergunto, indo para um canto. — Por acaso ficou com medo da explicação sobre as camisinhas? Ou quem sabe com medo de descobrir que ainda não existem camisinhas de modelo infantil ou para os deficientes em tamanho e largura como você?

Mateus se vira para mim e, em um passo, está me imprensando contra as paredes frias de aços.

— Não que eu tenha que provar nada para você… — Sinto sua respiração em meu

rosto. — Mas está vendo esses dedos aqui? — Mateus pergunta, levantando seu médio e indicador, compridos e grossos, diante dos meus olhos.

— Acho que não sou cega.

— Pois, bem. Há um ditado popular que diz que, quanto mais longos e grossos são os dedos em um homem, mais avantajado e potente é o seu membro. E posso provar que não é apenas um dito, tenho a evidência bem aqui entre minhas pernas. Posso até permitir que toque para tirar suas próprias conclusões.

Então ele quase funde seu corpo ao meu.

— Não quero … — falo, tentando respirar com dificuldade, já que o ar começou a ficar quente.

— Pegue, toque e sinta como de brinquedinho, pequeno e infantil ele não tenha nada. Ou está com medo de que suas duas mãos não sejam capazes de segurá-lo e comportá-lo?

— Imbecil! — xingo. — Não chegue perto de mim.

— Assim? — Ele resvala sua pélvis em mim.

— Pare, seu cavalo!

— Uma boa comparação. — Muito devagar, ele leva a boca até minha orelha direita. — Pode usar um cavalo como base para fantasiar e sonhar com meu pau.

Então com a mesma calma que se aproximou, ele se afasta e ergue sugestivamente as sobrancelhas, rindo de mim.

Desgraçado!



Capítulo 15

Mateus

Dirijo com calma pelas ruas movimentadas de São Paulo indo até ao bairro de Isabella. Dispensei Alberto e decidi levar minha querida e retraída noiva para casa. Olho de relance para a fera que está no banco de carona, e ainda é possível ver o rubor em seu rosto fino. Bem que eu tinha gostado de envergonhá-la e constrangê-la, duvidava que agora ela fizesse mais piadas com o tamanho ou o formato do meu pau.

Sorrio, voltando minha atenção para o trânsito. Isabella não sabia o que estava falando ao chamar meu atributo de pequeno e fino. Se tem uma coisa grande e grossa em mim, além do meu humor inconstante, é o meu pau. Não que eu goste de me vangloriar, mas nem uma mulher reclamou dele antes, ao contrário, todas que tiveram a oportunidade de vê-lo em ação, grudavam nele e não queria mais largar. Só Deus, eu e Sara sabíamos o trabalho duro que era lembrar a elas que a magia só durava uma noite.

Ela se vira e me encara, mas não consegue nem sustentar o olhar. Em todo o tempo que a conheço — certo, não é muito — nunca imaginei que a deixaria calada e quieta em seu canto. Agora estava esperando por seus acessos de fúria e petulância.

Viro à direita e começo a subir a rua irregular e mal pavimentada da casa de Isabella. Os postes mal iluminam o caminho, por isso acendo o farol alto da minha *Mercedes*. Sei que meu carro é luxuoso e chamativo demais para o lugar simples e, de longe, enxergo uma roda de vizinhos. Nas duas vezes em que vim aqui, uma comitiva se juntou para observar meus movimentos.

Sinto Isabella se movimentar agitada no banco. Então a olho para saber o que a assustou e vejo, pela sua janela, alguns carros da polícia e da imprensa local. Com certeza, tinha acontecido algum crime nas redondezas. Não é novidade que aquele bairro é dos mais perigosos da cidade. Aqui a criminalidade é altíssima. Surpreende-me muito que alguma família consiga se manter honesta e digna morando neste lugar como a de Isabella, que preserva sua integridade. Sei que a maldade e banditismo corrompem. A facilidade de mudança de vida que é prometida pode ser muito fascinante, por isso, muitos jovens e pessoas ingênuas caem.

Parando o carro diante da casa branca e simples, tiro o cinto de segurança para acompanhar a garota até a porta. Não é seguro deixá-la sozinha com a rua tão movimentada, possivelmente os bandidos ainda não foram pegos pela polícia. Além de

protegê-la, quem sabe posso até mesmo cumprimentar rapidamente minha sogra. A mulher tinha me causado uma boa impressão, talvez por enxergá-la como uma pessoa forte, que me recebeu carinhosamente, e com uma simplicidade cativante.

— Não, não pode ser — Isabella fala, nervosa, ao meu lado.

— O que foi? — inquiro, confuso, mas a garota sai apressada do carro sem responder.

Bufo e então desço também. Ela tenta a maçaneta da porta de sua casa, mas está fechada e assim ela começa a bater com punhos fechados e muito desesperada na madeira dura. Quero lhe pedir calma, dizer que agindo assim ela se machucará e que, com certeza, a mãe e irmão dela estavam bem, mas então escuto uma baderna, gritaria e barulhos parecidos como explosões.

Viro-me para olhar de onde vem todo o som e sou impactado por uma espécie de fogueira improvisada com madeiras e grandes barris de ferro com chamas altas produzindo uma fumaça muito escura e abundante. Os mesmos moradores que vi antes estão correndo de um lado para outro com os materiais inflamáveis e jogando tudo dentro dos tonéis que pegam fogo.

Arfo, assustado.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto para a garota, que continua a bater na porta.

— É o dia que mais temia — ela responde, virando-se para mim e seus olhos verdes estão perdidos e sem fé. — A ordem de despejo finalmente será cumprida. Não poderemos mais ficar aqui, nem um de nós poderá mais manter seu lar.

— Como assim?

Então vejo policiais descerem dos carros parados portando cassetetes e escudos que protegem todo o corpo, enquanto algumas dezenas de repórteres e câmeras os acompanham. Eles escoltam um senhor barrigudo usando um terno de má qualidade e tom duvidoso. Quando ele se aproxima mais, parando quase diante de onde estou com Isabella, posso ver um sorriso radiante em seus olhos, maior do que o que está na sua boca coberta pelo bigode grande.

— Quero todos fora dos meus terrenos em menos de duas horas! — grita em alto e bom som, chamando a atenção dos manifestantes. — Se não for por bem, então será por mal. As autoridades estão aqui para garantir o meu direito e finamente cumprir a ordem

judicial.

Os policiais avançam em direção aos protestadores assim que o homem barbudo termina seu pronunciamento. Alguns moradores tentam resistir jogando pedaços de madeiras e pedras, mas logo são contidos violentamente pelos agentes, que estão em maior número e bem mais preparados e armados que eles. Desvio meu olhar da cena lastimável e dura demais para um início de noite.

Isabella, que estivera calada e observando o pronunciamento, se assusta com a brutalidade da batalha que se desenrola bem diante dos nossos olhos, e seu corpo até chega a tremular. Passo meu braço por seus ombros, tentando lhe dar apoio ou conforto, mesmo sem entender a dimensão do que ela está sentindo.

— Mamãe! — Isabella grita ainda estremecida. — Julinho! Deus, onde está minha família?

— Calma, eles estão bem. — Aliso suas costas.

— Tenho medo de eles terem saído para algum lugar sem saber o que está acontecendo e serem atingidos por algum desses manifestantes quando voltarem. Ou então eles podem ser confundidos pela polícia e acabarem feridos ou mortos.

Ela ofega em meus braços, e não preciso ser vidente para saber que está chorando. Não falo nada e apenas ofereço meu peito para que ela derrame seu sofrimento. Também sinto um calafrio subir pela espinha, não gostaria que o pior acontecesse. Não saberia como lhe confortar, não é uma situação a que eu estou acostumado e não sei como agir.

— Filha…

Escuto a voz da senhora Eva ao longe, e a garota em meus braços levanta a cabeça rápido, como se precisasse ver com seus próprios olhos que a mãe realmente está bem.

A mãe de Isabella vem caminhando apressada, carregando algumas sacolas e o filho a segue, mas, antes que ela consiga se aproximar, o homem barrigudo entra em sua frente, impedindo-a de caminhar.

— Aonde pensa que vai? — ele grita. — Esse lugar me pertence! Todos têm que dar o fora daqui o quanto antes, não permitirei que dê nem um passo a mais.

Ele se estica para pegar no punho de Eva e com isso a sacola que ela segura cai no chão, espalhando um pacote de arroz, outro de feijão e uma lata de óleo. O garoto fica nervoso e avança em cima do homem que o empurra, derrubando-o. Isabella sai dos meus braços para correr até onde tudo acontece e, sem pensar, sigo a garota.

— Isabella! — Intercepto minha noiva antes que ela alcance o indivíduo. — Pegue seu irmão e saia, enquanto resolvo essa situação.

Agradeço mentalmente quando ela acena com a cabeça. Então me aproximo, narinas arfantes e sangue quente, e digo:

— Não a toque! — rosno firme para o homem que me olha com desdém dos pés à cabeça. — Quero que tire suas mãos agora mesmo de cima dela. Você entendeu?

— Que merda você pensa que é? — ele pergunta, ainda apertando o pulso da mulher que está alarmada, os olhos assustados e vermelhos, as lágrimas prestes a caírem.

— Sou o homem que arrancará sua mão se não soltar agora mesmo essa mulher. — Fecho minhas mãos em punho.

Ele solta uma risada seca e grossa que não tem um pingo de humor. Para minha surpresa, o homem começa a sacudir com rispidez o braço da minha sogra, e a irritação explode dentro de mim. Muito rápido, estou em cima dele, acertando meu punho no meio da cara do detestável e cruel sujeito, fazendo seu corpo cambalear para trás. Ele avança novamente para cima de mim, mas agarro o colarinho de sua camisa, evitando que revide o meu soco.

Vejo o sangue escorrer do seu nariz e digo:

— Nunca mais ouse chegar perto dessa mulher ou de qualquer outra. Ou novamente serei obrigado a te ensinar a lição dos covardes.

Então abandono seu corpo inútil e vou até a senhora Eva, que está paralisada e chorosa. Com cuidado, passo meus braços por seus ombros.

— Pronto. Agora está segura, vai ficar tudo bem — digo com a forma mais gentil em que consigo me expressar, surpreendendo-me que tenta sido tão fácil.

— Vai se arrepender disso! — o homem fala, cuspido sangue. — Não deixarei isso barato.

Ignoro os xingamentos, as ameaças de processos e os juramentos de destruição e arruinação do homem. Talvez ele não saiba, mas quem está abatido e morto é ele, pois assim que eu chegar em casa, farei questão de descobrir quem lhe vendeu esse lugar e darei um jeito de acabar com esse negócio. Tenho alguns conhecidos em imobiliárias que me devem favores, então destrui-lo será tão fácil como mastigar algodão doce.

Sou tirado dos meus pensamentos, quando noto diversos *flashes* em minha direção.

Porra, a merda da imprensa! Começo a caminhar com minha sogra antes que eles iniciem as perguntas. Sei que, de um jeito ou outro, a matéria será feita e exposta amanhã mesmo, então só me resta esperar para ver a reação da sociedade, mas, considerado o meu envolvimento, imagino que a repercussão não será boa.

Mas não é hora de me importar com o que a mídia fará, ou se o nome da minha família estará em uma página policial novamente. Agora estou mais interessado em como posso ajudar a família da minha noiva.

Antes mesmo de chegarmos perto, a mãe corre até onde seus filhos estão abraçados e os três se juntam em um emaranhado só, cada um tentando alentar a angústia do outro. Apenas fico por perto, não querendo atrapalhar o momento familiar, pois sei que agora o que cada um deles precisa é saber que ainda estão unidos, mesmo que ao redor tudo seja destruição e desordem.

— Eu sei que o mais querem é ficar juntos, mas acho melhor fazer isso dentro de casa. Então, vamos entrar — peço, apressado.

Dou um passo à frente para incentivá-los a se mexerem e me seguirem. A senhora Eva acorda de seu torpor e saca do seu bolso a chave, abrindo a porta.

Eu já estivera dentro da casa antes, mas é a primeira vez que posso examinar melhor a sala, o pequeno cômodo composto apenas por uma poltrona e uma televisão em cima de uma mesa de madeira.

— E agora, filha, o que faremos? — A mãe é a primeira a falar enquanto limpa o rosto molhado dos filhos.

— Não sei, mamãe — Isabella dita com a voz grossa devido ao choro. — Podemos tentar arrumar um quarto para essa noite e amanhã ir atrás de um lugar melhor.

— Não queria que isso tivesse acontecido. — A voz rouca da mulher mais velha está carregada de dor. — Me sinto tão incapaz nesse momento, como se eu não fosse uma mãe competente, capaz de proteger minhas crias. Peço desculpas, meus filhos, por tudo isso.

Respiro fundo, tentando me acalmar e engolir a onda de pesar que ameaça subir por minha garganta, pois, nesse momento, alguém tem que ser firme para buscar a melhor forma de resolver o problema que afeta a todos.

— Vou ajudá-los — dito, decidido, antes de deixar que a tristeza cause mais sofrimento a essa família. — Tenho um apartamento desocupado que posso ceder a vocês

pelo tempo que quiserem.

— Não…

— Não os deixarei em um quarto qualquer — Interrompo Isabella. — Não quando posso proporcionar algo mais seguro e confortável. Pode ter certeza de que não é incômodo algum para mim. Quero e estou fazendo isso de coração. Apenas preciso que aceitem.

Então miro minha sogra, dando-lhe o meu olhar mais seguro e contido, querendo que ela veja em mim uma pessoa em que pode confiar no momento, pois talvez ela convença a filha a aceitar minha oferta e de que o orgulho dela não seria quebrado se cedesse.

— Filha, é melhor aceitar o que seu namorado está oferecendo — a sábia mãe fala. — Sem falar que não vamos nos aproveitar da boa vontade dele. Assim que tudo se ajeitar, podemos buscar um novo lugar.

Isabella olha para mim, depois para o irmão e finalmente para a mãe.

— Deixei-me fazer isso, Isabella — emito, franco. — Aceite minha oferta. A essa hora, é mais do que difícil encontrar um quarto num hotel ou em uma pensão. Pense no conforto de sua família, não seria sensato cansá-los ainda mais, quando todos vocês só precisam de um repouso.

Com um movimento de ombros e um aceno leve de cabeça, ela aceita.

Ufa!

— Tudo bem… — chio, olhando para casa. — Vamos arrumar as coisas que precisam ser levadas, e logo deixarei vocês no apartamento.

A senhora Eva vai para um lado, sendo seguida pelo filho, enquanto minha noiva fica parada no meio da sala.

— Peguem apenas os documentos, objetos pessoais e roupas para essa noite — falo alto para que aqueles que estão no quarto possam me ouvir. Depois viro-me para Isabella e explico: — Não precisaram dos móveis e demais utensílios, tem tudo no apartamento.

— Mas os móveis estão inteiros e ainda são úteis — Isabella fala, olhando-me em reprimenda. — Não seria justo deixá-los aqui para serem destruídos, alguém ainda pode usar.

Olho melhor e tenho que concordar, pois tudo é muito limpo e bem cuidado.

— Tudo bem, posso providenciar que sejam entregues a quem precisa — concordo. — Algo mais a ser doado?

— Sim, separei hoje todas as minhas roupas, já que elas não me terão mais serventia, mas podem ser úteis e necessárias para outras pessoas — ela fala, baixo. — Estão em caixas no meu quarto.

— Certo, vou dar um jeito nelas também.

Vamos para o quarto, e Isabella abre a porta, dando-me passagem. Há umas quatro caixas pequenas espalhadas no chão. Vou até elas, empilho-as uma em cima da outra e, sem dificuldade, as levo até a sala. Colocando-as novamente no chão, viro-me para ver a garota sair do quarto, carregando uma pasta vermelha.

— São meus documentos e papéis pessoais.

Assinto com a cabeça.

— Na cozinha, tem algo que queiram pegar? Ou algum alimento na dispensa?

Um olhar estranho toma conta do rosto dela.

— Não tem muita coisa…

— Bom, não precisam se preocupar com isso também — Interrompo-a. — Vou abastecer a cozinha de vocês, não precisarão comprar comida por um bom tempo. Acha que sua mãe e seu irmão já pegaram tudo?

Antes mesmo de ela ter a chance de responder, os dois voltam à sala, carregando uma mochila e uma pasta igual a de Isabella.

— Estamos com tudo — a mãe fala, olhando saudosa para todo o lugar. Percebo que está triste por ter que se despedir do seu lar.

— Bom, vamos — falo tranquilo, mas, de alguma forma, tentando chamar a atenção de todos para mim, não queria que a melancolia os atingisse novamente. — Nenhum de você precisará mais voltar aqui. Resolverei as questões burocráticas.



Abro a porta com a chave reserva que peguei na portaria, acedo as luzes e deixo que todos entrem na sala. O apartamento está bem cuidado e limpo, pois, como o bom solteiro devasso que sou, é para cá que trago as mulheres com quem passo a noite. Bem, isso agora é passado, pois ele estará ocupado, sem falar que dei minha palavra a Isabella, prometendo que me manteria no celibato enquanto nosso casamento falso durasse.

— O apartamento tem dois quartos e todos são suítes — falo para os três que estão em pé, olhando para todo local. — Ficam na parte superior. Acho que seria bom mostrar logo tudo a vocês.

Então eles concordam apenas com a cabeça e me acompanham pelas escadas. Apresento o primeiro quarto, que é todo em tons escuro. Este poderia muito bem ser dividido momentaneamente entre a mãe e o irmão de Isabella já que a segunda suíte logo ficará disponível quando ela se mudar para minha casa. Dou um passo para trás, deixando que eles entrem no ambiente.

O irmão vai até a cama grande e sobe, sem cerimônias, enquanto vejo a tensão sair dos ombros de Isabella. Seus lábios vermelhos deixam escapar uma arfada longa e ruidosa. Sabia que ela estava cansada pelos acontecidos de hoje.

— Tem uma banheira? — o irmão grita, com traços de animação na voz, da porta que leva até o banheiro.

— Tem sim.

— Posso usar?

— Claro, fiquem à vontade para fazer o que quiserem.

— Então vou usar agora mesmo.

Sorrio da empolgação do garoto. É estranho alguém se animar com algo tão simples. Bom, pelo menos para mim é algo comum.

— Venha, deixe seu irmão e sua mãe curtirem o novo quarto — chamo por

Isabella. — Quero mostrar onde você vai dormir.

Saio do cômodo e abro a porta da frente. O outro quarto é menor e decorado em tons de marrom — até mesmo o apelidei de quarto madeira.

Isabella não olha muito bem o cômodo. Apenas vai até ao móvel do lado da cama para deixar sua pasta de documentos e logo está de volta ao outro quarto. Eu entendia que agora ela só queria ficar perto deles, então eu, com certeza, deveria ir embora também.

De repente, lembro que ela não jantou e que possivelmente nem a mãe e o irmão o fizeram. Antes de seguir para o quarto da frente para me despedir, saco meu celular do meu bolso e disco rápido o número de pizzaria que fica na esquina do quarteirão seguinte. Não sabia bem qual o sabor eles iriam preferir, então vou nas coringas: portuguesa e muçarela.

— Pedi comida. — Adentro novamente na suíte. — Espero que gostem de pizza.

— Aí, meu filho. — Minha sogra que estava sentada na cama e conversava com a filha vem até a mim. — Você está sendo nosso grande salvador hoje. Vou agradecer para sempre por sua ajuda. Fico feliz que minha filha tenha um homem bom ao seu lado, com toda certeza a relação de vocês será muito abençoada.

— Não estou fazendo nada demais — falo, amenizando toda a glória que dona Eva me dá. — Bom, acho que podem conhecer o restante do apartamento sozinhos. Sinto que merecem esse momento em família, então os deixarei e vou para minha casa.

— Mas você faz parte da família agora — ela rebate.

— Sei que sim, mas esta noite vocês precisam de descanso. — Aponto para cama. — Além do mais, amanhã preciso ir trabalhar cedo.

— Tudo bem — ela aceita. — Muito obrigado, filho, de verdade.

— Não fiz nada demais — falo e então desvio de assunto: — Isabella, você me acompanha até a saída?

Ela parece despertar e se levanta ainda confusa. Vem até a mim e juntos saímos do quarto e descemos a escada até a sala. Decidido a não pressionar mais a garota por hoje, apenas falo:

— Confie em mim, Isabella. Foi melhor vocês terem vindo para cá. Você verá que aqui é um lugar seguro e confortável. Se não pode aceitar por mim, faça pela sua família. Você mesma viu como seu irmão ficou animado e sua mãe não foi contra nada. Eles estão

felizes aqui, é isso que deve importar de agora em diante.

Pela primeira vez na noite, vejo um sorriso relutante dançar nos lábios dela, deixando sua expressão mais suave e animada. A alegria irradia para seus olhos, que agora parecem ainda mais verdes. Um verde incrível e vivo.

— Obrigada! Não só pelo apartamento, mas também por ter defendido minha mãe. Não quero imaginar o que teria acontecido se você não estivesse lá. — Escuto sua voz falhar no final. Então ela baixa a cabeça, querendo esconder sua fragilidade de mim.

Vou até ela, colocando uma mecha que escapou de seu cabelo atrás da orelha. Levanto sua cabeça, pois ela jamais deveria ter vergonha de esconder seus receios de mim. Se eu passasse pelos mesmo acontecimentos de hoje e visse minha mãe em perigo, estaria tão debilitado quanto ela.

— Não precisa agradecer, fiz apenas o que era preciso. Nunca permitiria que nada de ruim acontecesse com vocês — digo, amenizando minha voz para deixá-la mais tranquila. — Agora tome um banho, coma e descanse. A noite de hoje foi difícil demais. Amanhã será um novo dia e tudo será melhor.

— Tem razão. Talvez seja disso que eu precise agora.

Concordo e me afasto, virando-me de costas para sair, mas, antes de completar o movimento, torno a olhá-la. Ela parece tão pequena na imensa escada. Isso me faz querer, de algum modo, ser simpático para que ela entenda que, de agora em diante, eu a apoiaria.

— Boa noite, Isabella

— Boa noite, Mateus.

Então saio, sentindo-me estranhamente feliz, talvez por ter feito um bem àquela família. Ou… talvez porque as *coisas* entre mim e Isabella estão começando a fluir para uma convivência melhor.



Capítulo 16

Isabella

Não consigo pregar os olhos a noite toda. Apenas fico me revirando de um lado para o outro na cama grande e com lençóis macios, totalmente diferente da minha antiga acomodação. Eu tenho tudo para conseguir uma boa noite e cheia de conforto, mas acredito que meu cansaço físico e emocional não me deixa relaxar. Os acontecimentos da última noite atormentam minha mente. A brutalidade dos policiais combatendo os manifestantes, a quase agressão à minha mãe e o cuidado e a atenção de Mateus ao solucionar tudo me causam confusão.

Não posso negar que fiquei surpresa com sua reação. A forma como protegeu minha mãe daquele homem asqueroso, sem pensar na própria segurança ou nas consequências me impressionou.

Sabia que Mateus não podia mais ter seu nome denegrido, ele mesmo tinha dito que o único propósito do nosso casamento era limpar sua má reputação. E ainda tinha a questão de seu pai. O que o velho faria se soubesse do acontecido e que tudo era culpa de minha família? Será que ele proibiria o nosso casório? Bem, agora eu tinha uma dívida com Mateus, sem falar nos milhões que estavam previstos no contrato.

Cacete! Eu nunca seria capaz de pagá-lo. Nem se trabalhasse por cem anos.

Cansada de ficar na cama, decido me levantar. Ainda é bem cedo, mas não quero mais ficar alimentando paranoias em minha cabeça. Vou até o banheiro grande e luxuoso, mas não demoro — vou deixar para experimentar a banheira depois. Volto até o quarto e visto as mesmas roupas, já que tinha dormido apenas de roupão, única peça de roupa que encontrei aqui. Fui muito lesada por ter encaixotado todas as roupas antigas sem antes pegar algumas das peças que comprei.

Olho de um lado para o outro e cheiro a camiseta vermelha. Bom, não está fedendo e muito menos suja, acho que posso usar por hoje. Talvez depois eu pedisse a Mateus algumas das peças que estavam em sua casa.

Desço as escadas procurando não fazer barulho. Não queria acordar dona Eva ou Julinho. Fico surpresa com o silêncio, pois eu nunca imaginei que um lugar pudesse ser tão quieto. Nada de som de carros, vizinhos gritando ou cachorro latindo em plena madrugada. Sem falar que não tinha escutado sirene ou os barulhos da violência que eram frequentes em nosso antigo bairro.

Ao pensar na casa, decido voltar lá depois. Sei que Mateus disse que cuidaria de tudo, mas eu precisava saber como todos estavam. Quem tinha conseguido sair com suas coisas, móveis ou bens, quem tinha sido ferido ou preso.

Sigo até a cozinha, um dos lugares do apartamento que tínhamos usado ontem. Depois que ficamos sozinhos e a pizza chegou, concordamos em fazer nossa refeição no balcão que delimitava a área da cozinha moderna e bem montada. Não sei para que tudo isso, já que Mateus não mora aqui, mas o lugar tem todos os utensílios de que uma casa precisa e, claro, eletrodomésticos e móveis que somente os ricos podem ter.

Adentro o local à meia luz e me surpreendo ao encontrar minha mãe sentada no balcão, tomando uma xícara fumegante de café. Queria saber onde ela tinha conseguido o café, já que os únicos alimentos que havia aqui eram duas garrafas de vinho e o restante da pizza e do refrigerante de ontem.

— Mamãe — chamo. — O que faz acordada tão cedo e como conseguiu pó de café? Pediu a algum vizinho?

Ela se vira, deixando a xícara no mármore. Ainda consigo vislumbrar nela o cansaço de ontem e, principalmente, o sofrimento em seus olhos cor de mel. Mamãe é tão transparente com seus sentimentos que, quem não a conhece, pode achar que ela é ingênua, mas para mim não existe mulher mais sábia e forte que ela.

— Seu namorado mandou algumas coisas para a gente. — Ela aponta para a dispensa. — Mas acho que ele exagerou, ali dentro tem de tudo e mais um pouco. Tem coisa que é capaz de durar por um ano.

Eu sei que ele havia prometido, mas custo a acreditar que ele tenha feito isso em tão pouco tempo. Vou até lá conferir, espantando-me com as prateleiras abarrotadas de comida. Tem realmente de tudo e em muita quantidade.

— Ele enlouqueceu.

— Olhe a geladeira também.

Abro o eletrodoméstico de duas portas e sou agraciada com seu interior praticamente lotado. Ao invés das garrafas de água que tinha antes, agora há leite, queijo, presunto, verduras, carnes, ovos, iogurtes, manteiga e até mesmo potes de sorvetes.

— A que horas ele conseguiu fazer isso?

— Não tenho ideia. Não sei como entraram no apartamento, não escutei nem um barulho e olhe que passei a noite em claro.

— Eu também — falo, ainda confusa. — Não faz sentido para mim.

— Talvez tenha alguma explicação naquela sacola com um cartão.

Ela aponta para uma sacola de papel enorme que está em cima da mesa de jantar. Imediatamente vou até lá, ignorando momentaneamente o cartão e abro-a. Dentro, tem algumas peças de roupas, um par de sapatos e até mesmo *lingeries*. Fico pasma como a presteza de Mateus. Pego o cartão e começo a ler a caligrafia quase ilegível:

Olá. Isabella

Espero que você e sua família tenham conseguido descansar depois dessa noite movimentada e truculenta.

Enviei minha governanta, Ana, para que ela abastecesse a dispensa com alguma comida. Caso falte algo, me avise que ela irá repor. Também pedi para que ela avisasse ao condomínio da presença de vocês no apartamento e estou enviando a cópia de todas chaves. Também enviei algumas peças de roupas, para que possa fazer uso.

PS.: Foi divertido escolher suas peças íntimas. Eu lhe disse que até as calcinhas tinham que ser novas. Ah… espero que use a azul quando vier no sábado.

Rolo os olhos ao terminar de ler o bilhete e o descarto. Pego uma xícara de café e bebo um pouco do líquido quente, ficando surpresa com a minha reação à brincadeira dele. Se aquela piada tivesse sido feita ontem, já estaria imaginando mil maneiras de me vingar do cavalo selvagem, mas agora… Depois de tudo que ele fez, de como resolveu o problema da minha família com gentileza e bom coração… Mateus tinha até mesmo se preocupado com o nosso jantar. É difícil querer revidar algo, quando tantas ações boas encobrem uma brincadeira.

Dobro o bilhete, o coloco dentro da sacola e caminho novamente até a cozinha. Vou até a cafeteira e me sirvo. Depois, sento-me ao lado de mãe, que está pensativa em sua cadeira alta. Ela olha para o armário branco, mas sei que sequer está visualizando o móvel ali. Não a querendo tirar de seu momento reflexivo, fico quieta e começo a beber o líquido quente e forte.

— Seu namorado é um homem tão bom. — Mamãe mais suspira do que fala e interrompe meus pensamentos. — Ele está sendo tão generoso em nos ceder seu apartamento. Além disso, ficou ao seu lado ontem e me defendeu daqueles imundo. — Outro suspiro. — Ele é um homem adorável e quer cuidar e proteger você. Só quem está apaixonado faz isso.

Paro a xícara antes que ela toque minha boca, olhando para a sonhadora dona Eva.

— Você o ama?

Engasgo com o ar. Mamãe estava entrando em um território muito perigoso. Não queria contar mentiras que alimentassem suas ilusões. Para mim, a pior parte desse contrato não é ter que conviver com o cavalo, mas sim mentir e magoar dona Eva. Então prefiro não jogar palavras ao ar e apenas sacudo minha cabeça concordando. Seus olhos brilham de emoção.

— Então eu abençoo esse relacionamento. — Ela sorri. — Por mais que ache cedo para que você vá morar com ele, vou deixar que siga o que seu coração manda. Dou a maior força e apoio para isso. E vou torcer todos os dias para que sejam felizes.

Desvio o olhar, engolindo em seco e com o coração pesado, pois eu sei que não é esse o caminho a ser seguido. Já vejo um futuro de decepções e sofrimento, pois nada que começa com mentiras tem a chance de vingar. Onde a verdade não existe, as chances de ruína são maiores, é como se nossa vida se transformasse em um labirinto sem saída. E o final seria uma vida presa nas amarras das enganações e distante daqueles que nos querem bem.



Com a cabeça baixa, entro no carro de luxo. No volante, o aprendiz de cavalo sorri para mim, talvez para aliviar a tristeza que está tão evidente em meu rosto, mas desvio o olhar — não por negar o gesto solidário —, mas por saber que sua atitude não mudaria os fatos ou minha situação. Abraço a pasta de plástico em meu peito com meus documentos, a única coisa que estou levanto para meu novo lar.

Detestei que a semana tenha passado como um foguete. Em todas as noites anteriores, torcia para que o tempo voltasse ou até mesmo parasse, mas quanto mais eu torcia por isso, mais rápido o relógio rodava e o sol nascia de novo. E para deixa a situação ainda mais tensa, Mateus tinha sido inflexível quanto ao horário de minha mudança, em sua ligação hoje cedo. Sequer tinha permitido que eu almoçasse com minha

família. Segundo ele, ainda tínhamos muito o que fazer para eu estivesse preparada para amanhã. Sem falar que ainda me faltava alguns *toques* de melhorias inadiáveis. Um inferno, eu poderia prever.

Encosto-me na janela do carro, olhando o caminho que passa veloz diante do vidro escuro. Parece que tudo resolveu conspirar para que eu estivesse o quanto antes no apartamento do cavalo selvagem, já que até o trânsito em São Paulo tinha sumido milagrosamente. Bufo, contrariada. Já que eu concordei com isso, o que me resta agora é cumprir com minha palavra.

O carro cruza a portaria do prédio enorme e elegante, até parar em uma vaga na garagem. O motorista abre a porta para mim, e desço. Vejo o elevador e sigo até ele. Mateus havia me dado a senha de acesso, mas ainda não havia decorado. Puxo o celular do bolso, vejo os números e os digito no painel. Chego no *hall* do apartamento, mas antes que eu pegue as chaves, a porta é aberta e tenho uma visão do cavalo em roupas simples. Poderia vê-lo por mil vezes, sem seus trajes de *posso mandar no mundo,* mas nunca seria capaz de me acostumar.

Com um gesto cortês, ele faz um sinal para que eu entre.

— Bem-vinda, querida noiva, ao seu mais novo lar.

Respiro fundo, passando por ele.

— Obrigado, nobre e grandioso noivo. Espero que minha estadia seja, no mínimo, suportável.

— Trabalharei para isso. — Ele sorri, dando-me a certeza de que se esforçará para fazer o contrário. — Agora venha tomar café comigo.

Então ele fecha a porta e caminha até sua cozinha. Não tinha reparado, mas ele está descalço e os pés brancos e compridos fazem barulho no piso. Seus dedos longos chamam minha atenção. Aff, não é justo, Deus. Até as patas bonita esse cavalo tem?

Sacudo a cabeça, seguindo-o. Deixo minha pasta em cima da mesa, antes de me sentar no banco alto ao seu lado. Sirvo-me de um pouco de café, enquanto o vejo devorar tudo que tinha no seu prato. Agora me pergunto para onde vai tudo que ele está ingerido.

— Não vai comer?

— Não estou com fome.

— Pelo visto nunca está — ele fala assim que termina. — Por um acaso é uma

daquelas meninas que não come para não engordar?

Engulo o café com tudo e isso faz meus olhos se encherem d’agua. O mal das pessoas é julgar a vida dos outros sem saber o que se passa do outro lado, sem sequer conhecer direito o próximo. Na verdade, todos só querem saber da realidade que lhes convém.

— E se eu for? — falo, optando pela omissão e em seguida pela malcriação. — Acho que não tem nenhuma cláusula no contrato que me obrigue a comer.

— Está certa. — Sua voz rouca vibra. — Mas se não estiver viva, não poderá se casar. E não se casando, ferirá uma cláusula do contrato.

— Eu sei.

— Então trate de comer, antes que vire um esqueleto ambulante e vivo.

— Até mesmo me deu apetite. *Biotônico* perde feio para você.

Ele dá de ombros.

— Coma!

Reviro os olhos, no entanto, pego uma maçã e mordo.

— Satisfeito?

— Ainda vamos chegar lá. — Ele esfrega uma mão na outra e então fica de lado para olhar melhor para mim. — Tenho uma oferta para você.

— Que seria?

— Que possamos dar uma trégua. Paro de ser um babaca e você, de ser insuportável. Vamos conversar para nos entendermos e nos conhecermos melhor. Afinal, amanhã precisaremos parecer unidos, um casal loucamente apaixonado. Será nosso grande *show*, o noivado será coberto por algumas mídias e, especialmente, estaremos na mira da minha família. Tudo não pode ser menos que perfeito.

Mastigo e engulo minha maçã. Depois ergo o olhar para ele. Suas palavras gentis e estranhas me parecem certas.

— Ok!

— Ótimo! Vamos ser os noivos mais apaixonados que essa cidade já viu. Ninguém vai desconfiar que nossa união não passa de um casamento falso.



Isabella

Estou entre edredons de plumas e travesseiros de nuvens, tenho tudo para flutuar em sonhos, mas ainda assim não consigo dormir. Em minha mente ansiosa, penso no que vai acontecer mais tarde.

O noivado. A primeira vez que irei conhecer a família de Mateus, todos de uma única vez. Já tivera a chance de esbarrar com o pai, um homem bem autoritário e muito, muito rico. Seu porte imponente era uma exibição da sua fortuna. E assim como um mais um são dois, o restante da parentada deve ser da mesma classe.

Caramba!

Estou preocupada, sim. Aflita com o que vão achar de mim e em como devo proceder diante disso. Com o todo poderoso, eu tinha armado uma cena confusa e, por incrível que pareça, tinha me saído bem — diria até que tinha ganhando uns pontos com o coroa —, mas agora eu teria uma plateia maior. Teria até mesmo cobertura televisiva! Não queria dar um único passo em falso para não atrapalhar o cavalo. Por mais que ele fosse um selvagem, tínhamos assinando um contrato e, além disso, eu tinha uma dívida com ele por causa da minha família.

Pego meu celular no criado mudo, verifico as horas e vejo que já passa das 3h da madrugada. Sacudo a cabeça, além do medo de pagar um *micão*, ainda teria que me preocupar com uma cara de zumbi capaz de assustar todos em pleno noivado, é pouco? Levanto-me, pensando que um copo de leite pode me ajudar. Sim, estou seguindo o mito das avós, mães ou ancestrais — ou quem quer que tenha criado isso. O jeito é tentar, vai que cola.

Ligo a lanterna do meu telefone e saio do quarto. Em frente à minha suíte, vejo a de Mateus. Sem perceber, me aproximo da porta trancada, encosto meu ouvido na madeira, mas nem um barulho sai de lá. Tento uma última vez e sigo, sem querer acordá-lo

O dia de ontem foi muito puxado para nós, já que eu não fazia ideia de como seria complicado para ele receber uma total desconhecida em sua própria casa, e tentar ensinar por horas seguidas a uma chula bons modos e etiqueta. Imagine o quanto é difícil para quem está acostumado a comer apenas de colher, aprender os milhares de tipos de talhares e sem contar a diversidade de taças. Isso mesmo, foi muito cansativo. Mas, depois de tanto esforço, aprendi pelo menos a segurar o garfo e faca e a pegar corretamente na taça. Segundo ele, isso serviria por enquanto, contudo ainda não estava livre das aulas etiquetas. Reviro os olhos e volto a caminhar, quase na ponta dos dedos.

Chego na cozinha e acendo as luzes do balcão, deixando o ambiente com iluminação apenas para que eu não esbarre ou quebre nada. Desligo minha lanterna, então fico olhando por alguns segundos para tudo. Não estou familiarizada com nada aqui, por isso, começo a procurar algum copo nos armários. Mexo em todos até achar algumas xícaras, bom, deve servir. Abro a geladeira e procuro a caixa de leite. Aqui todos os compartimentos estão lotados de comida, igual ao apartamento onde está minha família. A única diferença é que aqui a geladeira é maior.

Encontro a bebida e me sirvo. Sento-me em um dos bancos do balcão e começo a beber o leite gelado mesmo. Tomo o último gole e, de repente, sinto uma mão pesada em meu ombro. Então dou um sobressalto e solto a xícara fazendo um barulho que ecoa por todo lugar.

— O que está fazendo acordada a essa hora? — A voz grossa, devido ao sono, de Mateus soa alto.

Respiro fundo, antes de responder.

— Só não conseguia dormir…

Viro-me para encará-lo, mas, assim que meus olhos batem nele, começo a tossir. Talvez tenha me engasgado com o ar.

— Tudo bem? — pergunta, o sono dando lugar à preocupação.

Não respondo, apenas abro a boca tentando fazer a respiração entrar no lugar certo. Ele se aproxima e fica na minha frente, o peito grande e forte brilhando à meia-luz, digno do torso de um deus grego ou, para combinar com seu apelido, de um garanhão puro sangue. Era largo, muito largo, diria que é do tamanho de meu braço. Senhor, ele sempre escondeu isso por debaixo de um terno?

Nunca o tinha visto sem camisa, por isso não consigo desviar os olhos do peitoral branco e sem pelos. Os mamilos redondos, marrons e belos. E olha que nunca imaginei que isso fosse bonito. Não me controlo quando desço o olhar por sua barriga e começo a contar quantos gomos tem ali. De um a um, vou até o oito. Tudo fica perigoso quando sigo o traço de pelos do umbigo até o cós de sua calça de dormir que, para mim, está escandalosamente frouxa em sua cintura, perigosamente baixa.

— Vai alagar mesmo toda a cozinha?

— Ham?

Então escuto-o sorrir, e o som me tira do transe de admiração. Olho no seu rosto e percebo as sobrancelhas erguidas e os lábios grossos levantados em escárnio.

— Pelo jeito que me analisava diria que seu olhar me arrancaria um pedaço. Meu tronco estaria agora mesmo em suas mãos. — Ele pisca, então aponta para minha boca. — Até mesmo consegui visualizar a baba escorrendo por seus lábios.

Então dá três passos e está diante de mim, levanta sua mão grande e, com um dedo comprido, desenha o contorno do meu lábio inferior.

— Pronto, sem baba. — Gargalha e eu me irrito.

— Lógico que não estava olhando para coisa nenhuma — falo, tentando soar firme. — Apenas estava assustada porque você está mais para uma assombração do que para algo admirável.

Ele sacode a cabeça e senta-se no banco ao meu lado. A barriga continua estirada e nem uma banha cai por cima da outra. Como é possível? É um fato, ele tem um tanquinho firme e bem malhado, que fica glorioso em qualquer posição. Epa! Desvio os olhos e passo a observar o micro-ondas.

— Se não quer admitir que estava babando por causa do meu corpo, pode me dizer pelo menos por que não está dormindo? — Ele arranha a garganta.

Bufo, contrariada, mas decido que o melhor a ser feito nesse momento é mudar de assunto.

— Estou apreensiva — digo a verdade. — A festa de noivado está me deixando atormentada. Já passou por minha cabeça todas as situações, mas aposto que vai acontecer o que sequer imaginei.

— Você precisa relaxar.

— Como se fosse fácil. — Deixo escapar um arquejo. — É simples para você, pois está acostumado. Sabe como se comportar no meio daquele luxo e conhece toda sua família, provavelmente sabe o que esperar de cada um deles. Mas eu não e por isso estou me sentindo perdida.

Mateus solta uma longa respiração antes de se virar no banco para me dar mais atenção.

— Vou estar sempre ao seu lado, então lhe direi como agir. — Tamborila os dedos no balcão. — Ademais, não precisamos ficar lá por muito tempo, vai ser apenas um jantar e o anúncio do nosso casamento. Podemos sempre usar como desculpa o planejamento da cerimônia ou o fato de sermos um casal que prefere ficar em seu ninho de amor.

— Sendo assim, pode ser fácil.

— Confie em mim — ele pede. — Vou cuidar de você e farei de tudo para que a noite seja perfeita.

— Também farei o meu melhor, mesmo que eu não saiba de tudo. Vou colocar em prática as aulas de ontem.

Ele sacode a cabeça, concordando.

— Você precisa se distrair. — Ele volta a bater os dedos no mármore. — Talvez seja uma boa ideia passar a manhã em algum salão ou *spa*. Seria bom se preparar para o grande evento da noite.

— Me preparar?

— Sim, fazer essas coisas que mulheres adoram. Cabelos, unhas, massagens, o que mais você quiser. Pode passar todo o dia relaxando e depois voltar ao apartamento apenas para trocar de roupa e seguirmos para o nosso noivado.

— Parece ser uma ideia perfeita — dito com sarcasmo. Não tenho paciência para esses *cuidados* femininos. Nunca tive isso, considero um luxo que eu nunca pude pagar.

— Bom, agora vamos subir e tentar dormir um pouco.

Concordo com a cabeça, e Mateus se levanta, estendendo-me a mão. Fico olhando para sua palma comprida. Ainda acho estranho toda sua gentileza e suavidade, não parece mais o cavalo selvagem que, por qualquer coisa, soltava relinchos ou coices.

Sem pensar muito, aceito sua mão estendida. Não é isso que fazemos em uma trégua?



Assim que amanheceu por completo, desço novamente. Tinha conseguido cochilar depois que tomei o leite e ouvi as palavras de Mateus. Encontro a mesa de café-da-manhã já posta e o meu digníssimo noivo sentado em seu lugar. Sento-me no meu e tomamos nosso desjejum em silêncio. Um silêncio muito confortável, daqueles que ninguém precisa se esforçar para falar nada, pois o outro entende que a pessoa não está a fim de conversar.

Quando terminamos, Mateus chama o motorista, que já descobri se chamar Alberto, para que ele possa me levar até o bendito salão que prometia me transformar de uma mulher quase pirada e desajeitada, para uma tranquila e arrumada moça, digna de ser noiva de um milionário.

Assim que chego ao local, tenho vontade de voltar novamente para o carro e me esconder no apartamento. O espaço requintado está cheio de peruas de nariz em pé. Respirando fundo, entro e sou recepcionada por uma mulher que incrivelmente já sabia meu nome e tudo que eu vim fazer aqui. Adivinhação? Não, poderes do *Super Mateus* e seu dinheiro.

Tudo começa com um tal banho de imersão de rosas para pele e *blá blá*, uma maldita depilação em que acho que arrancaram até a pele da minha alma. Depois sou contemplada com uma encantadora massagem. Bem, primeiro o inferno, depois o céu. Mais relaxada, começam a fazer minhas unhas dos pés e mãos. Colocaram em meu rosto

uma máscara com pó de ouro e lavaram meus cabelos, hidratando-os com xampu com traços de diamantes, ou seja, muito caro. Um homem corta algumas mechas do meu cabelo longo, segundo ele sem tirar muito do comprimento, apenas para dar movimento. Então três pessoas secam meus fios deixando-os em ondas brilhosas em meus ombros.

O próximo passo é o que menos gosto. Nunca fui fã de maquiagem, já que sempre achei que minha pele ficava com aspecto, literalmente, emassado. Mas quando eles terminam e me olho no espelho, quase não me reconheço. Os olhos mais verdes e grandes, a pele de bunda de bebê e a boca carnuda causam inveja até mesmo na Angelina Jolie.

Quando já é quase noite, volto para o apartamento. Ao chegar, não vejo sinal algum de Mateus. Bem, eu poderia escolher uma roupa sozinha já que todas foram compradas propositalmente para eventos ou festas, exceto as sociais que eu usaria no trabalho. Subo as escadas até minha suíte e estranho encontrar a porta aberta. Mas tenho a certeza de que alguém invadiu meu quarto quando vejo na cama um vestido espalhado, *lingerie*, uma bolsa, algumas joias e no chão uma sandália de salto médio. Não preciso nem ler o bilhete para saber que Mateus tinha dado as caras novamente. Bom, ele disse que cuidaria de tudo. Então é melhor concordar com sua nova intromissão.

Visto-me e vou até a escada, com cuidado para não tropeçar. Do topo, avisto meu noivo, tomando alguma bebida. Ele está muito elegante usando um terno completo e escuro. A única cor vem da sua gravada que combina com meu vestido vermelho sangue.

Assim que ele me avista, o copo que tinha como destino a sua boca, para no meio do caminho. Ele caminha até o início da escada, ao mesmo tempo em que desço torcendo para não cair. Assim que chego no último degrau, ele estende a mão, e a seguro. Ele olha meu corpo minuciosamente, seus olhos azuis brilhantes parecem gostar do que vê, satisfeito por eu estar usando cada peça escolhida por ele.

— Então pareço uma mulher digna de um noivado grandioso? — Rodo em sua mão.

— Sim, está maravilhosa… A noiva perfeita para Mateus Ávila — dita, rouco e então olha para minha mão. — Onde está seu anel?

— Está aqui. — Abro a bolsa, pegando a caixinha. — Tinha esquecido de recolar depois do salão.

— Entendo. Mas você não pode esquecer novamente, lembre-se de que isso é importante para nossa encenação.

Ergo uma sobrancelha para demonstrar que isso não é uma novidade e ele sorri.

— Então está pronta para ser apresentada para toda São Paulo, quiçá para todo Brasil, como minha noiva?

— Nasci pronta, querido.



O motorista para o carro diante de uma magnífica e encantadora mansão. Não estou exagerando quando digo que meus olhos se arregalam e meu queixo praticamente vai parar no piso do automóvel. A propriedade parece um daqueles castelos antigos que vemos em livros de histórias. Mateus desce do carro e deixa a porta aberta para mim. Arranho a garganta, chamando sua atenção, ele parece se lembrar e me dá a mão.

Assim que saio, praticamente sou engolida por milhares de *flashes*, as luzes pipocam em meu rosto, quase deixando-me cega. Agarro fortemente os músculos duros do braço do meu noivo, e logo quatro seguranças fazem uma corrente para nos proteger. Mateus caminha rápido, levando-me para dentro da casa e ignorando as milhares de perguntas que são gritadas.

Céus! Por que a vida alheia é tão importante para o mundo? Se os pobres têm as vizinhas fofoqueiras, os ricos têm os jornalistas, igualmente enxeridos.

— Bem-vindos! — Tomo um susto com a recepção. Então ergo o olhar e avisto uma mulher muito bonita e elegante admirando-nos com um sorriso amplo.

— Mamãe — meu querido noivo fala e vai abraçar a mulher.

Fico mais espantada ainda ao ver que de égua a mulher não tem nada. Agora restava saber como ela tinha dando à luz um cavalo.

— Apresente-me à sua noiva — ela pede, parecendo ansiosa. — Fiquei muito ressentida em ter que saber dessa novidade pelo seu pai, Mateus.

— Papai apenas foi muito apressado. Eu tinha intenção de apresentá-la a todos ao

mesmo momento, contudo acho que foi melhor ele descobrir antes — o filho responde e então pega minha mão, num gesto totalmente automático. — Marta Ávila, essa é Isabella Oliveira, minha noiva.

Os olhos da jovem senhora brilham, e sinto um frio na espinha. Outra romântica incurável que será enganada. Caramba.

— Que linda. Escolheu muito bem, filho. Tenho certeza de que terá um casamento feliz. — Então sou pega de surpresa pelo abraço da mulher. — Venha, me deixe apresentá-la para todo o restante da sua nova família.

— Acho que esse papel é meu, mamãe.

Mateus até tenta, mas ela não lhe dá ouvidos e sai me levando por todo caminho, seu braço encaixado no meu. Então entramos em uma sala grande, onde há mais de dez pessoas, algumas sentadas, outras em pé. Marta para diante do sofá e chama atenção de todos.

— Essa é Isabella — ela fala alto.

— Minha noiva — Mateus dita atrás, grosso e firme.

Então todos vem até mim. O primeiro é meu querido e carrasco sogro, ele se aproxima e beija o dorso da minha mão — em um gesto tão antiquado quanto sua obrigação em fazer um homem adulto se casar. Depois aperta a mão de Mateus e dá tapinhas em suas costas, talvez mais tarde ele desse uma estrelinha ao filho pela tarefa concluída. Em seguida, todos fazem o mesmo, as mulheres sendo mais festivas e empolgadas. Bem, menos uma que me olha dos pés à cabeça e torce o nariz. Ela fica de longe e não faz questão de se aproximar, muito menos o jovem que está ao lado dela. Ele me olha demoradamente e sorri, chegando até mesmo a piscar para mim.

— O jantar será servido — minha sogra avisa, então todos começam a ir na direção da mesa.

Ela segue e eu fico atrás.

— Peguei você. — Mateus segura meu braço. — Peço perdão por minha mãe, mas ela é muito importuna quando quer e infelizmente odeia ouvir um não.

— Na verdade, achei uma atitude adorável.

— Não dirá isso mais tarde. — Ele sorri. — Preciso alertá-la para que tome cuidado com as palavras. Minha família está esperando apenas uma ponta para puxar meu

tapete. — Ele aponta para lugar em que a mãe sumiu. — Agora vamos, antes que ela sinta sua falta e a faça sentar do seu lado.

Suas palavras não são encorajadoras, e rapidamente seguimos na direção da barulhenta sala. Se eu pensava que já tinha visto luxo antes, com certeza não sabia que tudo poderia ser mais grandioso ainda. A sala de jantar tem uma mesa enorme e muito bem-posta. Há lustres, pratos de porcelanas colocados um sobre o outro e uma diversidade de talhares e taças — o que indica, pelas aulas de Mateus, que seria um jantar com entrada, prato principal e sobremesa.

Sento-me ao lado de Mateus e infelizmente de frente para a senhora que tem cara de vômito. O jantar começa a ser servido, a entrada é um pão tostado coberto de tomates e alguma coisa branca com aspecto de queijo. Uma coisa minúscula mesmo, até desproporcional para a louça que ocupa. Agradeço mentalmente ao lembrar que sempre se usa os talheres de fora para dentro. Então nada de mico até aqui.

— Estou feliz porque finalmente meu sobrinho querido vai deixar sua vida de reputação ruim. — A mulher tenta soar alegre, mas sua voz não esconde a raiva.

— Obrigado pelas felicitações, titia Carmem — Mateus devolve com o mesmo tom.

— Mas então, como conheceu essa jovem linda?

— Foi um encontro de almas. Eu estava no lugar e no momento certos quando esse anjo passou pelo meu caminho — respondo para não deixar a mulher no vácuo, sem revelar nada.

— Imagino que tenha sido amor à primeira vista. — Ela bebe um pouco de água.

— Eu caí feio nas graças de Isabella — Mateus responde, então levanta um dedo e corre por minha bochecha. Travo a princípio, mas logo lembro que temos que parecer íntimos e sorrio, aceitando o gesto de carinho — Quem não se apaixonaria por esses olhos?

— Com isso eu tenho que concordar, primo — o homem que me estudou minutos antes fala. — São tão belos quanto a dona.

Isso é um concurso de quem tem mais veneno? Não me admira que Mateus seja um cavalo, somente assim para ele ter sobrevivido a tantos seres peçonhentas. Afinal, ele tinha no sangue os antídotos para cada picada dessas cobras. Quem sabe depois eu não ligasse para o instituto *Butantan* para eles virem recolher as serpentes que tinham fugido

de lá.

O restante do jantar passa sem mais nem uma tentativa de mordida dos dois peçonhentos. De prato principal, é servido um peixe rosado e alguns legumes que eu novamente não fazia ideia do que eram. Era só que me faltava! Agora além de aulas de etiquetas, terei que fazer um intensivo de pratos de ricos!

A sobremesa é fácil. Bolo com mouse de chocolate e castanhas em cima. Bom, pelo menos é isso que imagino ser. O que posso dizer é que está muito saboroso — todo o jantar foi delicioso na verdade.

— Vamos fazer um brinde ao noivado agora? — Marta fala, alegre. Realmente ela parece elétrica.

— Sim, vamos comemorar com champanhe — Mateus concorda. — Firmar esse compromisso e deixar claro para o mundo o nosso amor. E preciso dizer que já temos até data marcada. Tenho certeza de que, no nosso próximo final de semana, nós estaremos aqui para celebrar o meu casamento com Isabella.

Viro rápido para ele, que parece muito verdadeiro em suas palavras. Não tínhamos combinado nada em relação à data, mas com certeza ele sabe do que está falando, então não o desminto.

Sinto minha bexiga apertar, então me levanto, ficando ao lado de Mateus.

— Preciso ir ao banheiro antes de brindarmos, querido — falo no ouvido dele, mas parece que minha sogra está atenta a tudo.

— Deixe que eu te acompanho — ela fala rápido e sem dar tempo para contestação. — Vou aproveitar e pedir que tragam o champanhe.

Ela agarra meu pulso.

— Não demore, docinho. — Mateus pisca. — Vou sentir saudades.

Então ela me leva até um banheiro que é enorme e chique. Acho que os ricaços sempre exageram no luxo quando fazem qualquer coisa, mas se superam nos banheiros. Digam-me qual a necessidade de ter uma banheira para visitantes? Bem, eu não sei.

Com muito malabarismo, consigo sentar e fazer xixi. Aproveito o espelho para retocar o batom ou ver se algum fio de cabelo está desajeitado. Para minha alegria, a mágica que os cabelereiros tinham feito ainda estava na validade. Se bem que está longe da meia-noite.

Quando saio, sinto meu pulso ser puxado para um lado e não me surpreendo ao ver a tia cruel e venenosa.

— Então quer dizer que é a noiva do meu sobrinho?

— Bem, acho que sim.

— Você sabe que Mateus foi obrigado a se casar? — ela pergunta, tão próxima do meu rosto.

— Quem inventou isso? — devolvo, empurrando-a para longe de mim. — Vou dizer uma coisa que espero deixar bem cravada na sua cabeça. Mateus e eu vamos nos casar por amor. Acredite você ou não.

— Amor? — Ela gargalha. — Rosto de mosca morta você tem, mas não acredito que seja tão tola. Deixe de ilusão. Não acredite que ele está apaixonado por você. Meu sobrinho sempre teve muitas mulheres, nunca ficou sozinho. Não vai mudar da noite para o dia, então é melhor sair disso antes que se machuque.

— Eu assumo todos os riscos.

— Então que caia feito uma pata nisso. Vou estar aqui para ver a ruína que esse casamento será.

Então ela se vai com a mesma rapidez que me pegou e disse suas ofensas, enquanto apenas fico olhando para sua partida.

— Por que está demorando? — Escuto Mateus falar perto de mim, e me sobressalto.

— Porque talvez a sua tia naja tenha me dado um bote rápido e certeiro.

— Do que está falando? — Ele franze o cenho. — Por acaso foi tia Carmem?

— Não vi outra cobra aqui — respondo. — Espere, seu primo também é outra espécie de cobra.

— Não fale isso — ele repreende. — Não pegaria bem ser flagrada falando da minha família e que em breve será sua. Lembre-se de representar bem o seu papel. Está no contrato.

— No contrato, diz que tenho que ser uma esposa e todos os outros encargos, mas tenho absoluta certeza de que não prevê que tenho que virar uma serpente para ser aceita por uma minoria de sua família. — Não controlo minha irritação e deixo minha voz sair mais alta.

— Isso! Grite mais alto — ele rebate, sua voz rude. — Melhor, saía para o jardim e dê seu depoimento para toda a mídia. Esqueceu que nosso noivado está sendo coberto?

E como se suas palavras fosse uma premonição, um *flash* dispara em nossa direção. Caramba! Que senso de privacidade essas pessoas têm!

— Está vendo. — Ele joga em minha cara. — Agora terei que resolver isso de outro jeito.

— O quê?

Mateus me agarra pela cintura e espreme meu corpo na parede contra o dele. Em um segundo, sua boca cobre a minha, os dentes puxam meus lábios de um jeito forte e duro. Uma das mãos escapa e aperta forte meus pulsos acima da minha cabeça, enquanto ele cola ainda mais nossos corpos, ligando nossos quadris.

O ar foge dos meus pulmões. Minhas pernas falham quando sinto sua língua correr pela minha, e um choque toma conta do meu corpo quando ele a suga. Mateus faz isso com vontade e sem pudor algum, diria que joga toda sua virilidade e energia, transformando uma encenação em um beijo puramente sexual.

Os lábios quentes dele voltam a moldar os meus, de forma autoritária e controladora. Eu ofego. Ele suspira. É como se quisesse consumir cada pedaço da minha boca e língua. De tudo em mim, na verdade, pois sua outra mão vai até minha cintura, segurando-me firme — como se eu pudesse sair dessa garra de atração que me prende. Ele desce a boca para meu pescoço, eu solto um gemido enquanto tento desesperadamente respirar. Mas mal tenho tempo de recuperar o fôlego, pois ele volta a pousar seus lábios em mim, agora com mais calma e carinho, num beijo diferente do depravado anterior.

Ele afasta sua cabeça.

— Agora você vai agir como se me amasse.

— Sim.

Ele sorri.

— E agir como se não pudesse mais esperar para que eu a leve para casa e foda sua boceta a noite toda.

— Sim…

Bem, duvidava se estava concordado ou até mesmo se tinha escutado direito.

Mas quem poderia se manter atinada depois de um beijo desses?

Quem conseguir, pode atirar a primeira pedra!



Capítulo 18

Mateus

Sonolento, sirvo-me de uma xícara de café. Preciso da bebida para despertar e enfrentar um longo dia de trabalho. Agora vejo como foi um erro permanecer na casa dos meus pais depois do beijo que protagonizei com Isabella. Deveria ter seguido o plano e voltado para meu apartamento. Já que o propósito era vender a imagem de um casal apaixonado e ardente, nada melhor do que fugir da sua própria festa de noivado para ter uma noite de muito sexo.

Porém, na mesma casa existia uma senhora chamada Marta, minha querida mãe e empata planos, que não permitiu. Antes mesmo de eu dar o primeiro passo para fora da mansão, ela já estava no nosso encalço. Bem, no rastro de minha noiva, pois contra todas as possibilidades mínimas que eu tinha imaginado de ela aprovar Isabella, minha mãe tinha superado e extrapolado. Dona Marta se afeiçoou de imediato com a garota, que caiu nas graças dela tão rápido quanto nas do senhor Damião Ávila.

Não sei o que Isabella fez, mas ela cativou meus pais à primeira vista. Talvez seu gênio infernal de garota insuportável só aflorasse para mim. É certo que nos últimos dias ela tem deixado esse seu lado escondido, cumprindo a trégua em favor do nosso próprio bem-estar e nossa convivência. Era isso ou colocar o apartamento abaixo com nossas discussões.

De repente, ouço o barulho de saltos na escada e viro-me no banco que estou sentado. Isabella vem descendo toda arrumada em um traje formal: uma calça escura e uma camisa de seda vermelha fechada e de mangas até o punho.

Hoje é seu primeiro dia de trabalho na construtora. Já que ela tem um emprego lá, é bom que comece o quanto antes. Ela quer se adequar a função da melhor forma e conquistar seu lugar por esforço próprio, sem gerar comentários negativos na empresa de ter sido privilegiada por ser minha futura esposa. Sem falar que esse é mais um dos quesitos do nosso contrato pelo qual ela me infernizou sempre que pôde.

Quando ela para diante de mim, percebo que sua pele branca está quase sem maquiagem e é bem iluminada. Acho que ela só usa um pouco de batom, pois seus lábios estão mais cheios e vermelhos. Os olhos verdes cintilam vividamente e, assim como ontem, ela está me impressionando. Fico surpreso e extasiado por ela não parecer mais aquela mulher que surgiu de forma desajeitada e malvestida em minha sala. Não, agora ela

está bem-apresentada, e não vou mentir ou ser falso, ela é bem bonita e chamativa. O corte de cabelo certo e as roupas adequadas lhe fizeram um bem danado. Não seria exagero associar sua transformação à lapidação de um diamante. De uma pedra opaca e sem pompa, para uma joia brilhante e esplêndida.

De repente, Isabella ruboriza e não sustenta mais meu olhar minucioso. Desde ontem, ela tem evitado me encarar e até mesmo ficar perto de mim. Quando chegamos em casa, ela subiu as escadas correndo como se fugisse de mim, ou tivesse levado a sério minha promessa de foder sua boceta. Eu gargalhei da sua atitude. Não era como se eu realmente fosse fazer aquilo, por mais que o nosso beijo tenha sido bem quente e excitante, ela continuava não fazendo meu tipo para sexo.

— Bom dia, querida noiva — eu a saúdo, e ela rapidamente vai até um armário, ficando de costas para mim.

— Bom dia — ela responde.

Logo ela pega uma xícara. Nas segundas-feiras, minha governanta tirava folga, e como eu era uma tragédia na cozinha, precisava comprar o café da manhã sempre em uma padaria. Então toda refeição estava em sacolas e quem fosse comer seria obrigado a se servir. A única coisa que eu sempre preferia que fosse feito em casa, sob quaisquer circunstâncias, era o café. Assim, Isabella caminha até a cafeteira e se serve da bebida quente.

— Preparada para seu primeiro dia de trabalho? — Resolvo ser leve com ela, já que esse assunto sempre a deixa exultante. E além do mais, não quero ferir a regra das nossas bandeiras brancas levantadas.

— Estarei mentido se disser que não estou nervosa. — Ela vira-se, dando-me uma visão de sua expressão, que muda de constrangida para aflita. — Acho que deveria começar com um cargo mais operacional. Acredito que ainda não tenho como arcar com uma responsabilidade tão grande quanto a chefia. Acho que você está ciente de que é meu primeiro emprego.

Ontem, durante nossa volta para casa, tinha deixado escapar qual cargo ela ocuparia na construtora, e Isabella se colocou totalmente contra a ideia do mesmo jeito que agora. Eu não posso negar que acho esse ato muito decente, um segundo indício de que ela não é ambiciosa, já que não quis aceitar dinheiro para casar comigo. E olhe que eu estava disposto a abrir minha carteira e até mesmo permitir ela escolhesse o total da quantia.

— Pelo contrário, Isabella. — Aponto para o banco ao meu lado. — Seria um falatório grande se minha noiva tivesse um cargo baixo. Imagine aí, eu seria pintado como um homem egoísta e maldoso. Já estou quebrando os padrões ao permitir que você trabalhe, já que posso sustentá-la muito bem.

— Não quero seu dinheiro. — Ela se senta, e sua voz soa irritada, até mesmo ríspida.

— Eu sei. — Passo-lhe um pão doce. — E digo que isso me impressiona muito. É a primeira mulher que tem a chance de mergulhar na minha fortuna e prefere não fazer isso.

— Sempre quis ser independente. Nunca esteve nos meus planos ficar sob o mando e desmando de um homem — ela fala, passando manteiga em seu pão. —Não sou igual às mulheres a que está acostumado.

— Exatamente e por isso que é minha noiva.

Ela revira os olhos.

— De um casamento falso.

— É, de um casamento por contrato.



Isabella aceita minha mão quando o motorista para diante do prédio da construtora. Assim que desce, acompanho sua cabeça cair para trás ao avistar todos andares até onde está o nome Classe A. Sei que não é a primeira vez que ela vem até aqui, mas nunca imaginei que ela ficaria tão encantada ao olhar para o edifício, mesmo que até eu fique impressionado com a construção e a edificação que tinham sido feitas aqui. Não é um simples prédio, é uma obra de arte magnífica que representa nosso compromisso com a qualidade e beleza da estruturação. Foi feito para demostrar o quantos somos capazes e instigar os clientes a fecharem negócio conosco.

Incentivo a caminhada de Isabella, ao dar o primeiro passo. Quando estamos diante da porta de entrada, ela se abre antes mesmo que eu possa empurrá-la. Uma antecipação dos seguranças que acontece sempre que decido usar a entrada principal. E como hoje vou apresentar a nova supervisora de finanças, decidi não subir pelo meu elevador privativo.

Ao primeiro passo, vejo os olhares chocados das duas recepcionistas. Imagino que elas tenham lido sobre o noivado no jornal de hoje, mas isso não as preparou para me ver chegar de mãos dadas com a minha noiva. Não me espanto, pois antes nem eu acreditaria nessa possibilidade e sorriria na cara de qualquer um que a levantasse.

— Bom dia — Isabella fala para as duas mulheres atônitas, que respondem no automático.

Sigo com ela até o elevador e aciono o botão. As portas de aços se abrem de imediato e entramos. Isabella vai até uma das paredes e eu, até o painel, clicando no botão da cobertura. Não a levarei de imediato até seu andar, primeiro quero apresentá-la a toda diretoria em minha sala de reuniões para depois passar o comunicado interno da contratação.

— Não me diga que terei que passar pelas mesmas provações de ontem.

— Como? — pergunto, sem entender.

— Oxe! Se eu terei que explicar como nos conhecemos e nos apaixonamos, ou seja, entrar novamente no papel de noiva devotada que tem uma história de amor linda e invejável. — Viro-me para olhá-la. — Acho que já estou cansada de sempre responder as mesmas perguntas. De tentar provar que é amor e não loucura o que me une a um cavalo selvagem.

Aproximo-me dela. Fazia alguns dias que ela não usava aquele apelido animalesco comigo. Até mesmo pensei que ela havia se esquecido dele. Mas se tem uma coisa que aprendi, durante esses dias do nosso relacionamento, é que não se pode esperar algo coerente e sensato dela. Isabella nunca segue com o esperado. Ela é uma caixa de surpresas, ou melhor, de loucuras. Entretanto também aprendi que a melhor forma de combater sua exasperação é deixá-la constrangida.

— Possivelmente terá que responder a alguns questionamentos. — Miro sua boca de propósito. — Mas posso afirmar com absoluta certeza que teremos que fazer algumas demonstrações de amor por aqui. Você me beijará algumas vezes, daremos alguns amassos em minha sala e teremos algumas sessões de sexo quente e barulhento em cima da mesa. Se quiser, podemos começar hoje mesmo a encenação.

Isabella arregala os olhos e engole em seco. Assim que o pin do elevador soa, e as portas se abrem, ela corre para fora. Sorrio e saio caminhando lentamente pelo saguão da sala da presidência.

Vejo minha querida noiva empacada e olhando nervosa para as figuras de terno que lhe devolvem um olhar questionador. Em dois passos, estou ao lado dela, passando meus braços por sua cintura. O grupo de diretores só falta soltar um suspiro de susto — provavelmente não acreditam ou sabem do meu noivado. Contudo não me demoro prestando atenção no assombro dos velhos e analiso a expressão de embravecimento do meu primo. Preparo-me mentalmente para rebater algumas de suas palavras venenosas, que ele pareceu ter deixado para sua mãe soltar ontem. Mas ele apenas segue para sala de reuniões. Sinalizo para que os demais o imitem, e assim que todos estão dentro, Isabella sai do meu abraço.

— Vamos, tenho que te apresentar a diretoria, docinho — falo, antes que ela faça algo que levante suspeitas aqui na construtora.

Novamente, seguro a mão dela, percebendo que está fria e a conduzo até a sala de reuniões. Todos os membros estão sentados e esperando. Vou até a cadeira, sabiamente deixada vaga ao meu lado esquerdo, e puxo-a para que Isabella se sente. Logo após, vou até o meu lugar e coloco em meu rosto uma expressão feliz e amena, diferente da severa e impaciente que costumo usar aqui.

— Bem, senhores, agradeço que todos estejam aqui, mesmo que a convocação tenha sido de última hora. — Olho para cada um. — Mas notícias boas merecem ser compartilhadas. Não sei se é do conhecimento de todos, então quero primeiramente anunciar o meu noivado e apresentar a todos vocês minha querida noiva, Isabella Oliveira. — Agora fixo meus olhos brilhantes na garota que está mais vermelha que um tomate.

— Parabéns aos noivos — dizem alguns.

— Casamento é uma dádiva que edifica o homem. — Outro tenta fazer uma piada e, para minha surpresa, sorrio.

— Ou a derrota e fraqueza de um homem. Especialmente quando nesse casamento um dos noivos está predestinado ao fiasco e tem a base repleta de falsidade — o babaca do meu primo solta, quebrando as felicitações e o clima de leveza.

— Concordo. Um bom casamento precisa ter uma boa estrutura, por isso, sempre digo a Mateus que o nosso amor será o alicerce de tudo.

Isabella fala depois de alguns minutos de um silêncio incômodo e bem antes de eu começar a insultar ou até mesmo quebrar os dentes de Eduardo. Porém, se não posso ferir seu rosto, vou ferir seu ego e tenho certeza de que isso doerá e fará mais estragos nele.

— É sim, docinho. — Pego na mão dela. — Então, já que contei da grande novidade, tenho outra notícia magnífica para dar. Hoje Isabella não está aqui somente para ser apresentada como minha noiva, mas também como a mais nova colaboradora de nossa equipe. Conheçam a mais nova supervisora de finanças e custos de obras.

Uma salva de palmas é dada em seguida, deixando Isabella radiante e Eduardo irado. Acho que meu primo não esperava por essa. Um soco de direita e esquerda de uma única vez bem no seu saco.

— Bem senhores, acho que terminamos a nossa reunião — dispenso todos. — Cada um pode dar início às suas responsabilidades de hoje.

Levanto e aceito o aperto de mão de cada um e até mesmo novas felicitações, como tampinhas nas costas de alguns. Todos deixam a sala, menos o ordinário do meu primo.

— Você só pode estar brincando — ele dita, levantando-se de supetão de sua cadeira. — Não me diga que agora para ganhar um cargo de diretoria basta se casar com você. Com certeza essa menina não tem formação nenhuma, quanto mais competência para isso.

— Não ouse falar o que não sabe — rosno para ele. — Isabella é bacharel em Administração com excelência, formada em uma das melhores universidades de São Paulo. Além do mais, acredito que ela pode aprender todas as atribuições que são necessárias para assumir com primazia esse cargo. Estarei aqui ao lado dela, me certificando para que aconteça exatamente assim.

Vejo quando ele engole a raiva e seus olhos se tornam mais escuros do que o normal. Foda-se, sou a porra do presidente dessa construtora! Posso muito bem escolher quem será supervisor ou não, e o dever de todo o resto é apenas aceitar.

— Bem, se é assim… — Ele engole novamente a sua fúria. Então se vira para Isabella, que estava muito quieta em seu lugar e diz: — Só posso dizer que vou te receber muito bem no setor. Espero que possamos fazer uma boa dupla, minha cara Bella.

— Isabella. — Ranjo os dentes.

— O que, primo?

— O nome dela é Isabella — rosno para ele. — O nome da minha noiva é Isabella. Nem um, nem outro para você. — Pego na mão dela, fazendo-a se levantar e logo a puxo para meu lado, colocando, de forma evidente, minha mão em sua cintura. — Agora, se nos der licença, preciso de um momento de privacidade com ela. Quero festejar seu primeiro dia de trabalho de uma maneira adequada e satisfatória, se é que me entende…. Não é, docinho? — Pisco para ele.

— É sim, querido — ela concorda, aconchegando-se melhor no meu abraço.

Após uma interpretação digna de um Oscar, Eduardo sai pisando pesado da sala de reuniões e bate a porta ao sair.

— Agora vamos ter que nos beijar para garantir, caso que ele esteja escutando atrás da porta. E seria bom se soltasse alguns gemidos.

— O quê? — ela pergunta, atônita.

— Gemido de prazer, de satisfação, de desejo. Sons emitidos por uma mulher que tem um homem que sabe levá-la ao ápice do gozo.

Ela fica vermelha e se afasta bruscamente.

— Nem pensar! Não vou me prestar a esse papel. — Sacode a cabeça. — Quero é começar o meu trabalho.

— Ah, docinho, não sabe o que está perdendo. — Sorrio para ela. — Não sabe o que sou capaz de fazer com minha língua. — Ergo sugestivamente minha sobrancelha para ela. — Mas se prefere o trabalho ao prazer, venha que eu te levo até sua sala.



Depois que deixei Isabella bem acomodada, fui até a minha sala. Estou passando os compromissos do dia com minha assistente, quando meu celular toca. Olho de canto de olho, vejo o nome Mamãe e me pergunto mentalmente se é uma boa ideia atendê-la. Mas, como a conheço bem, sei que pode insistir por longas horas ou até mesmo cair aqui de

paraquedas, então atendo logo:

— Oi, mamãe.

— Mateus… tudo bem, querido? — Sua voz doce adentra meus ouvidos.

— Estou bem, na medida do possível, e você?

— Estou radiante… Ainda não acredito que meu menino irá se casar.

Pressentimento ruim.

— Diga o que quer com essa ligação, mamãe. — Vou direto ao ponto. Sempre achei melhor usar *Merthiolate* na ferida de uma vez do que passar e ficar assoprando.

— Quero planejar uma grande festa de casamento para você e Isabella. — Seu entusiasmo se derrama pelo meu celular. — Podemos fazer um grande evento aqui no jardim de casa. Garanto que será perfeito e maravilhoso, não se arrependerá de nada. E contarei com a ajuda da noiva para esse grande dia.

— Desculpe, mamãe. — Respiro fundo, pois será o primeiro não que lhe darei. — Mas tanto eu quanto Isabella não queremos algo grande. Vamos nos casar em um cartório daqui a um dia e em particular. Minha noiva e eu acreditamos que já somos unidos pela nossas almas e nosso amor e apenas teremos um papel que comprove isso para o restante da sociedade. E quero muito que aceite a nossa decisão.

Escuto-a suspirar do outro lado.

— Ah…meu menino está apaixonado. — Agora sua voz parece tão doce quanto melado. — Até entendo o querer de vocês, mas simplesmente não posso aceitar. Quero muito fazer parte desse dia tão importante na vida do meu querido filho. Você fará isso com sua mãe?

Porra! Quando quer ser uma boa negociadora e chantagista, a senhora Marta vai exatamente em nosso ponto fraco.

— Mas você pode ir ao cartório conosco — digo, tentando achar um meio termo.

— Mateus Orlando Ávila — chama-me pelo nome completo. — Eu só tenho você como filho, isso seria como se eu estivesse falhando na minha tarefa de mãe. O que minhas amigas pensariam? Diriam que não sou capaz de organizar a própria festa de casamento do meu filho! — Golpe um. — E o que diria a sociedade se você se casasse às pressas em um cartório qualquer? — Golpe dois. — E seu pai não poderá comparecer também ao casamento? — Golpe de misericórdia.

— Ok, mamãe. Eu lhe dou uma semana para preparar tudo — aceito, sentindo um gosto meio amargo na boca. — Mas nada muito grande e extravagante.

— Vai ser só para família — ela dita e eu tenho vontade de sorrir. Mil vezes porra! É pior ainda. — Isabella tem algum parente?

— Uma mãe e um irmão — respondo.

— Certo, os chamarei também. — Escuto ela derrubar algo. — Agora meu filho, preciso correr com isso, já que não terei muito tempo.

Então ela desliga, e eu bufo. Merda. Minha mãe sonhadora e organizadora de um casamento falso… contudo será verdadeiro nas papeladas. Que precisava ser marcado com um juiz e escrevente, para o enlace acontecer fora do cartório. Não me lembrei desse fato, quando afirmei para senhora Marta que casamento já aconteceria. Merda de novo. Bom, quem é mesmo que me tira dessas cagadas?

Aperto a tecla de discagem rápida. Victor atende no terceiro toque:

— Olá… Mateus…. Qual a encrenca desta vez?

Homem e amigo sábio — ou desconfiado.

— Vou me casar.

— Bem, isso eu já sei.

— No jardim dos meus pais. Daqui uma semana. Ajeite tudo.

— Como é?

— Organize tudo para que, no sábado, eu seja o mais novo enforcado de São Paulo. Contrate um juiz de paz, um escrevente, o que quer que seja. O importante é que possam emitir a certidão de casamento civil.

— Entendido. — Ele sorri. — Prepare o terno e as algemas, meu amigo, porque estará casado, debaixo de sol ou chuva no sábado. Nem que eu precise trazer toda a família para Las Vegas. Sempre achei que seria engraçado ver você se casando vestido de *Elvis Presley* e a noiva de *Marilyn Monroe*. Imagine aí o padre de *John Lennon*…

Desligo em sua cara antes que ele continue com suas piadas.

É. Será que ainda posso fugir da forca?

Eu sei a reposta. Não posso e não vou.



Capítulo 19

Isabella

— Vamos fazer o quê?

Quase deixo meu prato cair na pia quando me viro para encarar Mateus, que ainda terminava seu jantar. Ele para o garfo no meio do caminho e me olha. Suspira alto e logo franze o cenho, com certeza não gosta de ter que falar uma coisa pela segunda ou quinta vez. O fato é que, ou eu não escutei direito em todas as vezes, ou de verdade não quero acreditar no que estou ouvindo.

E se tem uma lição que aprendi, na marra e no constrangimento, é que quando Mateus fala uma coisa que não escuto direito ou não quero acreditar, o melhor é fingir demência ou surdez. Mas nunca, nunca confirmar ou aceitar. Caso contrário, tenho que me preparar para passar muita vergonha, vexame e humilhação, pois o cavalo monta em cima e ainda tripudia.

E cacete, é um jogo sujo e caloroso que não sei jogar. E para piorar ainda mais, ele parece mestre nisso.

— Vamos nos casar no sábado — diz, simples.

— Tão rápido? Vai dar tempo de organizar? — indago, confusa. — Pensei que seria uma festa grande para toda sua família, mídia, que o Papa realizaria a cerimônia e abençoaria a nossa união — digo, sarcástica. — Já que tudo para sua família tem que ser grandioso, exuberante e público. Tinha até mesmo me preparado mentalmente para suportar mais esse martírio.

— Nada é impossível para a senhora Marta Ávila. Acredite, ela vai organizar um casamento que será confundido com um evento da realeza. Uma festa digna de uma união por amor, entre o filho e a nora querida. — Ele franze o nariz, uma atitude que o deixa mais jovem. — E em relação a ser um ato público, não se preocupe, todos saberão. Pode apostar que a mídia cobrirá nosso casamento, como faz com qualquer evento que aconteça na mansão Ávila. E se mesmo assim todos não souberem, papai não se contentará e pedirá para que a relações-públicas da família solte uma nota oficializando nosso enlace. Pode ter certeza de que toda a sociedade mundial saberá desse fato de um jeito ou outro.

— Vida complicada — deixo escapar. — Espere! Quem é você em *Hollywood*? Não sabia que me casaria com um astro mais famoso que o Michael Jackson.

Ele sorri, mas o sorriso não chega aos olhos.

— Não vai. Vai se casar com um milionário jovem, que gostava de curtir a vida e tinha algumas regalias e manias peculiares que foram cortadas por trazer má fama para a família, segundo a alta roda e o arcaísmo do pai. — Ele dá sua última garfada.

— Nossa, de famoso para milionário. Diminui bastante a responsabilidade e patente — caçoo dele.

— Você vai ver como será simples. — Ergue a sobrancelha. — E outra coisa, mamãe quer a sua família no casamento. A essa hora, não duvido que ela já tenha conseguido o contato deles e até mesmo ido ao apartamento onde eles estão. Impulsividade e determinação é com ela.

Bufo.

— Tenho escolha?

— Claro que tem. — Ele limpa a boca e descarta o guardanapo no balcão. — Para não dizer que não a deixei opinar em nosso casamento, posso permitir que escolha seu próprio vestido, um destes modelos brancos e rendados. Mas se prepare, pois minha mãe provavelmente vai querer participar deste momento.

— Nossa, obrigada. — Coloco a mão no peito. — Um verdadeiro homão da porra e muito romântico. É bem difícil acreditar que fui a única que você conseguiu convencer a se casar com você. Continue assim, e vou achar que realmente foi uma ideia maravilhosa ter aceitado sua proposta.

— Um casamento dos sonhos de qualquer princesa — ele rebate.

— Sim, já temos até mesmo o cavalo. Só me falta o príncipe encantado.

Ele fecha sua expressão, para logo em seguida me lançar um olhar duro. Seus olhos azuis são adagas de gelos afiadas direcionadas para mim. Seu rosto de deus grego fica carregado e firme, até mesmo os lábios grossos se transformam em linha fina. Sempre que eu o chamava assim era como se eu tocasse em uma ferida. É um fato, ele não gosta de seu apelido. Mas eu me importava? Claro que não, gosto é do estrago, de provocá-lo.

— Então já decidimos essa pauta. — A voz rouca coloca um fim no assunto. — Agora me diga como foi seu primeiro dia na construtora. Gostou? Pedi para que Alfredo a acompanhasse, já que passaria o dia em reuniões.

Ele levanta todo elegante, parece até mesmo que está em alguma passarela.

Quando entramos no apartamento, após chegarmos do dia longo de serviço, ele apenas descartou o paletó, ficando com a calça social escura e a camisa branca, que tinha os pulsos levantados até os cotovelos e os três primeiros botões abertos deixando parte de seu peitoral à mostra. Se eu desse uma de tartaruga e esticasse meu pescoço, conseguiria até mesmo ver um de seus mamilos. Mas não faço, primeiro porque não tenho a mínima vontade de enxergar qualquer parte coberta de seu corpo e segundo, leia o primeiro novamente. Apenas sacudo a cabeça e desvio o olhar para responder sua pergunta sem cair em tentação.

— Eu diria que foi surreal. — Pego o prato de sua mão para colocar na lava-louças junto com o meu. — Mas também muito complicado, pois é minha primeira experiência e não sabia bem o que fazer. Alfredo me ajudou bastante. Nas primeiras horas, me levou para visitar alguns setores, e tive a chance de olhar alguns projetos para me familiarizar com os materiais e os custos, mas achei tudo muito difícil. Nada pareceu fazer sentido para mim. De verdade, acho que não vou dar conta disso tudo. Não podemos voltar atrás no cargo?

— Não desista antes de começar. — Ele fica diante de mim, encostado no balcão, com os braços na frente do peito. — O primeiro dia sempre é complicado, mas tenho certeza de que tem capacidade para assumir o cargo. Sem falar que estou disponibilizando para você um dos meus melhores colaboradores. Sempre, sempre que precisar, pode dispor de Alfredo. Ele conhece toda a construtora e saber como ninguém tudo do setor financeiro. Só não pense em renunciar sem tentar, certo?

— Certo — concordo. — Vou me esforçar para aprender tudo o mais rápido possível. Não quero que pensem que não sou capaz e que estou ali apenas por causa do nosso relacionamento.

— Tenho certeza de que conseguirá — dita, parecendo realmente confiar em minha competência. — E Eduardo, como se comportou?

Olho em seus olhos azuis, vendo uma sombra de desconfiança passar por eles e, por um momento, não sei o que responder. Vi como se odeiam e se contasse que o primo foi um verdadeiro filho da puta comigo em todas as chances que teve, que fazia questão de me tocar enquanto falava, como se eu fosse um *touch screen,* e de como aquilo tinha me deixado irritada e estressada em meu primeiro dia, talvez complicasse ainda mais a relação dos dois. Não por acreditar que Mateus ficaria com ciúmes de mim, mas porque eu senti que Eduardo pioraria a situação só para irritar meu falso noivo. E eu não estava na construtora para causar intrigas ou discussões.

— Perdeu a língua? — pergunta, descruzando os braços e dando um passo para se aproximar de mim. — Não me diga que aquele babaca foi inconveniente!

— Não — minto. — Mal o vi ou cheguei próximo dele. Também acho que não fará nada, parece que ele aceitou o que disse na sala de reuniões — minto ainda mais.

Mateus inspeciona todo meu rosto, e eu fico até mesmo sem respirar. Vai que ele tem alguma habilidade paranormal e consegue ver a mentira estampada em minha testa. Pior, talvez ele tenha uma máquina da verdade e esteja buscando um jeito em sua mente de me carregar até ela e arrancar tudo de mim, na base do choque. Deus é mais!

— Certo — ele concorda, dando uma última olhada afiada. — Estou um pouco cansado, então vou subir até meu quarto e tomar um bom banho e dormir. Caso precise de mim, basta me procurar.

Aceno com a cabeça, sabendo que nem se o mundo caísse iria atrás dele. Então Mateus começa a andar para dar a volta no balcão e sair da cozinha, mas antes de alcançar a metade do caminho, se vira e me dá um sorriso malicioso. Tenho um mau pressentimento de que não gostarei do que sairá de sua carnuda boca.

— Ah, só se certifique de bater na porta antes, digamos que em minha casa, principalmente em meu quarto, gosto de ficar como vim ao mundo. Mas se quiser me ver em toda minha honra e glória, apenas entre sem bater.

Então sai, gargalhado de mim, enquanto pego um avental e rebolo em sua direção, mas o pedaço de pano não chega nem a fazer ventos em suas costas largas. Maldito! Como se eu gostasse dos seus joguinhos idiotas e sem graça. Um dia o faria engoli todas as suas piadas. E seria no seco!



Imagine aí uma cara de paisagem.

Imaginou?

Agora junte essa cara a uma expressão de malgrado e sorriso amarelo. Pois é, essa sou eu neste momento tendo que ouvir as milhares de ideias e planejamento da mãe de Mateus, que me carregou até a rua Augusta para comprar o vestido de noiva. Não, não estou exagerando, a jovem senhora simplesmente invadiu minha sala na construtora e pegou meu braço, arrastando-me para onde e como quis, falando como um sino de Roma badalando sem parar.

Olho ao redor da loja chique, repleta de vestido de todos os modelos e tamanhos. Com renda, pérolas, saias rodadas, de sereias ou até mesmo lisas. Com caudas e sem caudas. E incrivelmente nenhum me chama atenção. Não por não serem bonitos, mas por eu saber que nenhum deles irá transformar aquele casamento em um enlace de verdade. Ok, o fato de eu sempre imaginar que no dia do meu casamento tudo seria diferente e que amaria e seria amada pelo meu noivo também contribuía para minha apatia. Sacudo a cabeça para evitar que esses pensamentos me tomem por completo, pois poderei realizar esse sonho assim que estiver livre desse contrato

— O que acha desse? — Dona Marta me mostra um vestido todo coberto por contas brilhosas e de cauda longa. — Seu corpo magro e pequeno combinará bem com o modelo.

— É lindo — elogio. — Mas ainda acho que não é bem o meu estilo. Quero algo normal e simples, sem muito brilho ou detalhes.

— Ok — ela concorda. — Temos o dia todo para achar o seu modelo. Como o casamento é em pouco dias, o importante é resolver o vestido logo, para depois vermos a decoração e o *buffet*. Não vou mentir, queria mais tempo para organizar tudo direito, mas vou dar o meu melhor para que o grande dia de vocês seja perfeito.

Amarelo ainda mais meu sorriso. Ela, sim, parece radiante. Se alguém a visse de longe, poderia achar que era a noiva ou então a minha mãe, que está feliz porque vai casar a filha. Esse raciocínio me faz lembrar de dona Eva e de como a queria comigo nesse momento, claro que não nessa loja de grife. Eu tinha planejado que, na hora do almoço, iria encontrá-la e a convidaria para comprar meu vestido em uma loja mais simples, porém não contava com a astúcia e velocidade da minha sogra. E olhe que fui avisada pelo próprio filho dela, mas achei que fosse só implicância de Mateus.

Junto com uma vendedora que foi pega para Cristo, minha animada sogra começa a olhar e pegar todos, todos os tipos de vestidos da loja. Em alguns momentos, ela olha para mim e sorri. Eu devolvo seu aceno e folheio com calma uma revista, fingindo que

estou pensando em outros detalhes do matrimônio, enquanto estou orando mentalmente para que isso acabe logo.

De repente, uma taça é estendida para mim, e u, líquido rose e borbulhante chama minha atenção. Pausa! É champanhe em pleno início da manhã? Mas quem se importa de tomar apenas um gole, né? Já que estão oferecendo, é porque pode e é para beber. Tomo um pouco, e realmente como todos dizem, as bolhas fazem cócegas na garganta e, para minha surpresa, é incrivelmente doce. Esvazio tudo em apenas três goles.

— Acho que vou precisar de outra. — Levanto a taça para cima. Quem sabe um pouco de álcool não me alegra para esse momento?

Sou servida novamente quando minha sogra se aproxima, trazendo um vestido estendido em seus braços, com um sorriso de orelha a orelha.

— Acho que agora achei seu vestido. — Sua voz comemorativa me causa um frio na barriga. — Olhe só!

Então estende a peça branca para mim. É de mangas cravadas com alguns bordados em flores no tule transparente. Nas costas, há uma carreira de botões que desce até altura do quadril. A saia é completamente lisa e sem detalhes, salvo na barra que tem o mesmo bordado das mangas.

— É maravilhoso — falo de verdade.

— Então experimente.

Sem querer me negar novamente, pego o vestido e vou ao provador que vendedora indica. Retiro minhas roupas do trabalho e coloco a peça que parece cair em mim como luva. Cabe tão perfeitamente em meu corpo que parece uma segunda pele. Então saio, para que ela também veja e eu possa me olhar no grande e alto espelho que tem do lado de fora.

— Meu Deus! — dona Marta coloca a mão na boca, extasiada. — Você está perfeita. Esse vestido foi feito para você. É a noiva mais linda que já vi.

A babona da vendedora concorda. Então fico diante do espelho de corpo todo e sou tomada de surpresa quando vejo minha imagem refletida ali. O vestido realmente é perfeito, igual ao dos meus sonhos. Sem parecer exagerada ou metida, me sinto uma dessas princesas da *Disney*, quando finalmente derrotam a vilã má e, com um passe de mágica, estão perfeitas e prontas para reencontrar o príncipe encantado.

— Coloque isso. — Minha sogra me dar uma coroa de ferro, toda em ramos e com pequenos brilhantes.

Atendo seu pedido, e o acessório combina perfeitamente com o meu *look* de membro da realeza. Uma coroa brilhante e charmosa que faria inveja até mesmo à princesa Diana.

— Então, gostou? — Marta faz a pergunta.

— É esse. Esse é o vestido para o meu casamento perfeito.



Capítulo 20

Isabella

Tão rápido como o bater de asas de um beija-flor, os dias passaram e, para minha agonia e nervosismo, o dia do casamento chegou.

Levanto meu corpo cansado da cama. Todos os dias foram torturantes para mim, pois, contra meu próprio querer, fui obrigada a participar do bendito e apressado planejamento do grandioso evento. Claro que pensei que a minha querida e mandona sogra me deixaria escapar disso pelas beiradas ou que eu poderia usar meu trabalho como justificativa para fugir dessa organização toda, alegando que eu confiava cegamente em suas decisões e escolhas, mas eu não conhecia bem Marta Ávila. Ela me fez participar de todos os preparativos, desde escolher as flores, cores e até mesmo a comida que seria servida no casamento.

Tudo isso em poucos dias. De quem foi mesmo a ideia desse enlace às pressas? Ah, do meu querido noivo que sequer queimou uma pestana de preocupação com o casamento.

Bufo e saio da cama, indo até a janela. Havia esquecido de fechar as persianas grossas, mas quem pode me condenar por não ter lembrado, quando ontem eu só queria me deitar, dormir e me transformar em uma bela adormecida sem príncipe? Mas, infelizmente, querer não é poder.

Os primeiros brilhos do sol entram pelo vidro, mostrando que o dia será quente, diferente dos anteriores, quando São Paulo estava fazendo jus ao seu apelido de terra da garoa. Olho para o horizonte, contemplando a imensidão de pedra que se pode ver daqui. De repente, uma sensação de ansiedade toma todo meu corpo. Não é para menos, pois saber que antes mesmo do dia acabar eu seria uma mulher casada não é um fato que me traga tranquilidade, ainda mais sabendo o porquê isso tem que acontecer.

De repente, sou tirada dos meus pensamentos com batidas rápidas em minha porta. Muito lentamente, caminho até lá, girando a maçaneta para abri-la. E qual é minha surpresa?

Se você pensou em minha sogra, pode se considerar um vencedor ou vencedora. Sim, a bela senhora está parada e sorridente, com aquele olhar de que eu seria pega para Cristo hoje. Merda! Seria bom eu recusar? Não, com certeza não. A mulher tinha um dom, ela não aceitava um não e persuadia qualquer pessoa a fazer suas vontades.

— Bom dia, querida. — Entra em meu quarto, como se fosse a própria dona. — Hoje é seu grande dia, estou aqui para acompanhar você e me certificar de que será bem cuidada e preparada para ser a noiva mais linda que toda sociedade paulista já viu.

Sinto uma imensa vontade de sair correndo e gritar por socorro, contudo apenas abro um sorriso totalmente forçado e sem graça.

— Venha, não temos muito tempo. — Ela enrosca seu braço no meu.

— Espere! — Saio de seu abraço. — Ainda nem escovei os dentes, não posso sair assim. Além do mais, planejo passar esse dia com minha mãe.

Então me afasto dela, me lembrando da minha falta de higiene matinal e dental. Vai que meu bafo chegasse até ela ou dona Marta visse os quilos de remelas que havia em meus olhos.

— Não se preocupe. — Ela sorri, meu jesus, quem madruga em pleno sábado tão radiante? — Eva nos acompanhará até o spa. Hoje terá seu dia de noiva e, claro, suas duas mães com você.

Stop! Pane no sistema. Como assim, produção?

— O quê? — Não consigo esconder meu espanto. Deus, quem é de fato essa senhora e o que ela pode fazer? Como convenceu minha mãe a ir para um local de rico com uma desconhecida? Ela só pode ter superpoderes.

— Seria injusto não compartilhar esse dia com sua mãe, então hoje cedo fui até o apartamento dela. — Pergunto-me se ela sabe que o apartamento é do seu próprio filho. — E a convidei para passar esse dia com você, e claro, aproveitei para conversar com ela sobre a união dos nossos filhos e concordamos que essa pressa não era esperada, mas que não podemos evitar a força e urgência do amor de vocês.

Cacete. Já sei! Uma iludida e uma ludibriada juntas é igual a duas românticas incuráveis. E digo uma coisa: acho que é impossível parar essas duas mulheres. Posso apostar que esse dia será tudo, menos relaxante.

— Tudo bem, só preciso de um banho — digo concordando, mas torcendo internamente para que o ralo do banheiro pudesse se abrir e me deixar desaparecer por ele.

— Certo, querida. — Ela caminha até a porta. — Vou aguardar com sua mãe lá embaixo. Não demore.

— Mamãe está aqui?

— Sim, ficou conversando com Mateus e explicando como cuidar do seu irmão, já que ele ficará com os homens, para que nós, mulheres, possamos aproveitar melhor o dia sem preocupações ou perturbações masculinas. Precisamos de uma folga, pois convenhamos que homens são estressantes quando querem.

Então ela sai de vez, deixando-me ainda mais espantada e levemente preocupada. Julinho passará o dia com Mateus? Espero que o cavalo saiba como se comportar diante de uma criança. Se bem que, nas oportunidades que teve, meu noivo até tinha conseguido cair nas graças do meu irmão. Espero que hoje ele dê uma de pônei e o encante novamente.



Enquanto Marta ditava as regras, eu era bem cuidada. Umas cincos mulheres estavam disponíveis para meu dia de noiva, então minha primeira atividade foi uma massagem relaxante do dedinho do pé até o meu couro cabeludo.

Depois fizeram minhas unhas, sobrancelhas e a maldita depilação em que acredito que arrancaram até os pelos do redondo de trás, pois segundo elas a noite de hoje seria de núpcias e coisas que casais fazem em sua primeira noite juntos. As românticas fizeram tudo, menos o procedimento torturante.

Depois do sofrimento, preparam meu banho com água aquecida e pétalas de rosas vermelhas. Só me tiraram de lá, quando que já estava toda enrugada e bem descansada, ou seja, depois de uma hora.

Depois me vestiram com um roupão muito felpudo e então começou a luta para rebocar minha cara e domar meus cabelos que também haviam sido lavados e hidratados. Tudo demorou mais do que julguei necessário pois quando olhei para o relógio na parede da frente, quase gritei de espanto ao perceber que já era quase a hora do casamento.

— Que desnecessário… — sussurro. Não queria ofender os esforços de Marta e até mesmo de minha mãe.

— Disse algo, filha? — pergunta dona Eva, sendo bem-cuidada ao meu lado. Ela estava alegre e incrivelmente relaxada. Por um momento, fico contente de poder proporcionar esse momento para ela. Mamãe nunca teve tempo ou até mesmo possibilidade de arcar com esses cuidados. Seus cabelos estavam brilhosos, e a pele tinha um tom vivo que eu nunca tinha visto.

— Que estou nervosa — minto.

— Não fique. É seu dia, então deve aproveitar, não deixe que a ansiedade te domine. Ao contrário, deixe que o amor prevaleça e naturalmente tudo irá se acalmar dentro de você e, consequentemente, estará aí, sorrindo e radiante com seu casamento.

— Obrigada por estar aqui, mamãe.

— Eu não poderia estar em outro lugar no seu grande dia, minha filha.

Um nó sobe por minha garganta causando uma dor fina e fria por todo meu corpo. O coração em meu peito parece querer sair pela boca. Será que quando minha mãe descobrir tudo, ela me perdoará? Só podia torcer para que sim.

— Agora é hora do vestido — Marta grita alto, animada, contagiando todas no ambiente. É, parece que todas estão com a alegria que a noiva deveria ter.

Uma jovem mulher entra, carregando um envelope grande de plástico. Com certeza era o vestido que tinha ficado na posse da minha sogra, pois o filho não podia sequer dar uma olhadela para não trazer azar. Mal sabe ela que a minha urucubaca já tinha acontecido no dia que pisei meus pés naquela construtora pela primeira vez.

Sou levada até um provador para vestir as peças íntimas do casamento — sim, uma lingerie rendada branca, de cinta-liga e tudo. Depois volto para onde a roda de mulheres bajulam meu vestido que está espalhado sobre um sofá.

Com todo o cuidado, passam a peça por minha cabeça. Novamente, o vestido cabe perfeitamente em meu corpo, como se ele tivesse sido feito especialmente para mim. Um a um os botões em minhas costas são fechados, e sou colocada diante de um espelho grande. Observo o cetim branco, como a tradição manda para indicar que sou imaculada, e o tule que cobre metade das costas, com bordados em flores e ramos. Em minha cabeça, a mesma tiara de aço e brilhantes torna meu penteado ainda mais charmoso. Em meus pés, há um sapato de salto e cravejado de pedras brilhosas que a saia longa e estilo sereia não deixa à mostra. Vendo-me por completo, em meus trajes de noiva, uma emoção aguda sobe pelo meu corpo e se instala em minha garganta causando uma repentina vontade de

chorar. Em meu peito, o coração acelera e quer sair pulando pela boca. Nunca imaginei que a imagem refletida ali fosse me agradar tanto.

Ouço um ofego e observo minha mãe tentar conter suas lágrimas. Ela tem até mesmo a mão cobrindo a boca.

— É a noiva mais bela que já presenciei. Você está perfeita, filha — diz ela evidentemente emocionada.

— Concordo — minha sogra fala com a mesma comoção, a voz rouca. — Mateus ficará ainda mais encantado e apaixonado por você. Meu filho soube mesmo escolher uma esposa.

Desvio meu olhar das duas mulheres iludidas, querendo esconder meu desconforto, a minha farsa.

— Bom, agora eu e sua mãe precisamos colocar nossos vestidos e partiremos em seguida. Essa história de que a noiva precisa atrasar já está muito velha e em desuso.

Então as duas se vão, cada uma para um banheiro. Esqueci de mencionar antes, mas, durante os dias de planejamento, tive tempo para levar mamãe e Julinho para comprarem suas roupas para o casamento. E qual a minha surpresa ao chegar na loja? Não, dessa vez não foi minha sogra, mas sim, o filho. Mateus tinha se antecipado e deixado um crédito para compras tão alto que, se eu quisesse, teria levado toda a loja e ainda assim restaria saldo.

Aquele exagero nos rendeu uma pequena discussão porque eu não queria que ele fizesse as coisas pela minha família, ou gastasse dinheiro com ela. Sei que aceitei o apartamento, mas a ocasião era totalmente diferente, agora que eu tinha um salário gordo, poderia arcar com as responsabilidades de tudo que tinha a ver com eles. Mas claro que não adiantou de nada gastar minha saliva, já que, no dia seguinte, o cavalo enviou uma bicicleta para meu irmão.

— Vamos. Temos um pequeno caminho até chegar à casa. — Marta volta com mamãe, as duas tão lindas e elegantes. Minha sogra usa verde escuro e dona Eva, azul petróleo.



O carro para diante da enorme mansão, onde já estão presentes outros veículos. Meus nervos esfriam e uma onda de pânico toma todo o meu ser. Minha porta é aberta, e minhas pernas nervosas tremem, ansiosas, quando desço. Imediatamente, sinto uma mão pegar a minha — mamãe com certeza deve ter notado todo meu padecimento e quase enfarto.

— Fique calma! Tudo dará certo — pede, tentando me transmitir tranquilidade e segurança.

— Preparada? — pergunta, minha sogra.

— Absolutamente não!

— Respire profundamente e tente não pensar muito. Nesse momento, o nervosismo pode atrapalhar. Vamos! — aconselha.

Ela aperta minha outra mão livre. Então, saio guiada para parte detrás da mansão, onde a cerimônia iria acontecer.

O jardim está todo iluminado. Meus olhos ficam arregalados de surpresa. Eu sabia as cores e flores que enfeitariam tudo, mas não fazia ideia de como tudo ficaria lindo e muito encantador. De longe, posso ver os convidados sentados em suas cadeiras de madeira e decoradas com tule branco e arranjos de rosas. Um tapete vermelho no meio vai até o altar, que tem um arco de flores brancas e rosas rodeadas por pequenas luzinhas que cintilam ainda mais o ambiente. É, minha sogra tinha sido extravagante em sua montagem, mas não me surpreendo, já que tudo vai ser coberto pela mídia. Discreto e simples não era uma opção.

— Vamos entrar logo, pois, se conheço meu filho, ele virá aqui te arrastar até lá e ainda pedirá ao juiz de paz para evitar todo o falatório desnecessário e declarar logo vocês como marido e mulher — a mulher jovem diz, repentina.

Seguro a vontade de sorrir, pois tenho certeza de que o filho dela realmente não está nada feliz, mas é por ter que seguir com o planejado pela mãe, já que ela tinha nos

convencido de que, em um casamento civil, os dizeres eram rápidos demais e não causariam emoção alguma. Então o que ela nos obrigou a fazer? Sim, nossos próprios textos para a cerimônia. E assim como Mateus, também fiquei irritada, mas como já tinha aprendido que de nada adiantaria, acabei aceitando.

— Espere! — mamãe pede. — Falta o buquê.

— Não falta mais. — Meu elegante sogro aparece carregando um arranjo de rosas vermelhas nas mãos. Bom, como não tenho pai, ele fará o papel de me carregar até o filho. Bem conveniente, já que é por causa de suas exigências que esse casamento está acontecendo.

Ele me entrega o buquê e estende seu braço para que eu encaixe o meu. Assim que faço, mamãe me benze antes de ir para seu lugar. Ela, assim como Victor, Marta e Damião, serão as testemunhas.

Começo a caminhar com meu sogro. A cada passo, meu estômago revira ainda mais. Assim que chegamos ao início do tapete, a marcha começa a soar alto, fazendo os convidados virarem suas cabeças e alguns *flashes* serem disparados. Evito olhar apenas para um lugar em questão.

Bom, eu tento, pois quando meus olhos focam em Mateus esperando-me diante do altar, não consigo mais desviar dele. O cavalo está elegante e muito bonito em seu terno em um tom quase azul marinho, com a camisa branca fechada até o ultimo botão, arrematada por uma gravata preta e uma presilha dourada refletindo alguns feixes de luz. Seu rosto está impassível, os olhos azuis não piscam e nem se movem para longe dos meus e a boca em linha deixa sua expressão ainda mais firme. Assim que estou a apenas alguns passos do altar, ele vem até a mim, os passos chiques e refinados.

— Obrigado, papai — ele agradece ao senhor que me levou até ali.

— Por nada, filho. — O senhor aperta a mão do filho.

Então Mateus pega minhas mãos e sorri pela primeira vez, talvez encenando para as câmeras que não param. Eu faço o mesmo e logo ele se aproxima para beijar minha testa.

— Você está pronta? — pergunta baixo.

— Não, mas estou aqui para o sacrifício.

— Ótimo. Então, vamos nos casar.

Ele nos conduz até ficarmos de pé diante do juiz de paz que está detrás de um púlpito transparente. Marta vem até a mim e pega meu buquê.

— Boa noite a todos! Estamos aqui hoje para festejar as melhores coisas da vida: a confiança, a esperança, o companheirismo e o amor entre esse casal — o juiz começa. — Vocês foram convidados para compartilhar este momento com Isabella e Mateus porque são as pessoas mais importantes para eles. Os dois escolheram um ao outro como sua família e hoje estão celebrando o amor que já começou e vai continuar crescendo ao longo dos anos, pois o casamento é uma união, é uma caminhada rumo a um futuro que envolve abrir mão do que somos separados, em prol de tudo o que poderemos ser juntos.

O juiz continua a ler o texto criado para a cerimônia, enquanto, em meu interior, o frio vai se tornando maior, pois sei que está chegando a bendita hora do sim.

— Mateus Orlando Ávila, é de livre e espontânea vontade que você aceita Isabella Oliveira como sua companheira em matrimônio?

Não disse?

— Sim. Aceito — o cavalo dita, grosso e muito decidido.

— Isabella Oliveira, é de livre e espontânea vontade que você aceita Mateus Orlando Ávila como seu companheiro em matrimônio?

— S-i-m — gaguejo, pois não poderia dizer não, mas não conseguiria ser tão vigorosa quanto Mateus.

— Assim sendo, por favor, tragam as alianças.

Victor vem sorridente, mas não se engane, pois sua alegria é de gozação com a cara do amigo. Ele entrega a caixinha para Mateus e lhe dá dois tampinhas nas costas, como se dissesse: *é isso aí, camarada.*

— As alianças são um símbolo físico do compromisso de um casal e de sua ligação emocional e espiritual. Elas são consideradas um círculo perfeito, sem começo nem fim. Isabella e Mateus, que estes anéis sejam um lembrete visível de seus sentimentos um pelo outro. Ao olhar para eles, lembrem que vocês têm alguém especial com quem compartilhar suas vidas. Lembrem que vocês encontraram um ao outro e um no outro, e que nunca mais andarão sozinhos. Por favor, façam a troca.

Mateus é o primeiro. Ele abre a caixa e retira de lá um aro dourado e fino.

— Isabella, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser minha

esposa e companheira de vida. Receba-a e saiba que eu te amo. — Novamente, sua voz sai estável. Então ele desliza o anel pelo meu dedo anelar esquerdo.

Com as mãos trêmulas, pego o aro mais grosso da caixa.

— Mateus, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser meu esposo e companheiro de vida. Receba-a e saiba que eu te amo.

Deslizo o anel em seu dedo branco e comprido, o aro dourado brilhando e marcando-o como meu esposo. Uma multidão de borboletas parece invadir minha barriga, deixando meu coração afoito. Minha respiração pesa, as minhas mãos não param quietas. Tento acalmar minhas reações, mas não consigo ter o controle de mim mesma. Olho para meu Mateus, ele está lindo! Parecendo saber das sensações que me atormentam, ele pega minha mão e aperta. Tenho a leve impressão de que dará um beijo em seu dorso, mas ele simplesmente a mantém na sua.

— Isabella e Mateus Ávila — o juiz fala meu novo nome, o cavalo tinha decidido que era melhor eu trocar de sobrenome e usar o seu. — Ninguém além de vocês mesmos detém o poder de proclamá-los esposo e esposa, porém os dois escolheram a mim como anunciantes desta boa nova. Assim, tendo testemunhado sua troca de vontades diante de todos que estão aqui e pelos poderes a mim concedidos, é com grande alegria que declaro que vocês estão casados. Pode beijar a noiva.

— Não aguentava mais esperar por isso — Mateus dita alto, arrancando risadas de alguns.

Então ele abaixa a cabeça, cobrindo minha boca com seus lábios quentes e úmidos, enquanto suas mãos seguram minha nuca firmemente. O beijo, que esperava que fosse apenas um encostar de lábios, transforma-se em algo profundo, pois Mateus mergulha sua língua em mim, sugando a minha para uma dança erótica que parece não ter hora para acabar.

Ele chupa, acalenta e morde meus lábios, esticando a pele como se quisesse arrancar um pedaço de mim. Inevitavelmente, eu gemo, e ele para, passando a sorrir em minha boca. Mateus se afasta, então uma salva de palmas é escutada e vários *flashs* são disparados.

— Estamos casados, Isabella.

— Estamos — digo entre respirações pesadas.

Pronto. Agora é oficial.

O primeiro casamento entre um cavalo e uma humana.

Será que eu conseguiria entrar no *Guinness Book* por esse fato?



Capítulo 21

Mateus

Olho para minha mão esquerda e flexiono os dedos, cerrando meu punho, quando o metal frio e dourado toca a palma de minha mão. O círculo brilha devido à grande claridade do local, e fico analisando, por alguns minutos, o acessório diferente que terei que usar por um bom tempo. Não sei o porquê, mas esperava que fosse estranhá-lo mais ou senti-lo estrangulando meu dedo, porém incrivelmente a sensação que me causa é agradável.

Puta merda. Eu realmente estou casado.

Sacudo a cabeça para tentar afastar esse sentimento, antes que ele possa, de fato, começar a me sufocar. Eu deveria focar no agora, talvez voltar para onde eu tinha deixando minha sogra e o Julinho, não queria que os dois se sentisse abandonados ou deslocados.

Passo por um garçom e pego uma taça de champanhe — parece que mamãe comprou uma fábrica da bebida, pois as taças nunca ficam vazias. Aliás, tudo está extravagante demais para meu gosto e diferente do pedido que tinha feito a ela, mas eu já sabia que a senhora Marta não conseguiria ser discreta. Em algum detalhe, ela iria exagerar. Também achei exorbitante o número de fotógrafos, não bastavam os *clicks* da impressa fofoqueira?

Paro para tomar minha bebida, então meus olhos miram Isabella que socializa, obrigada pela minha mãe, com alguns dos convidados e familiares que ela não teve a chance de conhecer no jantar de noivado. Uns a abraçam, outros apenas se limitam a apertar sua mão parabenizando-a. Posso jurar que ela está quase para vomitar todo o jantar neles, pois, se eu estivesse ali, em seu lugar, com certeza faria o mesmo. Sei a família intragável que tenho, engolir seus falatórios e cobranças, às vezes, pode ser difícil.

Cansado de observar a cena, tento desviar o olhar de Isabella, mas me vejo incapaz de realizar tal ato. Não sei o motivo, talvez por ela estar simplesmente deslumbrante esta noite. E olhe que nunca achei nenhuma noiva bonita, não sei se pelo fato de eu sempre ter sido contra casamento, ou por achar que as mulheres exageravam demais na maquiagem, vestido e acessórios para a ocasião. Isabella, no entanto, tinha feito diferente. Com um elegante vestido de cetim branco, os cabelos castanhos presos em um coque frouxo com alguns fios soltos, emoldurando seu rosto branco e quase natural, ela era a mulher mais

bela da festa. Isabella Ávila, minha esposa.

— Mal se casou e já está babando pela esposa?

Escuto e nem preciso virar para saber quem está zombando de mim. Então Victor para na minha frente, e seu sorriso de escárnio faz meu sangue esquentar. Fecho minha expressão para demonstrar que agora não é o momento para suas piadas sem graças.

— Quais são as chances de você ficar de bico fechado hoje? — Deixo a minha voz sair grossa, mesmo sabendo que ela não vai afetar em nada a cara-de-pau do meu amigo.

— Nenhuma. — Ele volta a sorrir. — Assim como não tem nenhuma chance de você parar de babar por Isabella. Acho que essa menina vai fazer você de tapete rapidinho. — Ele levanta a sobrancelha sugestivamente. — Agora, na falta de um babador, que tal usar sua gravata?

— Então que tal eu usar essa mesma gravata para amordaçar você? Melhor, estrangular?

Ele revira os olhos, fazendo pouco caso da minha ameaça como sempre.

— Bom, se seu interesse é matar alguém, por que não faz isso com seu primo?

— Como?

Então ele aponta para o babaca de terno cinza. Eduardo está parado próximo a uma coluna coberta por flores, bebendo champanhe com casualidade e refinamento. Até aí tudo bem, mas quando percebo para onde seus olhos malditos estão focados, um sentimento percorre todo meu corpo, deixando-o quente e frio ao mesmo tempo, e se bem me reconheço, posso apostar toda minha fortuna que é o nome desse sentimento é fúria. Já tinha percebido como o imbecil olhava para Isabella, não era um olhar qualquer. Era como se ele pudesse arrancar, com a força da mente, a roupa da minha mulher e a desnudasse somente para si. O infeliz a deseja, como deseja tudo que é meu.

— O que vai fazer?

Sinto Victor tentar segurar meu braço e só então percebo que estou caminhando na direção do infeliz.

— Lembre que não pode cometer nenhuma insanidade em seu casamento. Toda impressa e seu pai estão aqui.

Não vou mentir, eu estava mesmo indo quebrar todos os dentes de Eduardo, quem sabe até mesmo arrancar seus olhos e fazer o imbecil comê-los. Não poderia permitir que

o estúpido ambicionasse minha esposa debaixo do meu nariz. Mas, se em casamento não se pode derramar sangue, com certeza uma boa exalação de desejo e volúpia de um casal não *pegaria mal*.

Pensando nisso, mudo a direção dos meus passos e vou, todo decidido e firme, até onde Isabella está de costas. Quando chego próximo, colo meu corpo no dela, deixando minha cabeça cair no encontro do seu ombro com o pescoço.

— Venha, docinho, espero que esteja preparada para dançar com seu marido. — Beijo seu pescoço, e mamãe suspira.

Isabella imediatamente vira-se, ficando de frente para mim e consequentemente à distância de um braço meu. Quando vislumbro seu rosto, está mais belo que antes, já que agora sua pele ostenta um rubor. Sorrio, pois me divirto quando ela fica constrangida. Ah, mas ela não tem ideia de qual será a outra dança que encenaremos na pista. Já sinto até mesmo minha língua se animar.

Estendo minha mão para Isabella que, sorridente, a pega. Isso, querida, entre no seu *papel*.

Com calma, a carrego até a pista de dança. No caminho, passamos por Eduardo, então eu pisco para ele e sorrio. Novamente, esse otário ficara somente na vontade de ter as minhas coisas. A construtora e muito menos Isabella jamais serão suas e, no que depender de mim, ele sempre será um invejoso derrotado.

Quando chegamos na pequena pista montada, uma música romântica é tocada. Ótimo, talvez possa agradecer depois para mamãe, já que vai servir para o meu grande espetáculo.

Com vontade, coloco uma mão na cintura de minha esposa, enquanto espalmo a outra no meio das suas costas desnudas, praticamente colando seu corpo ao meu. Agradeço quando ela não se afasta e se aninha mais em mim. Como ela está de salto, sua cabeça fica quase debaixo do meu queijo, e inclino um pouco meu pescoço para que ela descanse o rosto em meu ombro, deixando-a exatamente na posição que quero. Com sua movimentação, sinto seu suave cheiro floral e não sei se o perfume vem de seus cabelos sedosos ou da sua pele macia. Se eu pudesse arriscar, é uma mistura dos dois.

Começo a girar com ela pela pista. Sorrio, pois mesmo sem qualquer ensaio, nossos passos estão sincronizados. Viro-a novamente, e ela abre um sorriso, o gesto iluminando seus esplêndidos olhos verdes. Afasto um pouco seu corpo do meu e a rodopio somente com uma mão. Então a puxo para mim novamente, dobrando-a em seus joelhos e

fazendo seu corpo cair para trás. O *show* é digno de uma cena de cinema, e mais digno ainda é o jeito que cubro seus lábios com os meus, quando a levanto.

É um beijo totalmente erótico e impuro, não recomendando para locais públicos, mas quem pode julgar um casal recém-casado?

Enfio minha língua bem no fundo de sua boca, enrolando-a na dela e depois a sugo. O corpo da garota vibra todo, enquanto um sabor terrivelmente doce me invade. Sim, a cada dia, aprecio mais a boca, o gosto, tudo que vem de Isabella. Deslizo meus dedos em suas costas, sentindo-a quente. Porra! É impossível deter a ereção que toma conta do meu pau, que pulsa e parece querer explodir dentro da minha calça.

Mas eu me afasto?

Não, isso não. Pelo contrário, volto a mergulhar minha língua em sua boca, como se eu estivesse usando meu pau em sua boceta. O pensamento impuro me faz puxar seus lábios e morder a carne terna. Ela geme, e eu ofego sem fôlego. Assim, desço meu rosto para seu pescoço, lambendo toda a pele ali, sentindo-a adocicada. Isabella, só pode ser feita de mel. O mais puro, saboroso e viciante mel.

Subo novamente minha boca para sua, mas, dessa vez, com calma e tranquilidade, pois além de desejosos, devemos parecer muito apaixonados. É apenas um tocar de lábios, somente para eu sentir seu beijo novamente.

Então a música acaba, e uma salva de palmas é escutada. Isso parece acordar Isabella, que fica envergonhada e enterra seu rosto em meu pescoço.

— Não precisa ter vergonha, docinho — sussurro.

Ela sacode a cabeça.

— Como não? — A voz sai abafada. — Se encenamos o maior espetáculo pornô agora mesmo?

— Ah, Isabella… — Sorrio. — Você não imagina a sessão indecente e devassa que faremos mais tarde.

— O quê?

— Em casa, em casa….



Depois do momento imoral e obsceno que protagonizei com minha esposa, nada melhor do que fugir, não é? Afinal, toda as energias demonstradas na pista ainda precisam ser extravasadas — ou pelo menos foi isso que deixei minha família entender quando fui me despedir.

Houve uma nova chuva de abraços, parabéns e palmas. Claro, que mamãe não ficou nada contente. Ela ainda tinha planejado vários acontecimentos no jantar, de discursos ao arremesso do buquê. Isabella, até cumpriu com a tradição, jogou o objeto para uma roda de primas e outras amigas, em que a mulher que o agarrasse seria a próxima felizarda. Bom, cada um buscava o azar que quisesse para si.

Antes de subir no carro, não deixo de perceber o olhar raivoso de Eduardo em minha direção, a boca retorcida e os olhos negros, quase em modo assassino. Bem, que ele se fodesse, mas longe de mim e, principalmente, de Isabella. Estou com raiva, mas decido não tirar satisfação com ele ainda. Deixarei para lhe dizer algumas verdades em um momento mais apropriado e quando eu tiver total liberdade para quebrar seu rosto.

Ajudo Isabella a subir no automóvel enfeitado por Marta e Eva — as duas parecem amigas de longa data. Mamãe achou um absurdo eu e a nora não termos uma lua de mel, mas expliquei que não poderíamos viajar por causa da construtora e prometi que, assim que fosse possível, sequestraria minha esposa para um lugar muito romântico. Claro que não foi o suficiente para a senhora sentimentalista, e ela teve que decorar o carro com corações e balões. Era totalmente brega, mas recusar estava fora de cogitação.

— Gostou do casamento? — pergunto para Isabella, que tem a cabeça deitada em seu encosto.

— Está dentro do *top* dez dos melhores eventos que já fui na vida, considerando que não fui a nem um. — Ela sorri.

Também sorrio, pois além do lado irritadiço, insuportável e louco que eu conhecia bem, sua faceta irônica e engraçada aflorou para mim desde que passei a conviver mais com ela.

— Bom, eu já fui em muitos. Sendo assim, posso dizer que esse foi um dos mais divertidos em que já estive.

— Bom para você — ela admite, então franze a expressão.

— O que foi? Sentiu algo? — pergunto, preocupado, pois notei que ela tinha ingerido uma boa quantidade de champanhe.

— Estou sentindo a culpa me invadir — ela reflete. — Viu como todos foram gentis hoje? Nossas mães estavam extremante radiantes com o casamento. Não quero que elas fiquem magoada.

— Ninguém vai sair magoado. — Soo firme. — Além do mais, ninguém precisa descobrir a verdade. Não somos obrigados a contar nada.

— Mas, mesmo assim…depois que…

Interrompo-a, pois sei a que ela está se referindo.

— O depois não vai acontecer agora, então não devemos nos preocupar com isso. Vamos viver nosso casamento um dia de cada vez, cumprindo nossas obrigações contratuais. O depois vai demorar meses…

Ela respira profundamente.

— Tudo bem.

Então se vira para sua janela, e eu não falo nada. É sempre bom deixá-la sossegada em seu canto, ainda mais quando o dia foi emocionante demais e posso jurar que Isabella estava evitando meus olhos para que eu não implicasse com ela por conta do beijo. Eu nem poderia cometer tamanho desatino, afinal não quero que esse motorista contratado veja indícios de uma possível confusão ou briga entre mim e minha esposa. A fim de manter ainda mais as aparências, pego na mão de Isabella, e como ela não resiste ao contato, descubro que está dormindo. Sem perceber, puxo sua cabeça para meu colo. Não queria que amanhã ela estivesse com dores no pescoço por dormir de mal jeito.



Carrego o corpo de Isabella até o elevador. Ela tinha caído no sono depois de nossa conversa. Apesar de ela não pesar muito, o vestido dificulta um pouco o acesso ao painel, e me atrapalho para digitar o código.

Não demora muito e estamos diante da porta do meu apartamento. Sorrio, pois jamais pensei que eu cumpriria uma tradição de casamento, mesmo que forçadamente. Poderia tê-la acordado para que ela caminhasse até aqui, mas não sou um completo filho da puta, eu entendia seu cansaço.

Assim que entramos, subo imediatamente para seu quarto e deito seu corpo pequeno na imensa cama. Faço menção de sair para deixá-la descansar, mas paro no caminho, preocupado que vestido a incomode. Olho-a sem saber como tirarei a peça de seu corpo sem acordá-la.

Preferindo começar com o mais fácil, retiro seus sapatos e os saltos fazem um pequeno barulho quando tocam o piso. Visualizo os minúsculos e avermelhados pés dela e tenho certeza de que o tempo que ela ficou em pé não lhe fez bem. Ela vira de bruços, então tomo coragem para começar a tirar a peça branca.

Abro um a um os botões em suas costas — quem diria que, em minha noite de núpcias, eu realmente tiraria o vestido da noiva. Sacudo a cabeça, negando os pensamentos que entram em minha mente. Com cuidado, torno novamente seu corpo para frente e então puxo a peça por sua cabeça.

Meus pensamentos se tornam impuros assim que vejo a pequena, delicada e rendada lingerie branca que cobre seu miúdo corpo. O sutiã deixa metade dos seus seios de fora, e os belos pares cabem perfeitamente na palma da minha mão. Descendo mais o olhar, analiso sua barriga plana, surpreendendo-me com a cintura curvada, mas o choque total é quando miro o pequeno triângulo que esconde sua parte íntima dos meus olhos afiados.

Sem me deter, traço um dedo por suas coxas firmes, sentindo sua pele em um toque macio e quente. Ela estremece, então paro. Não é correto tocá-la sem seu consentimento ou conhecimento, mas é totalmente coerente que eu desfaça seu penteado. Então tiro umas dez presilhas de sua cabeça e guardo-as em um criado, junto com sua tiara.

Quando volto a olhá-la, uma mecha tinha caído sob seu rosto, com um dedo, a prendo atrás da orelha. Então, novamente sem me controlar, percorro sua mandíbula fina.

Isabella tem um rosto muito belo e exótico: o nariz é arrebitado e os lábios, grossos e tentadores. Não me contenho e desenho o contorno da sua boca com a ponta do dedo, mas paro de imediato quando ela murmura algo.

Certo. Acho que é um sinal de não a devo tocar mesmo.

Levanto-me da sua cama ao mesmo momento em que ela vira de bruços. Talvez essa seja sua posição preferida para dormir, porém não é isso que deve importar agora, mas sim como meu corpo estremece e meu pau endurece. Puta merda! A bunda arrebitada e redonda está diante dos meus olhos ambiciosos. Eu pensei que ela fosse magra e não que tivesse curvas e carnes excitantes, mas estava completamente errado.

Imagino como seria passar minha mão na bunda de Isabella. Melhor, apertá-la. Espere, melhor ainda, usar meu pau ali. O coitado estremece e só falta gritar por socorro.

Caralho! Cacete! Puta que pariu! Merda! Porra!

Depois de proferir uma série de palavrões mentalmente, balanço a cabeça, consciente de que não posso ter esses pensamentos com Isabella. Não quando ela está dormindo, sem saber o que se passa na minha mente sem vergonha.

Quase correndo, saio do quarto. Preciso de um banho frio. Ou talvez de uma mão.



Capítulo 22

Isabella

— O carro vai bater! — grito.

Então coloco os braços na frente do rosto e curvo meu corpo no assento, em formato de bola, como se fosse uma proteção, e espero o pior.

Um segundo, nada acontece.

Três segundo, nada também.

Então abro meus olhos de mansinho e olho ao redor. Vai que o acidente já aconteceu e estou sendo tola no purgatório ao invés de clamar para ir para o céu. Ambiente todo branco, mas nada de nuvens ou anjos voando. Espere! Esse é o meu quarto. Fico abismada ao perceber que estou deitada em minha cama, toda babada, descabelada, uma perna no Norte e outra no Sul, de barriga para baixo e bunda para cima.

E para completar, nua. Ou quase, já que estou apenas de *lingerie* e cinta-liga.

Começo a calcular mentalmente como isso aconteceu, levantando todas as possibilidades, mas minha cabeça está prestes a explodir, e eu não soluciono essa questão de física e matemática, com pitadas de geografia e história. Sim, é exatamente como uma charada difícil e doida.

Preciso saber como eu vim parar aqui, sem o vestido e em plena manhã, se agorinha mesmo eu estava no carro, voltando do meu casamento.

Caralho!

Levanto-me em um salto, quase caindo com meu jeito desastrado. Seria icônico eu quebrar a cara logo agora, quando preciso resolver uma perda de memória repentina. A merda do champanhe que tomei ontem me causou amnésia.

Sim, eu preciso tirar essa história a limpo. E só tem uma pessoa que pode me explicar o que aconteceu aqui. Ah, mais Mateus vai me explicar tim-tim por tim-tim. Por que esse descarado ousou tirar meu vestido? E se….?

Jesus, preciso saber disso também!

Como um foguete, vou até o meu banheiro. Depois que faço minha higiene, vou até o *closet* em busca de uma roupa não pareça nem tão simples e nem tão exagerada, mas que seja aconchegante, já que hoje é domingo e pretendo apenas visitar minha mãe. Não

pude lhe dar atenção ontem, porque depois do casamento não tive mais querer ou poder de escolha. Minha sogra me monopolizou e não me deixou sair do seu lado por um momento. Conheci e conversei com todos os convidados, e olhe que foram muitos, mesmo eu e Mateus dizendo que queríamos algo simples e apenas para família. Mas se tinha uma palavra que Marta não conhecia, era simplicidade. Então hoje queria passar o dia com Eva e Julinho, para descansar de tanta opulência e riqueza, lembrar minhas raízes, sem contar estou morrendo de saudades. E olhe que não fazia nem um mês que estou longe deles.

Desço as escadas rapidamente. Assim que dou o primeiro passo na sala, avisto o safado sentado no balcão. Ele está usando uma camiseta branca modesta e uma calca fina — pela simplicidade, julgo que são suas roupas de dormir. Ele leva uma xícara de café fumegante até a boca. Se tinha uma coisa que ele gostava, era de café. Em todas as oportunidades que tinha, ele bebia um. Decidida, vou até Mateus, mas perco toda a firmeza quando ele olha para mim. Os olhos azuis de Mateus não são normais. Os benditos parecem uma arma de perversão que fazem você perder o fio da meada e até mesmo a capacidade de raciocinar ou respirar.

É vergonhoso transformar-se de uma leoa para uma gatinha medrosa em menos de um segundo. Eu sei, também quero dar em minha própria cara e dizer: *reaja mulher, vá à luta e confronte esse safado aproveitador!* Porém fico só na vontade mesmo. Por favor, não me julguem — claro, se for possível.

Então para não dar muito na cara que estou completamente desmoralizada com meu próprio eu, passo diretamente — importante dizer que de cabeça baixa — para a cafeteira. Sirvo-me de uma xícara de café e fico sem saber o que fazer. Permaneço imóvel, cogitando várias situações. Bebo, aqui mesmo? Saio e vou para meu quarto? Pego um pão ou outra coisa das delícias que Ana fez?

Meu estômago ronca alto. OK, entendido, universo conspirador filho de uma mãe. Devo comer algo, ou seja, ficar aqui e enfrentar Mateus.

Escuto um suspiro alto.

— O que foi agora? — A voz grossa do selvagem parece ecoar nas paredes da cozinha e retumbar em mim.

— Como assim? — respondo emendando outra pergunta, sem manter contato. Aproveito, tomo um gole de café e quase cuspo fora.

Cadê o açúcar, Isabella? Busco com os olhos e está perto do cavalo. Acho que não preciso adoçar o meu, tenho exagerado demais no açúcar. De vez em quando, é bom cortar

o que pode prejudicar a gente, né?

— Não me diga que está com vergonha por conta de ontem à noite.

— Ontem à noite? — pergunto, quase gaguejando, tremendo com o que pode ter acontecido. Nunca uma expressão tão pequena tinha me causado tanto medo.

Merda. Para que eu fui beber? Por que não me lembro de nada?

— Sim, falo do beijo que encenamos em nosso casamento. Sei que sempre fica constrangida no dia seguinte e até mesmo evitar me olhar. Exatamente como está fazendo agora.

Putz! Nem me lembrava desse maldito acontecimento. Agora realmente estou desconfiando que tinha algo na bebida servida no casamento. Além de causar esquecimento, o champanhe tinha provocado um aquecimento em mim e não queira saber onde. O beijo que troquei ontem com Mateus está em primeiro na escala de mais indecentes, pelo menos na minha lista, já que não tenho muito com o que comparar. O cavalo parecia um aspirador de pó, sugando minha língua e toda a minha boca. Por um momento, até achei que ele fosse sorver tudo de mim e meu corpo vazio iria cair e ficar no chão.

— Como cheguei até o meu quarto? — pergunto para mudar de assunto e torcendo para que ele conte a história sem que eu tenha que fazer mais perguntas.

Eu sei. É esperar demais, mas vai que cola.

— Você dormiu antes de chegarmos aqui, então eu a levei no colo até lá. — Olho-o de relance e ele tem a boca com todos os dentes à mostra. — Acabamos cumprindo mais uma tradição de recém-casados.

— Tradição? — Desta vez, foco nele. Merda! Ele vai revelar que tivemos a noite de núpcias.

— Sim, docinho. — Ele arqueia uma sobrancelha. Jesus, por que esse gesto parece tão sexy? — Acho que existe algum costume dizendo que o marido deve entrar em casa com a esposa no colo após o casamento. E claro, na noite de núpcias, tirar o vestido e consumar o matrimônio.

— Então realmente aconteceu…? — Não consigo concluir a pergunta. Com certeza meu rosto atingiu o tom mais vermelho que existe no mundo, pois o sinto arder como se estivesse pegando fogo.

— Não — Ufa! Respiro profundamente. — Porque você ronca demais.

— O quê? — Agora solto uma respiração áspera, a irritação subindo pelo meu sangue. — Eu não ronco, porra nenhuma!

Cruzo os braços em defensiva na frente do peito, enquanto ele apoia os cotovelos no balcão.

— Ronca sim. — Aponta para mim. — Parecia uma baleia encalhada na praia de Santos, sibilando alto. Então só deixei seu corpo jogado lá na cama. Da próxima vez, não durma antes do ato.

Fervo, enquanto ele sorri, olhando para mim.

Infeliz! Sem-vergonha! Quem ele pensa que é?

— Ah, vá se danar, você e sua opinião — atiro nele, meus olhos ardendo e as narinas dilatadas.

De repente, ele para. O único som escutado na cozinha é minha respiração funda e assassina. Mateus prende seus olhos em mim e sinto-me imediatamente nua, como se ele tivesse a capacidade de arrancar a roupa de uma mulher apenas com os olhos — coisa de que não duvido.

— Se bem que, de baleia, você não tem nada. — Percorre meu corpo de cima a baixo por duas vezes. — Seu corpo é até mesmo excitante. Meu pau que o diga. Então estive pensando que *talvez* pudéssemos rever algumas das condições conversadas *antes*. O que me diz? Disposta a conversar?

Sorrio — sim, de nervoso. Então engulo a ansiedade com tudo, sem acreditar no que esse infeliz está me propondo! O descarado acha que só por que está casado comigo, tem o direito de cobrar os deveres matrimoniais, como no século antigo? Nem a pau, Juvenal!

— Você nunca me achou atraente, lembra? Assim como eu deixei claro que não tenho fixação por cavalos. Por que está dizendo isso agora?

— Talvez eu a tenha julgado mal. — Passa um dedo por seus lábios e, sim, acompanho o gesto, achando-o sensual demais. — Você agora me parece bem bonita, atraente, ainda mais quando está de lingerie branca e rendada. Seu corpo fica magnífico e radiante com essa cor, ainda mais sua bunda…

Engasgo com ar, ou com o quer que seja. Será que algum disco voador poderia me

abduzir nesse momento? Eu sei, extraterrestes, que os humanos são esquisitos e loucos, mas juro que me comportarei bem aí. Por favor, só me levem, de preferência, agora.

— Pense comigo. — A voz grossa de Mateus se torna mais próxima, então levanto a cabeça, e ele está diante de mim, deixando-me tensa. — Não precisamos passar um ano sem sexo, um pouco de diversão não faria mal para ninguém. Além disso, sou experiente, sei como foder e garanto que não irá se arrepender.

— Eu-u-u… Não quero. Não tenho interesse.

Ele sorri, então, com cuidado, retira a xícara das minhas mãos e coloca-a na pia. Arfo quando ele pressiona seu corpo em mim, ainda mais quando sinto sua parte dura e quente em meu quadril. Caralho, que não seja isso que está passando por minha mente pura e nunca corrompida! Mas a sanidade acaba de vez quando sinto sua respiração quente em meu ouvido e pescoço.

— Garanto seu prazer, Isabella. Ficará tão satisfeita quando estiver em meu pau que duvido que irá querer sair de cima dele.

Então não sinto mais a pressão do seu corpo em mim, muito menos o calor ardente que parece queimar minha pele. Abro meus olhos — que nem percebi que tinha fechado — para encontrar Mateus já subindo as escadas, tão apressado que pula alguns degraus.

Tento movimentar minhas pernas e fugir também, mas as coitadas estão tão moles quanto gelatina. Para meu vexame completo, sinto uma umidade suspeita e diferente entre o meio das minhas coxas.

Merda. O que tinha acontecido aqui?



Certificando-me de não fazer nenhum barulho, desço a escada. Sim, não quero chamar atenção do cavalo traiçoeiro e pervertido. Não vejo Mateus desde a cena bizarra na cozinha. Ele subiu para seu quarto e não faço ideia de onde está agora, talvez nem esteja

em casa. Então, se ele não se deu o trabalho de me avisar que saiu, também me sinto no direito de não comunicar que vou deixar o apartamento. Direitos iguais.

Chego ao fim da escada sã, salva e, principalmente, sem ser pega. Ufa! Respiro fundo e então giro a maçaneta.

— Aonde vai?

Escuto a voz grossa e quase tenho um enfarto. Viro e encosto meu corpo na porta. Mateus está no último degrau da escada, seus olhos azuis presos e questionadores em mim. Eu até tento, mas não consigo desviar os olhos de onde ele está. Fico analisando a figura de mais de 1,90 de altura, ombros largos e pernas fortes, modeladas pela calça *jeans* que evidenciam seus músculos. Já estou conformada com meu erro de antes, mas, em minha defesa, posso dizer que não o tinha olhando bem, ou que a selvageria camuflou sua beleza.

— Aonde você vai? — ele repete a pergunta.

— Visitar minha família.

— Ótimo. Vou junto.

— Não precisa. Quero ficar um pouco com eles.

— Claro que precisa. — Ele vem até a mim. — Imagine o que pensariam de mim, se eu a deixasse sair por aí, sozinha em plena lua de mel? Não quero que pense que sou um marido de quem, já no primeiro dia de casado, a mulher quer distância. Temos que aparecer juntos, principalmente, nessa primeira semana. Além do mais, agora sua família é minha família. Quero passar um tempo com eles também.

Pisco diversas vezes, assim como também abro a boca. Ele considera minha família como sua? Também quer passar um tempo com os dois? Desde quando ele tinha se apegado tanto a eles?

— Há algum problema? — ele pergunta, sua voz parecendo confusa.

É bem capaz da minha cara está horrenda e cheia de caretas, quando respondo:

— Não, nenhum. — Então reviro os olhos. — Se você faz questão de ir, então vamos. Mas não me apresse para voltar. Quero poder o domingo todo com eles. Estou com saudades.

— Certo, apoio passarmos o dia com eles.

Eu ainda o olho, chocada. Isso é mesmo sério?

Ele aponta para porta e diz:

— Depois de você, docinho.

Nunca, em todos meus pensamentos, iria imaginar que o cavalo pudesse ser gentil.

Bom, isso pode ser bem… *interessante*.



Capítulo 23

Mateus

Eu me sinto anormal, pois nunca, em qualquer um dos sonhos que já tive, me vi em pleno domingo numa mesa em um almoço em família, imagine com a família da minha esposa. Bem, em minha vida anterior, a essas horas, eu com certeza ainda estaria acordando, dispensando uma mulher que fodi a noite toda e vendo onde iria curar minha ressaca. Talvez fosse em meu próprio apartamento ou em algum clube que pudesse me oferecer uma boa comida e paz para descansar. Mas sempre sozinho, o máximo com quem eu conseguiria compartilhar esse momento seria com Victor, porque, de certo ele, estaria nas mesmas condições.

Olho para a mesa bem-posta. O cheiro da comida faz meu estômago acordar. Mas nenhum dos pratos que está exposto é do meu conhecimento. Reconheço o arroz branco e o tradicional feijão, que faz um bom tempo que não como. Mas o restante não faço ideia. Desvio meu olhar para Eva, a mulher que ficou imensamente feliz com a visita da filha e, para minha surpresa, até com a minha presença. Minha sogra é pequena, característica que a filha herdou, tem o corpo magro e o rosto jovem que não denota sua idade e nem suas possíveis dificuldades de vida. Os cabelos com a cor intacta e sem nem um fio branco. Ela é bonita. Seus olhos se prendem nos meus. Acho que fui pego no flagra. Mas ao invés de ela me questionar, apenas sorri, gesto que me vejo devolvendo com boa vontade.

— Meu filho, sei que não é a comida que está acostumado a comer, mas garanto que tem o sabor maravilhoso. — Sua voz parece preocupada com meu bom gosto ou julgamento.

— Não se preocupe com isso — declaro, a fim de acalmar seus pensamentos e possíveis medos. — O cheiro é maravilhoso, estou até mesmo ansioso para comer.

— Você vai se amarrar no picadinho da mamãe. — Isabella vem da cozinha carregando uma jarra de suco, então senta-se ao meu lado. — Quem come, sempre quer repetir. É de comer rezando.

— Então, vamos logo. — Passo uma mão na outra. — Já posso me servir?

A senhora ri alto. O som agradável e divertido parece contagiar todos, pois logo minha esposa e o irmão estão sorrindo. Um clima sincero de felicidade que julgo ser recorrente em todas as vezes que estão juntos, independentemente da situação. Então, sem querer, me pego comparando esse momento com as reuniões monótonas e taciturnas da

minha família. Nossos almoços ou jantares nunca foram para reunir os parentes e festejar um momento juntos. Todos sempre se preocupavam mais em expor suas novas conquistas ou compras fúteis. Minhas tias e mamãe, em quem tinha usando o vestido mais bonito e caro no evento anterior. Meu primo usando todo o momento para me provocar. Ou no caso de papai, cobrar os negócios da construtora ou se empenhar em perguntar como andava minha vida e, principalmente, jogar em minha cara a minha péssima reputação ou a fofoca mais recente que tivesse saído sobre mim.

Contemplo Isabella gargalhar alto. Seu rosto e olhar reluzem. Ela agora está diferente da mulher acanhada que veio em meu banco de carona sem abrir a boca. Também pudera. Fui perverso em meu jogo hoje pela manhã, contudo tinha sido muito sincero. Eu esperava mesmo que pudéssemos rever nosso acordo de não confraternização corporal.

Não sabia quando tinha acontecido minha atração por ela, mas julgo que foi desde ontem, pois eu só consigo pensar em seu corpo, suas curvas e sua maldita bunda. Sem falar no calor que sua gostosa boca úmida tinha me causado nos últimos beijos. Sim, eu queira estar com ela. De preferência nu. Debaixo de lençóis, em um chão, em uma parede, no balcão, sofá ou até mesmo na porra da minha mesa do escritório. Pode parecer primitivo o que falarei, mas agora que ela é minha esposa, isso faz algum sentimento de possessão tomar conta do meu ser. Eu a queira para mim. E não desistira até tê-la. Para foder, dar e ter prazer.

Porra! Sinto meu membro se erguer com meus pensamentos impuros e imorais. Mas não é hora de cogitar jogar ao léu meu casamento apenas por contrato e transformá-lo em uma relação conveniente e cheia de sexo quente, por isso, olho para o rosto infantil e puro de Julinho. O menino parece feliz, depois que o almoço terminar, talvez eu jogue videogame com ele. Aposto que seria divertido ter um momento como o que tivemos no dia dos homens, o tempo que fiquei com ele para que a mãe pudesse desfrutar do dia de noiva com a filha. Eu pensei que seria um dia entediante, mas fui surpreendido por horas excepcionais. O menino é esperto, comunicativo e bastante fascinante. Tinha até mesmo feito Damião brincar com ele. É, a família Oliveira e seus poderes de dobrar com um dedo a família Ávila.

Esticando o braço, minha sogra começa a servir primeiramente a mim. Sem saber que eu queria mesmo é estar experimentando sua filha.

“*Acalme-se mente*”, peço novamente.

Talvez a senhora esteja sendo gentil por eu ser o convidado, mas, nesse tempo em que a conheço, posso jurar que ela não está me bajulando pelo meu dinheiro. Não. A jovem senhora é transparente demais em suas atitudes, sincera demais em sua opinião. E, principalmente, direta em suas palavras. Ela não tem medo de expressar ou falar qualquer sentimento que estivesse transbordando em seu coração.

Levo uma garfada de comida até a boca. E assim como o cheiro já havia despertado meus sentidos, é divino o sabor que atinge minha língua. Solto um gemido baixo de apreciação. Então, passo a devorar tudo que tem em meu prato, como se fosse uma pessoa que não comia tinha dias. Mas a refeição merece, de fato, ser comida às presas e com vontade de repetição. Certamente, enviaria Ana até aqui para que ela aprendesse a cozinhar essa comida para mim e minha esposa em nosso apartamento sempre que tivéssemos saudades de um bom prato caseiro.



Minha sogra é uma tremenda faladeira. Durante todo o almoço e a sobremesa de mousse de limão, ela contou diversas histórias de Isabella, algumas engraçadas, sem noção e outras muito tristes. Se eu pensava que a única dificuldade que minha esposa e sua família haviam enfrentado era ter morado em sua casa simples e serem despejados, eu estava completamente enganado.

Eva descreveu com muita simpatia toda a vida sofrida que teve depois que seu marido faleceu em um acidente. Sinto minha esposa se retesar em sua cadeira e, com um gesto automático, alcanço sua mão. Ela me encara, seus olhos brilhantes e chorosos. Trago sua mão até minha boca e beijo-a, querendo dizer a ela que agora tudo será diferente. Bem sei o quanto deve ser difícil para ela ouvir o que a mãe sofreu. Mas Eva foi uma guerreira, pois teve que enfrentar o mundo com dois filhos, batalhar para eles terem o que comer e vestir todos os dias. Pior, ela foi abandonada pela família do homem que amou e a ainda ama, pois sempre foram contra o casamento. Mas agora ela venceu e está orgulhosa do que a filha se transformou. Uma mulher digna, de caráter e que se casou com um homem

que, aos seus olhos, é *direito* e ama e protege um dos seus bens maiores.

Uma onda de culpa tenta subir pelo meu corpo, pois eu sei que é mentira. Posso ser um homem direito e quero proteger Isabella, mas não a amo, não tenho esse sentimento puro. Na verdade, nunca tive por mulher nenhuma. Assim como nosso casamento não é verdadeiro. Engoli o sentimento inquietante que queria me fazer sair correndo e desculpando-me por tudo, pois uma onda de respeito e admiração bem maior que a do remorso toma conta de mim. Deslumbramento de como essa mulher guerreira conseguiu educar e ensinar os filhos sozinha e com dignidade. Encantamento de como cuidou deles com o mais autêntico e verdadeiro amor, pois é esse sentimento que transborda de seus olhos quando ela fita Isabella e Julinho.

— Não diga que já estão indo. — A voz melancólica de minha sogra soa, assim que me despeço.

O dia tinha passado tão rápido que mal me dei conta.

— Mamãe, amanhã temos que trabalhar. — Isabella usa a mesma justificativa que dera antes. — Não se preocupe, sempre que eu tiver oportunidade, estarei aqui.

— Eu também — falo, verdadeiro. — Além do mais, vocês sempre podem ir até a nossa casa, ela sempre estará aberta para vocês. Quem sabe no próximo domingo não sejam a senhora e Julinho lá. Com certeza, poderá ensinar para minha governanta seus truques na cozinha, ter um tempo a mais com sua filha, enquanto eu posso ensinar esse garoto como se joga um bom videogame.

Isabella me olha com estranheza. Talvez por se referir ao apartamento como nosso, mas é como o considero no momento. Já tinha aceitado que dividiria meu lar com ela por um bom tempo, até mesmo já havia dito que ela também poderia dar sua opinião em tudo ou fazer qualquer mudança para que se sentisse melhor. Não me importaria se ela exercesse seu papel de dona da casa, senhora da nossa família. Ou, possivelmente, pelo fato de eu ter declarado minha vontade de continuar tendo a presença de sua mãe e seu irmão, e era verdade, pois já ansiava pelo dia em que pudesse repetir o bom e agradável momento que tive hoje.

— Eu quero — Julinho fala, alegre. O menino é um poço de animação. — Vou dar uma surra em você no futebol novamente — relembra o fato de ter sido vitorioso nas partidas que tivemos hoje no velho aparelho que eu tinha aqui. O que ele não sabe é que o deixei ganhar todas as vezes, só para vê-lo comemorar e sorrir. Era quase fabuloso como ele pulava e socava o ar, sempre que seu nome aparecia na tela enorme da televisão.

De repente, sinto-me incomodado por esse envolvimento e afeição. Arranho a garganta e me limito a dizer:

— Não conte com isso, garoto. — Bagunço seus cabelos da mesma cor dos da irmã. — Agora vamos, docinho?

Estendo minha mão para Isabella. Antes de aceitá-la, ela vai até a mãe e as duas trocam um abraço demorado. Fico estupefato, quando a senhora também me abraça, ainda mais quando diz:

— Continue cuidado e amando minha menina. Vou agradecer sempre por ela ter encontrado um homem bom e maravilhoso. Você tem sorte de ter o coração dela.

Então se afasta. E eu fico sem resposta. Pego com vontade a mão de Isabella e saio puxando-a, antes que o clima fique mais estranho, e minha sogra possa continuar com suas palavras apaixonadas. Não quero que ela veja algo em mim e depois se decepcione por descobrir que não existe. Não quero carregar a decepção de uma mulher romântica.



Novamente nossa viagem no carro é silenciosa, porém, dessa vez, em uma calmaria aprazível. Só se escuta o som do carro e nossas respirações. Isabella até mesmo balança seu corpo ao ritmo da música por alguns momentos, eu fico satisfeito com seu jeito festivo e aumento o volume para incentivá-la. Ela continua sorrindo e até mesmo incrementa alguns movimentos a mais em sua dança. Fico tentado em acompanhá-la, como se fossemos um casal cheio de intimidade, mas apenas me contento em dirigir e admirá-la. Mais adiante, quem sabe, eu não descobriria outras coisas que a fizessem feliz e radiante.

Assim que entramos no apartamento, Isabella tenta subir as escadas, contudo pego seu braço antes que ela chegue ao primeiro degrau. Não faço ideia do porquê, mas ainda não estou pronto para dizer boa noite. Não quero ficar sozinho.

— Fique mais um pouco — peço.

— Está tarde. Quero dormir. — Ela tenta puxar a mão, contanto eu aperto meus

dedos em seu pulso.

— Ainda não são nem nove da noite. Podemos conversar mais um pouco, quem saber ver algo ou até mesmo jogar.

— Podemos deixar isso para depois? Eu preciso estar bem descansada para amanhã. — Puxa novamente a mão, e eu a solto dessa vez. — Talvez não esteja ciente, mas essa semana não tive tempo de me focar completamente no trabalho. Os preparativos do casamento atrapalharam toda minha primeira semana. Então eu quero começar amanhã verdadeiramente.

— Minha mãe não iria deixar a noiva de fora disso. — Sorrio, ao lembrar como Marta foi quase uma tirana com Isabella. — Se precisa e quer descansar, eu a deixarei ir.

Ela assente com a cabeça. Então começa a subir os degraus, enquanto a acompanho. De repente, estou novamente segurando-a. Não seria justo eu a deixar ir sem que Isabella soubesse que ela e sua família me proporcionaram um dia excepcional.

— Obrigado pelo dia de hoje. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Fiquei completamente apaixonado pela comida da sua mãe, adorei perder para seu irmão no videogame. Nunca vou esquecer esse dia. Sua família é incrível, fico grato em tê-los por pertos e, de alguma forma, fazer parte dela.

Não me segurando, acaricio com um dedo a bochecha corada de Isabella, em seguida beijo sua testa, querendo de alguma forma retribuir o carinho que tinha recebido hoje. Ela se espanta, quando meus lábios encostam sua pele.

— Boa noite, Isabella.

— Boa noite, Mateus.



Capítulo 24

Isabella

Bebo mais um gole do vinho branco que Mateus escolheu para nosso jantar: um delicioso macarrão ao molho de queijos, que eu já tinha terminado. Como sempre acontecia toda vez que chegávamos da construtora, tinha uma bela refeição esperando-nos, toda preparada por Ana, a governanta que mais parecia uma avó, sempre gentil e cuidadosa. É impressionante como ela trata Mateus e como ele parece gostar disso.

Viro-me para meu marido. Por mais que eu não saiba explicar, a visão que tenho dele me causa um *frisson* no estômago. O sangue martela em minhas veias e meu baixo ventre se aperta em estado de alerta, enquanto ele parece alheio às minhas emoções estarem a mil, comendo despreocupado e, de vez em quando, bebendo de sua taça. Toda vez que faz esse movimento, meus olhos se prendem em sua aliança e consequentemente eu olho para minha, vendo ali o aro fino e dourado, mal acreditando que tínhamos uma semana de casados.

Sorvo a última gota do líquido, que escorre por minha garganta em um sabor seco e ao mesmo tempo borbulhante. Solto um pequeno gemido de satisfação e, sem pensar, acabo lambendo os cantos da boca, fazendo minha língua percorrer todos os meus lábios. Deixo minha taça no balcão, com um mínimo barulho do vidro tocando no mármore. Imediatamente, Mateus me lança um olhar. Um olhar quente e atrevido.

— Acho que ainda tem mais vinho na geladeira. — Sua voz sai rouca. — Não se acanhe em beber mais. É um belo espetáculo ver como aprecia a bebida, me faz imaginá-la experimentando outras coisas.

Encaro-o, boquiaberta, não sabia que ele estivera prestando atenção em mim. Achei que ele estivesse concentrado demais em seus pensamentos, pois não tinha dado uma palavra antes. Até mesmo imaginei que ele estivesse gostando da calmaria que tinha tomado conta do lugar.

Sacudo a cabeça, sorrindo e decida a mudar de assunto:

— Me conte o que são todas essas reuniões que têm participado e te impossibilitado de almoçar direito?

Ele arqueia uma sobrancelha, como se estivesse recriminando a forma que escapei novamente de seu comentário esperto, igual às expressões e palavras de duplo sentindo

que ele vem soltando nos últimos dias, desde que levantou a possibilidade de revermos os termos do contrato. Por fim, empurra seu prato e limpa a boca no guardanapo.

— A *Classe A* está participando de uma concorrência para construção de um projeto que alguns investidores americanos querem pôr em prática aqui em São Paulo.

— Alfredo me explicou, por alto, que é um grande projeto.

— Sim, é uma proposta grande, serão construídos alguns restaurantes, spa e parque aquático de férias, tudo em um só lugar.

Não contenho minha expressão de surpresa.

— Mas a construtora tem experiência com isso? Achei que estivéssemos mais para construção de prédios, casas e afins.

Ele se remexe na cadeira, empolgado, virando-se por completo para mim.

— Eu quero conseguir esse contrato, já imaginou a experiência que vai ser? São Paulo não é uma cidade praiana e não tem muitas opções para nos aliviarmos no calor, ou com um lugar próprio para crianças, todos os diretores executivos acham ambicioso da minha parte, mas eu sei que somos capazes e os únicos preparados para esse projeto. Se tivermos sucesso, a *Classe A* vai para o topo.

— Vai ganhar muito dinheiro — completo.

Ele nega com a cabeça.

— Não é o dinheiro. Quero fazer a construtora ser bem mais reconhecida nacional e internacionalmente. Deixar minha assinatura nessa ação toda, minha marca, para que todos possam ver que este é o meu sonho, o que gosto de fazer. Eu até mesmo já sei o que propor para os americanos: uma obra que aproveite as belezas naturais do lugar, que encantem e deixem admirados todos os visitantes e turistas.

— É, parece que já tem tudo em mente.

— Só me resta convencer os investidores disso.

Ele fixa seus olhos em mim, o azul de suas íris é brilhante e sonhador. Ele parece tão verdadeiro na minha frente, desnudando para mim seus sonhos e objetivos. E a forma como deixou sua voz sair parecia que tinha necessidade de compartilhar isso com alguém. E uma onda de sentimentos doces me invade ao saber que ele dividiu isso comigo. E dentro de mim, eu sei que ele conseguirá vencer essa concorrência, pois sei que é capaz. Mateus é empenhado e enérgico quando quer possuir algo.

— Tenho certeza de que conseguirá — emito, de forma verdadeira. — Vai agarrar essa oportunidade e realizar seus sonhos.

Ele sorri, o gesto chegando até seus olhos e deixando-o mais jovem.

— Vai querer sobremesa?

— Não, acho que exagerei no macarrão.

Então ele desce de seu banco, antecipando-se, pega nossos pratos e deixa-os na pia.

— Então, o que você está a fim de fazer? — pergunta, virando-se para mim novamente, a camisa polo que ele tinha vestido após o banho com os botões abertos.

— Não vai trabalhar hoje? — interrogo, pois é o que ele tinha feito nesses últimos dias quando terminava nossas refeições.

Ele fazia questão de comermos juntos, conversando sobre a comida em si ou o que eu tinha feito no dia. Depois, ele se trancava em seu escritório e eu sequer sabia quando ele subia para seu quarto. Mesmo que eu ficasse acordada e atenta para ouvir seus passos no corredor, eu sempre acabava pegando no sono.

— Não. Estive pensando, se você não estiver tão cansada — ele dá de ombros —, podemos ver TV. Um filme, uma série? Ou quem sabe um jogo de baralho.

— Pôquer? — pergunto, torcendo para que, de alguma forma, essa seja sua proposta.

— Você sabe jogar? — Aceno positivamente. — Ótimo, tenho um baralho em meu escritório. — Ele sai detrás do balcão. — Vou buscar.

Acompanho, com os olhos iluminados, Mateus caminhar até sua sala particular, pois, de alguma forma, o jogo de cartas me traz boas lembranças de quando eu e meus pais costumávamos encerrar nossas noites, de quando ainda éramos uma família completa.

— Vamos jogar apostando o quê? — Escuto novamente a voz de Mateus e sou tirada das nostalgias.

— O quê? — Caminho até onde ele está parado na sala.

Ele dá a volta no sofá, sentando-se nele.

— Para deixar a diversão mais completa, seria bom que pudéssemos jogar com algo a se ganhar. — Ele sacode o pacote de cartas em sua mão. — Que tal se apostássemos

alguns favores?

Acomodo-me no estofado à sua frente, cruzando as pernas e apoiando-as junto ao corpo. A calça de moletom e a blusa comprida me permitiam fazer isso para ficar ainda mais confortável.

— Devo pegar meu celular para gravar todos os favores que ficará me devendo? — pergunto, prendendo meus cabelos em um coque frouxo, preparando-me para jogar perfeitamente, a fim de ganhar todas as partidas.

Mateus gargalha alto.

— Muito engraçadinha. — Os lábios grossos se erguem em um sorriso malicioso. — Vamos às regras: o ganhador sairá do melhor de três partidas, eu vou dar as cartas em todas elas e qualquer, qualquer espécie de favor será considerado.

O desafio que ele expressa em sua voz me atrai como uma mariposa para luz. O cheiro de vitória adentram minhas narinas como se tivessem jogado em minha direção o mais doce dos perfumes. Então concordo com as regras. Mateus volta a gargalhar, e noto seu olhar de interesse em mim. Quase perco o controle da minha respiração, uma parte de mim sabe que é bastante perigoso o que eu acabei de aceitar.

Mas já é tarde, pois ele começar a dar as cartas. Depois, deixa o monte de lado, na mesa do centro. Eu abro o meu jogo, sorrindo com a formação que tenho ali, reconhecendo de cara que a primeira vitória será minha.

— Dois pares — dito alto, expondo minhas cincos cartas: duas com o mesmo valor, duas com valores diferentes e outra totalmente não relacionada.

Ele apenas me olha, descarta uma carta e pega outra no monte.

— Trinca. — Ele mostra as suas cinco cartas. Três cartas do mesmo valor e outras duas diferentes. — A primeira partida é minha.

Ele ergue sugestivamente a sobrancelha. Então os dedos dele manuseiam com agilidade as cartas, embaralhando-as, enquanto me fixo em seus movimentos.

— Onde aprendeu a jogar? — Tento desviar sua atenção de sua habilidade com as mãos para que ele não mexa tantos nas cartas. — Sempre achei que ricos gostassem mais de xadrez.

— Aprendi com um amigo, passei um bom tempo da adolescência em *Las* Vegas — diz, como se estivesse ditando uma receita de miojo. Merda. — Mas eu também sou

bom em xadrez, se quiser, um dia podemos apostar nele também.

— Dê as cartas — peço.

Novamente, ele descarta uma carta e pega outra. Olho o meu jogo e franzo o nariz, então descarto duas e compro outras duas no monte, agradando-me com a formação.

— Sequência — declaro, em alto e bom som, mostrando, de forma triunfante, as cartas em minhas mãos.

— Muito bom jogo. — Ele sorri. — Pena que não ganha do meu *flush*. — Então joga na mesa suas cinco cartas de copas.

Eu olho para sua mão descrente, pois é quase impossível alguém tirar todas cartas iguais.

— Agora vamos para a última. — Ele se deita no sofá. — Então deixarei que você dê as cartas dessa vez.

Mais que depressa, começo a baralhar, tomando cuidado para não deixar nem uma carta perto da outra. Praticamente estou misturando de uma por uma, confesso que não tenho a mesma habilidade que Mateus, mas também pudera, ele tinha se formado na melhor escola de apostadores.

Reparto o baralho ao meio, lhe dou as cincos cartas e tiro as minhas. Assim que vejo meu jogo, sinto meu estômago revirar. Todas de naipes e sequência numérica diferentes. De fato, eu tinha mexido. Começo a sacar e descartar a cartas, até formar um jogo.

— Mostre seu jogo — Mateus pede.

— Trinca.

— Boa tentativa, docinho. — Ele se levanta — Quadra.

Então joga na mesa seus quatro Ases de ouro.

— Impossível. A probabilidade de isso acontecer é quase inexistente, pior que conseguir quatro ases no pôquer, só ganhar na *Megasena*.

Ele sacode a cabeça e começa a pular na sala, saltando com o braço erguido.

— Você roubou.

— Não me diga que é uma péssima perdedora. — Ele para de sorrir. — Agora, quando ao meu favor… — Mira-me, seus olhos gananciosos dando muito bem a entender

o que ele pediria.

— Você não irá ter nem um, pois roubou na cara dura. — Levanto-me, ainda incrédula. — Não é possível, minhas cartas saíram todas bagunçadas. Como as suas saíram com essa combinação?

— Sorte?

— Que porra de sorte! — Espanto-me com meu tom. — Admita que você trapaceou.

— Acordo é acordo, Isabella. — Ele cruza os braços na frente do peito. — Agora, se não quiser pagar o que me deve, não terá valor sua palavra. Você aceitou as regras desde o início do jogo.

— Regras essas que você burlou.

— Então prove. Quero ver você provar sua acusação.

Como se ele tivesse dito para mim: *duvido*, me lanço nele, não me importando se vou me machucar ou não. Como consequência do meu ato insensato, ele cai no sofá e eu vou no embalo, ficando montada em cima dele. Com as mãos, começo a procurar, em seus bolsos e cós, alguma carta escondida. Mateus sorri e tenta segurar minhas mãos, mas eu estou enfezada e não permito.

Quando enfio minha mão em sua camisa e toco sua barriga, todo ar que tem em meus pulmões se esvai. Posso sentir cada músculo duro e bem definido ali. Como se seu corpo estivesse ligado ao meu por uma linha invisível, passo a repetir os movimentos que Mateus faz embaixo de mim. As gargalhadas que ele soltava se transformaram em grunhidos e ofegos. E suas mãos, que tentavam segurar as minhas, se fecham em minhas costas, prendendo-me ali, em cima dele, e fazendo-me sentir uma ponta dura perfurando minha parte de baixo.

— Se descer um pouco mais, não vai sair de mãos vazias — ele dita rouco, a voz tomada pelo que reconheço agora como desejo.

Quando a percepção do que ele falou me atinge, meus seios se erguem e minha intimidade se contrai. Merda!

Abalada, paro de me remexer em cima dele e fico imóvel. A boca aberta e os olhos arregalados.

— Admita que esconde algo — falo, depois de um momento em silêncio, tentando

desfazer o clima que tinha se formado na sala.

— Admito — rosna. — Basta você deixar suas mãos se enfiarem em minhas calças que vai encontrar algo duro e louco para senti-las.

— O quê? — Tiro minhas mãos de sua barriga.

— Eu sou homem, Isabella. Então, da próxima vez que pular em cima de mim, pense se pode aguentar sentir a pressão do meu pau.

Sinto um calor se espalhar por todo meu corpo, meu coração palpitar e minha cabeça ser tomada por uma névoa que parece mexer com meus pensamentos, pois só penso no objeto duro em minhas mãos. Em toda minha vida, nunca tinha sentido isso, essa vontade e necessidade insana de ver e pegar o membro de um homem.

Essas sensações desconhecidas despertam em mim outras carências. Ânsia de ter a boca de Mateus na minha. Desejo de sentir seus lábios molhados. Como se seu corpo atraísse o meu, vou abaixando minha cabeça em sua direção, jogando para o léu toda minha sensatez e possíveis arrependimentos.

Meus seios pressionam seu torso. O jogo de desejo bruto de uma mulher por um homem, como uma tempestade raivosa dentro de mim. Hesitante, aproximo minha boca da sua, então domino seus lábios, tomando-os com fome. Uma onda de doloroso prazer atinge meu corpo quando sinto sua língua na minha. Seguro fortemente seus cabelos, sentindo o sabor doce de Mateus misturado com o vinho.

Perco o controlo do meu eu, meu quadril se remexe em seu colo, resvalando na ponta dura e inundando minha intimidade, que pulsa ardendo como se não estivesse úmida, mas derramasse lavas de um vulcão.

Tudo se intensifica quando ele retira suas mãos das minhas costas para pegar e apertar meus seios. Deixo sua boca para soltar um gemido baixo quando ele aperta os bicos ao mesmo tempo. Uma onda fria atinge minha coluna e outra quente quebra em meu baixo ventre.

Mateus volta a tomar minha boca. A língua dele entra com rapidez nos meus lábios, e correspondo ao seu ataque. Meu corpo vibra, sendo dominado pelo beijo intenso. Minha mente é preenchida pelo gosto de sua boca, pelo seu cheiro e a presença de seu membro entre minhas pernas. Sinto que vou queimar viva a qualquer momento.

— Você está me matando — ele fala, grosso, quando sua boca deixa a minha e cai em meu pescoço.

— Hum… — gemo quando sinto seus beijos e mordidas ali.

— Então, se não estiver pensando em aliviar o cansaço de minhas mãos e conversar sobre a expansão dos nossos limites de foder ou não, acho melhor sair de cima de mim agora.

— Ham…

— Eu vou explodir se não me deixar entrar em você agora. Tomar sua boceta para mim.

— Ai, meu Deus — arquejo.

Então salto de seu colo, pois, apesar de sentir desejo e atração, ainda não estou pronta para me entregar assim para ele.

Quando caio sentada ao seu lado no sofá, ele se levanta depressa, sai correndo e sobe as escadas, de dois em dois degraus.

Eu apenas deixo minha cabeça cair para trás.

Ai meu Deus, o que eu faço?

O melhor: fujo para meu quarto.



Capítulo 25

Mateus

Observo como Isabella interage com dona Marta. As duas estão muito próximas, conversando enquanto arrumam a mesa posta no jardim para nosso almoço, pois mamãe tinha ficado enciumada ao descobrir que tínhamos passado um domingo todo com minha sogra. Resultado: ela queria o mesmo e, sabendo que não tínhamos escapatória, dissemos sim. Assim, ela organizou um almoço apenas para o que ela chamou de nossa família.

De repente, mamãe fala algo que faz minha esposa sorrir. As duas gargalham como se estivessem ouvindo a melhor piada de todos os tempos, o que faz uma pulga nascer atrás da minha orelha ao imaginar que a piada é sobre mim. Para comprovar minhas suspeitas, olham para mim, sorrindo mais um pouco. Eu fico tentado a me levantar, descartar a taça de vinho que estou tomando e ir até elas para descobrir o que havia de tão engraçado em mim, mas me contenho, pois eu estava proibido de me aproximar, já que eu tinha muito momentos com Isabella, e ela não. Depois das duas limparem as lágrimas de felicidade, elas se abraçam, confirmando o que já eu desconfiava: ambas realmente criaram um laço forte, parece se conhecem há anos.

Logo depois, minha sogra chega carregando algumas jarras de suco para completar a refeição. Sorrio ao me lembrar da pequena discussão que aconteceu na cozinha naquela manhã, quando dona Eva se colocou totalmente contra a ideia de alguém preparar a comida de hoje e disse que queria cozinhar. A jovem senhora bateu o pé e não ficou satisfeita até estar com a mão na massa. Sua atitude tinha contagiado a filha e até mesmo mamãe, juntando todas as mulheres na cozinha, em um falatório animado, e fazendo um cheiro muito bom partir de lá.

Mais adiante, brincando de jogar bola, estão o velho Ávila e Julinho. O menino gaba-se de ter feito um gol, enquanto papai fica olhando, orgulhoso. Uma inquietação cresce no meu peito. É inevitável perceber que Damião trata, brinca e cuida de Julinho como se realmente fosse um parente seu. Claro, meus pais tinham aceitado todos eles, pois acreditavam que meu casamento com Isabella era real.

Sacudo a cabeça e tento não pensar, pois sei que não é somente isso. De alguma forma, os Oliveiras são diferentes. Minha esposa e sua família trouxeram felicidade e vida para casa dos Ávilas. Por baixo de sua simplicidade e beleza, tem um carinho que encanta a todos, principalmente, aqueles que são deficientes e não conhecedores de tal sentimento.

Escuto uma risada perto de mim e olho para cima, dando de cara com mamãe, não tinha percebido sua aproximação.

— Nunca vi Damião tão feliz assim. Acho que ele ficaria doente se Julinho não tivesse vindo hoje. Ainda bem que deu tudo certo. Graças a Deus, ele está bem agora.

Sacudo a cabeça, concordando e recordando que o menino esteve doente e gripado nos últimos dias, tudo por conta da frente fria que tomou conta de toda São Paulo.

— Sim, papai está totalmente encantado.

— Ele é maravilhoso. — Ela olha para onde os dois estão e depois voltar o olhar para Isabella e Eva. — Na verdade, todos eles são. Você é muito sortudo por tê-los conhecidos. Fico imensamente feliz que você, filho, tenha uma mulher de muito bom caráter e impressionante ao seu lado. Obrigada por também compartilhar essa alegria conosco. — Ela passa a mão em meus cabelos. — Agora venha, vamos almoçar.

Limito-me a ficar parado e calado. Não queria dizer coisas que pudessem me complicar no futuro. Mesmo que eu me sentisse estranho como nunca tinha ficado antes. Eu não me sinto assim, bem e feliz, há anos, sequer recordo se, em algum momento da minha vida, tive uma felicidade tão natural. Não poderia comparar as realizações que já tive na vida, como a formação na faculdade ou o primeiro dia que entrei na construtora. Agora é tudo diferente. É como se realmente algo tivesse alcançado o meu coração. Antes eu me negava a entrar em um relacionamento e me recusava a ter qualquer envolvimento mais profundo com uma mulher, porque gostava de viver no escuro, longe de sentimentos, mas agora me vejo cheio de emoções desconhecidas.

Assim que começo a seguir na direção da mesa, sou interrompido por Julinho.

— Oi.

— Oi — respondo, estranhando como seus olhos estão sérios, nem parece que estava se divertindo minutos atrás. — Vamos comer?

— Agora não. Antes quero pedir uma coisa.

O rosto dele se contorce, isso me faz imediatamente temer o que ele vai dizer.

— O que seria? — ouso perguntar.

— Um cachorro.

“Ah, merda!”

— Acho que sua mãe não deixaria você ter um cachorro. — Tento ir pelo lado

sensato da coisa, mas duvido que uma criança possa entender isso. — Que tal me pedir outra coisa?

Ele sacode a cabeça, então junta as mãos em uma prece.

— Eu quero um. — Seus olhos brilham. — Vovô Damião disse que você poderia me dar um, que bastava eu pedir a você.

Pronto. Agora tudo faz sentido em minha cabeça. Claro que papai não ia entrar nessa confusão e, ao invés de explicar ao menino que ele não poderia ter um cão agora, preferiu jogar a bomba para mim. Merda, de novo. Como vou negar um pedido desses?

— Mas…

— Eu prometo me comportar. — Seus lábios tremem. — Mamãe e Isa nunca me escutam, eu juro, juro que vou cuidar bem dele. Se me der um cachorro, você vai ser meu melhor amigo no mundo inteiro. Por favor.

Eu olho para o céu, pedindo forças para essa situação.

— Eu não posso, Julinho.

Então eu vejo, primeiro, os ombros do garoto caírem, depois seu nariz ficar vermelho e, logo em seguida, o brilhos dos olhos transformarem-se em lágrimas que banham suas pálpebras. Os lábios deles se contorcem. Ele parece tão infeliz que não me aguento.

— Tudo bem, eu te dou um cachorro.

Ele rapidamente se acende.

— De verdade?

— Sim — afirmo. — Mas vou pedir que não conte para ninguém. Inicialmente, vai ser nosso segredo.

— Certo. — Ele ainda afirma com a cabeça. — Agora você é meu mais novo melhor amigo.

Uma onda de orgulho invade todo meu ser por pode ser responsável pela alegria radiante do menino.

— Agora, vamos almoçar.

Concorda, satisfeito. Então ele sai saltitante, indo em direção à mesa, onde todos já nos esperam, mas, antes que possa me sentar, Julinho começar a dizer:

— Adivinhe, mamãe? Mateus acabou de me dar um cachorro. Ele agora é meu mais novo amigo!

Eu prendo a respiração e espero a explosão de reclamação, afinal, eu prometi algo para o garoto que era bem diferente das coisas que já tinha dado. Um cachorro requer atenção e cuidados, diferente de bicicletas ou dos outros inúmeros brinquedos. Mas, ao contrário, escuto uma onda de gargalhada. Todos pareciam já saber que o menino conseguiria isso de mim. Eva até mesmo agradece. Meu olhar cai em Isabella, esperando ver incredulidade, mas a única emoção que enxergo em seus olhos verdes é de ternura.

Bem, eu tinha feito a coisa certa, afinal.



A tarde tinha passado rápido, com muitas brincadeiras, diversão e troca de carinhos. Depois que deixamos Eva e Julinho em seu apartamento, eu e Isabella partimos para o nosso. Mal cruzamos as cancelas da portaria e uma chuva grossa começar a cair. Bem, que bom que já estamos em casa, não queria enfrentar as ruas lotadas de carro, em um trânsito infernal, pois basta cair uma gota de chuva sobre São Paulo para tudo desandar. E considerando os raios e trovões que movimentam o céu, a tempestade será longa e severa.

— Você não está brava por conta do cachorro? — pergunto, fechando a porta.

Isabella, que já subia a escada, vira-se para me encarar.

— Por que estaria? Julinho sempre quis ter um cachorro, mas antes sempre foi difícil. Acho que você sabe, nossas condições não permitiam, agora, graças a você… — Ela abaixa a cabeça, e eu bem sei ao que ela se refere.

— Ei, nada disso. — Puxo-a para mim, não queria que ela ficasse triste. Não depois do dia de hoje.

— Você foi muito gentil e carinhoso como meu irmão, e o fato de fazer isso com

quem é importante para mim te torna muito especial. Obrigada.

— Não precisa agradecer.

Ela tenta se afastar, mas eu não permito. Abraço-a e a mantenho em meu colo. Ainda não estou preparado para deixar seu corpo partir. Ela retribui meu abraço. Com Isabella junto a mim, cubro de novo sua boca com a minha, totalmente viciado em seus lábios gostosos. Ela aceita, também faminta. Enfio minhas mãos em seus cabelos, pressionando com força minha boca na sua, querendo provar tudo que ela tem. Ela responde com um suspiro. Nossos lábios se movem juntos, nossas línguas se tocam e brincam. O desejo se constrói, rápido e forte, meu corpo está louco de necessidade. Meu pau é o primeiro a dar o sinal de vida, ficando duro.

Com um gemido, recuo, encarando-a. Seus lábios estão inchados e molhados. Seus olhos, grandes de desejos, e os cabelos, bagunçados de uma forma *sexy.* Ela respira rápido. Trilho sua boca com um dedo.

— Isabella… — deixo escapar, como um gemido.

— Mateus… — ela devolve.

— Fique comigo.

Seus olhos se arregalam de susto. Um brilho de medo e desejo cintilam em seus olhos verdes.

— Eu não posso, ainda não.

Ela se afasta, ofegante. Olha-me e sacode a cabeça. Então ela sobe as escadas o mais depressa que consegue.

O que está acontecendo?

Novamente, eu queria fodê-la. Como quis em diversas vezes nesses últimos tempos.

Depois do casamento. No café. No nosso jogo de baralho de ontem. Ou até mesmo quando ela estava em meu escritório.

Um vazio pulsa dentro de mim. Eu não queria admitir, mas sei que é pela ausência de Isabella, a mulher que tinha começado a bagunçar minha mente. Que, com sua mãe e irmão, tinham me proporcionado um dia maravilhoso. Que me fazia rir sem muito esforço, que tinha me tentado com seu corpo cheio de curvas, e por quem eu sentia um apego que nunca senti por nenhuma outra.

Porra. Eu a queria, em cada aspecto da minha vida. Na minha cama. Queria-a comigo a noite toda. Seria a primeira vez que eu deixaria e queria ter uma mulher em meu quarto. Nenhuma mulher, ao menos, chegou até o apartamento.

Estremeço com o caminho que meus pensamentos estão tomando. Então eu subo as escadarias. Um banho e uma boa noite de sono, de certo, tirariam toda a minha agitação. Passo em frente ao quarto de Isabella e fico tentado a bater e entrar para verificar como ela está, se precisa de algo, contudo, com muita força de vontade, eu entro no meu quarto, indo direto para o banheiro.

Após o banho, saio apenas de toalha: uma enrolada no corpo, outra enxugando os cabelos. Lá fora, São Paulo se desfaz em água. O vento bate nos janelões, e as gotas grossas trazem o barulho de chuva. Os raios e trovões tornam-se cada vez maiores e mais altos.

Retiro a toalha, apago a luz e vou até minha cama, mas, antes que tenha a chance de me enfiar entre os lençóis, minha porta é aberta de uma vez. Uma pequena silhueta aparece em minha visão, e mal a escuto dizer com a voz assustada:

— Por favor, me deixe dormir aqui.



Capítulo 26

Isabella

Dou um grito quando outro trovão ressoa tão alto que parece ter sido diretamente em meu ouvido. Encolho-me melhor na minha cama. Cubro todo meu corpo, até ficar só com os olhos de fora. Com as mãos, tampo meus ouvidos, mas é inútil porque ainda continuo escutando os malditos som horripilantes. Eu sei, todos sempre dizem que eu deveria ter medo dos raios, pois são esses os perigosos, que deveria dar graças a Deus por estar escutando o barulho estridente que são projeções deles, mas quero ver meu medo aceitar ou querer ao menos ouvir essa explicação.

Eu odeio chuvas, pior, tenho pavor de tempestades. Nunca conseguia passar por um temporal desacompanhada. Mamãe que o diga, bastava ficar nublado que eu corria para sua cama e pedia acalento. Ficava em formato de um bolinho, enquanto ela me dava seus carinhos e contava histórias, tentando dissipar meu pânico e distrair os meus pensamentos para que eles não viajassem para o dia mais apavorante de minha vida. O dia em que nossa vida toda mudou. O dia que eu me sinto culpada por tudo ter acontecido.

Sacudo minha cabeça, tentando impedir que as lembranças me acometam, mas parece que São Pedro não está com bons olhos para mim hoje, pois outro trovão cai, o meu quarto todo estronda, então eu salto da cama. Não posso ficar sozinha, e como que minha mãe está a pelo menos uma hora de viagem daqui, não me resta muita opção a não ser pedir amparo para o cavalo. Quem sabe ele não continuaria com sua gentileza e me faria companhia até a chuva acabar ou me deixaria dormir em sua cama. Eu poderia até lhe prometer ficar o mais encolhida possível. Só precisava ter a certeza de que não ficaria desamparada se possivelmente escutasse os gritos de socorro do meu pai. Ele não pediu que eu ficasse mais um pouco antes de subir?

Pois bem, decidi ficar.

Saio do quarto na velocidade da luz, falando aleluia pelo fato do aposento de Mateus ser em frente ao meu. Não tenho certeza se conseguiria comandar minhas pernas se a distância fosse maior. Não bato na porta e apenas entro com tudo. O lugar estando escuro, apenas iluminado pelos raios, que as janelas de vidro não conseguem conter. Parece que, ao contrário de mim, Mateus admira a chuva e a água escorrendo em sua vista panorâmica, já que não tinha se dado o trabalho de fechar as persianas.

Vejo uma silhueta grande perto da cama. Não tenho certeza de que palavras saem

da minha boca, pois meu corpo começa a tremular. O som do vento bate nas janelas e me faz escutá-los pela primeira vez. Sem pensar, pulo nos lençóis brancos. Meu peito se move muito rápido, a respiração fica pesada, e as lágrimas querem escorrer pelas minhas bochechas.

— Isabella, o que houve? — A voz preocupada de Mateus se sobressai ao barulho do vendaval.

Enterro meu rosto no travesseiro. O remorso corrói meu corpo, e faz um nó se instalar em minha garganta.

Então sinto o colchão afundar ao meu lado. E logo uma mão quente toca em meu ombro descoberto por conta da camisola de alças finas. Eu sei, eu deveria sentir, de alguma forma, que esse é um lugar errado para estar, porém, nesse momento não quero ficar em nenhum outro local. Troveja novamente, então me encolho, tentando puxar os lençóis por cima de mim, mas não consigo. O nó em minha garganta se quebra. Então não posso mais reprimir e solto um grito. Meu corpo parece ondular em grandes tremores, e as lágrimas ardem em meus olhos, descendo quentes pelo meu rosto.

— Está passando mal? — Mateus vira meu corpo para cima, mas pego em seus braços para impedi-lo. É melhor eu não olhar diretamente para as janelas. — Meu Deus, suas mãos estão congeladas. Vou fazer um chá para você.

— Não, não vá! Fique. Eu só estou com medo da tempestade — murmuro, fechando os olhos, a voz saindo em um tom muito fino por conta do choro angustiante. — Detesto os trovões e esse vento, parece que estou em um pesadelo. Um pesadelo muito real.

— Eu vou ficar. Não precisa ter medo. — Ele deita-se ao meu lado, passando os braços por minha cintura. Sem querer, acabo descansando minha cabeça em seu ombro. — Estou aqui, vou protegê-la de suas angústias. Relaxe, está tudo bem. Vamos passar esta noite juntos.

— Minha avó paterna morreu em um dia igual a este — confesso. Meu corpo se agita, fazendo meu choro se intensificar.

— Xiu! Fique calma — ele pede, apertando meu corpo contra o seu e dando-me, sem saber, algum conforto. — Quer desabafar? Sempre dizem que o melhor remédio é falar. Deixe-me saber onde dói, talvez eu possa curá-la.

Meus tremores amenizam, talvez pelo calor confortável que os braços de Mateus

me proporcionam. Tanto que me pego confessando para ele meus medos, compartilhando a história que sempre quero esquecer:

— Eu tinha apenas treze anos quando tudo aconteceu — começo a falar, engolindo com dor o pranto que tenta sair em quebrantado. — Lembro que o dia todo tinha sido muito feliz, toda a minha família por parte de pai estava junta para comemora o aniversário da minha avó. Então ao entardecer, as nuvens começaram a se fechar, e o céu ficou quase irreconhecível, mas, como eu era uma adolescente, não tinha noção de que dias assim eram perigosos e que eu deveria me proteger. Assim, eu saí na chuva, queria sentir as gotas d'água em mim. E eu senti, fiquei toda molhada em questão de segundos. Então quando estava rodando pelo jardim, o primeiro raio caiu e o som em seguida foi como estrondo. Até hoje escuto o mesmo barulho daquele dia e o grito da minha mãe quando a primeira árvore caiu, o vento as balançava como se fossem penas. A primeira a correr para me salvar foi vovó Ruth, mas infelizmente antes de ela chegar até a mim, uma árvore a atingiu. Ela foi para o hospital, passou dias lutando pela vida, mas não resistiu. Eu tenho tanto arrependimento…

Minha garganta trava com dor, pois, dentro de mim, sei que se eu não tivesse saído de dentro de casa, minha avó não teria partido tentando me proteger, e nem nada do que veio depois teria acontecido. Eu não teria estragado a vida de tantas pessoas.

— Não foi sua culpa.

— Foi sim. Se eu não tivesse … saído, tudo estaria bem. Eu sou a culpada pela grande tragédia que aconteceu na minha família. Se eu tivesse sido prudente, vovó não teria partido tão jovem. E meu pai também estaria aqui.

— Mas foi um acidente que levou seu pai.

— Um acidente que só aconteceu porque papai estava perturbado pela perda da mãe. Ele era bem apegado com vovó Ruth e não suportou ter que dar adeus. Lembro que ele gritou muito naquela noite, chorou e ficou horas e horas no chão daquele hospital. Como saiu correndo, quando a ficha caiu. Não demoramos nem vinte minutos para descobrirmos que um ônibus o tinha atropelado. Como você diz que não tive culpa? Se, em um único dia, eu tirei a vida de duas pessoas? Se eu arranquei do meu irmão a chance de conhecer o papai. Sabe o quanto prejudiquei a vida dele? Sabe o quanto sofro por saber que tirei da minha mãe o amor da vida dela?

— Não pense assim. — Mateus fica em cima de mim, eu tento mirar seu rosto na escuridão, mas apenas enxergo o contorno da sua face branca e máscula. — Você era

apenas uma jovem se divertindo. Sua avó devia te amar muito para se arriscar por você. Então pense nisso como uma verdadeira prova de amor, como uma chance de vida. Ela te deu a vida dela. Use essa oportunidade para viver e causar orgulho à sua vovó. E você não pode ser culpada por um acidente. Como você mesma disse, seu pai era muito ligado à mãe. O destino deles foi permanecer juntos até mesmo na partida. Acredite, os dois terem partido do mesmo dia foi um plano de Deus para que nenhum dos dois sofresse sozinho, e agora estão juntos em um lugar muito melhor.

— Não é fácil.

— É sim, basta querer.

Com delicadeza, Mateus passa um dedo por meus olhos, limpando as lágrimas, que corriam sem parar. Eu permito seu toque, absorvendo suas palavras como se elas fossem fogo e derretessem o meu coração frio de culpa. Em um modo totalmente gentil, ele beija minha testa, meu nariz e minhas bochechas.

— Se Deus permitiu que estivesse aqui, é porque seu destino ainda tem que ser cumprido. E você é uma mulher forte e muito capaz. — Beija meu olho esquerdo. — Muito talentosa e que tem muito para crescer. Honrar a nova chance e fazer sua família ainda mais feliz.

Eu engulo o choro, encantada. Amável é pouco para descrever a atitude de Mateus agora. Na verdade, nenhuma palavra existente pode retratar seu jeito. Seja o que for, está causando em mim uma onda de emoção e sentimentos por ele. Um afeto que não sabia por que, mas fazia meu coração saltar como um doido no peito, meu estômago revirar com uma oscilação fria e minha pele correr para o lado controverso ao esquentar e parecer queimar, como se estivesse sendo exposta diretamente ao fogo.

Agarro seus ombros nus, gostando de sentir seus músculos duros e a pele macia. Sem conter, percorro todas as suas costas com as mãos. Ele tem um corpo muito firme. Assunto-me, quando meus dedos estão a caminho do seu peito.

— Desculpe — peço, quase em um sussurro.

— Não tem que pedir desculpas.

— Não. Eu estou aqui, jogando todos os meus tormentos em você, te enchendo com meus choros. Eu perturbei sua noite.

— Não me incomodo.

— Obrigada. Estou muito melhor, foi bom poder desabafar.

— Fico feliz em poder ajudá-la. E quero deixar claro que sempre, sempre que precisar, é só me procurar ou pedir. — Ele para, pegando minha mão que tem a aliança. — Sou seu marido, Isabella. E eu prometi te proteger. Eu quero fazer isso.

— Você tem sido tão atencioso. Até mesmo amável.

— Estou tentando não ser um babaca. Demos uma trégua, não foi?

— Foi — concordo. — Obrigada por ter sido gentil com minha família. Mamãe gosta muito de você, e parece que é o mais novo herói preferido de Julinho.

— Eu gosto deles também. Sua mãe é uma mulher incrível e batalhadora. Seu irmão, tão cativante e alegre. — Ele para um momento. — Foi por causa deles que decidiu se casar comigo?

— Sim, como viu, fomos despejados. E graças a você, não estamos na rua, pois acredite, era isso que aconteceria. Nós não tínhamos uma saída. Mamãe não ganhava bem fazendo seus serviços de doméstica e eu não conseguia um emprego. Então, eu agradeço por você ter aparecido em nossas vidas.

— Você os ama tanto que decidiu se casar com um completo babaca.

— Você tem melhorado.

— Eu sei, quero continuar tentando ser melhor.

— Você vai conseguir.

— Você me ajuda?

— Se é para o bem de todos, eu ajudo.

Mateus posiciona sua cabeça diante de mim, então começa a se abaixar, tão lento que parece ser a visão de um sonho. Eu sei qual direção seus lábios vão tocar dessa vez, eu posso desviar, mas me sinto incapacitada para tal ato. Ao invés disso, eu espero, ébria pelo desejo e a atração.

Sua boca quente alcança a minha, em um beijo delicado e carinhoso, mas tudo muda quando nossas línguas se encontram. Os seus lábios passam a tomar os meus com pressa, fome e muita rigidez. Eu gemo, e um tremor quente sobe minha espinha. Ávida, retribuo o beijo, querendo sentir todo o seu sabor, tomar cada pedacinho dele para mim. Mateus rosna, pegando em punho meus cabelos soltos e tomando novamente o controle para si, enfiando tão fundo sua língua em minha boca, tomando-me ao seu bel-prazer.

De repente, sinto uma ponta dura perfurar minha barriga. Fico tensa, pois sei do se

trata. A pressão em minha intimidade é tão intensa que minha boceta se transforma instantaneamente em um rio.

Jesus amado, o que é isso? Que umidade é essa? Que calor ardente e viciante é esse que tem no meio das minhas pernas?

Para meu desespero, Mateus começa a se movimentar em cima de mim. O objeto rígido desliza sobre minha camisola, intensificando o calor e a umidade — não duvido que esteja molhando minhas coxas e até mesmo a colcha.

— Mateus — arfo, deixando seu nome escorrer por minha língua.

Ele traz seus lábios tórridos para minha orelha, deixando um rastro de fogo onde toca. Como se eu fosse uma fênix, renasço entre as chamas ferozes de fogo e as cinzas esvoaçantes, cada nervo do meu corpo implora para sentir cada pedacinho do corpo de Mateus. Sua língua é como lava em minha pele, sua respiração de ar puro chega até meu nariz e vai aos meus pulmões como se me trouxesse para vida.

— Eu sou o seu marido. Você minha esposa. Por favor, fique aqui comigo. Nunca deixei ninguém ficar aqui. Aceite transformar esse lugar em nosso porto seguro. Só meu e seu… Aceita? — Morde a pele quente da minha orelha.

— Si-m ! — aceito, balbuciando. — Eu quero isso com você.

— Eu terei sua primeira vez. Eu vou ser seu homem. Serei carinhoso e respeitoso, juro. Ficará tão satisfeita… Confia em mim, querida esposa? — pergunta, suave. Suas palavras fatais atingem algum ponto em mm. Ele desliza uma de suas mãos pelo meu rosto e, com o dedo, percorre todo meu lábio, tornando-o trêmulo e sequioso por um beijo. — Seja minha! — ele insiste.

— Me faça sua. E seja meu — aceito, tomada por uma febre.



Capítulo 27

Isabella

— Vou excitá-la, possuir seu corpo e lhe dar muito prazer. — O rouco sussurro de Mateus aquece um pouco mais minha intimidade. Ele beija meu pescoço, então desliza a língua pelo meu colo, como se saboreasse o gosto da minha pele. — É tão gostosa. Porra! Quero deslizar minha língua até o último canto do seu doce ser.

Ele vira nossos corpos, deixando-me debaixo dele. Com pressa, desce suas mãos por cada lateral do meu corpo, chegando até a barra da minha camisola. Atencioso, passa a peça por minha cabeça, desfazendo-se dela e jogando-a, deus sabe onde. Enrola um dedo em cada lateral da minha calcinha, desliza-a pelas minhas coxas e retira com gentileza, dando-lhe a mesma direção da camisola.

Enquanto fico extasiada, sinto que ele desliza a mão pelo meu corpo, circula meu umbigo, dirigindo-se às minhas coxas e demora um pouco mais, acariciando cada uma. O violento ardor que alaga os meus sentidos me faz respirar tão profundamente…. Em uma sensação maravilhosa…

Surpreendida, sinto-o deslizar em meu corpo. O calor de sua respiração às vezes toca minha pele. Para aumentar minha tortura, ele inclina-se para beijar a parte inferior da minha panturrilha. Os lábios de meu marido deslizam por minha pele com suavidade, agora ele está refazendo o mesmo caminho que tinha feito antes, ao se abaixar. Sua barba rala roça minha pele, o que potencializa a sensação.

— Ah… — mio.

— Isso, docinho. Deixe sua excitação te dominar.

Quando ele beija a curva da minha perna, o ar fica preso em meus pulmões, impedindo-me de respirar. Mateus prossegue sua exploração, lenta e implacavelmente torturante, despertando-me um delicioso desejo que surge em várias extremidades diferentes.

— Mateus… — sussurro seu nome em modo de protesto.

— O que foi? Não está gostando dos meus beijos? — pergunta, cínico.

— Isso é crueldade… Parece que estou queimando em todos os lugares.

— Ainda não viu o que eu sou capaz de fazer — replica ele, com uma voz grave e rouca que faz vibrar todo o meu ser. — Quando estiver excitada ao máximo e derretendo

em minhas mãos, verá como posso ser perverso. Agora, me permita continuar a sentir sua maciez e doçura.

Ele deixa delicados beijos em minha boceta, seus lábios jogam com minha pele, cada toque é como se uma chama se acendesse em mim, acordando-me para a vida a cada beijo. De repente, ele chupa minha carne quente, como se quisesse arrancá-la para si — o que não duvido, pela forma intensa e faminta que me toca.

“Minha pele queima…”

“Quente… Bem quente. Como brasa.”

O apetite sexual está por todo o ambiente.

— Vou lhe mostrar o quanto seu corpo pode reagir às minhas carícias e toques. Vou acender seu sangue, até que grite meu nome e peça que eu repita.

Suas palavras me mover, inquieta. E pensar que ainda pode ser mais intenso que isso.

Céus, o que está acontecendo? Ou será, inferno, o que está acontecendo?

— Ah, senhor, por favor… — clamo sem saber exatamente para quem.

Mas parece que Mateus não escuta minhas súplicas, pois sinto seus lábios e suas mãos abandonarem meu corpo. Abro os olhos devagar, nem sabendo o momento que os tinha fechado. Ainda mais devagar, elevo o rosto para olhá-lo, mas o breu do quarto não me deixa vê-lo por completo. Ele deita-se de costas no colchão.

— Agora me toque! — diz, desejoso e com a respiração pesada, parecendo que não sabe respirar.

— E- eu? — gaguejo.

— Sim, você, docinho. Toque-me, aperte-me… quero suas mãos em mim, em todo o meu corpo. Quero que veja o que é capaz de me despertar — sussurra, com uma voz sonora e excitante.

Será que ele lembra que sou virgem? Cacete, nunca tive um nas mãos. E agora ele quer que eu o toque.

— Vamos, querida! Meu pau está desejoso pelo seu toque.

Amedrontada, estico uma mão para lhe acariciar o ombro e noto as impressionantes formas de sua musculatura, mas o incrível é o toque aveludado de sua

pele. Muito macia. Sua pele arde e tremula com meu toque. Quando começo a vacilar, ele agarra minha mão e a leva ao seu peito. Desenho cada músculo robusto e sinto o acelerar de seu coração.

— Não ouse tirar sua mão de mim! — ordena Mateus, no meio dos luminosos raios, aparentando ser o deus dos trovões.

Meu coração dá um pulo, quando ele desce minha mão, tocando seu abdômen plano e musculoso… Tão macio… *Perfeito.* Para ser mais verdadeira, surge em mim uma necessidade desconhecida de correr toda a extensão de sua barriga com a língua.

Tomo uma baforada de ar, ao descer minhas mãos por toda a potência selvagem desse corpo masculino e viril. Eu tremulo ao chegar no dito cujo. Seu membro ereto e firme. Seu pau aparenta ser enorme e sua espessura me perturba, pois sinto que está longe de minha mão se fechar ao seu redor. Duvido que isso entre em mim. Só me vem em mente aquele bendito *meme* do trem entrando no túnel. *"Caralho, vai me arregaçar!"*, ruborizo com o pensamento. Então meus dedos travam no lugar. Mateus cobre minha mão com a sua, fazendo-me deslizar por todo seu comprimento.

Jesus. Maria. José. É enorme mesmo.

— Sinta-o. Tome-o em suas mãos, veja como ele está duro por você. — Oferece sua masculinidade. Ruborizo ainda mais, nunca imaginei que poderia tocar essa parte masculina.

— Isso vai me rasgar — protesto, com um rouco sussurro.

Tento puxar minha mão do membro que parece uma coluna, morrendo de vergonha do que acabei de dizer…

Então um riso lento, sensual e pervertido é escutado.

— Nada disso, docinho. Vou caber tão perfeitamente dentro de você que meu pau não vai querer sair. Você vai sempre me querer rendido aos seus pés, viciando em seu local quente.

— Eu… não acredito. Isso parece uma coluna.

— Relaxe. O membro de um homem cresce e endurece, à medida que aumenta seu desejo. E como vê, ele a deseja e deseja muito — diz, e meu rosto queima… ainda mais quando sinto que ele desliza sua mão pelo meio das minhas coxas. Ignorando minha suave inspiração de choque, abre minhas delicadas dobras com os dedos. — A mulher, em troca, umedece a boceta com seu próprio mel.

Ao terminar, desliza um dedo por toda a minha intimidade, que parece encharcada, assim como ele falou. Seu dedo entra facilmente. Assusto-me com a onda de tremor que a faz pulsar.

— Está vendo? Sua boceta está pronta para me receber. — Sua voz soa em um rosando forte. — Agora eu vou prová-la. Afundar meu pau em você — ele diz, em um rugido.

Espere!! Quando o cavalo se transformou em um leão?

Mateus não demora a passar seus braços fortes em minha cintura fina, envolvendo meu corpo delicado e quente com seu poderoso abraço. Os meus firmes seios são esmagados e roçam seu torso nu; o membro, duro como uma rocha, aperta-se contra meu abdômen. Sua postura é controladora, entretanto, o beijo que ele dá em minha boca é carinhoso e muito amoroso.

— Vamos nos perder um no outro. Depois, juntos encontraremos o prazer — ele sussurra em minha orelha.

Um instante depois, ele pousa uma mão em meu seio e puxa um mamilo entre os dedos.

Um doce belisco… Solto, com satisfação, um suave ofego.

Será que tudo pode ser tão bom como esse prazeroso toque? Estou ansiosa para fazer mais… Estou entregue, nesse momento, faço o que ele me ordenar. Eu sou uma boneca em suas mãos… Uma mulher que está *transbordando prazer*.…

Sinto-o deslizar sobre mim, separar minhas coxas e colocar-se entre elas. Seu membro ereto se situa diante da minha escorregadia entrada. Vacilo ao sentir seu corpo masculino e quente em mim.

— Abra as pernas, porque eu vou afundar meu pau em sua boceta — rosna Mateus, com uma potência que não me deixa fazer o contrário.

Então sinto sua ponta entrar, tão lentamente e com suavidade, mas, mesmo com tanto carinho, eu sinto dor, minha pele se rasga quando seu pau afunda centímetro por centímetro.

Inevitavelmente, grito, pois minha boceta parece que vai queimar. Algumas lágrimas formam-se em meus olhos. Sendo gentil como prometera, Mateus para sua investida, aliviando a dor por um momento.

— Respire. E relaxe! — declara ele, em voz baixa.

— Difícil. Eu disse que essa cobra não iria caber em mim — respondo, atrevida.

— Não há outro lugar em que essa cobra quer estar — responde, esbaforido. — Posso continuar?

— O quê? … Ainda tem mais? — pergunto, chocada. Eu pensava que ele já estivesse todo em mim…

— Ah, sim, há muitíssimo mais, só que o pior já passou. O resto é só prazer — diz e volta a entrar lentamente.

De repente, aperto os dentes, quando uma sensação dolorosamente doce me atinge, arqueio os quadris, encaixando-me em seu membro. Meu coração chega a parar. Esse gesto deixa-me sem fôlego. Fecho os olhos com força, e ele beija-me com ternura, com amor…

— Quer ver meu movimento? — pergunta, quando está todo dentro de mim.

— Mostre-me do que é capaz … — digo, desejosa.

— Seu desejo é uma ordem — fala ele. — Agora veja as estrelas, sem mesmo olhar o céu e ainda nessa tempestade.

— Estrelas? — pergunto, confusa

— Os brilhos do prazer — diz, sofrido.

Meu coração dá um salto, quando o pau de Mateus pulsa em meu interior.

— Sente essa doce sensação?

— Sinto… É bom! — respondo, incerta, mas a sensação é bem mais que doce, é um brilho de fogo, uma brasa acessa dentro de mim.

Ele percebe meu desejo e sorri. Com infinito cuidado, aumenta a pressão apoiando-se nos cotovelos, acomodando melhor seu corpo, enquanto move-se devagar.

— Te desejo! — murmura, com a voz rouca. Suas palavras entram em minha alma e acendem meu coração. Eu o agrado. Logo, ele move os quadris e se retira devagar, acariciando-me com seu membro. Ofego. — Dói?

—N-não — As palavras saem sem forma…

Em algum momento, entre os batimentos do meu coração e o pulsar da minha boceta, a dor desapareceu e a excitação ocupou o seu lugar.

— Quer mais intenso?

— Sim! — Meu sussurro entrecortado soa imperativo.

Depois de uma pausa angustiante, ele volta a empurrar, cada vez mais firme em meu interior quente e acolhedor. Noto que minhas convulsões apertam sua masculinidade.

— Sim… Isso… docinho. Se entregue a mim. Deixe-me sentir seu prazer — grita ele. — Vamos, Isabella, quero o primeiro dos muitos prazeres que te proporcionarei…

— Ahhh… — grito com a voz rouca, como se estivesse desejando algo inacessível, em outro mundo.

— Sim, sim, isso. Grite o desejo por seu homem — diz e, com delicadeza, ele começa a mover-se devagar em meu interior, mimando-me com sua ternura. Fecho os olhos quando o fogo que sinto entre minhas coxas começa a arder com maior intensidade. Jogo a cabeça para trás e choramingo, estremecida de prazer.

— Oh, cacete!

Mateus aumenta o ritmo, e meu pudor, meu acanhamento, desaparecem, dando lugar a um atrevimento ardente. Sinto ondas passarem pelo meu corpo… Ele inclina a cabeça para beijar-me forte, bebendo toda minha paixão e gritos. Cobre minha boca e me assalta com sua língua sedosa, imitando o impulso de seu membro entre minhas pernas. A cada movimentação embaixo, sua língua acaricia a minha.

Um desejo delicioso invade meu ser, enrosco meus finos braços em seu pescoço, instintivamente, entrando em seu ritmo.

Urro alto, sem pudor, sem vergonha… Tomada pelo desejo.

Ele prossegue seu desumano assalto, excitando-me com as mãos, com a boca, com seu corpo forte…

— Muito gostosa. Porra! Mulher, você vai me matar. Eu nunca mais vou querer sair da sua boceta. — Sua voz sai rouca. — Agora, grite. Grite mais alto que os trovões.

E eu grito a plenos pulmões:

— MATEUUUUUUS…

Meu corpo tremula, desenfreado. Meu coração bate desregular. Minha respiração está sofrida. Em toda a minha vida, nunca imaginei que esse dia chegaria.

O dia que gozaria feito uma louca.



Capítulo 28

Mateus

Acordo, sonolento e dolorido. Estou rodeado pelo calor — um calor quente demais e sedutoramente cheiroso. Forço-me a abrir meus olhos, lá fora o mundo ainda está meio escuro e acabando-se em chuva. Deito novamente minha cabeça na curva do pescoço de Isabella, meu nariz pinica, mas, mesmo assim, estou gostando muito da maciez do meu travesseiro.

Olho para baixo, onde meu corpo se encaixa com o da minha esposa, percebendo e sentindo que cada centímetro de sua pele toca a minha. Ainda estamos nus e completamente melados, pois caímos no sono após nosso sexo quente e desprevenido. Eu sabia que tinha sido imprudência da minha parte não usar camisinha, mas, naquele momento, eu só queria entrar em Isabella, espantar seus medos e criar momentos perfeitos para ela tivesses boas recordações quando estivesse chovendo. Não quero que mais ela fique triste ou completamente fragilizada, porque ela merece estar radiante, contente e de bem, sempre.

Bom, espero ter conseguido tal ato.

Enfio uma mão em seus cabelos macios e coloco a outra em sua cintura fina, apertando ali como uma barra de ferro. Não quero que ela escape do meu abraço, quero-a sempre perto de mim, dando-me conforto enquanto eu retribuo da forma que sei, pois cuidar de alguém, é completamente novo para mim. Contudo, quero ter essa experiência. Quero tê-la com Isabella. Passo uma perna por cima das suas coxas, tomando cuidado para não colocar peso demais e machucá-la. Isso acaba deixando meu pau encaixado perfeitamente na sua bunda. O coitado fica ereto imediatamente e se desespera, pronto para ser usado novamente, não se importando com o fato de que acabou de sair do interior quente e pulsante da garota. Seu aperto quase tinha estrangulado meu membro, fazendo-me esporrar tudo dentro dela, deixando minha porra provavelmente correndo em suas pernas, mostrando e marcando-a como minha.

Meu pau vibra, mas quem pode julgá-lo por endurecer quando está entre a bunda quente, arrebitada e excitante de Isabella?

E não sendo hipócrita, esse lugar é um paraíso que espero conquistar e ter a permissão de aninhar minha ereção nele. Porra! Enterro ainda mais meu nariz nos cabelos de Isabella, ficando maravilhado como tudo parece tão íntimo e normal nesse gesto. Sim,

eu gosto do seu corpo no meu, de tê-la em meus braços.

Beijo seu pescoço, gostando do arrepio e do jeito que seu corpo reage ao meu toque, completamente diferente dos tremores medrosos e angustiantes de horas atrás. Se eu bem conheço a reação de um corpo feminino, posso afirmar que essas vibrações são de prazer. O desejo descia por sua espinha, se concentrava em sua boceta ardente e a deixava úmida, pronta para receber meu pau, em socadas profundas e duras.

Isabella não tem nem ideia de quão deliciosa é. O fogo de seu corpo delicioso, quando alça o ápice, a torna fascinante e provocadora. O ardor em seu interior é tão perturbador quanto sedutor.

Sorrio, completamente encantado e atraído. Tinha pensado que, como ela era virgem, seria fria e pouco satisfatória, mas eu quebrei a cara ao encontrar chamas altas, capazes de incendiar toda uma cidade mesmo em uma tempestade. Pior, de queimar todo meu pau. Como nem uma outra mulher fez. E olhe que experiências não me faltavam, mas nem uma chegou aos pés da que tive ontem.

Seus gritos causaram em mim a maior excitação, desejava rasgar seu corpo e roubar cada pedacinho de seu ser somente para mim…

“Deus! Ela tem que ser minha de novo e de novo e de novo. Até o fim deste casamento que foi consumado.” Porra! Não permitiria mais que ela ficasse longe da minha cama. De hoje em diante, a quero aqui, comigo, fodendo meu pau e minha mente.

O que senti a cada toque dela, cada beijo, cada tremular ao me afundar em seu interior… Nunca havia sentido ou experimentado. Meu desejo inescrupuloso foi bem mais do que agradado, foi viciado e, sem eu perceber, tornou-se algo mais profundo que já não está dentro da minha capacidade de explicação.

Isabella me doou com tanta calma sua virgindade, seu corpo, jamais senti uma entrega tão apaixonada assim. Agora ela me terá como seu protetor possessivo, necessitado e ofegante sempre que quiser. Sim, estou obcecado. Quero acreditar que a causa é sua inexperiência, porque é algo novo ter uma virgem em minha cama. Espere! É novidade ter uma mulher aqui, em meu quarto. O lugar que agora será nosso porto seguro.

Fecho meus olhos, respirando seu cheiro. Então a seguro ainda mais firme contra mim. Beijo seu pescoço, sentido a necessidade de ter seu gosto em minha boca. Ela suspira, aconchegando-se em mim.

— Ah, docinho. Como eu te quero de novo. Desejo torná-la minha em todos os

sentidos.

Viro sua cabeça, tocando seus lábios, apenas em um leve carinho, mas sou pego de surpresa ao ser atingido por uma onda de contentamento. Um toque mínimo faz todo meu corpo entrar em chamas.

Não consigo me desfazer desta batalha de sentimentos em meu coração e minha cabeça. Sinto como se estivesse em um lugar que não conheço… Pareço perdido em pensamentos torturantes e angustiantes.

“Será meu fim?”

Por que a pergunta se eu prevejo que, inevitavelmente, ela será minha perdição?

E não mentirei. É nela que quero me perder.



Acordo novamente, dessa vez, o dia já está claro e sem chuva. Olho para o despertador e fico surpreso porque já passa das 8h da manhã. Merda! Preciso ir à construtora, segunda-feira é o dia de balanço dos projetos. Com muita luta, solto o corpo de Isabella e me levanto. Ela se remexe, mas não acorda. Agarra um travesseiro, colando-se a ele como estava agarrada ao meu corpo. Saio para o banheiro a fim de tomar um banho. Eu a deixarei descansar um pouco, afinal, a noite tinha sido cansativa, tanto no físico quanto no emocional.

Quando retorno ao quarto, devidamente limpo e vestido com um terno cinza e uma gravata escura, encontro Isabella toda esparramada na cama, o lençol cobrindo apenas a metade do seu corpo, deixando à mostra o bico dos seios vermelhos. Minha língua coça com vontade de experimentar sua pele ali. No tesão de ontem, não me dei essa oportunidade, mas esse não é o momento para um ato de perversão. Desvio os olhos, vendo seus cabelos marrom-claros espalhados no travesseiro. Observo seu rosto sereno, enquanto ela dorme. Olhando-a assim, parece muito jovem e frágil. Parece ser uma mulher fraca, mas se engana quem deduz isso. Ela é tudo, menos fraca. Como a conheço, sei que

tem uma alma de ferro, atitudes corretas e um coração bondoso. Caso contrário, ela não teria aguentado todo sofrimento que já passou, muito menos se sujeitado às minhas atitudes selvagens, egocêntricas e rudes para que pudesse proporcionar bem-estar para sua família.

Tinha sido um tremendo filho da puta com ela, em diversas oportunidades, mas, em minha defesa, posso dizer que seu jeito insuportável, tinha aflorado tudo isso em mim. Porém, agora, com nossa trégua, pretendo ser gentil e carinhoso, a pessoa para quem ela correrá em qualquer nova dificuldade, a pessoa que escutará seus desabafos e será o ombro em que ela irá querer descansar sua cabeça.

Ela se remexe, então sorrio ao perceber que tenho uma esposa na minha cama. Qual era possibilidade de isso acontecer? Bem, eu sempre julguei mais fácil ganhar na *Megasena* da virada, mas agora descubro que eu estou mais do que bem com isso.

Passo um dedo pelo rosto da garota. Já a deixei descansar muito, não podemos extrapolar ainda mais nosso horário. Isabella tenta fugir do meu toque e faz um bico, contrariada. Imediatamente, tenho vontade de beijá-la. Beijá-la forte e duro. Uma fome de sentir seus lábios nos meus, de acariciar com a língua os contornos de sua boca. Mordiscá-la, de forma alucinada, para ter seu gosto cravado em meu paladar.

— Acorde, docinho. — Continuo a enrolar meus dedos em sua pele quente e macia.

— Não! — protesta e se vira. Eu subo na cama por completo, ficando parcialmente em cima do seu corpo.

— Nada disso! — falo, em um suspiro abafado, pois, com seu remexido, o lençol deixou mais um pedaço à vista dos meus olhos cobiçosos. — Estamos atrasados, a não ser que não queira ir trabalhar hoje. Se decidir ficar na cama, terá meu total apoio e companhia. Com certeza, prefiro ter uma foda dura e longa a um dia de trabalho estressante e cansativo.

— O quê? — pergunta, sonolenta e confusa.

— Basta você dizer sim que vou te foder o dia inteiro. Ninguém se importará mesmo, somos recém-casados. Podemos sempre justificar nossa ausência com a lua-de-mel.

Ela abre os olhos, assustada. Tenta se levantar e sair da prisão dos meus braços. Deito meu corpo em cima do seu, prensando-a no colchão.

— Sua boceta está dolorida?

— Hum.. — ela mia, o desejo sendo mais forte que sua vontade de negação.

— Acha que consegue aguentar mais umas estocadas duras e profundas?

— Meu deus! — ela sibila.

Pronto. Eu a ganhei. Seu gemido baixo é tudo de que preciso. Luxúria e desejo. Meu corpo queima, e os olhos verdes de Isabella se arregalam, o mesmo desejo que me toma cintilam em seus olhos.

Num impulso, a beijo com ternura, sugando brandamente seus lábios. Ela choraminga, com um nítido prazer, e agarra com força meu cabelo de forma instintiva, fazendo com que meu desejo aumente mais… Isso, dome seu homem, *docinho*. Prossigo com meu terno e perverso assalto, provocando-a, exploro sua boca quente e flexível, busco com fervor sua língua. Quando a encontro, doce e ávida, meu o coração dispara e o corpo convulsiona de desejo, fazendo-me tremer com deliciosas sensações. Eu a sugo e chamo-a para dançar, uma dança erótica com seu músculo atrevido. Como uma boa menina, ela cede e passa a sincronizar seus passos com os meus.

Desço minha boca devoradora por seu pescoço e colo, lambendo e mordendo em cada oportunidade. Um soluço fica preso na sua garganta, e ela sacode a cabeça de um lado a outro, tentando combater a magia fascinante que eu exerço sobre seu corpo.

E de repente, meu órgão vulnerável está pulando, querendo mostrar que ele está sim vivo, vivo por ela, por Isabella, a única capaz de me despertar sensações e sentimentos estranhos…

“Ela, minha mulher, meu docinho, minha para foder…”

Volto a beijá-la, colando meus lábios aos seus. Levanto seu queixo com um dedo, para me dar um ângulo melhor, e cubro ternamente sua boca, passeando minha língua por todas as extremidades avolumadas. A sensação é sensacional.

— Mateus — ela arfa, seus seios tocando meu peito.

Porra! É agora que sentirei o gosto deles.

Meu nome ecoa por todo quarto, junto com seus gemidos sofridos. Para torturá-la ainda mais, fecho minha boca ao redor do bico do seu mamilo, sendo recebido pela doçura da sua pele. Lambo e passeio a língua pelo pequeno monte e depois puxo o mamilo entre meus dentes. Isabella se curva, arqueando seu corpo, esticando-se e entregando-se a mim.

E eu não me faço de rogado. Sugo, mamo e mordo seu bico, a fim de tomá-la por completo. Adorando-a com meu toque, meus beijos e minha boca.

— É, eu acho que não vamos à construtora — digo, ficando em cima dela, esfregando-me em seu centro pulsante, desejando que já estivesse nu.

— Oh! Mateus, eu preciso disso…

— Ah, Isabella, eu vou te estocar de uma forma tão poderosa que os vizinhos, até mesmo do prédio ao lado, escutarão seus gritos. — Beijo sua barriga. — Mas, primeiro, me deixe provar do seu mel.



Capítulo 29

Isabella

Um raio de sol queima meu rosto, então abro os olhos, pesados. Uma confusão rodeia minha mente, levanto-me e noto que estou nua. Então volto a deitar meu corpo dolorido no colchão. Por um instante, fico assim, na imensa cama, imóvel, até perceber que não estou em meu quarto e sou atingida por lembranças sensuais dos excitantes momentos que acabei de passar. Remexo-me um pouco na cama, e o local entre minhas coxas arde.

Se não tivesse sonhado, eu havia transado com meu marido.

Não apenas uma, mas duas vezes. Momentos tão profundos e intensos que não poderia deixar de dar a devida importância. Sim, eu posso fingir que esse momento não significou nada, fingir que não tinha acontecido, ou melhor, escolher julgar esse momento como insano e errado, que não passou disso e não se repetiria.

Mas, Deus! Eu não conseguiria mais manter minhas mãos longe dele. Pior, não conseguiria mais esconder meu desejo e atração por Mateus, pois a nossa nova realidade demonstrava que nossos interesses eram mútuos. Ele tinha comprovado isso, com seu corpo e sua boca em mim. Não poderia negar que a forma carinhosa e gentil que ele me tomou para si, me fez sentir segurança para querer ser dele, para entregar-lhe minha virgindade.

Se eu fechar os olhos, ainda posso sentir o gosto de sua língua, seus beijos quentes e inebriantes, o toque dos seus dedos em meu corpo, seu pau enterrando-se em meu interior e alcançando lugares que jamais imaginei existirem, para então me levar ao alto e depois me fazer cair em uma nuvem de êxtase e prazer. Solto um pequeno suspiro, nada comparado aos gritos de euforia que libertei antes. Uma onda quebra em meu baixo ventre, fazendo a mesma umidade que meu marido tinha arrancado de mim molhar minha intimidade, que pulsa querendo ser preenchida e aplacada. Merda! Eu o queria aqui, para estar entre seus braços de novo e de novo.

— Jesus! — digo e enterro o rosto no travesseiro, sentindo o aroma masculino do homem que tinha me feito ver estrelas como prometera. Desesperada por sentir sua presença, inspiro forte, querendo guardar seu cheiro em minha memória. Mateus tem o melhor perfume, meu preferido de hoje em diante. Sua fragrância misturada ao aroma do sexo é o paraíso em que me pego querendo viver.

De repente, ouço a porta abrir e me assusto. Praticamente rolo na cama, tentando desesperadamente puxar os edredons para encobrir minha nudez. Seguro firme um pano branco, passo pelo meu corpo e me cubro até deixar somente a cabeça de fora. Aposto que se fosse qualquer uma de vocês, também estariam constrangidas. Então nada de revirar os olhos para mim ou de torcer o nariz. Não é porque ontem me entreguei com uma devassa para um pervertido que não posso ter vergonha agora.

Mateus entra no quarto, trazendo uma bandeja repleta de comida. Seus olhos azuis vêm diretamente para mim. Coro sob seu olhar quente, começo a suar e esquentar. Mas também pudera, o que eu queria estando debaixo do edredom grosso? Está bem, tenho certeza de que, se eu estivesse até coberta por uma camada de neve, estaria derretendo.

Ele para diante da cama. Está usando apenas uma calça de moletom de cintura baixa, que me permite vislumbrar todo seu abdômen magnífico e uma trilha de pelos que pode ser considerada o caminho da felicidade. Ele coloca a bandeja no móvel perto da cama. Seus braços fortes flexionam-se, e o ombros largos se estendem.

— Oi, bom dia. — A voz grossa vibra diretamente… não vou dizer onde.

— Bom dia — respondo.

Então faço silêncio, encolhendo-me na cama. É assim que se age depois de uma noite de sexo? É assim que se comporta quando se perde a virgindade? Espero que sim.

— Trouxe para você.

Então estende uma xícara de café quente para mim. Eu me levanto, tomando cuidado para que o lençol continue colado ao meu corpo. Recebo a caneca, inspirando o aroma da bebida quente. Levo-a aos meus lábios, surpreendendo-me com o sabor.

— Está ao seu gosto? — ele pergunta, também pegando uma xícara para si. — Eu prefiro o café bem forte e sem açúcar. Então fiz um fraco e adocicado para você.

— Acertou em cheio. Está perfeito.

Os lábios dele se inclinam em um sorriso satisfatório. Duvido muito de que seja pelo fato de ter acertado como eu gosto do café, mas resolvo não deixar meus pensamentos devassos seguirem esse caminho ousado.

Enquanto bebemos nossos cafés, o quarto fica todo em um silêncio confortável e nada pavoroso. Parece que sempre estivemos aqui, juntos e compartilhando nosso desjejum. Eu podia sentir a ligação que nos cercava como se não fosse a primeira vez que estava em seu quarto, em sua cama, com ele, nua. É isso que chamam de intimidade de casal? Em minha pouca experiência, não posso afirmar nada.

Mateus se estica, deixando sua xícara na bandeja — ele consome café como o devorador e viciado que é —, e pega uma fruta. Morde-a despretensioso, mas vejo em seus olhos que ele parece procurar palavras em sua mente. Então se remexe, inquieto. O seu cheiro alcança minhas narinas, o mesmo aroma que estava impregnado em seu travesseiro. Não me considerem uma indecente, mas quero pular em seu colo e colar meu nariz nele para sentir da própria fonte.

— Como está? — pergunta, calmo, como se estivesse perguntando sobre o clima.

Eu o miro melhor, seus cabelos marrons despenteados e jogados para cima. Engana-se quem pensa que ele está horrendo, ele fica ainda mais bonito e casual assim. Pego-me, querendo passar os dedos em seus fios até deixar minha mão correr por seu maxilar duro, coberto pela barba rala que tinha pinicado toda minha pele. Ele pisca os olhos azuis e não desvia do meus. Com um dedo, coloca uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha. Senhor, devo estar parecendo uma assombração! Tento desviar meu rosto,

mas ele segura meu queixo com firmeza. Com a outra mão, pega a xícara que, com certeza, eu deixaria cair e melar toda cama.

— Não desvie, não se esconda. Me deixe saber como está se sentindo.

Um ar de cuidado passa por sua expressão. Incapacitada, deixo que minha cabeça caia em seus carinhos, ansiando por seu toque.

— Eu me sinto bem, diferente, mas bem. Só um pouco dolorida, mas isso deve ser normal, não é?

Então ele afasta seu toque de mim e salta da cama, deixando-me ali, de alguma forma decepcionada.

Em seguida, sou surpreendida por Mateus puxando o lençol do meu corpo e pegando uma de minhas pernas para me arrastar e deslizar meu corpo pelo colchão. Quando estou na beirada da cama, me pega no colo, sem fazer esforço nenhum.

— O que está fazendo?

— Vou te banhar. Cuidar de você e, de alguma forma, te deixar preparada novamente para mim esta noite.

— O quê?

Minha pele formiga, o tesão correndo por meu corpo.

— Eu a quero. Quero continuar fazendo sexo com você. Você não quer?

Então engulo em seco. Não tenho mais certeza se meu coração estava batendo e bombeando sangue suficiente para meu cérebro, pois ele entra em curto-circuito. Fico instantemente tonta, porém não suficiente danificada para me impedir de responder baixo:

— Sim, quero.

— Perfeito — ele comemora, apertando ainda mais meu corpo no seu. — Agora vou cuidar da sua boceta para que, mais tarde e daqui em diante, possa me afundar nela sem que a deixe machucada.

Jesus!



Remexo-me no banco detrás do carro, olhando Mateus, que está ao meu lado agitado ao telefone. Talvez aborrecido por não ter concluído o que começou em nosso banho. Banho muito excitante. Vejamos só, quem em sã consciência não se estimularia com ele lavando seus seios com carinho e cuidado, puxando os mamilos entre os dedos, acariciando sua barriga e passando sabonete por suas pernas? Pior, quem ficaria normal com ele limpando e acendendo sua intimidade com seus dedos experientes, em um entra e sai tão lento e macio que me fez gritar por mais? Entretanto, quando ele levou nossos corpos molhados para o quarto, antes de ele me deitar na cama, seu celular começou a tocar alto.

Agora não sei se me arrependo por tê-lo convencido a atender. Ah, cacete, minha mente ri de mim. É claro que, se pudesse voltar atrás, eu o faria, pois, justamente, do outro lado da linha, estava sua assistente, solicitando sua presença na construtora para uma reunião emergencial. Ele xingou e rosnou muito até aceitar. Novamente o convenci, pois sei que o trabalho dele é importante e que ele ama o que faz. Contrariado, ele se enfiou em um terno escuro e eu o segui, colocando um conjunto de saia e camisa social. Aproveitaria nosso meio expediente para me inteirar melhor do meu cargo.

O carro para no estacionamento da construtora. Mateus salta e fica esperando por mim, me arrasto até a porta e, quando desço, ele segura minha mão. Em um gesto automático? Não sei, só deixo minha mão na dele e caminho ao seu lado. Em passos rápidos, vamos em direção à portaria principal. As recepcionistas já não nos olham assustadas, pois o comum, das vezes que estive aqui, era entrar assim com meu antes noivo e agora marido diante delas. Uma rotina em nossa encenação para o público.

Ele me leva até o elevador, soltando minha mão, que normalmente ele só deixava livre quando não estávamos mais sob as vistas de ninguém, ou seja, dentro da cabine de aço. Assim que estamos sozinhos, Mateus passa o braço pela minha cintura, colando meu corpo ao seu e, para a surpresa ser maior, beija minha bochecha e logo em seguida minha boca, em um toque fugaz.

Meu marido me leva até minha sala. De repente, ele para e me olha, algo parece preocupá-lo, então diz que solicitará à sua assistente que providencie algo para eu almoçar, pois não tive a chance de comer nada antes de corremos para cá. Eu aceno, concordado, pois sinto-me fraca e muito faminta. Ele também concorda e sai, deixando-me ali, encantada com seu cuidado.

À minha espera, já está meu professor, Alfredo. Ele me parabeniza pelo casamento, mas logo depois começa a me passar ensinamentos e informações importantes que eu preciso aprender. Ensina-me como as compras de todos os materiais são feitas, que cada obra tem um comprador específico e um centro de custo próprio, o que facilita o trabalho do financeiro na hora de analisar se a receita está se sobressaindo aos gastos. E pelos números das planilhas que ele me mostra e explica, vejo que a rentabilidade da *Classe A* é altíssima.

Sara adentra minha sala, trazendo umas sacolas de papel com emblemas de comida. O cheiro da refeição faz meu estômago pular. Ela deixa tudo em cima da mesa, começa a desembrulhar e retirar os pequenos potinhos das sacolas. Então Alfredo diz que vai me deixar sozinha para comer. Quando a assistente do meu marido tira até a sobremesa da sacola, discretamente, ela tenta sair.

— Obrigada — agradeço.

— Por nada, senhora Ávila. — O peso da palavra me atinge. — Espero que goste de salmão com verduras. Faça uma excelente refeição.

— O cheiro está maravilhoso — falo, com a boca cheia d’agua. — Você também trouxe comida para Mateus.

— Não, senhora — ela nega. — O senhor Ávila entrou em reunião com os espanhóis e, possivelmente, só irá comer quando terminar.

— Me chame de você — peço.

— Não seria adequado.

— Eu estou pedindo, então, é adequado. — Sorrio para ela, a fim de amenizar sua expressão firme para mim. — Quando terminar a reunião pode, por favor, me telefonar? Quero me certificar de que Mateus irá se alimentar.

— Sim. Aviso à senhora.

Então ela sai, sem querer se demorar mais, deixando-me sozinha para comer. Passo a devorar minha comida, sendo surpreendida pelo sabor delicioso. Termino tudo e logo me

desfaço da bagunça. Depois telefono para que meu tutor volte para me deixar mais a par das minhas responsabilidades.



Olho para o relógio em meu *notebook*, surpreendendo-me por já ter passado das 5h. Tinha ficado a tarde toda aprendendo a preencher planilhas e entrar nos sistemas. Será que estava tão focada que sequer ouvi o telefone tocar, pois não fui informada de que a reunião de Mateus havia terminado. Uma negociação demorava tanto assim?

Peço licença a Alfredo e ligo para a assistente do meu marido, tendo a informação de que os espanhóis estavam começando a sair agora mesmo da sala de reunião. Caraca! Mateus devia estar cansado, faminto e estressado. Um café cairia bem agora? Com certeza sim. E mesmo se não cair, não me importo.

Desligo o telefone e me despeço do meu instrutor, pois agora tenho uma missão. Pode até soar estranho, pois é a primeira vez que quero cuidar dele, mas é o que sinto vontade de fazer no momento: confortar meu marido.

Carregando uma xícara de café forte e sem açúcar, chego até o andar de Mateus. Sou informada por Sara que meu marido está na sala dele. Com dois toques, eu entro e o encontro sentado em sua cadeira enorme, digitando com agressividade em seu computador. Como previ, ele está irritado.

Caminho até o centro da sala, local a que não tinha voltado desde aquele fatídico dia estranho. Arranho a garganta, chamado a atenção dele. Não quero me iludir, mas quando seus olhos me encontram, seu rosto perde a expressão dura e relaxa minimamente.

— Acho que um pouco de café cairá bem.

Ele sorri, então me chama com a mão. Incapaz de conter meus pés, vou até ele. Dou a volta em toda mesa grande e paro do seu lado, estendendo-lhe a xícara, que ele aceita.

— Obrigado. — Ele bebe um pouco e logo coloca a caneca na mesa.

— Não foi nada. Você não se alimentou — atiro nele e começo a me afastar, mas não tenho tempo de dar nem passo, pois logo sou puxada e caio desajeitada no colo de Mateus.

Eu solto um grito, de nervosismo e surpresa, então tento me levantar.

— Não, docinho — ele pede, cruzando seus braços em minha cintura e abraçando-me forte. — Apenas fique aqui em meu colo. — Sua voz sai exausta e rouca.

Sem saber como negar, apenas concordo com a cabeça.

— A reunião foi difícil? — pergunto, querendo que ele desabafe. Talvez eu possa retribuir sua gentileza de ontem que tinha me feito tão bem.

— Foi muito longa, os espanhóis estavam reticentes em fechar com a construtora a criação de um condomínio, mas, ao final, eu consegui convencê-los de que a *Classe A* é a única capaz de oferecer e construir o que eles querem.

— Que bom — digo, encarando seus olhos. Então, sem me conter, subo uma mão e acaricio suas sobrancelhas grossas. Corro meu dedo por seus pelos escuros diversas vezes, lenta e delicadamente.

— Não, que bom é *isso* que está fazendo — fala ele, deixando sua cabeça cair no encosto da cadeira.

— Então relaxe — digo.

Ele ofega alto. O clima de serenidade da sala dá lugar a uma atmosfera de intensidade. Então seus olhos passam de um azul claro para um pesado e escuro tom. Ele me analisa com cuidado e fascínio. Traz um dedo até meu rosto, desliza por minha bochecha, percorre meu nariz e contorna meus lábios.

— Então me ajude.

Franzo o cenho.

— Como?

— Assim!

Ele encaixa sua mão em meu pescoço, levando minha boca para a sua. Então beija-me, estreitando com força meus lábios nos seus. Agarro seu pescoço, e meu corpo delicado se funde com seu corpo musculoso. A atrevida língua do meu marido entra e sai

da minha boca em forma ritmada, mostrando-me exatamente suas intenções. Ele devora minha boca, mordendo e sugando minha língua, enquanto sinto sua ereção rígida contra minhas pernas.

— Ahhhh… — chio quando ele solta meus lábios.

— Eu te quero. Me diga que sente a mesma necessidade.

Como resposta, apenas me remexo inquieta em sua ereção dura. Minha boceta lateja por causa do atrito das nossas carnes, mesmo cobertas.

Então Mateus desce seu largo dedo em mim e toca-me com o polegar, passando por minhas coxas, que a saia deixou um pouco mais expostas. Ele explora a minha pele ali, o toque de fogo faz um sentimento primitivo se apoderar do meu corpo. Suavemente, encaixa seus dedos na dobra da minha saia, levantando-a até minha cintura, deixando-me somente com uma calcinha de renda azul.

— Ainda está muito dolorida? — questiona ele.

— Nesse momento, estou queimando.

— Então eu serei seu bombeiro, aplacarei esse fogo com minha mangueira.

Com pressa, encaixa seus dedos grossos na alça da minha calcinha, e ela se desfaz com um único puxão. Ele volta a me acariciar, passeando um dedo por minha abertura exibida e úmida. Com suavidade, deixa seu indicador adentrar parcialmente em minha entrada, fazendo-me gemer profundamente. Suas carícias são mágicas. A sensualidade é uma arte para Mateus, e ele a domina bem, muito bem…

O ar de luxúria provoca uma palpitação no recanto mais profundo do meu ser, um doce e irracional desejo arrasa por completo minha razão, enlouquecendo-me.

— Tão molhada e pronta para mim — diz, então se curva para deixar uma mordida em meu colo.

— Sim…

Agarrando-me pelos quadris, coloca-me sentada sobre a mesa. Minha bunda desnuda toca diversos papéis. Grito quando ele abre minhas pernas e coloca meus pés em cada braço de sua cadeira. Então abaixa o rosto e aproxima-se de minha barriga com sua boca ardente. Ele começa a salpicar úmidos beijos por toda a extensão e desce ainda mais sua cabeça.

— Ai senhor! — digo, quando a percepção do que ele vai fazer chega à minha

mente.

— Isso, vou matar minha fome. Me alimente.

Devagar, com suavidade, continua seu caminho até chegar à minha intimidade. Sopra de leve e, com os dedos, abre minhas dobras. Como fogo, sua língua oscilante e enlouquecedora provoca em mim um prazer absoluto e me enche de um desejo puro e descontrolado que quase me leva a suplicar por seu pau.

— Sua boceta está em labaredas. Tão quente, acho que me queimará a qualquer momento — diz. Sua língua macia e úmida continua sobre minha terna pele e a corrente de prazer que me atravessa me faz gemer em voz alta, louca e possuída. Completamente possuída.

— Céus! Ahhh…

Agarro-me aos seus poderosos ombros, enquanto a boca do meu marido conhece minha intimidade. Quando ele começa a sugar, meu coração dispara e experimento uma sensação intensa, terrivelmente violenta, meu sangue arde em minhas veias. Volto a gemer, descontrolada. Mateus profere um grunhido de aprovação:

— Extraordinariamente deliciosa! — grita, sua voz soando satisfeita.

Ofego, ele ainda saboreia o pulsar acelerado e enlouquecedor de minha intimidade.

— Por favor… — suplico, incerta do que exatamente estou pedindo. — Tome meu corpo novamente.

— Vou agradá-la, querida, prometo.

Ele aperta sua cabeça com mais força entre minhas coxas, sua barba me arranha pelo caminho, deixando mais intensas as sensações.

— Ahhh… — grito, e meus quadris começam a tremer freneticamente.

— Agora é a vez do meu pau ser incendiado.

Com rapidez, ele se desfaz do terno, jogando-o no chão. Desabotoa os punhos de sua camisa e levanta as mangas até o cotovelo. Com mais pressa, ele abre a calça, desce o zíper, levanta-se um pouco e desce a peça até os joelhos. Abaixa a cueca *boxer*, seu membro grande salta forte entre as coxas grossas. Uma parte de mim pergunta-se como isso tudo coube dentro de mim ontem sem me partir ao meio, pois Ave-Maria, Jesus e José, sendo bem sincera e usando um objeto de comparação que todos conhecem, não estou exagerado ao falar que parece um cano PVC de 100. A ponta rosa está molhada,

uma gota desce e corre pelo comprimento. Minha boca saliva, e meu centro pulsa.

Fico cravada na mesa, enquanto Mateus, com toda naturalidade, acomoda-se melhor em sua cadeira. Logo olha-me, com as íris iluminadas por uma ardente sensualidade. A cena, tão decadente, tão pecaminosa, fascina-me.

— Vai ser rápido, docinho, mas tão satisfatório que gritará ao alcançar novamente o gozo. — Sua voz está irreconhecível. Ele encaixa suas mãos em meu quadril. — Agora, venha, sente-se em mim, de pernas abertas. Cavalgue e monte o meu pau como se fosse uma amazona.

Ele me faz sentar em seu membro ereto. Cada centímetro que entra em minha carne quente, úmida e escorregadia faz meu coração saltar até a garganta. Mas nem mesmo esse nó é capaz de impedir meu grito quando o sinto todo dentro de mim.

— Isso, Isabella. Agora mova-se, quique e rebole em mim — sussurra ele e, guiando-me habilmente, penetra-me devagar com seu rígido membro masculino. Ele começa a mover-se, sempre com as mãos em minhas nádegas, incentivando-me, mostrando-me como se faz.

Logo estou movendo-me sozinha, em um ritmo frenético, sentindo-o ir cada vez mais fundo. Arranco gemidos sofridos dele e sinto palpitações por todo o meu corpo.

Mateus toma meus lábios com a mesma intensidade que soca dentro da minha intimidade. Ele enfia sua língua em minha boca, mordisca meus lábios um pouco, fazendo-me gemer com sua respiração quente. Sua boca cai em meu pescoço, mordendo e chupando a pele ali.

— Você é muito gostosa — ele sibila. — Eu quero morar em sua boceta quente e apertada. Mostre ao meu pau como você pode sugá-lo e tirar até a última gota da minha porra.

O prazer apodera-se de mim, arrebatador, pleno e intenso, quebrando meu interior em cheio. Uma sensação maravilhosa se espalha por todo meu corpo. Ele enrijece ainda mais dentro de mim e, com um grito capaz de tremer uma parede, sinto-o alagar-me. Deixo meu corpo cair em seus músculos suados.

Totalmente satisfeita.



Capítulo 30

Mateus

Quase dois meses de casado e muito sexo.

Mas também de mudanças em meus hábitos. Antes minhas noites eram para curtir as baladas, e nunca ficava em casa. Agora, todas as vezes que saio da construtora, já estou acompanhando por Isabella. Somos o casal apaixonado que todos queriam ver. Quando chegamos em casa, sempre dividimos o banheiro em um banho quente que nos prepara para o quanto rolar em nossa cama depois do jantar.

Durante essa refeição, nunca parece suficiente o que conversamos antes ou no dia anterior. Sempre temos assunto e falamos sobre tudo. Como foi o nosso dia, como ela está se saindo na construtora. Tenho prazer em compartilhar com ela cada negócio fechado e projeto que a ser iniciado, pois, surpreendentemente, ela tem bons conselhos para me dar e, quando eu os sigo, sempre sou elogiado pelos donos das obras por pensar em uma solução rápida. Claro que eu dou os devidos méritos à minha mulher, que sempre fica inibida com as honras. E são nesses momentos, quando ela fica envergonhada, que a incito a falar sobre seu trabalho, pois gosto de ouvir como ela está se apaixonando cada dia mais pelo seu cargo. Também fiquei orgulhoso quando me encontrei com Alfredo e o ele disse que ela é um excelente profissional, aprende rápido e está até mesmo surpreendendo-o. Ele falou que, diferente de Eduardo, ela é inteligente e adequada para o setor. Mas isso eu sempre soube. Meu primo tem o cargo que ocupava por ser da família e não por merecimento. Talvez agora eu consiga despachá-lo para longe dali, já que é um completo imprestável. Provavelmente deixaria todo o departamento com Isabella e promoveria Alfredo como eu sempre quis, já que ele sempre foi digno de um cargo melhor.

Durante essas semanas, visitamos e recebemos visitas da minha família e da dela. Descobri que mamãe e minha sogra se tornaram amigas e que até mesmo meu pai apoia essa amizade. Claro, tudo por conta do garoto esperto que acompanha a mãe em cada oportunidade quando as duas românticas senhoras estão juntas. Julinho laçou e arrematou o velho Ávila, tanto que ele fez alusão a um neto, dizendo que nossa família estava necessitando de uma criança. Claro que afastei de imediato essa sugestão. Eu não tinha a menor condição de ser pai. E o mais rápido possível, sugeri que minha esposa fizesse uso de um meio contraceptivo.

Sacudo minha cabeça para ideia absurda de papai e volto minha atenção para o

contrato que está diante de mim. Faz mais de duas horas que eu tento analisá-lo, mas minha mente teima em voltar para as semanas que passaram e como eu estou feliz com algo que jamais quis em minha vida.

Um casamento. Uma esposa.

Talvez tivéssemos nos tornado amigos. Aliados. Unidos por um único objetivo de fazer nosso casamento falso não ser tão desagradável. De alguma forma, depois da nossa trégua, as coisas mudaram. Isabella não é mais tão insuportável. Continua com a língua afiada, mas o que me irritava antes, agora me faz rir e gosto de arrancar risadas através de brincadeiras que eu aprendi a fazer com ela. Sempre que tenho oportunidade, eu tento deixá-la feliz, longe de qualquer coisa que a abale.

Curiosamente, eu estou mais carinhoso e gentil. Sempre ando de mãos dadas com ela, beijar sua testa ou lábios parece normal e muito natural quando eu o faço, mesmo que nem sempre tenha um público para que encenemos.

Hoje, eu queria poder levá-la para jantar fora, queria surpreendê-la com uma noite leve e diferente. Só nós dois e depois voltaríamos para casa e eu perguntaria o que ela queria. E como seu escravo fiel, faria de tudo para realizar seus desejos,

Mas meus planos desandaram, pois hoje à noite temos que comparecer à inauguração de um hotel que a construtora foi responsável pelas obras. Ossos do ofício do presidente.

Dois toques em minha porta tiram-me dos meus pensamentos. Quando a porta se abre, tenho certeza de que a expressão em meu rosto passa de pensativa para irritada. Não é para menos, pois Eduardo entra todo pretencioso em minha sala.

— Boa tarde, primo — cumprimenta, então senta-se na cadeira em frente à minha mesa, cruzando as pernas e olhando-me, arrogante.

— Algo importante? — pergunto, em um tanto rude.

— Preciso da sua assinatura em alguns documentos autorizando a compra de materiais para as casas populares.

— Não precisava vir até aqui, poderia ter deixado com Sara — sibilo para ele. — Mas já que está aqui, os materiais são para quê? Pelo que me recordo, tudo já havia sido comprado.

— Houve um erro no primeiro levantamento. — Ele me estende a pasta. A contragosto, recebo. — Graças à sua preciosa e protegida esposa, que passou a conduzir o

projeto com Alfredo, o equívoco foi notado. Caso contrário, o atraso das obras prejudicaria a entrega e a venda das moradias.

— Então o erro anterior foi seu. Foi você quem fez a catalogação desses materiais. Você quem conduziu o projeto desde o início — acuso-o. — E se é minha esposa quem está à frente de agora em diante, por que não foi ela quem trouxe as solicitações?

— Eu sei que erro foi meu, admito. Tanto que abandonei essa obra e a cedi para alguém mais competente. — Sua voz falha, então ele engole em seco. — Se eu estou fazendo esse favor a Isa, é porque ela está ocupada. E como já disse, essas compras são de total urgência, não quero que a *Classe A* seja prejudicada. Poderemos perder a parceria do Estado e até mesmos alguns clientes que não conseguiríamos captar para construir os comércios ao redor.

— Então está entregue. — Sacudo a pasta em minha mão. — Antes do final do expediente, eu devolvo assinado para minha esposa.

— Por que não assina agora? — Descruza as pernas. — Acha que estou mentindo em relação à urgência? Se não acredita em mim, confie em sua esposa, veja que a própria já assinou como solicitante. Não me diga que toda a correria que estamos tendo será em vão. Agora está em suas mãos o adiamento da entrega.

Abro a pasta e confiro os papéis. Neles tem uma listagem de materiais, preços e um gráfico de custos e direcionamento de cada item. Ao final de cada página, há a assinatura bonita de Isabella. Contudo, sendo o responsável pela palavra final nessa construtora, eu não poderia assinar algo sem realmente analisar todo o documento.

— Eu vou analisar, darei prioridade a isso. — E então, em um sinal nítido para expulsá-lo, olho para porta. — Agora, se me der licença, quero continuar o que estava fazendo quando você me atrapalhou.

Com uma cara nada agradável, Eduardo se levanta. Uma atitude muito diferente de suas habituais. Sempre que eu o expulso de minha sala, ele não aceita bem. Melhor, sempre que eu e meu primos nos esbarramos, algum tipo de discussão se desencadeia. Nunca nos demos bem, ele sempre quis se sobressair, mas eu sempre o deixo comendo poeira.

— Se assim deseja o poderoso chefão… — Suas palavras são ácidas. Então alcança a porta, mas antes de abri-la, ele se vira. — Eu fico surpreso que esteja casado, primo. Mais surpreso por ver como você e sua esposa estão se dando bem. Para um casamento forçado e apressado, diria que estão muito apaixonados. Então tenho um alerta:

o amor deixa as pessoas fracas. Dependentes e cegas. Espero que sua esposa não te decepcione. Não é nada bom para a imagem de um empresário ser derrotado em seu próprio espaço.

Então o maldito sai, batendo a porta e deixando-me ainda mais raivoso com sua visita. Porra! Não via a hora de comprovar de fato sua incompetência e chutar sua bunda para longe daqui.



Olho para todo o salão de festas do hotel. Está repleto de pessoas. Alguns empresários com suas esposas, jovens solteiras, mulheres caçadoras de homens ricos e jovens homens que estão ali só para aproveitar a bebida. Encaixo meus braços na cintura de Isabella e começo a andar com ela. A cada passo que damos, alguns *flashes* são disparados e muitos olhares são direcionados a nós. Todos têm curiosidade em nos verem juntos, pois, de alguma forma, a mídia nos elegeu como o casal do momento, então qualquer aparição nossa era como se fosse um grande acontecimento.

Se bem que não estou nada convicto de que as viradas de pescoço e os olhares de *raio-x* que os homens lançam quando passo com minha esposa diante deles seja de admiração pelo nosso casamento. Não, pelo contrário, aposto a minha fortuna que todos eles estão fascinados pela beleza da mulher ao meu lado. Aperto ainda mais minha mão na cintura dela para que eles percebam que ela pertence a mim e que, caso não parem de contemplar seu corpo, de alguma maneira, eles perderão a visão. Ou por conta de um murro meu, ou porque arrancarei seus olhos.

Eu sei que Isabella está linda. O rosto sem muita maquiagem, os cabelos soltos caindo livremente em seus ombros. O vestido vinho está apertado e abraçando todo seu corpo. Sua bunda até mesmo parece maior, fazendo minhas mãos coçarem para apertar a carne arrebitada. O decote deixa à mostra um pouco de seus seios, os belos montes que cabiam perfeitamente dentro da minha palma.

Minha esposa está me despertando sensações discordantes. Minha mente está inteiramente envolvida com sua pessoa. Mal consigo conceder atenção à outra coisa. A

visão que tenho dela me faz sentir algo quente dentro de meu corpo… Ela olha para mim, sorrindo, meu peito parece pequeno para meu coração, que pulsa descontroladamente. Uma vontade incontrolável de tê-la em meus braços rompe minha alma.

— Mateus Ávila — cumprimenta-me Thiago Pardo, o filho do proprietário do hotel, em um tom respeitoso, mas seu olhar está fixo na mulher ao meu lado. — Senhora Ávila — disse, inclinando-se ligeiramente para o lado de Isabella para cumprimentá-la com um beijo no dorso de sua mão.

Travo a mandíbula. Minha mulher aceita o cumprimento educadamente. Tenho a sensação de que o imbecil está demorando demasiadamente os lábios na mão dela.

Dou um passo para trás, isso faz Thiago soltar a mão de Isabella.

— Onde está seu pai? — pergunto duro, e o inconsequente jovem olha-me, altivo.

— O velho Pedro Prado deve estar confraternizando com outros convidados — fala, fazendo uma pausa, e volta a olhar para minha esposa, incomodando-me imensamente. — Isabella Ávila, já tinha conhecimento de seus encantos, mas devo assumir que as palavras e fotos que vi não fazem jus à sua verdadeira beleza. Você é perfeita. — Só falta alagar o chão com a baba.

Espero que ele, pelo menos, escorregue e quebre sua cara cínica.

— Fico grata por suas belas palavras — Isabella agradece gentilmente.

— Não disse nenhuma mentira. — Sorri com seu descaramento.

— Acho que minha esposa é ciente de sua beleza, pois faço questão de enaltecer tal fato em todas oportunidades em que estamos *juntos* — comento, um pouco rude. O jovem fecha a cara com dureza, deixando bem explícito seu desgosto. Com certeza, entendeu o que eu queria dizer com o termo *juntos*.

— Você é um homem sortudo.

— O maior deles — afirmo. — Agora, Thiago, eu e minha esposa precisamos conversar com o restante dos convidados — digo, arrogante, puxando levemente o braço de Isabella e enlaçando-o no meu.

Passamos um bom tempo cumprimentando os convidados até que avisam que o banquete será servido. Diferente da maioria dos outros eventos, em que os anfitriões apenas ofertam bebidas e alguns petiscos, esse oferece um jantar completo. O que eu imagino ser uma propaganda esperta do dono do hotel para divulgar a culinária do local.

Sento-me ao centro da mesa, e Isabella fica à minha esquerda. Para meu desagrado, Thiago senta-se bem em frente a ela. Os olhos cobiçosos nunca desviam de seu decote. Meu sangue esquenta, e eu praticamente atiro adagas com os olhos na direção dele.

O jantar começa a ser servido. A mesa está composta por quarenta convidados, tem todos os talheres e taças especialmente para esse tipo de evento. Uma bela decoraçã o de arranjos e lustres enormes cobrem nossas cabeças. Primeiramente, é servido uma entrada de pequenas porções de *ceviche* acompanhada de um vinho branco. Depois, salmão assado no papelote com manteiga e mini legumes, servido com vinho tinto. A sobremesa é uma espécie de montagem de creme e morangos.

Depois da refeição, contra minha vontade, tenho que deixar Isabella e ir conversar com o dono do hotel, pois, segundo ele, há alguns ajustes e melhorias que podem deixar o local mais clássico e mais bem aproveitado. Tenho que respirar fundos várias vezes antes de segui-lo. Antigamente, não me importava de conversar sobre negócios em um jantar de comemoração, eu só participava deles para ter essas oportunidades. Agora, uma parte de mim não quer perder esse tempo, pois tenho uma companhia que é bem mais agradável do que as conversas monótonas sobre mercados e investimentos.

A porra da conversa demora mais tempo do que eu quero e posso suportar. Então, com um sorriso, dispenso o homem e digo que ele pode passar na construtora depois para que eu analise melhor sua ideia. Volto rápido para onde deixei minha esposa, mas não estou preparado para o que meus olhos veem.

Isabella e Thiago juntos. Minha esposa sorri de algo que a babaca fala. Um belo sorriso que o infeliz retribui. Ela pega a taça de champagne e a leva os lábios, em um gesto totalmente sedutor. O galanteador de uma figa também leva a sua aos lábios. Assisto a isso tudo com um rebuliço em meu estômago.

Ciúmes!

Reconheço o sentimento um tanto chocado. Mesmo com toda emoção querendo aflorar em mim, continuo a observá-los com imparcialidade. Não posso deixar meus sentimentos brutos prevalecerem, não terei como explicar, se começar a esmurrar Thiago impiedosamente. Também temo ser capaz de matá-lo friamente por estar me afrontando.

Contudo não suporto mas a calmaria e deixo a tempestade quebrar dentro de mim, quando ele faz menção de pegar as mãos de Isabella e ela não aceita. Com passos longos e firmes, marcho até eles.

Quando chego, alcanço Isabella e encaixo meus braços, como ferro, em sua

cintura, trazendo seu corpo para mim. Não olho para Thiago, ignorando-o como ele merece.

— Docinho, já ficou tempo demais longe de mim — digo e beijo sua bochecha.

— Estive pensando o mesmo. — Ela ri e, com tranquilidade, passa seus braços pela minha cintura, deixando a cabeça quase deitada em meu peito.

— Acha que já podemos ir embora? — pergunto, mirando seus olhos em um tom de verde excepcional.

Ela assente com a cabeça.

— Só preciso ir até ao toalete antes.

— Eu a acompanho — ofereço.

— Não precisa, eu não me demoro. — Ela tenta sair, mas antes puxo seu corpo novamente até a mim e dou um selinho em sua boca.

Assim que ela está longe, o infeliz diz:

— Estava conversando com Isabella sobre seus dias na construtora.

Eu não sei o porquê, mas de alguma forma, as palavras de Thiago me doem, pois sinto como se eles estivessem compartilhando intimidades.

Não contenho minha raiva e me aproximo de forma quase assassina do homem. Ele é menor do que eu e fica em uma posição perfeita para que eu mostre toda minha brutalidade e masculinidade.

— Como tem coragem de tentar seduzir minha esposa diante de mim? — pergunto, em um rosnado, deixando o idiota com o rosto pálido e uma expressão de medo. — Por acaso, não tem medo da morte?

— Está me ameaçando? — Sua voz sai tremida. Covarde!

— Que bom que é inteligente. — Aproximo-me mais. — Nada me fará mais feliz do que quebrar sua cara de imbecil.

— Eu posso denunciá-lo. — Ele tenta soar firme, mas sua voz ainda continua baixa e fraca. — Mas desde quando você se importa com sua imagem? Sempre foi arrogante e teve uma péssima índole.

— Minha vida não lhe diz respeito — falo, quase cuspindo em seu rosto. — Assim como a companhia de minha esposa não é mais permitida para você. Ouse chegar perto

dela novamente, e lhe mostrarei minha personalidade duvidosa e o quanto posso ser perverso. Isso não é um aviso.

Meu peito infla, ficando mais largo e cheio. Minhas mãos fecham em punhos, sedentos para extravasar minha raiva.

Então me afasto dele quando vejo minha esposa voltar do banheiro. Fingindo que ele não é nem gente, agarro-a e tasco um beijo nela, duro e profundo. Minha língua acaricia a dela somente para arrancar um gemido seu.

— Acho que precisamos ir para nossa casa — ela diz, atordoada.

— Isso é música para meus ouvidos e um estimulante para meu pau. Não vejo a hora de estar todo dentro de você.

Mais que depressa, saio com ela.



Mal cruzamos a porta, pego Isabella no colo, colocando suas costas contra a madeira dura. Suas pernas cruzam meu quadril. Não espero nenhuma reação dela, apenas cubro sua boca com a minha.

Um beijo desesperado, cheio de choque de dentes e ofegos. Com as duas mãos, seguro firme sua cabeça, afundando mais forte minha língua dentro dela. Eu a tomo com raiva e fúria. O sentimento de ciúme corre por todo meu ser, mas uma onda quente explode entre nós, fazendo um calor invadir meu corpo como se fosse as lavas de um vulcão em erupção.

Acho que Isabella sente o mesmo desejo, pois ela passa seus braços pelo meu pescoço e segura, com suas mãos pequenas, os cabelos da minha nuca, puxando-me para ela com a mesma intensidade que a tenho para mim.

Isso me faz querer aprofundar mais o nosso contato. Invisto minha língua na dela, na mesma velocidade que passo a bombear entre suas pernas. Meu pau fica duro como

uma rocha.

Tesão e desejo.

De forma brusca, desço minha boca para seu colo. Mordo e chupo a pele ali, marcando-a como um adolescente para que, quem a visse, soubesse que ela tem um homem viril, dominador e a que possui por completo. Somente minha. É esse o sentimento que tenho agora por Isabella.

Ela é minha. Nenhum outro pode tê-la.

Afasto minha boca de seu colo.

— Você é minha, Isabella — rosno para que ela saiba a intensidade e veracidade de minhas palavras.

— Sim, sou sua — ela mia.

— Sua boceta é minha. — Resvalo novamente minha ponta grossa nela.

— Sim, é sua.

— Agora eu vou me afundar tanto nela que não encontrarei mais o caminho de volta. — Beijo seus lábios. — Sua boceta vai ser a moradia do meu pau *para sempre*.



Capítulo 31

Isabella

Espreguiço-me em minha cama, estou nua entre os lençóis revirados da nossa noite quente de ontem. Para minha surpresa, estou completamente descansada mesmo não sabendo a que horas adormeci. Tinha virado rotina dormir e acordar com sexo. Isso me faz perguntar onde está Mateus agora, já que ele sempre me acorda com um beijo entre as pernas e seu pau enfiando-se de mansinho dentro de mim.

Seus gestos sempre são carinhosos, mesmo quando ele enfia duro dentro de mim. E eu me dou a ele, em uma entrega que jamais imaginei fazer. São nesses momentos de intimidade que, em seus olhos, eu sempre vejo uma emoção de satisfação e alegria. Naqueles quase dois meses juntos, descobrimos e encontramos um no outro o sentimento da felicidade.

Mas eu tenho que admitir para mim mesma que os meus sentimentos são bem intensos e profundos.

Eu o amo.

Amo-o por completo. Cada parte dele, as boas e as ruins. Mateus mudou muito desde que o conheci. Eu não vejo mais sua natureza rude e selvagem. Muito devagar, ele deixou-me ver seu lado gentil, afetuoso e bondoso. Sem que eu notasse, formamos uma família, juntando a minha e a sua em um grupo em que todos estão unidos. Cheia de apoio, carinho, sem negligência e dor.

Não sei onde e nem quando o meu amor por ele nasceu. Quem sabe foi a cada sorriso verdadeiro e risada fácil que ele dá. Talvez no dia em que ele protegeu e cuidou de minha mãe e meu irmão. Ou cada ato carinhoso que ele dedica a Eva, ou a forma minuciosa com que ele trata Julinho. O modo que tomou para si a responsabilidade de cuidar dos dois, não permitindo que saíssem do seu apartamento mesmo quando eu já podia pagar algo para eles. A maneira como discutiu comigo e colocou todos os prós e contras, convencendo-me de que era o melhor a fazer, e tão rapidamente aceitei, pois, dentro de mim, eu sei que suas ações são verdadeiras.

Provavelmente foi no dia da tempestade. Foi ali que percebi que poderia confiar nele, pois Mateus me mostrou um lado diferente, cuidou de mim, consolou-me, chutou meus medos para longe e deixou-me segura. Tão segura que me fez querer estar em seus braços, entregando-me de corpo e alma para ele. E Mateus me tomou para si, de uma

forma sexy e quente, mas amável. Nunca senti meu coração acelerar tanto como naquela noite. Nunca fui tão preenchida de afeição e paixão, e isso me fez desejá-lo e querer passar o resto dos meus dias ao lado dele.

Mas o contrato é de apenas um ano… Uma voz soa dentro de mim.

Sacudo a cabeça, querendo impedir que esses pensamentos me tomem. Ainda faltavam oito meses, eu sei que é otimista demais esperar que o mesmo sentimento nasça dentro dele, mas eu posso tentar, não é? Despertar nele o amor que eu já sei que ele é capaz de receber e dar.

Escuto o som do chuveiro e me levanto mais depressa. Nua mesmo, vou até o banheiro, vendo sobre a pia a máquina e os produtos que meu marido usa quando está aparando sua barba. Olho para o box, já um pouco embaçado, e vejo Mateus de costas. Só essa visão já causa um calor e um pulsar entre minhas coxas. Os bicos dos meus seios ficam imediatamente rígidos. Não penso muito e caminho até a porta, abrindo-a e fazendo barulho suficiente para o belo homem se virar e me enxergar ali.

— Não ia me esperar para o banho? — pergunto, minha voz saindo em um tom desejoso.

— Fiquei muito tentado, mas você dormia tão serenamente que fiquei com dó de acordá-la. — Ele sorri e meu peito se quebra de amor por ele. — Mas já que acordou, venha até aqui.

Aproveito para admirar seus traços perfeitos, molhados e escorregadios. Eu nunca me cansaria de seu corpo. Ele percebe meu olhar minucioso e, em questão de segundos, Mateus já ostenta uma ereção. Seu pau tão duro e curvado para cima. Nesse momento, percebo que nunca tive a oportunidade de tê-lo entre meus lábios, eu nunca senti vontade antes, e ele não exigiu. Mas não sou tola, sei o quanto os homens anseiam por isso.

Não tenho, porém, tempo de expandir meus pensamentos, pois sinto meu corpo ser puxado para debaixo dos jatos fortes de água. Quando a boca de Mateus entra em contato com a pele do meu pescoço, fico sem fôlego. O beijo é leve, mas eu não consigo dominar a onda de paixão que me invade por inteiro. Quando meu marido morde meu queixo e minha orelha, tenho vontade de gritar, mas ele cessa sua tortura e, em seguida, leva as mãos aos meus cabelos, deixando minha cabeça à mercê dos seus movimentos.

Seus lábios cobrem os meus, duros e com fome. Sua língua entra e sai da minha boca com muita urgência. Enfio minhas unhas na pele das suas costas molhadas. Ele deixa escapar um grunhido gutural. Abandono suas costas e, para corresponder sua intensidade,

com uma mão, seguro em seus cabelos. Com a outra, percorro todo seu corpo. Provando e instigando-o.

Ele me acaricia o cabelo, afundando os dedos nele. Então deixa minha cabeça, escorregando a palma em minha pele. Com delicadeza, sua mão desce até os meus mamilos, em toques perversos e excitantes. Meus seios se elevam para ele, suplicando por carícias. Minha pele sensível queima, mas me afasto, deixando-o atordoado. Decido que, nesse momento, serei eu quem tomará o controle. Quero conhecê-lo melhor, descobrir todos seus gostos e agradá-lo. Ajoelho-me diante dele, ficando frente a frente com seu membro ereto.

— Isabella…

— Fique quieto — peço e, antes que a coragem me deixe, pego seu pau em minhas mãos. — Eu quero senti-lo, conhecer o seu sabor, eu o quero em minha boca.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Vejo preocupação em seus olhos, mas no fundo é fácil notar que há um fogo diferente. — Não precisa fazer isso se não tiver vontade — diz, sereno.

— Eu quero fazer. Sinto-me preparada e tenho desejado isso já tem algumas noites.

— Então o tome, docinho. Tenha-me em sua boca. Prove-me e me faça delirar.

Com avidez, pego a coluna de veias grossas com a mão, sentido a textura macia e dura ao mesmo tempo. A água escorre forte como cachoeira. Mateus percebe e diminui os jatos.

— Me diga o que preciso fazer — exijo.

Ele ofega. Seu pau vibra e se contrai em minhas mãos. Um desejo intenso me domina por saber que causo essas sensações nele. Tímida e tomada pelo instinto, movimento minhas mãos pequenas em todo seu comprimento e não consigo o comportar bem em minha palma.

— Isso, Isabella — ele rosna. — Só aumente um pouco mais a pressão. Aperte-o, sem medo e piedade.

Não me faço de tímida e começo a subir e descer a mão em todo seu comprimento, acariciando-o com voracidade. Mateus se contorce e geme rouco. Olho para a ponta vermelha, e minha boca se enche de água.

Com o coração aos pulos e a boceta pulsando forte, desço minha boca em seu pau,

pegando-o de surpresa. Ele geme alto. A princípio, apenas aperto meus lábios na cabeça em formato de cogumelo, sentindo e bebendo de um líquido salgado que não faço ideia do que seja, mas que tem um gosto marcante e saboroso.

— Lamba até ponta e então o enfie o máximo que conseguir em sua boca — diz, indicando-me o que tenho que fazer.

Gemo com a boca cheia. Então desço com fome por quase toda sua extensão, para depois voltar até a ponta. Com a língua, começo a lamber todo o músculo grosso e grande.

— Jesus! — ele sibila, e suas pernas tremem.

Algo quente, inflamável, espesso, viscoso, doce-salgado é jorrado em minha boca. O mesmo sabor do líquido anterior, só que muito mais acentuado. Mateus está quase convulsionando, de olhos bem fechados, respira com dificuldade, mas sorri muito… Encontro-me presa em mesmas sensações.

Ele me puxa para cima, em um movimento desesperado. Passa seus braços em minha cintura e me levanta sem esforço, assim cruzo minhas pernas em seu quadril. Com três passos, cola minhas costas na parede oposta. Ele aperta os dentes em meu ombro, uma mordida forte que, com certeza, deixará uma marca, mas o gesto é completamente pecaminoso. Isso faz uma sensação dolorosamente doce me atingir, arqueio os quadris, encaixando-me melhor em seu membro. Meu coração chega a parar. Mateus prende seus olhos em mim, fitando-me tão profundamente. Então me penetra com sofreguidão.

— Céus!

Meu sussurro entrecortado soa admirado. Ele tira todo seu membro de mim e, quando volta a empurrar, seu movimento é firme e intenso em meu interior quente e acolhedor.

— Sim… isso… meu amor. Entregue sua boceta para mim. Deixe-me sentir seu prazer — grita ele.

— Ahhh… — grito com a voz rouca, louca, desesperada.

— Sugue meu pau — diz e, com delicadeza, começa a mover-se devagar em meu interior, enchendo-me com sua ternura. Fecho os olhos quando o fogo que sinto entre as minhas coxas começa a arder com mais intensidade. Deixo minha cabeça cair em seu ombro, mordendo-o ali, gritando e gozando.

— Oh, Deus!

— Ainda não terminei — ele avisa.

Então sua mão desce onde nossos corpos se conectam. Seu dedo começa a acariciar o pequeno botão ali exposto. O pequeno monte vibra e pulsa entre os dedos do homem experiente. Agarro-me aos seus ombros, e começo a negar silenciosamente a outra onda que se inicia dentro de mim.

— Não, eu não…

— Sim, você pode. Você vai gozar mais uma vez e quantas vezes eu quiser.

Antes que suas palavras façam sentido em minha mente, ele tira seu pau e volta a entrar com dureza e em golpes rápidos. O som dos nossos corpos se chocando ecoa no banheiro. Sinto ondas passarem pelo meu corpo… Ergo meu quadril, convidando-o a me possuir.

Ele inclina minha cabeça para o lado para beijar-me forte, bebendo como consegue toda a minha paixão e meus gritos. Sua boca me assalta com a língua sedosa, imitando o impulso de seu membro entre minhas pernas… A cada movimentação lá embaixo, sua língua acaricia a minha.

Um desejo ardente invade meu ser, passo a cavalgar, instintivamente, entrando em seu ritmo.

Ele prossegue seu desumano assalto, com seu pau investindo e roubando da minha boceta um gozo alucinado…

— Grite, me deixe saber que sei foder você. Gema por mim, seu homem.

E eu grito a plenos pulmões:

— Mateus …

— Ah… — grita, rouco.

Sinto-o alagando-me com um líquido de ardente desejo. Algo que me queima e provoca arrepios em minha sensível boceta…

Fecho os olhos e deixo a paixão incendiar todo o meu corpo.



Analiso mais uma vez a planilha de gastos e receitas do projeto de casas populares. Hoje terá uma reunião de apresentação para o presidente e alguns diretores executivos da *Classe A*, na qual eu terei que demonstrar quais os verdadeiros custos da construtora com o projeto, em que fase das obras estávamos e quando poderemos entregar as moradias.

Mas, possivelmente, o prazo inicial não será cumprido, pois, por erro do Eduardo, que estava liderando o projeto antes de eu tomar a frente dele, alguns materiais e mãos-de-obra não foram suficientes. Um erro grave que poderia até mesmo manchar o prestígio da *Classe A* para alguns clientes, pois, por mais que seja comum atrasar obras, essa pode ser a primeira vez que não conseguiremos executar uma construção.

E eu sei como esse fato é de extrema importância, pois os reais ganhos seriam quando os donos de comércios procurassem a construtora para erguer os estabelecimentos ao redor. Não poderíamos perder essa chance de negócio, por isso eu me apressei o máximo que pude e me dediquei ao extremo somente a esse projeto.

Como conselheiro, tive o inteligente e sábio Alfredo. O homem é um verdadeiro especialista na área financeira. Tudo que ele me ensinou, eu coloco em prática e tenho certeza de que eu fiz a coisa certa. Ele também me orientou a assinar tudo e, principalmente, arquivar comigo uma cópia de cada solicitação de compras ou efetivos. Segundo ele, ao final da obra, eu terei tudo organizado e, como é uma papelada importante, é sempre bom ter comigo em caso de perda de arquivos. Então sempre que requeiro algo, escaneio e guardo em meu computador.

Para minha surpresa, eu sempre conto com ajuda de Eduardo para que ele busque a assinatura de Mateus para mim. O homem que me recebeu de forma hostil e até mesmo tentou uma aproximação um tanto que suspeita, virou um ótimo colega, trabalhando sempre em equipe e fazendo até mais do que sempre fez. Isso até mesmo chocou Alfredo, que nunca o viu tão empenhando.

De qualquer forma, eu agradeço por sua mudança. Assim ele não implicará mais com o primo e comigo. Que bom que as pessoas mudam, né? Acesso a pasta em minha

máquina e faço a impressão das últimas solicitações. Julgo que talvez seja importante apresentá-la hoje, para explicar o porquê da demora e do possível atraso.

Em posse de toda documentação, saio para a sala de reuniões. Minha barriga parece que está no polo norte de tanto frio que sinto. Será minha primeira reunião.

Entro no recinto. O primeiro que vejo é Mateus, que ocupa o topo da mesa. Usa um terno escuro e feito sobre medida. Ele tem nos lábios um sorriso e nos olhos, um brilho, mas não é isso que me chama atenção, longe disso. O que prende minha concentração é sua gravata vermelha, pois a peça me traz recordações da manhã quente que tivemos quando me ofereci para ajustá-la em seu pescoço. Meu marido tinha me feito ver estrelas e chegar ao gozo em nosso *closet*, tão rápido e intensamente que pensei que não teria pernas para vir ao trabalho hoje.

Ele percebe para onde estou olhando, então, para ser perverso, característica que tinha recém-descoberto nele, ajusta a gravata, dedica-me um olhar que molha minha calcinha imediatamente.

Agora me diga como vou apresentar os resultados, já que ficarei ao seu lado?

Respiro fundo, tentando evitar que meu desejo tome a frente. Talvez, quando isso acabar, poderei dar vasão a ele. Parecendo confiante e dona de mim, caminho firme até o meu lugar. Sento-me e dedico um sorriso ao meu marido, que pega minha mão e aperta forte, dando-me segurança e um apoio mudo, pois ele sabe que estou nervosa, tanto que passou o caminho de casa até aqui, pela manhã, escutando-me.

O projetor é ligado, expondo inicialmente fotos da obra, de como estão ficando as casas. Isso é feito por Eduardo que, novamente, quis dividir o trabalho. Sua apresentação é sucinta e rápida, e logo chega a minha vez. Levanto-me e vou até a frente da mesa, ficando sob os olhos questionadores de um monte de diretores.

Todos abrem as pastas que estão disponibilizada à sua frente e pegam as planilhas para acompanhar melhor minha explicação. Começo a expor primeiramente os custos iniciais e como eles foram investidos. Depois, passo para a explicação das perdas de receita que teríamos se o atraso fosse de fato concretizado.

— Isso é um absurdo — um velho gordo e de bigode fala, interrompendo minha apresentação.

— A que se refere, Samuel Castro? — Mateus pergunta, um tanto ríspido pela intromissão do homem, já que todos pareciam concentrados.

— Essa planilha não está batendo. A quantidade de insumos é muito alta para um projeto que já está em prazo final de conclusão. Eu, como diretor de planejamento, vejo claramente que alguém está superfaturando os materiais.

— Como? — meu marido pergunta, abrindo pela primeira vez sua pasta. Retira dela os papéis e olha para eles.

Vejo quando seus olhos arregalam, e a expressão endurece.

— Alguém muito ignorante está tentando roubar a construtora — o velho dita, e seus olhos viram diretamente para mim, assim como os dos demais presentes. Há acusação em todos eles.

Meu mundo começar a girar. Sinto uma tontura e vontade repentina de sair correndo para o banheiro mais próximo e jogar no vaso todo o meu almoço, mas minhas pernas sequer obedecem.

Giro meu olhar para todos, parando em Eduardo. Ele sorri, sacana, para mim. Então dita, sua voz tem um tom denunciante:

— Como diretora e comandante desse projeto, o que tem a nos dizer sobre isso, Isabella?



Capítulo 32

Mateus

Um burburinho toma conta de toda a sala, enquanto analiso os documentos dentro da pasta. Olhando-os assim, realmente, tem uma grande discrepância entre a quantidade e valores. É como se um saco de cimento estivesse superestimado e custasse mil reais. Pior, a planilha parece superfaturada até mesmo no valor total. De duas, uma: ou alguém está realmente tentando burlar as regras e criar um caixa dois, ou, a planilha tinha sido formatada de forma errada.

Mas, em meus anos como empresário e presidente da construtora, tinha experiência para com certeza afirmar que isso era um assalto ao caixa da empresa e colocava a *Classe A* em suspeita por atividade ilegal. Trinco os dentes, pois não acredito que deixei esse erro passar despercebido. Um lapso que não se espera de um grande e carrasco homem do mundo dos negócios.

Encaro todos os diretores e posso ver, em seus olhos, que eles estão esperando uma atitude ou posicionamento implacável. Contudo eu controlo minha expressão e a mantenho neutra, pois, para tal conduta, preciso primeiro apurar todas as informações e ter as provas para incriminar o verdadeiro culpado.

Mas, ao contrário de mim, os executivos já tinham elegido uma criminosa: Isabella, que tem o rosto pálido, o corpo balançando em um tremor e os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Tenho a impressão de que ela vai cair no chão a qualquer momento. Seu nervosismo a toma por completo, mas eu não vejo culpabilidade nela, mesmo que todos os indícios a apontem como responsável por esse roubo. Algo em mim se negava a acreditar que ela cometeria tal atitude.

— Eu não estou roubando a empresa. — Ela pisca, impedindo que as lágrimas desçam. — Eu tenho um bom caráter.

— Mas pode ser ambiciosa… — Eduardo diz, como se fosse despretensioso, mas seu tom é de quem quer levantar mais suspeitas.

Minha esposa escuta isso e imediatamente se apoia na cadeira da frente, como se estivesse com dor. Isso me faz levantar rápido para ir em direção a ela. Em passos ligeiros e compridos, estou ao lado de Isabella, passando meus braços por sua cintura e puxando-a para meu colo protetor. Ela não se mexe. Permanece abalada, com o rosto branco e, agora que eu estou tocando-a, sei que está congelada.

— Isabella — sussurro para ela.

Ela apenas respira fundo. Seu corpo oscila levemente. Assim a faço virar para mim, quero que ela perceba que estou ao seu lado e irei descobrir o verdadeiro culpado. Isabella teve a oportunidade de arrancar uma grande fortuna de mim, mas não fez. Ela escolheu esse emprego como forma de pagamento por eu ter lhe proposto um casamento. Trabalho esse em que eu vejo sua dedicação diária e a forma como ela se apegou a ele. Ela não jogaria fora essa oportunidade.

— Não acredito que apoiará essa fraude. — Escuto alguém dizer, um tanto irritado.

— Não pode ser tendencioso só porque ela é sua esposa — outro se pronuncia.

— Essa não é atitude de um bom empresário. — A voz nojenta de Eduardo soa, provocativa. — Equanimidade é uma característica que se espera de um bom chefe. Como poderemos confiar que você tem capacidade de tomar boas decisões para a empresa, se você age conforme lhe convém e agrada.

— Peço que todos me ouçam com atenção — rosno com dureza para cada um. — Ninguém tem provas para incriminar alguém, assim como nem um aqui tem autoridade para apontar ou culpar qualquer um. É muito simples apontar o erro quando se está do outro lado ou não tem conhecimento total de um acontecido. Mas eu, como presidente dessa construtora, tenho autonomia para decidir o que será feito de agora em diante. Então ordeno que todos esperem minha decisão e que ninguém mais aponte um culpado sem os indícios. Deixem comigo, eu irei provar e farei o impossível para que o verdadeiro culpado seja punido da pior forma. — Aponto para a porta. — Agora saiam todos. A reunião está encerrada.

Quando a sala fica vazia, eu suspendo e pego minha esposa em meu colo. Ela fica em silêncio e com o corpo todo tremendo. Incapaz de vê-la sentido mais dor, começo a caminhar em direção à porta. O expediente acabou para nós dois. Eu preciso levá-la para casa, para o nosso porto seguro. O lugar onde podemos ser nós mesmo e no qual, com certeza, ela irá desabafar. O lugar onde eu farei de tudo para que ela se sinta bem, segura e animada novamente.

Passo pela porta da sala de reunião em direção ao elevador. Assim que Sara me ver, ela fica em estado de alerta imediatamente. De fato, o jeito que saio descontrolado e apressado dá a entender que Isabella está passando mal e precisa de atendimento médico. Apenas a tranquilizo e peço para que ela cancele os meus compromissos de hoje. Ela assente e ainda me ajuda a chamar o elevador privativo. Agora eu vejo como minha

assistente é solícita e bem discreta. Por mais que eu já tenha mudado algumas atitudes aqui no escritório, e agora toda vez que solicite algo eu peço por favor e quando qualquer coisa é entregue a mim ou resolvida eu digo obrigado, preciso admitir que ela merece mais reconhecimento.

A viagem até a garagem é rápida e silenciosa. Não forço mais nem um diálogo com Isabella, pois imagino que ela esteja perturbada. Um medo cresce dentro de mim, pois nunca é bom internalizarmos qualquer sentimento ou angústia.

Xingo-me mentalmente quando recordo que hoje viemos de carro próprio, porque dispensei Alberto para que nós tivéssemos um momento festivo no carro. Ela veio o caminho todo cantando, dançando e contagiando o interior de minha *Mercedes* com sorrisos. Se eu pudesse prever o que aconteceria hoje, teria ficado em casa ou apenas passeando com ela, a convenceria a perdermos o dia de trabalho.

Coloco-a no banco do carona, prendo seu cinto e vou para o lado do motorista, torcendo para que nem um engarrafamento surja em nosso caminho. Dirijo no limite do permitido e seguro para nossa integridade física. Em todo momento, olho para Isabella, que tem a cabeça encostada no vidro da janela e os olhos fechados. Vê-la assim, tão fragilizada, me deixa alterado. Minha mente fica um caos, meu estômago, tenso e meus olhos queimam de ira. Uma única concepção fica clara em minha mente: eu tenho que defendê-la.

Em menos de uma hora, cruzo as cancelas da garagem do prédio. Deixo o carro na vaga e desço rápido. Novamente, pego-a no colo e vou depressa para o elevador. Estou ansioso para chegar ao nosso quarto. Com muita agilidade, consigo digitar o código da cobertura.

Assim que coloco os pés na suíte, a cabeça de Isabella se afunda em meu peito e sinto uma umidade, devido às lágrimas que saem de maneira abundante. Seu corpo todo vibra, e eu a aperto mais. Beijo sua testa, querendo demonstrar, de alguma forma, que sempre estarei aqui para ela e que chegamos ao nosso porto seguro, que ela vai ficar bem, mesmo que precise investigar um por um os colaboradores até achar o culpado.

Deito delicadamente seu corpo na cama. Em seguida, começo a retirar seus sapatos de salto alto, deixando que eles caiam no chão de qualquer jeito. Logo subo e tiro seu vestido azul marinho, deixando-a com a *lingerie* preta, querendo que ela fique confortável. Ligeiro, tiro os meus sapatos e as meias, chutando-os para longe. Desabotoo o terno, a camisa, e dou o mesmo destino dos calçados. Desço a calça, ficando apenas de cueca

boxer. Deito-me nas costas de Isabella, passando meus braços por sua cintura e uma de minhas pernas por suas coxas, abraçando-a e confortando-a.

— Eu não roubei nada. — Sua voz sai rouca devido ao choro.

— Eu sei, eu sei.

— Eu não fiz aquelas planilhas, não eram aqueles valores — ela chia. — Eu tenho todas as cópias das solicitações que eu fiz.

Seu choro sai mais alto, em um tom triste e cheio de dor.

— Xiu! Eu estou aqui, docinho — murmuro, em seu ouvido. — Para você e por você. Estamos em nosso porto seguro e aqui ninguém poderá no atingir. Eu prometo que farei o impossível para que o verdadeiro culpado seja encontrado, pois eu ponho a mão no fogo por você, sei que é uma mulher direita e de caráter. Confio em você.

— Você confia em mim? — Sua pergunta sai tão baixa, como se não acreditasse que realmente creio em sua inocência.

— Confio — respondo sem pestanejar.

Sua voz sai em um simples sussurro:

— Obrigada.

— Eu estou com você. Vamos superar isso juntos. Eu prometo.

Beijo seu pescoço, do ombro à sua orelha. Isabella aceita minhas carícias, curvando seu corpo na direção no meu. Já não chora e nem tremula muito. Ela encontra minha mão e a pega, encaixando nossos dedos. Com nossas mãos unidas, leva-as até próximo do seu coração. E ali, eu sinto seus batimentos tornando-se calmos e lentos, até que seu corpo fica leve e ela cai em um sono profundo.



Olho para seu corpo pequeno na imensa cama. Isabella está dormindo desde que

chegamos. Seus cabelos estão jogados nos lençóis brancos e seu rosto está tão sereno que nem parece que sofreu e chorou muito antes de adormecer.

Deito-me aos seus pés. Tão calmo e silencioso, sem querer acordá-la. A preocupação está acabando com os meus nervos. Não estou habituado a me importar com alguém. É a primeira vez que passo por isso. Eu telefonei para construtora, procurando saber como tudo ficou depois que saímos, e as notícias não foram nada animadoras. Os diretores continuam irredutíveis, querendo que o conselho puna Isabella de uma forma ou de outra. Pelas minhas costas, até mesmo organizaram uma assembleia para segunda, antes mesmo da auditoria ser iniciada. Eu gritei e xinguei quando Alfredo me informou tamanha insanidade. Eu queria ir até a empresa, impedir que tal motim fosse feito, mas o velho me fez ver uma solução, uma oportunidade de provar a todos de uma vez por todas que Isabella não é culpada. Assim como eu, ele acredita cegamente em minha esposa. Já até mesmo reuniu todas as cópias que ela tem, assegurando-me que tinha deixado tudo em minha sala e as enviado, escaneadas, para meu *e-mail.* Também garantiu que ele mesmo tomaria a frente da investigação.

Eu não pude concordar mais, pois sei da competência dele. Estou ciente de que, além de provar a inocência da minha mulher, ele já me entregará de bandeja a pessoa que eu irei destruir.

Isabella se remexe um pouco, tirando-me de meus pensamentos vingativos. Olho-a com atenção, pronto para abraçá-la e confortá-la, se ela precisar, porém ela não desperta. Apenas resmunga algo e então franze a testa em uma careta. Seus braços começam a buscar algo ou alguém na cama. Quando ela pega meu travesseiro, imediatamente o abraça e se aconchega a ele.

Parece estranho, mas tal gesto me faz abrir um sorriso. Gosto de descobrir que, mesmo em seu sono, Isabella me procura. Como sua rocha, a pessoa em que ela confia e depende para se sentir bem.

Sentir, confiar… e *amar*.

É nesse momento que uma luz se acende em minha cabeça, ao mesmo tempo em que uma profusão quente atinge meu coração. Eu estou apaixonado pela minha esposa.

Sei que é complicado explicar o que te faz perceber que está amando.

Amando uma pessoa que você jamais imaginou sequer estar perto.

Porém, uma coisa é clara: o amor começa aos poucos, como sensações e emoções

que lentamente nos alcançam.

Primeiro, a pessoa nos faz se sentir bem. Tudo que Isabella e sua família fazem comigo. Eu nunca me senti tão feliz como estou agora. Desfrutando de momentos simples que jamais me vi desejando.

Segundo, a confiança, que é uma intimidade que surge com a vivência e é construída no dia-a-dia. É quando temos medo de nos machucar, mas, aos poucos, aprendemos a acreditar nos outros e em nós mesmo. Assim, a vida passa a ser mais leve e ficamos com menos medo de assumir riscos.

E por fim, amar.

Amar é quando encontramos alguém e ele faz nosso coração parar de funcionar por alguns segundos. Quando os olhares se cruzam e, no momento, existe o mesmo brilho intenso. Quando o toque dos lábios é ardente, e o beijo é viciante. Quando o primeiro e o último pensamento do seu dia é essa pessoa e a vontade de ficar juntos e partilhar qualquer momento com ela é maior que a vontade de ficar sozinho. Quando você consegue, em pensamento, sentir o cheiro da pessoa como se ela estivesse ali ao seu lado. Não consegue trabalhar direito o dia todo, ansioso pelo encontro que está marcado para a noite. Não consegue imaginar, de maneira nenhuma, um futuro sem ela ao seu lado.

A percepção pulsa dentro de mim. A verdade quer sair a qualquer momento em forma de grito.

Com uma respiração pesada, decido que, quando Isabella acordar, eu lhe direi tudo. O que estou sentido e que me descobri apaixonado por ela. Rasgarei nossos contratos e lhe farei uma nova proposta: que ela me deixe ser seu *marido de verdade*, o homem que estará para sempre ao seu lado.

Por mim, ao infinito e além.



Capítulo 33

Mateus

Desperto cedo no dia seguinte, abraçado forte ao corpo de Isabella, que está serena em seu sono. Ontem tentei acordá-la para que ela pudesse descer e jantar, mas ela se recusou e passou o resto da noite na cama. Bom, eu não a forcei mais, sabia que ela tinha sofrido uma pressão emocional muito grande e que, com certeza, não sentia fome naquele momento. Contudo, desci o mais rápido que pude e trouxe umas frutas para ela comer. Ela somente beliscou uma maçã e comeu algumas uvas, o que considerei pouco, porém relevei. Mas já faz muito tempo que ela não se alimenta direito, isso pode, de alguma forma, deixá-la fraca e possivelmente doente, tudo o que eu não quero.

Gentilmente, começo a acariciar seus cabelos, ela se remexe, mas não acorda. Então desço meus dedos pela sua espinha dorsal, seu corpo reage imediatamente ao meu toque. Sorrio, ao saber que, mesmo dormindo, ela reconhece meu contato. Sua pele se esquenta e se arrepia, causando em mim a mesma febre de excitação. O meu coração pula de forma intensa, parece que algo vai explodir dentro de mim. Do que eu não duvido.

Então, imediatamente, sei o que fazer.

Tomado pelas emoções, giro o corpo de Isabella em meus braços. Isso a faz acordar, com uma expressão confusa. Olho bem fundo em seus olhos, quero que ela veja as minhas necessidades e, principalmente, meus sentimentos. Eu sei que disse que falaria do meu amor por ela, mas, neste momento, as palavras me faltam. Acredito que por ser um inexperiente demais no sentir dessas sensações. Então assim demostrarei com gestos e atitudes verdadeiros demais para não serem compreendidos.

Sem esperar alguma reação, baixo meus lábios na direção dos dela, em um beijo cálido e delicado. Minha boca toma a sua, sem pressa ou força, apenas sentindo seu sabor. Nossas línguas se procuram, como não pudessem deixar de se tocar, bailando juntas uma dança envolvente e doce.

As batidas em meu peito se tornam quase alucinantes por causa desse breve contato. Mal consigo respirar, o peito toma de tudo, menos ar. Assim, me afasto para que nós dois possamos respirar um pouco.

— Faça amor comigo — peço, entre as baforadas.

— Hum…sim. — Seu tom não é diferente.

— Você não entendeu. — Passo um dedo em seu peito, que pulsa acelerado. — Eu quero fazer *amor.* Quero suas mãos se espalhando pelo meu corpo, com delicadeza e força ao mesmo tempo. E as minhas mãos em você, sentindo cada pedaço seu, que eu já conheço de olhos fechados. Hoje eu quero entrar em você tão lentamente, em um vai e vem que acalma ao invés de agitar. Quero nossos dedos entrelaçados, gemidos baixinhos ao pé do meu ouvido. E depois de chegarmos ao ápice, repetir de novo e de novo, por quantas vezes desejarmos, até ficarmos cansados, colados aqui e não se importando com ninguém fora do nosso porto seguro.

— Realmente quer fazer amor? — pergunta, tentando desviar os olhos de mim. Rapidamente, seguro seu queixo, impedindo-a.

— Por favor… faça amor comigo — emito, ofegante.

— Pois então faça…

Não espero ela terminar de dizer mais uma palavra, colocando um dedo em sua boca úmida do meu beijo. Lentamente, desço até seu pescoço. Quero sentir e provar cada centímetro de sua pele. Marcá-la com carinho e amor, assim como ela já tinha feito comigo. Quero que ela me ame, assim como a amo. Começo a tirar suas roupas íntimas devagar. Primeiro, retiro seu sutiã, alça por alça, até que atiro a peça no chão, seus seios pequenos e belos ficando à mostra. À minha mercê. Passeio o dedo por cada monte, encantado, em como eles se acedessem para mim. A tentação de tê-los em minha boca é imensa, mas não me demoro ali, desço meu dedo em círculos por sua barriga plana. Quando chego na barra da calcinha, interrompo meu toque. Mudo de decisão e, como uma alcoólatra quer cachaça, desejo as mãos de Isabella em mim, conhecendo-me e causando-me sensações cálidas.

— Tire as minhas roupas.

Vejo quando ela para de respirar momentaneamente, como se não fosse capaz de compreender tal fato, mas logo acena positivamente.

Ela se levanta, sentando-se na cama, enquanto eu me deito. Suas mãos trêmulas desabotoam minhas calças e abaixam minha cueca *boxer*, deixando-me nu. Minha poderosa ereção salta em um espetáculo tão viril que minha esposa engole em seco. Então parece hipnotizada, sem querer desviar o olhar. Suas mãos começam a acariciar-me, conforme minha vontade, na minha barriga e timidamente em meu membro quente. O seu toque me causa colossos que sacodem todo o meu ser.

— Olhe para mim — falo, chamando sua atenção para meu rosto. — Isabella, eu a

desejo — digo com a voz alterada. Ela me olha com a face coberta das mesmas sensações.

— Eu também. — Sua voz é firme.

— Você é a única e sempre será — emito, agora segurando sua mão e puxando-a para mim.

Ela cai em meu corpo. O fascínio que há entre nós é muito mais do que mera intimidade física. É algo inexplicável, é como se pudéssemos pegar o céu sem sair do chão. Respiro fundo ao ter em meus braços uma mulher forte, mais que bonita e tão arrebatadoramente apaixonante. Essa mulher é minha. Minha esposa, amante. Meu amor. Nesse momento, seremos iguais, de corpo e alma.

Inclino-me e a beijo com uma vontade intensa e possessiva, estou consciente de que só ela me faz sentir esse fogo que desafia a minha razão. Ela traz à tona todas as minhas essências escondidas. É como se tivesse o poder de entrar em todas as minhas camadas, dominar e tomar todas ela para si. Ao afastar a cabeça, posso ver em seu olhar o brilho de um querer e um desejo que se igualam aos meus.

Alterno nossas posições, ela cai de costas, gritando de susto. Não tiro os olhos dos seus, sempre a olhei, mas agora é a primeira vez que miro seus olhos tão profundamente. Colocando meu corpo em cima do dela, e com os lábios colados aos seus, sussurro:

— Fique comigo … — digo, quase suplicando.

— Eu estou com você.

— Fique comigo para sempre.

Ela assente, então, com um movimento delicado, deslizo meu corpo no dela. Sento-me em seus pés, tomando cuidado para não colocar peso demais sobre ela. Isabella respira fundo e se agita na cama, parecendo prever o mar de sensações que vou lhe causar. Ela grita assustada quando, só com uma mão, rasgo fácil sua calcinha. Olho para sua boceta brilhando de excitação. Primeiro, passo o dedo, experimentando o toque suave e pegajoso. Ela suspira, e o fogo em mim aumenta.

Devagar, com uma suavidade nunca experimentada por mim, baixo minha cabeça ali, entre suas pernas. Sopro de leve e, com os dedos, abro seus lábios maiores. Sua boceta parece me chamar, e eu vou. Sou recebido com fogo, minha língua queima ao tocar a carne vermelha. A sensação mais enlouquecedora provoca em mim um prazer absoluto e me enche de um desejo puro e descontrolado que quase me leva a tomá-la com força, mordendo e querendo arrancar para mim tudo ali. Mas eu tinha prometido fazer amor,

tinha garantido que seria carinhoso, por isso, me afasto um pouco, voltando apenas a acariciar com o dedo ou esfregar a palma da mão, para cima e para baixo, em sua pele agora mais molhada devido à minha boca.

— Mateus… por favor. Me ame … — ela implora.

Então atendo seu desejo, faço minha língua voltar a sua carne macia e úmida, continuando meu ataque perverso em sua boceta. A corrente de prazer que me atravessa me faz gemer em voz alta, louco e possuído. Começo a sugar, ela treme na cama, as ondas dela alçam meu corpo. Meu coração dispara e experimenta uma sensação intensa, terrivelmente violenta, meu sangue corre queimando em minhas veias. Então sinto algo quente, exatamente como lavas de um vulcão, descer por meus lábios e boca.

— Ahhh! — mia. — Eu vou morrer.

— Olhe para mim, Isabella — peço com a voz rouca e a boca úmida. — Agora faremos amor. Quero ver seus olhos quando a tiver. Quero vê-la estremecida e excitada… — Ela obedece, seus olhos frágeis de sensualidade, seu rosto aceso de desejo. — Quero sentir cada agitação, cada suspiro. Dê todos eles a mim, seu marido. — Inclino-me e volto a posar minha boca na sua, passando minha barba melada em seu rosto. Sinto-me como um adolescente apaixonado a ponto de perder a inocência.

— Eu não posso aguentar.

— Você pode. — Passo um dedo em suas dobras quentes. — Veja só como sua boceta já está pronta para mim. Quero perder-me no seu calor acolhedor. Meu pau não vai mais sair de você.

— Então me tome — ela volta a suplicar, quando eu circulo um dedo em seu interior, suas paredes pulsando em meu indicador.

— Com todo e maior prazer do mundo.

Estremecido de desejo, monto-a com minhas fortes coxas. Calmo, suave e palpitante, introduzo-me em seu quente e sedoso interior, e gemo pela ardente umidade que encontro ao fazer isso. Sinto a pulsação de sua boceta apertando meu pau. As ondas de prazer ainda circulam seu corpo. Isso faz com que eu me afunde bem mais, indo quase duro, sem conseguir me conter. A paixão, o desejo incontrolável explode em mim. Pronuncio seu nome com uma voz rouca e trêmula e, com uma paixão negada já tinha muito tempo, giro meu quadril nela, tratando de absorver seu corpo com o meu para que nada possa nos separar.

— Eu quero mais forte — ela diz, coberta pelo desejo.

Invisto mais vigoroso. Isabella recebe-me em seu interior com um suave grito de prazer, rendição e entrega. Seus dedos se agarram aos meus cabelos, enquanto ela enrosca as pernas com mais força ao meu redor. Estremeço, enquanto o desejo e o amor ardem em meu peito. Incapaz de aguentar mais, solto um gemido que nasce do mais profundo ser, tratando com desespero de saciar-me da mulher bela e fogosa que se retorce embaixo de mim.

— Você é maravilhosa. E perfeitamente minha, só minha! — digo, fitando o seu olhar, para que ela veja a minha sinceridade profunda, enquanto a estoco.

— Deus!

Ela se pendura em mim, enquanto invisto mais e mais fundo, sequer noto ou reclamo que suas unhas estão cravadas nas minhas costas nuas, enquanto nós dois sumimos em uma paixão enlouquecida. Seus olhos brilham com uma intensidade profunda, então pego suas mãos, entrelaço meus dedos nos seus, unindo-nos para o paraíso em que vamos entrar juntos.

E então ele vem, como bolhas de fogo de todos os lados. É o gozo mais intenso, algo que jamais senti, todo ardor e desejo, toda a loucura e paixão. Meu corpo se contrai quando um prazer enlouquecedor me invade e transborda por meus poros, minhas convulsões selvagens e interminavelmente vorazes. Um grito de êxtase primitivo surge de minha garganta, enquanto planto minha semente no interior dela em uma união mais intensa que a vida. Isabella me segue gritando e chegando ao clímax.

Quando volto a mim, me deito e a puxo para meus braços. Continuando com as mãos entrelaçadas, beijo sua têmpora e a balanço para que possamos, juntos, embalar em um sono de descanso.



O final de semana tinha corrido, enquanto fiquei em minha redoma de proteção

com minha esposa. Não saímos para lugar algum e nem recebemos visitas, o que era normal, considerando que tínhamos desligado nossos celulares e todos os telefone do apartamento. Essa ideia partiu de mim, a fim de não sermos incomodados e não ter que receber, em nossa casa, o velho Ávila, pois, como um mais um são dois, eu sabia que ele não deixaria o ocorrido na construtora passar em branco. Mesmo que eu talvez suspeitasse de que ele acreditaria em minha esposa, preferi ter todas as provas antes de ir conversar com ele e explicar tudo. Quando se conhece o pai que tem, o melhor que se pode fazer é ir atrás da resolução dos problemas antes que ele tenha que interferir.

E é justamente isso que estou fazendo agora. Desço do carro e espero que Isabella também saia. Pego sua mão e juntos caminhamos em direção ao elevador. Ontem, ao final da noite, recebi um *e-mail* de Alfredo, confirmando o que já suspeitava: ele descobriu quem era o impostor e fraudador de documentos. Isso quase não me deixou dormir, eu fiquei agitado por que, por mais que tenha quebrado minhas regras e ligado o celular para falar com o velho sábio, ele não me contou o nome, dizendo que o melhor a fazer seria chegar na assembleia organizada de forma imoral e sem meu consentimento para que eu surpreendesse todos, até mesmo o culpado.

— Tem certeza de que tenho que participar disso? — Isabella pergunta quando já estamos no elevador. — Não posso apenas ir para minha sala e esperar?

— Não, docinho. — Sacudo a cabeça para afirmar ainda mais minha opinião. — Acredito que seja de extrema importância sua presença lá, afinal você foi brutalmente acusada sem provas, agora é seu momento de mostrar a pessoa boa que você é, de se sobressair como os grandes vencedores fazem.

— Eu só não quero receber mais olhares ameaçadores. Além do mais, não quero que, por estar comigo, também seja atacado ou ofendido.

— Eu estou do seu lado, lembra? Não deixarei nada te atingir.

Ela apenas assente com a cabeça. Eu sei e vejo o receio nela. Isabella não quer ser novamente hostilizada e nem que eu seja atingido pelos diretores. Isso me faz olhá-la com mais carinho, pela forma como se importa comigo. Eu me aproximo dela, pronto para beijá-la e falar que o amor que sinto por ela é capaz de me fazer perder a compostura, caso alguém ouse tratá-la mal. Seria a primeira vez que revelaria meus sentimentos por ela, pois, durante todo o final de semana, ainda não me senti capaz. Porém as portas da cabine de aço se abrem, revelando o andar da sala de reuniões, já repleto de homens trajando seus melhores ternos. Engulo minha declaração, decidindo que a deixarei para depois, em um

momento especial e não crucial.

Os olhares que eu e minha esposa recebemos, já demonstram que não éramos esperados hoje, mas eles se enganaram ao achar que eu deixaria tamanho absurdo acontecer sem a minha presença. Então, para afirmar todo o meu poder na construtora, passo os braços pela cintura de Isabella e começo a caminhar em direção à sala de reuniões.

Antes de cruzar a porta, avisto Alfredo, que sacode a cabeça para mim, como se dissesse que tudo ficará bem, mas, para minha surpresa, também vejo Victor. Meu amigo não está com a cara agradável, parece que veio revelar uma notícia não muito boa.

— O que está fazendo aqui? — pergunto.

— Trouxe novidades sobre o caso de assédio. — Sua expressão fica dura. — Creio que não irá gostar muito e conhecendo-o bem, acho que colocará abaixo esse prédio.

— Assédio? — Isabella interroga, sua voz denotando um assombro.

Mas trato logo de desviar sua desconfiança.

— Injusto. Fui acusado injustamente — digo, com sinceridade. — Mas acho que podemos resolver isso depois, agora quero que você, Victor, nos acompanhe nessa assembleia extraordinária. Creio que precisarei de seus serviços para incriminar alguém.

Assim, todos nós entramos na sala. Eu tomo o lugar que é meu por direito e trago Isabella para minha direita. Faço questão que Alfredo se sente ao lado da minha esposa e Victor, ao meu lado esquerdo. Olho duro para cada um dos diretores, principalmente, para a cara mal lavada de Eduardo. De alguma forma, ele parece vitorioso.

— Peço atenção de todos — soo, firme. — Já que alguns de vocês organizaram esta assembleia sem meu consentimento para decidir algo que não está sobre o poderio de nenhum de vocês aqui presentes — rango os dentes —, quero dar as boas notícias e dizer que já temos o verdadeiro culpado. E o mais importante, com provas indiscutíveis e irrefutáveis.

— Como assim? — É Eduardo quem pergunta, um pouco alarmado. — Primo, não há mais como negar, é sua esposa quem está cometendo tais fraudes.

— Eu nunca seria capaz disso… — Isabella defende-se.

— Eu diria o contrário. — Ele sorri, mostrando todos os dentes, o que me dá vontade de saltar sobre a mesa para quebrá-los — Uma mulher capaz de aceitar um

contrato…

— Não ouse — rosno. — Não se atreva a citar isso, está me ouvindo? Seja lá o que estiver passando na sua mente doente, não é o que acontece de verdade.

Eduardo ri, uma risada seca e irritada.

— Apaixonado?

Respiro fundo, ainda buscando calma. Então miro todos, alguns apreensivos, outros curiosos, mas ele não merece essa lavagem de roupa suja diante de todos, isso com certeza acontecerá depois, por isso, ignoro a pergunta de Eduardo, virando-me para Alfredo.

— Mostre-nos o que descobriu com suas investigações, Alfredo. Diga-nos quem é o verdadeiro culpado.

O velho se levanta, começando a entregar uma pasta para cada um de nós — menos meu advogado, que não era esperado.

— Bom, o que aconteceu na construtora foi um nítido caso de caixa dois, uma prática financeira ilegal, que consiste em não registrar determinadas entradas ou saídas de um fluxo de caixa, criando um caixa paralelo. O dinheiro desviado é normalmente destinado ao financiamento de atividades ilegais ou para evitar a incidência de impostos sobre os valores. Mas no caso da construtora, os valores foram usados para fins próprios, como desvio de dinheiro. O caixa dois da *Classe A* foi feito com um superfaturamento em compras e serviços prestados para justificar o desvio de uma determinada quantia.

— Isso é um crime — Victor se faz presente, na verdade, seu lado advogado se faz. — Crime que pode ser enquadrado em mais de um tipo penal. Esta conduta pode ser enquadrada como crime de falsidade ideológica, devido às declarações falsas de documentos que não correspondem à realidade financeira da empresa.

— Então já busque uma forma de responsabilizar o criminoso — rogo, forte e sem piedade.

— Eu só preciso das provas.

— Eu as tenho aqui. — Alfredo entrega uma pasta para ele. — Nesses três dias, junto com um amigo contador e o jurídico da construtora, realizei uma auditoria contábil nas finanças daqui. O processo de análise da situação financeira de uma empresa tem com o objetivo verificar se os cálculos feitos pela contabilidade estão mesmo corretos. Além disso, esse critério permite identificar eventuais fraudes ou desencontros de informação.

Foram analisados todos os documentos contábeis da empresa, compreendidos em um determinado período, e checadas as informações com os comprovantes originais e com as fontes externas. No final do relatório conclusivo, encontramos fatos que comprovam falhas ou, ainda, que há regularidades em todas as transações feitos por um único computador.

— Em qual computador? — Faço a pergunta de um milhão de reais.

Mas Alfredo sequer tem tempo de falar, pois o culpado se apresenta, o insensato e ignorante se levanta, seu rosto pálido e transfigurado. Sua voz é tremida ao pedir:

— Sinto atrapalhar esse momento crucial — caminha um pouco —, mas acabei de recordar que tenho uma reunião marcada para daqui a alguns minutos com um fornecedor de pisos.

— Onde pensa que vai? — eu berro, levantando-me da cadeira, que cai no chão, fazendo um barulho estridente — Você não vai sair daqui antes que Alfredo revele o culpado.

— E quem vai me segurar?

— Eu — Coloco-me de pé, batendo os punhos na mesa com força. — Não ouse sequer dá um passo a mais. Caso contrário, não me responsabilizarei pelos meus atos. — Pego o telefone no centro da mesa. — Sara, mande dois seguranças aqui, na sala de reuniões — peço, pois esse ladrão será carregado e expulso daqui como o verdadeiro saco imprestável que é.

— Alfredo. — Passo a palavra novamente para o senhor.

— Segundo as análises e choque de informações, o computador em que os documentos e as movimentações bancárias foram adulterados pertence a Eduardo.

— Isso só pode ser uma armação! — ele grita. — Esse velho nojento deve ter se aliado à sua esposa para roubar a empresa. Mas, como você está apaixonado, sequer vê o tipo de mulher que tem ou a quem ela se liga.

Enxergo tudo em vermelho e preto. Cerro os punhos, enquanto começo a respirar fundo.

— O que você disse? — vocifero para ele. — Ainda tem coragem de negar que é o culpado?

— Você está cego — ele dita, desconhecendo o perigo que está prestes a cercá-lo.

Avanço ficando diante dele. Eduardo é menor e menos robusto, e sua figura parece patética ao se encolher embaixo de mim. Ele sempre foi um covarde, mas, em meus pensamentos, jamais pude imaginar que ele seria capaz de cometer algo tão baixo. De dinheiro ele não precisa, mas com certeza sua ambição para cometer maldades é o que o impulsiona. Seu desejo em ter o que tenho, em usurpar meu lugar, de certo foi o combustível. Mas agora ele assinou sua sentença de burro, pois ele me proporcionou a oportunidade de retirar sua verdadeira máscara para minha família, que o considerava o exemplo a ser seguido, e de mantê-lo longe para sempre da construtora. Quem sabe, até conseguir enfiá-lo na prisão. Enfio as duas mãos em seu colarinho, apertando forte seu pescoço, quero descontar toda minha raiva nele, fazê-lo sentir cada dor que causou à minha esposa. Mas, antes que eu tenha a chance de estrangulá-lo, sinto duas mãos de fadas em mim.

— Não faça isso — Isabella pede, a voz preocupada. — Deixe que a justiça o faça pagar, não suje suas mãos. Agora todos nós sabemos a verdade, é isso que realmente importa.

Suas palavras são como um bálsamo para minha alma em fúria. Então eu deixo o corpo imundo cair no chão. Nesse momento, os seguranças adentram na sala. Decido que realmente não posso sujar minhas mãos com Eduardo, ainda mais diante dos vários diretores que nos olham chocados e surpresos. Tenho certeza de que muitos deles estão aqui apenas por incentivo do meu primo.

— Levem esse homem daqui — ordeno. — Certifiquem-se de que ele limpe sua sala e não leve nenhum bem da construtora. Depois, o acompanhem até a porta e, de hoje em diante, sua entrada está proibida neste prédio.

— Isso não vai ficar assim — Eduardo grita, quando sai carregado. — Eu vou provar que isso é uma armação…

Apenas fico olhando, parado, sentindo o sabor da vitória. Depois, viro-me para os executivos, que engolem em seco, temendo o meu olhar feroz.

— Acho que já ficou bem mais do que provado quem é o verdadeiro culpado — emito, alto. — Alguém tem algo mais a acrescentar?

— Não. — O coro é geral.

— Ótimo. Então assembleia encerrada.



Entro em minha sala, batendo a porta com força. Deixei Isabella em sua sala e depois segui para cá, pois Victor me esperava. Sei que o assunto é um dos piores pesadelos que já enfrentei em minha vida. Antes, eu saía com mulheres, e isso sempre foi noticiado nas mídias baratas, eu era apenas o *playboy* conquistador, mas quando a acusação foi feita e meu nome foi vinculado às páginas policiais, passei de um simples sedutor, para um aliciador criminoso. Isso fez meu sangue ferver durante muito tempo, quis sair mandando todos irem se foder, pois eu não tinha um mau caráter assim. Mas como todos sabiam que minha imagem na era as das melhores, então tive que buscar provas de que isso tudo era uma armação.

— Vá direto ao ponto — digo, já sentando-me e olhando com impaciência para Victor.

— Como já presenciei o ocorrido na sala de reuniões… — Ele para um momento. — Acredito que os ânimos ficaram mais agitados, mas recebi, finalmente, as provas levantadas pelo nosso investigador. Ela abriu direito o bico e cantou para ele que tudo não passava de uma armadilha para incriminar você e deixá-lo malvisto na sociedade. Falou também que tinha um mandante por trás, alguém que plantou a notícia na mídia e planejou tudo.

— Isso eu sempre soube. — Tiro meu paletó, sentindo-me queimar. — Agora, quem estava por trás disso tudo? Fale logo.

— Foi seu primo Eduardo. — Mal consigo entender suas palavras. — Ele foi atrás dela, pagou para que fizesse a denúncia, espalhasse para mídia e sempre contasse o mesmo depoimento.

— Foi Eduardo? — pergunto, querendo confirmar.

— Sim, foi ele. Sempre disse para tomar cuidado com ele, sempre desconfiei de seu péssimo caráter. — Uma bomba explode dentro de mim, então me levanto. — Aonde vai? Mateus…

Mal contenho minha raiva quando saio da sala com uma direção certa. Passo por todos sem cumprimentá-los ou desviar dos possíveis choques. Adentro a sala de Eduardo, ele está arrumando suas coisas e xingando muito, e enfureço-me ainda mais. Eu relevei o roubo, decidi que o deixaria sair sem qualquer agressão física, apenas moral, mas eu já tinha aliviado demais por um dia.

— Como foi pode ser tão idiota? — pergunto, colocando as mãos na mesa repleta de caixas, inclinando-me na direção do homem panaca para quem rosno. — Ou por acaso achou que eu não iria descobrir? Saiba que não sou tolo como você. Agora irá pagar e sentir minha raiva por ter tramado contra mim, junto com aquela maldita vagabunda.

O homem empalidece e engasga-se. Reação esperada de um covarde, aqueles que se aproveitam de alguma situação, achando que nunca serão descobertos. Atitudes de homens em que a inveja é maior que a inteligência.

— Do que está …

Não dou chance de Eduardo terminar de falar e pego-o pelo colarinho da camisa.

— Está com medo? — interrogo, esforçando-me para não apertar e torcer de imediato o seu pescoço.

— Acredite, eu não tenho mais nada a perder. Foi muito fácil planejar isso. E você mereceu passar por tudo, sempre roubou tudo que me pertencia. Você não deveria estar aqui. Esse lugar é meu. Também confesso que foi gratificante fazê-lo sofrer e ficar sobre a mira de seu pai. Sabia que titio não deixaria barato… Então foi como bomba essa notícia para ele, quase o derrubou, imagine aí, ver o filho acusado e preso por ser um canalha — diz ele, sorrindo, como se estivesse lembrando-se de toda cena. — Mas o velho achou uma saída. Sempre protegendo e limpando as cagadas que você faz, sempre dando uma segunda chance. Reconheço que não acreditava que encontraria uma mulher que suportasse um casamento, mas qual não foi minha surpresa quando você caiu morto e abatido por conta de uma boceta virgem. Se prendeu por conta de uma foda barata…

— Cale a boca, seu canalha. — Aperto seu pescoço, levantando-o minimamente do chão. — Você criou especulações sobre a minha honra. Isso eu poderia relevar, mas jamais vou aceitar que fale assim da minha esposa.

— Bem que eu queria provar da inocência dela, ter certeza de que realmente ela sabe foder… — ele começa a argumentar, mas não o deixo terminar. Solto seu corpo e acerto um soco na sua boca, fazendo-o cambalear dois passos para trás.

Minhas mãos fecham-se em punho. Meu peito infla, ficando mais largo.

Cego pela raiva, avanço em sua direção. Ele faz menção de socar-me, mas seguro seus braços. O homem solta um urro de dor. Queria lhe causar uma agonia infinita, mas eu tinha um propósito. Desde cedo sempre tive o anseio de desfigurar o belo rosto desse infeliz, ainda mais de quebrar seus dentes, por isso, empurro o homem e começo a desferir dois socos rápidos. Eduardo é lento em sua defesa e no ataque. Isso o faz ir ao chão, deixando-o à mercê da minha raiva. Subo em seu corpo, não me importando se vou matar ou não o idiota. Soco-o, iniciando por rosto, olhos, nariz e repetidas vezes em sua boca

— Isso é por ter tentado foder com minha vida. — Esmurro seu olho já roxo. — Isso, por ter tentado roubar a empresa de mim. — Um murro no nariz. — E isso é por incriminar minha esposa e, principalmente, por ousar pensar em ter Isabella em seus braços. Saiba que ela é minha, minha e de mais ninguém.

Uso as duas mãos para socar sua boca, fazendo o sangue espichar longe e os nós dos meus dedos arderem.

— Nunca, nunca mais ouse aparecer na minha frente ou na da minha esposa. — Levanto-me, olhando com ânsia para o corpo deitado e fraco dele. — Se o fizer, novamente mostrarei como posso ser perverso e feroz, quando se tenta usurpar o que é meu.

Saio, deixando-o ali, como ele merece. Rebaixado em sua insignificância.

Eu tinha um propósito.



Capítulo 34

Isabella

Entro sozinha no nosso apartamento. Desde que estou casada com Mateus, essa é a primeira vez que isso acontece, pois, sempre que saímos da construtora, estamos juntos. Mas hoje eu sabia que seria diferente. Por mais que já esperasse, fiquei mal quando ele ligou e disse-me que precisava ir até a casa do pai. Ele me convidou para que eu fosse junto, mas não queria incomodar, pois era um momento de família. Acredito que não deve ser fácil revelar para todos que o primo é um mau caráter. Ainda mais que estava roubando a empresa.

Ao lembrar-me disso, meu corpo treme. Ainda sou dominada pelo medo da incerteza do que vai acontecer agora, pois eu não queria me iludir, sabia que Mateus estava me defendendo quando se referia a mim demais como sua esposa ou mulher. Houve também nosso abraço depois que tudo tinha se resolvido na sala de reuniões. Ele estava do meu lado, confiava em e mim e me queria perto. Mas, ainda assim, não me ama. Não tem os mesmos sentimentos que eu. Não sou tola para confundir proteção com amor.

Um nó na garganta e um aperto no peito nascem quando essa possibilidade se torna real demais para mim. Meus olhos ardem, por isso, vou quase lentamente até o sofá e deixo meu corpo cair no estofado. Espero que Mateus possa chegar logo e dizer o que aconteceu em sua casa, pois sinto que, a qualquer momento, a aflição vai tomar conta da última gota da minha sanidade.

Como se fosse uma providência divina para minha estabilidade, escuto a porta se abrir. Por ela, passa um corpo muito alto e rígido. Mateus entra de cabeça baixa, cabelos bagunçados, usando somente sua camisa branca, mangas dobradas até os cotovelos e paletó nas mãos. A imagem real de um homem cansado e contrariado. Em mim, a parte mais realista ou negativa, como preferir, sabe que não foi nada boa a conversa que ele teve com seus pais.

Imediatamente, me ponho de pé.

— Oi — ele me cumprimenta, sua voz sai rouca e pesada, mas, de alguma forma, parece surpreso ao me ver ali. — Veio mais cedo da construtora?

Ele vem até a mim. Deixa seu terno no estofado menor e me alcança, pegando-me de surpresa ao me abraçar. Eu circulo seu pescoço com meus braços finos, e ele aperta forte a minha cintura.

— Não aguentei trabalhar mais. O dia não foi dos melhores, então pedi para que Alberto me trouxesse para casa — revelo.

— Eu sei, docinho, mas agora acabou. Tudo ficará bem. — Ele se afasta, deixando nossos corpos distantes o suficiente para que possamos olhar nos olhos um do outro. — Venha, sente-se aqui comigo. Acredito que precisamos ter uma conversa importante.

Ele senta-se no sofá e me puxa para si, fazendo-me cair em seu colo. Grito pelo susto momentâneo, mas logo meus nervos estão aflorados, pois talvez minhas suspeitas estejam prestes a se concretizarem. Possivelmente, ele relembraria nosso acordo. Remexo-me em suas pernas, tentando levantar, mas ele não permite, cruzado suas mãos em meu quadril.

— Não saia — reclama, baixo.

— Como seus pais reagiram ao saber do roubo, ao saber que o ladrão era o próprio sobrinho? — inquiro, de alguma forma, buscando adiar a conversa que ele quer ter, mas também querendo que ele compartilhe suas aflições comigo para que eu pudesse retribuir ao menos uma vez todos os momentos gentis e amáveis em que ele me acolheu e devolveu minha tranquilidade e paz, como se fosse luz entrando pelo meu corpo e expulsando qualquer mal.

— Mamãe ficou em choque. A princípio não quis acreditar que o menino que tinha crescido comigo, recebido o mesmo amor, a mesma educação, teve a temeridade de cometer tal ato absurdo. — Mateus respira fundo. — Papai já foi mais ferino em suas reações, pois, de alguma forma, ele considerava Eduardo bem mais do que um sobrinho. Querendo ou não, ele apostava alto nele. Então imagine como o sentimento de decepção atingiu em cheio o velho.

— Eu imagino, não deve ser fácil se sentir frustrado.

— E isso nem foi o pior ato que Eduardo cometeu. — Franzo meu cenho para ele. — Meu primo também estava por trás da acusação de assédio que sofri. Ele tinha contratado uma mulher de minha vida passada para que ela mentisse e fizesse uma denúncia contra mim. E tudo com o propósito de me ridicularizar diante da sociedade, pior, me colocar em maus lençóis com o senhor Ávila. Em seu plano, eu seria considerado culpado, preso e perderia a construtora, o lugar que ele sempre ambicionou.

— E você, como reagiu a isso? — pergunto, preocupada, pois, até ali só tinha questionado sobre seus pais, mas, em momento algum, quis saber o que ele sentia, sendo ele o alvo dos ataques de Eduardo.

— Eu fiquei transtornado.

Então ele passa as mãos pelo rosto, como isso fosse retirar seu aborrecimento. O gesto me faz ver os nós dos seus dedos vermelhos. Olhando bem, só agora percebo que suas mãos estão machucadas e têm resquícios de sangue.

— O que foi isso? — Pego suas mãos na minhas, elas estão quentes, mas alguns pontos delas começam a ficar roxos, tem até mesmo uma unha quebrada e uma mancha de sangue é nítida embaixo dela.

— Eu descontei toda minha fúria em Eduardo. Quebrei e destruí seu rosto.

Sem pensar muito, levanto-me e vou até o banheiro de visitas. De lá, trago uma pequena maleta com primeiros-socorros.

— Deixe-me limpar e cuidar de você — peço, já pegando um pedaço de gaze e um vidro de álcool.

Ele não fala, apenas assente com a cabeça positivamente. Assim sento-me novamente em suas pernas fortes. Com delicadeza, pego suas mãos e começo a passar um tecido molhado. Pouco a pouco, vou tirando as manchas de sangue de sua palma e unhas. Quando termino, olho para os ferimentos nos nós dos seus dedos. Não posso passar álcool aqui, com certeza ferirá e queimará a pele dele. Então pego da maleta um soro fisiológico, descarto a gaze suja e pego mais um pedaço de outra. Embebedo o pano para começar a limpar ali.

— Não devia ter feito isso — reclamo, pensando que, se as mãos de Mateus estão assim, não quero ver como ele deixou seu primo. Ele deve estar destruído e totalmente ensanguentado. — O que ganhou com isso?

— Uns três dentes dele. — Ele sorri. — E a certeza que ele não ousará jamais entrar em meu caminho novamente.

— E como pode ter tanta certeza? — pergunto, olhando mais atentamente para ele. Ainda não tinha me conformado por não ter percebido seus machucados antes.

Com a maior delicadeza que consigo exercer, começo a passar meus dedos por seu rosto, inspecionando-o bem. Mateus fecha os olhos e deixa a cabeça cair para trás, bem apoiada no encosto, deixando a posição melhor para mim. Arrumo seus cabelos, passando meus dedos para que eu pudesse ajeitá-los, mas seus fios estão tão rebeldes, quiçá para combinar com a postura selvagem de agora. Mais atrevida ainda, desenho suas sobrancelhas grossas, arrancando um suspiro dele. Sacudo a cabeça, esse não é o momento

para isso. Agora ele precisa de zelo. Eu continuo o meu cuidado, de repente, ele geme quando encosto em sua testa. Então ele contorce o rosto todo, é nítido que sente dor.

— Dói? — pergunto, parando ao sentir a pequena elevação de pele ali. — Como conseguiu esse galo?

— Dói, mas não tire suas mãos de mim, eu gosto de sentir seu toque — fala, baixo. Suas palavras imediatamente atingem meu coração, fazendo-o pular até a garganta. — E o machucado talvez tenha acontecido quando bati a cabeça sem querer nas paredes do elevador.

Impossibilitada, não respondo. Tem de concordar comigo, é um baque ouvir palavras tão profundas e arrebatadoras.

— Prontinho — digo, quando eu me dou por satisfeita. — Nada de brigas por alguns anos, mocinho.

Começo a juntar toda a bagunça que fiz, enrolo a gaze usada até ficar um montinho. Quando tento me afastar, Mateus segura minhas mãos.

— Não, sente aqui no meu colo. De agora em diante, não precisa haver mais distância entre a gente. Vamos permanecer unidos bem mais do que antes — declara e me puxa, fazendo-me cair em seu colo. Aproveitando, prende-me com as duas mãos em minha cintura, deixando-me na mesma altura de seu rosto. Nossos olhos estão frente a frente. Azul no verde, com uma intensidade tão grande que não consigo desviar, pareço hipnotizada.

— Mateus… — deixo escapar, sendo invadida por um mar tomado de ondas agressivas e indomadas, quebrando-se em meu coração. Minha pele toda esfria e parece parar de receber o sangue para se manter viva.

— Apenas me ouça, de mente e coração abertos.

Olho para o rosto dele, tentando analisar sua reação. Mateus sempre é tão controlado, tão sério. Desde que o conheço, ele sempre age com a razão. Salvo nesse último mês. Porém, antes apenas as reações que ele não podia esconder eram visíveis. A ligeira dilatação das pupilas. O músculo mexendo-se em seu pescoço, quando ele engole uma emoção que não consegue expressar. Esses sinais estão todos aqui. Visíveis aos meus olhos. Ele está se abrindo para mim, permitindo que eu entre em sua alma. Seu sorriso é um dos mais largos que eu já presenciei. Seus olhos brilham, com certeza de felicidade. Sua boca se abre e fecha…

— Isabella, quero te falar que antes não acreditava nesta força. Neste sentimento. — Sorri, nervoso. — Eu tenho a certeza de que o período em que estivemos juntos foi o momento mais belo e feliz que já vivi. Quando você surgiu, foi como um furacão, e eu a detestava. Mas no fundo, era meu eu, que sempre foi desacreditado, que estava como medo, pois sua confusão preencheu um espaço que eu nem desconfiava que estava vazio, nem imaginava que existia. Hoje, olho para o passado e percebo o quanto a minha vida era oca, o quanto meu quotidiano era entediante e quanto tempo eu perdia em conversas vãs ou em outras atividades que não acrescentavam nada à minha essência. Você me tornou um homem de verdade. Você me mostrou o companheirismo. Você me conquistou e se revelou. Você me mostrou o amor… E então eu já não sou mais o mesmo. Você me transformou no homem que sou hoje. Um homem apaixonado, um marido fiel e protetor. Muito obrigado por me transformar no que sou hoje, muito obrigado por fazer parte da minha vida hoje e, por mim, para sempre. Eu te amo! E mesmo que não possa retribuir agora esse sentimento, vou lutar por ele, vou conquistar você. Até você me amar, pois não vou permitir que você me deixe, nunca.

Ele termina e estou chorando feito boba. As lágrimas de felicidade escorrem quentes e rápidas em minha bochecha.

— Mas eu já te amo — começo, insegura. — Quero dizer que suas palavras me emocionaram bastante. Também não conseguirei colocar em palavras todo o amor que sinto por você. Tudo começou quando bateu seu carro em mim. Obra do destino. Posso afirmar com toda certeza que também te detestei à primeira vista. Você sempre foi meu objeto de desaforos e loucuras. Mas quando você tratou com carinho e proteção a minha família, inevitavelmente, minha percepção de você mudou. O que achei que era impossível, aconteceu, porque nada é impossível para o amor. Você também me tirou da solidão, resgatou minha alma, me fez descobrir o amor, o perdão sincero. Você me fez uma mulher e me faz feliz como não pensei que seria possível. Você me mostrou a vida. Você é minha vida. Hoje eu sou mulher, uma esposa apaixonada e amada. Hoje não tenho medo de dizer: você é tudo o que eu sempre quis. Eu te amo!

Termino minha declaração com lágrimas, ele pega minha mão e beija o dorso. Depois me puxa para si, fazendo nossos lábios encontrarem-se em um beijo calmo e lento. Um beijo que demonstra todo nosso amor. Um beijo que sela nosso envolvimento um com o outro. Sua língua acaricia a minha com carinho. Envolvo meus braços em seu pescoço, meus dedos escorregando para os cabelos de sua nuca. Estremeço com o toque carinhoso que suas mãos fazem em minhas costas.

Isso me faz perceber que o amor é mais que uma força, é o sentimento mais poderoso do mundo. O que faz duas almas se encontrarem, para uni-las na vida e com Deus. E o amor sempre vai surgir, independente do momento, independente do seu querer. Não surgirá de acordo com sua vontade, mas de repente e quando merecer. E Mateus e eu merecíamos.

— Você quer ficar comigo para sempre? — pergunta ele, quando solta meus lábios, sua testa ainda colada na minha. — Prometa que ficará aqui.

— Todo o tempo que eu puder. Eu lhe prometo a minha alma — respondo, afastando-me. Olhamo-nos, por alguns segundos, e só enxergo sinceridade, como sempre.

— Espere, não estou fazendo isso direito — ele dita e logo coloca-me sentada no sofá para então se ajoelhar à minha frente.

— Isabella… quero que se esqueça em definitivo do nosso contrato. Vamos rasgá-lo juntos. O que terá entre nós, de agora em diante, será verdadeiro, por isso, preciso fazer uma pergunta e espero que ela não te traga surpresa ou espanto, mas apenas alegria, como também me trará a maior felicidade do mundo se eu tiver uma resposta positiva. Então quer casar comigo?

Eu paro. De respirar, de piscar. Um soluço feroz sai de dentro de mim, fazendo meu peito acelerar, e meu coração ficar agitado. Dando-me, permitindo-me, me jogo nele, agarrando seu corpo para mim, como meu. Com o impacto, ele cai ao chão, e eu fico por cima dele.

— Sim. Sim. Infinitamente sim. Eu o quero para sempre — respondo, pois confio em seu amor. Mateus sorri. Sinto-me incrivelmente realizada, contente por ter vencido cada obstáculo. Ele beija a minha mão, antes de colocá-la em seu coração, que bate tão rapidamente.

— Amor até a eternidade — diz ele.

— Amor para sempre — digo, sorrindo.

E o que eu achava que seria apenas um contrato e nada mais, e logo terminaria, parece que nunca mais terá fim.



Capítulo 35

Isabella

O vento da brisa fria bate em meu rosto e bagunça meus cabelos soltos, assim como os sons delicados das ondas quebrando-se na praia me causam um misto de sensações boas. Acomodo-me melhor em minha cadeira, observando a areia vazia e o belo tom azul-esverdeado do mar àquele horário da manhã, quando o sol já está no alto do céu. As aves marinhas sobrevoam as águas em busca de alimentos, algumas pegam peixes, outras apenas molham suas penas, mas não desistem e continuam sua busca incessante por algo. Então respiro fundo, deixando que a natureza me cause uma paz profunda.

Sorrio ao lembrar que eu fui contra essa fuga que Mateus propôs. Quando chegou o fim da nossa semana agitada, cheia de reuniões e com a ida à delegacia, ele usou a justificativa de que merecíamos um momento somente nosso, mas eu queria permanecer trabalhando e aumentando meus aprendizados na construtora para que todos continuassem a ver que eu merecia a confiança depositada em mim. Queria provar que eu estava ali por mérito e não por ser a esposa do presidente.

Suspiro ao me lembrar dele. O homem que eu amava e, por um milagre, também me amava. Mateus. Meu marido. Eu não consigo mais dominar meus pensamentos, sempre estão nele. Até mesmo enquanto eu durmo, ele penetra meus sonos. E isso me faz lembrar de que essa manhã ele me deixou sozinha. O que não é comum, pois, desde que passamos a dormir juntos, nossos corpos se unem perfeitamente. A lembrança da noite anterior me causa um arrepio. Então me remexo na cadeira de madeira. Virando-me ao contrário, tenho a visão do meu paraíso particular. Caminhando em minha direção, com todo charme e elegância, alto e muito bonito, usando um calção de banho e uma camisa, vem Mateus. Quando ele está diante de mim, sua expressão de alegria é quase palpável, seus olhos azuis estão brilhantes e mais belos do que o mar que estive admirando.

— Pegando um pouco de sol, esposa? — pergunta, sentando-se na cadeira como pode e abraçando minha cintura.

— Repondo um pouco das energias — digo, deitando minha cabeça em seu peito.

— Acho que é muito esperta, docinho. — Ele inclina a cabeça, analisando-me. — Mas penso que as perderá em breve.

— Estou contando com isso. — Paro e o miro. — Onde esteve? Passou um bom tempo ausente.

Ele sorri, um sorriso que atinge seus olhos e, consequentemente, meu coração.

— Bem, estive resolvendo algumas coisas para amanhã — ele diz, simples, mas sem revelar nada. Bufo. — Não adianta, saberá somente amanhã.

— Não gosto disso. — Belisco de leve seu braço. — Sei que está aprontando algo.

Ele assente. Então abandona meu corpo para se levantar, assim eu me sento também. Do bolso de sua camisa, Mateus retira duas folhas dobradas, um saco plástico e logo me entrega.

— O que são esses papéis?

— As duas cópias dos nossos contratos.

— O quê?

— Não faz mais sentido que ele exista. — Ele abre a sacola. — Como disse antes, ele não significa mais nada. O nosso casamento não precisa mais dele, então nada mais justo que nós o destruamos.

— Mas… — gaguejo.

— Mas nada. Nosso casamento é verdadeiro. O único documento que teremos assinado é nossa certidão de casamento, mesmo sabendo que é e sempre será o nosso amor que nos manterá juntos.

Meus olhos ardem, e um nó se faz em minha garganta. Meu coração dá um pulo, concordando e gostando de tudo. Mesmo que Mateus já tivesse declarado seu amor antes, agora tudo parece mais real.

— Se é verdadeiro — minha voz sai grossa —, acho que é mais do que condizente que nossas famílias também não saibam que um dia nosso casamento foi falso. Não foi uma mentira, mas apenas uma omissão de alguns detalhes de nossa história.

— Gosto disso. — Ele me dedica uma expressão suave. — Quer fazer as honras, senhora Ávila?

Ele aponta para os papéis.

Então os seguros em minha frente, bem diante dos meus olhos, e um filme passa por minha cabeça. Do momento que percorremos até aqui, o que me parece ter sido muito rápido e que nenhum de nós dois teve controle sobre ele. Rasgo-os, primeiramente em dois, depois em três, quarto, cinco… dez pedaços, quanto mais pico os contratos, mais

uma sensação de sossego me atinge. Mateus me observa em silêncio, mas é nítido que ele também é atingindo pelo mesmo sentimento.

Quando já não há mais como rasgar os papéis, me dou por satisfeita, colocando os quadradinhos no saco que Mateus estende aberto para mim. Ele o toma de mim e o coloca novamente em seu bolso.

Então ele deita-se na cadeira de praia e me puxa para seu peito, abraçando minha cintura.

— Prometo ser mais gentil de hoje em diante. Quero ser o homem que você merece. Um bom e devotado marido. Uma pessoa em quem sempre poderá confiar e também amar. Além disso, prometo ser um pai perfeito para todos os filhos que você quiser ter.

Fico inquieta.

— Você quer ter filhos?

— Acho que é natural pensar em filhos, quando se ama a mãe deles.

Balanço a cabeça ao mesmo tempo em que sorrio, contudo, é muito cedo para essa conversa. Ainda pretendo conquistar muitas coisas antes de pensar em ser mãe.

— Podemos conversar sobre esse tópico depois? Ainda não estou pronta.

— Sim, docinho. Primeiro eu a quero só para mim. Quero que possamos nos conhecer melhor. Depois, não sei nada sobre filhos. Isso é tudo muito novo para mim, nunca sequer pensei que pudesse amar alguém. Então você terá que me ajudar nisso também. Precisará que ter paciência comigo, pois ainda posso e vou errar muito.

Viro-me e pego seu rosto entre minhas mãos, encarando seus olhos. Verde no azul.

— Ninguém nasce sabendo tudo. Todo mundo erra ou estraga algo alguma vez na vida, mas acredito que todo mundo pode aprender. Quando estivermos prontos, vamos descobrir como fazer isso funcionar e tenho a certeza de que tudo sairá perfeito, pois faremos tudo com amor.

Beijo seus lábios carnudos, apenas um toque suave.

— Então, estará e ficará tudo bem.



— Por que temos que dormir cedo? — pergunto, deitando-me na cama enorme e de lençóis macios.

— Como eu disse durante o jantar, temos um compromisso amanhã cedo na cidade. — Mateus baixa suas calças, ficando só de cueca *boxer* e fazendo-me esquecer de respirar e da minha pergunta. — O que foi?

— O quê? — pergunto, sem piscar para não perder nenhuma curva dos seus músculos do peito e da barriga.

— Parece que vai me devorar com os olhos.

Então, a muito custo, levanto meu olhar para seu rosto, vendo um sorriso malicioso brincar nos lábios vermelhos. Os olhos azuis parecem duas pedras em brasa que queimam minha pele pode onde a percorrem. Eu me remexo na cama, esfregando uma perna na outra. Sem conseguir manter o controle, o desejo começa a subir pelo meu corpo. É mais forte do que eu, é como se dominasse todo os meus pensamentos. Cada parte de mim, está à mercê dele, querendo alívio.

Mal contenho um gemido quando Mateus deita no colchão, pois eu sei o que vai acontecer e não me importo de jogar mais lenha na fogueira:

— Não o quero devorar somente com os olhos, mas com as mãos, a boca e até mesmo com minha boceta.

Então Mateus se aproxima e deita por cima de mim. Cobre meus lábios com os seus, enquanto suas mãos vão rápidas para minha cabeça, deixando-a parada e segurando os cabelos da minha nuca. Explora com a língua minha boca sedenta, deslizando-a por todo meu interior. Meu pulso acelera. Subo minhas mãos por suas costas desnudas, sentindo sua pele quente tremer diante do meu toque.

— Ah, docinho. — Gemidos de desejos saem de sua boca quando ele separa rapidamente nossos lábios. Puxo o ar rapidamente, ele faz o mesmo, mas não demora muito e volta a me atacar meus.

Beija-me durante o que parecem horas, chupando-me, explorando-me, submetendo-me, excitando-me, seduzindo-me até me deixar fraca. Estou a ponto de me derreter em seus braços. A minha pele arde, queima, explode. O calor de nossos corpos me faz ansiar por mais. Gemo baixinho por causa desse ataque sensual.

— Ah, Isabella, meu amor… — Ele separa nossos corpos, deixando-me deitada no colchão. — Eu a quero. Aqui e agora, quero tomar cada parte do seu corpo para mim. Quero fazê-la completa e irremediavelmente minha.

— Me tome. Me possua — imploro, completamente arrebatada pelo desejo.

Tomado pela necessidade e pela explosão de desejo, Mateus rasga sua camisa, que eu usava para dormir, ao meio, deixando-me apenas de calcinha. Não costumo usar a parte de cima quando vou dormir, então meus seios ficam expostos. Seu olhar sedento vai imediatamente para meus dois montes, inicialmente, ele passa a mãos neles, como se quisesse sentir a maciez de minha pele. Seus dedos quentes começam a rodear e puxar os mamilos, que se levantam doidos para sentir cada toque.

Lentamente ele baixa a cabeça, deitando-se sobre o meu corpo. Então beija cada um, lenta e apaixonadamente, fazendo minhas entranhas se revirarem, um frio subir por minhas costas e um mar desabar entre minhas pernas. Quando cansa de beijá-los, ele começa a chupar o bico vermelho. O frio que tinha subido em mim logo transforma-se em calor, ondas quentes e frenéticas enlouquecendo meu coração que passa a bater rápido. Prendo minha respiração, quando ele puxa a pele e solta. Meus seios estão vermelhos e molhados.

— Deus, Isabella, você é perfeita. Perfeitamente minha, toda minha.

Mateus fica de joelhos em minha frente, separa minhas pernas e contempla a minha calcinha preta. Ele encaixa os dedos em cada lateral e, suave e lentamente, começa a descer a peça por minhas coxas. Quando, enfim, a tira, ele a rebola longe. Ele sobe os dedos pelo interior de cada perna, fazendo-me remexer na cama e sentir cócegas por causa de suas leve carícias. Quando seu dedo chega ao destino, é como se ele estivesse mergulhando em um oceano de tão molhada que estou.

— Ah… céus — mio, quando ele afunda levemente em mim.

— Tão molhada. — Gira o polegar em meu ponto doce. — Acho que estou com sede, sede de você.

Não vejo, só sinto quando sua boca se apossa de minha intimidade molhada e

pulsante.

Mateus parece venerar cada pedaço da minha carne quente, pois, primeiro, dá pequenos beijos e lambidas lentas que chegam até meu ponto pulsante. Depois, ele explora toda minha boceta com sua língua e seus dedos, enfiando-os em mim, em cada oportunidade. Faz-me arfar de desejo e loucura para ser tomada. Ofego ainda mais quando ele cava suas mãos fortes nas carnes da minha bunda. Isso intensifica a excitação, eu começo a tremer e, com a intensidade de uma bomba explodindo, eu estouro, caindo em um espiral de um gozo, que me arranca um grito do meu mais profundo ser.

— Eu nunca vou cansar de te provar. Eu adoro seu sabor — disse, deixando meus lábios pequenos e maiores. — Mas agora quero ter e possuir outra parte de seu corpo.

— O quê? — grito de susto quando ele vira meu corpo tão facilmente na cama, deixando-me de bruços.

— Aqui. — Ele passa um dedo pela junção da minha bunda, depois percorre cada nádega, com carinho e lentidão. — Eu quero conhecer esse seu paraíso quente e intocado. Deixe-me ser dono de cada pedacinho seu.

— Meu cu? — pergunto, quase engasgando, quando sinto seu dedo explorador novamente minha pele enrugada.

— Sim, eu quero conhecer e sentir cada prazer que eu possa proporcionar ao seu corpo. — Sua voz sai quase em um rosnado.

Eu viro o meu pescoço em sua direção e a cena que vejo quase me faz explodir de novo: Mateus lambendo seu dedo mindinho e deixando-o molhado. Então, devagar, desce novamente em direção à minha bunda. Sinto o gelado do seu novo toque, as rugas do meu ânus se corrompem pela sua penetração. Uma sensação estranha me atinge. O doce sabor do tesão consume meu corpo. Ora quente, ora frio.

— Um dia eu vou tê-lo. Garanto que vai gostar e pedir por mais. — Ele tira seu dedo de mim. — Mas, por agora, eu vou me afundar em sua boceta.

— Talvez… — digo, ofegante. — Mas por enquanto, prefiro *upa cavalinho*.

— Nada de *inho* — ele ruge. — Aqui é *nhão*.

— Vem, meu cavalão.

Mateus não espera muito e me vira na cama, deixando-me de barriga para cima. Ele se posiciona entre minhas pernas. Sinto a ponta aveludada de seu membro em minha

entrada e tremo. Tão carinhosamente, ele vai entrando, possuindo minha intimidade. O contato de sua pele contra a minha me desperta sensações estonteantes, aumentando meu calor ainda mais, fazendo minha boceta pulsar como se estivesse levando choques. Quando ele começa a mover-se, eu solto um gemido fraco. Acho que foi o incentivo que ele precisava para começar a mover-se rápido e forte. Agarra minhas nádegas com força e, com um só movimento duro, invade meu interior até o fundo. O som seco de nossos corpos se chocando ecoa por todo quarto.

— Mateus… — digo, incerta. — Eu quero você, sempre.

— Aqui e para sempre, meu amor. — As palavras dele fazem uma onda fria e gostosa passar por todo meu corpo.

Eu me remexo embaixo dele, incapaz de suportar tamanha tormenta. Meu estômago se contrai dolorosamente, mandando uma pontada de desejo para o meio das minhas pernas.

Mateus para um momento, então fecha os olhos com força. Assim que seus olhos são abertos, suas íris parecem mais escuras, então ele começa a se mover devagar, com carinho, tão gentil que parece acariciar meu interior. Mas se engana quem acha isso é monótono, pois é um gigantesco ato de posse que faz meu corpo vibrar pelo ataque. Grito com força, ao sentir que sua grossa ereção se movimenta como fogo dentro de mim.

Penetra-me profundamente, investindo com amor, por diversas vezes. Os meus sentidos ficam insanos e conflitantes. Eu quero gritar, sorrir e faço tudo isso de uma única vez. Agito-me, grito e soluço, sendo tomada por uma onda de doce paixão. Isso acontece ao mesmo tempo em que Mateus começa a soltar seus gemidos e chiados também. Seu corpo tremula fortemente, chegando ao ápice, e eu o sigo para o caminho estrelado que ele me prometeu, e eu sabia que ele sempre iria cumprir.

Quando não vejo mais brilhos ao redor dos meus olhos, puxo a respiração profundamente. Mateus deita-se e eu me acomodo em seu peito. Ele beija minha testa e começa a fazer carinhos em meus cabelos.

— Minha Isabella.

— Meu Mateus.

Coloca os braços em minha cintura, puxando meu corpo para ainda mais perto, como se possível.

— Eu te amo — murmuro.

— Eu te amo — ele diz, ainda beijando meus cabelos.

Eu me aconchego melhor em seu peito, reconhecendo ali meu porto seguro, depois do nosso quarto, no apartamento da cidade, e sentindo as batidas lentas e calmas do seu coração.

— Amanhã — ele disse, baixo. — Amanhã, tudo será nosso. Tudo será de verdade, como já é para nós.

— Para nós — respondo. — Para sempre.

— Sempre.

Epílogo



Mateus

Acordo de repente. Ergo minha cabeça, olhando para a janela aberta e está meio escuro, ainda não tinha amanhecido completamente. Agradeço mentalmente por não ter perdido a hora. Minha esposa se remexe um pouco, saindo dos meus braços. Imediatamente, me sinto sozinho e frio. Não gosto mais dessa sensação, então a puxo para meu colo, passando meus braços por sua cintura e enfiando meu rosto em seu cabelo cheiroso. Ainda estávamos nus da noite quente de ontem. Assim, em meu lugar preferido do mundo, fico analisando o silêncio que nossa casa de praia emana. É a primeira vez que sinto tanta calmaria em minha vida. Nada de empresa, sem reuniões estressantes, sem horário para nada e, melhor, sem interferência do mundo exterior ou nada de minha família dizendo o que tenho que fazer. A única coisa que detém toda minha atenção e concentração é Isabella.

Essa mulher me tem tão fácil. Ela sabe tudo sobre mim, eu sempre quero lhe contar tudo, cada pedacinho da minha vida. Assim como ela também compartilha suas histórias de vida comigo, enquanto estamos abraçados, o que se tornou comum em nosso dia-a-dia, independentemente da situação ou momento, sempre estamos juntos. São nesses momentos que eu quero agradecer a todos os deuses ou a todas as divindades por a ter colocado em meu caminho e destino. Eu ainda não sei o que fiz para receber tamanha dádiva, mas sei que não quero mais perdê-la.

Isabela se encaixa tão bem em minha vida quanto em meu corpo. Nossa paixão é magnífica, mesmo que ela ainda tenha pouco experiência, o que deixa suas reações quando estamos juntos ainda mais eróticas. E eu não vou mentir, adoro vê-la se descobrir, desvendar cada parte de sua natureza selvagem, que completa e é perfeita para minha.

Abraço-a mais forte e inspiro seu cheiro. Quero ficar assim para sempre, entretanto, o dia de hoje não permitirá isso, tenho que me levantar e fazer acontecer a grande surpresa.

Entre idas e vindas ao centro da cidade, durante esses três dias que estivemos aqui, e muito planejamento, decidi que esse seria o lugar perfeito para reafirmar nossos votos. Eu sai que precisamos comemorar, pois, depois da tempestade dos últimos dias, o mais certo é festejar o fato de permanecermos juntos. Nada melhor do que ter um momento emocionante, uma celebração tão bonita. Criar lembranças especiais e reafirmar

o nosso amor.

Com muita delicadeza, deito Isabella na cama e me levanto. Ela se agarra ao meu travesseiro e continua dormindo. Sorrio. Ela sempre faz isso, desde nossa primeira noite juntos. Feliz, vou em direção ao *closet*, pego meus trajes de noivo e os separo para me vestir depois do banho. Avisto o envelope em que está seu vestido. Foi difícil escondê-lo aqui ontem. Na verdade, preparar tudo sem que ela descobrisse foi muito trabalhoso. A mulher parecia farejar o que eu estava aprontando.

Vou muito silencioso até o banheiro, mais silencioso ainda tomo uma ducha rápida. Quando saio do banho, agradeço que Isabella ainda esteja dormindo. Mas também, eu fui muito severo ontem, exigi o que pude dela, tomei seu corpo por incontáveis vezes, mas não me considerem ruim ou perverso, foi por uma boa razão.

Entro no *closet* e visto uma camisa branca de manga comprida e uma calça de linho azul. Para os pés, nada, quero sentir a energia da areia entre os meus dedos. Olho para o vestido, aqui Isabella não o encontrará e muito menos saberá que precisará ir até a mim. Com uma caneta, um papel e o vestido nas mãos, volto até o quarto.

Oi, meu amor!

Procurando por mim? Sei que sim, mas quero que, antes que venha ao meu encontro, abra a caixa e vista o vestido que comprei especialmente para você. Não faça esta cara, sei que, neste momento, está revirando os olhos para o meu bilhete, pois eu já te conheço tão bem.

Ah, mais um detalhe: Não use calcinha, porque, não vai precisar para o que vem depois. Lembre-se, eu garanto o seu prazer. Prometo que não vai se arrepender.

Eu te amo,

Seu Mateus.

Coloco o vestido aos pés da cama junto com o bilhete para que ela possa vê-los ao acordar. Dou-lhe mais um beijo na testa e saio para praia, onde iremos começar de verdade, renovando nossos votos.



Na praia, no quintal de nossa casa, o vento ameno sopra frio em meu rosto, e as gaivotas sobrevoam o mar em um belo espetáculo. Caminho até a areia e vejo que estão montando o local onde será feita a celebração. Com um ardor nos olhos, contemplo a decoração. Tudo muito simples, mas incrivelmente belo. Um tapete vermelho e cheio de pétalas de rosas brancas que nos conduzirá até um altar de madeira decorado com rosas brancas e vermelhas. A visão do horizonte é perfeita e o nascer do sol deixa o céu alaranjado e rosado.

Depois de percorrer por alguns minutos a areia da praia, de sentir os primeiros raios de sol, resolvo esperar no meu lugar. Cumprimento, apenas com um acenar de cabeça, o celebrante e o fotógrafo, que registará este momento que não ficará só guardado em nossas memórias, e fico esperando por que sei que, assim como o sol nascerá em breve, Isabella não demorará a chegar. Nossos corpos estão ligados, ela sentirá a falta do meu e virá em busca de mim, assim como eu faria se fosse o contrário.

Um aperto no peito e um esquentar de sangue. Sinto mais do que vejo. Isabella está aqui. Quando ela surge na praia, em seu vestido azul esvoaçante, eu quase perco a respiração. Ela está perfeita. Parece uma deusa das águas, encantando e seduzindo um mero mortal incapaz até mesmo de piscar diante de tamanha beleza.

Como sempre, perco o controle de tudo em mim. Eu não sei lidar com as emoções que me atormentam. Incapaz de ficar parado, não me seguro e caminho a passos largos até Isabella. Assim que estou diante dela, pego suas mãos e puxo-a para perto de mim, beijando sua testa.

— O que é tudo isso? — ela pergunta, sua voz nitidamente emocionada, e olha na

direção do altar montado.

— Eu te disse que hoje seria de verdade — digo, pegando uma mecha que escapou e colocando-a atrás da orelha. — Eu te amo, Isabella, então quero que renovemos nossos votos, que eles sejam ditos de coração, que não tenha mais nada de mentiras ou passado em nossas vidas. Você aceita se casar novamente comigo? Aqui, com apenas Deus e o mar de testemunha?

Os lábios inferiores dela tremem, enquanto seus olhos brilham de lágrimas. Milhões de sensações perturbam meu estômago. Seguro seu rosto, meus polegares traçam pequenas carícias em suas bochechas.

Ela inspira fundo.

— Eu aceito, pois eu também te amo, Mateus. E se isso é algo que quer fazer, então é isso que faremos. Por que, dessa vez, estaremos agindo conforme os nossos corações. Saiba que, independente de tudo, eu quero passar toda minha vida com você, pois essa é a vida que escolho para mim.

— E estaremos juntos. — Pego sua mão na minha, entrelaçando nossos dedos — Pronta?

Ela apenas assente com a cabeça.

Juntos, caminhamos até onde o celebrante está, o fotógrafo acompanha todos os nossos passos. Ao mesmo tempo em que o sol surge, forte e poderoso no céu, nos ajoelhamos para que sermos abençoados por sua energia e vitalidade.

— Bem-vindos, Mateus e Isabella — o celebrante começa. — A renovação de votos não é um segundo casamento, mas a confirmação da certeza do que os uniu pela primeira vez. Não por terem a obrigação confirmá-lo, mas pela necessidade de reafirmar todo o amor que cresce e transborda. Assim, ninguém melhor para falar do amor que os próprios amantes, então vamos ouvi-los abrirem o coração. Estamos aqui hoje para celebrar o amor, a confiança e a esperança, entre tantos outros bons sentimentos.

Aperto a mão de Isabella, que me olha com os olhos brilhantes e o rosto banhado de lágrimas. Com um dedo, seco as novas lágrimas que ameaçam descer e a puxo para ficar abraçada comigo, pois hoje não há nenhuma regra para seguir a não ser a demonstração do nosso amor e carinho.

— Não é preciso afirmar suas vontades com o sim, pois seus corações já estão juntos, mas agora, com as palavras que estão prestes a trocar, vocês passarão para a

próxima fase. Com estes votos, vocês estarão dizendo ao mundo: *"este é meu esposo"*, *"esta é minha esposa"*. Assim, por favor, preparem-se para dar e receber as juras de amor, que estão entre os maiores presentes da vida. Mateus, você primeiro.

Engulo em seco, tentando desfazer o nó que cresce e quer quebrar em minha garganta. O coração pula, como se meu peito não fosse capaz de suportá-lo. Um filme todo passa por minha cabeça, mostrando como cheguei até aqui, mas, ao avistar os olhos verdes de Isabella, sei imediatamente o que dizer:

— Bem, isso vai ser no improviso, pois não preparei nenhum discurso. — Sorrio de nervoso. Solto minha mulher para ficarmos frente a frente, seguro sua mão e a coloco em meu coração, para que ela sinta a verdade em minhas palavras. — Isabella, minha doce e amorosa esposa. No começo foi difícil. Ninguém poderia imaginar que um dia estaríamos juntos e felizes, mas aprendi com você que amor é um sentimento impossível de segurar, evitar, ou deixa para depois. O amor é desfreado, sem limites ou filtros de intensidade. Ele é entrega. O amor é algo que não nos deixa desistir de correr atrás, é a pura definição da palavra determinação. O amor não conhece o orgulho, nunca ouviram falar um do outro. O amor é prioridade, é o agora. O amor é esperança, é uma crença inabalável. Para o amor não há controle, apenas doação. Eu, que nunca acreditei nesse sentimento, me vi rendido e tomado por ele. Hoje eu quero reafirmar que me casar com você foi a melhor decisão que tomei na minha vida. Sei que tem os seus defeitos e qualidades, dramas e sorrisos, mas eu a quero com suas falhas e acertos, com sua família e amigos. Eu quero morar no seu abraço, dormir de conchinha e ser sua olheira no dia seguinte, após uma noite em claro. Eu a quero com a certeza de que somos e seremos nós, com algumas crianças correndo por todos os cantos. Eu a quero com as suas fraquezas e te ajudarei a ser forte. Quero ser o seu porto seguro, bem embaixo do nosso teto. Eu quero continuar te surpreendendo, porque a paixão é isso. Eu quero seu corpo e a sua alma. Eu quero ser quem prepara o seu café da manhã e te faz massagem antes de pegar no sono. Eu quero ouvir você dizer SIM. Para as nossas diferenças, para os imprevistos e, principalmente, para o desconhecido. Eu quero que as suas urgências sejam as mesmas que as minhas. Quero envelhecer ao seu lado. Não de aparências, mas especialmente, de espírito. Cuidar de você, te proteger e te mostrar que, para toda e qualquer dor, somente o amor é a cura.

Não seguro e deixo as lágrimas que ardem em meus olhos escaparem. Assim como fiz antes, Isabella limpa e acaricia meu rosto. Isso me faz suspirar, fechando os olhos.

— Isabella, sua vez — o celebrante fala.

Ela treme, ri e assente. Conforme eu fiz, ela também coloca minha mão em seu coração, que bate apressado e rápido.

— Meu Mateus, quem diria que um dia iria me apaixonar por um cavalo? Mas quem pode ficar contra esse sorriso que amo mais que tudo nesse mundo? Hoje é o momento mais feliz da minha vida, e é ao seu lado que eu estou vivendo este dia! E quero viver todos os próximos para sempre junto de você! Hoje, eu sei porque eu te amo! Amo sua presença todos os dias, seu caráter e responsabilidade inquestionáveis, como me faz sentir segura, a forma como você me olha, me trata com carinho, com amor! Cuida de mim todos os dias, todas as horas! Sem mencionar como você ajuda sempre a minha família. Só você tem o dom de entrar no meu coração e tirar todas as mágoas, me fazer esquecer de tudo. Você me faz lembrar que a vida é linda! Você me tranquiliza, me dá paz, me dá conforto, realiza os meus desejos, me presenteia com sentimentos, me beija com intensidade, com emoção, me abraça com aconchego, você é divertido e é meu melhor amigo, você é romântico, carinhoso e gentil. Você faz de tudo por mim, cuida da minha saúde, da minha tristeza e da minha alegria. Você é honesto, responsável, trabalhador, batalhador, estudioso, dedicado, criativo, comprometido e inteligente, seu amor é puro e leal. É lindo, em todos os sentidos, em todos os sentidos que Deus possa imaginar! Você é lindo! Você é tudo para mim! Meu maior desejo na vida é retribuir e te fazer feliz, te amar! Você é minha vida, minha alma gêmea, meu príncipe! E eu sou muito grata a Deus por ter você. Nossa relação transcende, e quero caminhar ao seu lado nesta vida para crescermos e evoluirmos, porque juntos somos mais fortes e nos apoiamos, de hoje até amanhã, de amanhã até todo sempre! E sempre que nos reencontrarmos! Eu amo você!

Engasgo com suas palavras, enquanto Isabella se derrete na minha frente. Não aguento e a puxo para meu braço, sua cabeça cai em meu peito e meu nariz toca seus cabelos. Minhas mãos circulam sua cintura, querendo que ela sinta todo meu corpo, que estamos aqui, tomados por emoções profundas e que aquecem nossos corações.

— As alianças — o celebrante pede, então eu pego a caixinha do meu bolso e lhe entrego. — O matrimônio é uma entrega total, duradoura e fiel. Essa entrega como dom só é verdadeira se for completa, sem reservas e supõe a força de uma decisão e a vontade de se engajar por toda a vida, por isso, seu símbolo maior é aliança, um elo, sem emenda e divisão. Esse dom primordial aponta para uma graça que é anterior e que funda o próprio amor, renovando-o e alimentando-o continuamente.

O celebrante me entrega uma aliança. Com as mãos tremendo, seguro os dedos de Isabella.

— Isabella, receba essa nova aliança como prova do meu amor, de nossa união eterna e, sempre que a vir, saiba que estou e estarei para sempre ao seu lado. — Deslizo o segundo anel em seu dedo, que é de ouro branco e com pequenas pedras de brilhante formando um coração.

O celebrante dá a minha nova aliança para Isabella, enquanto me desfaço da antiga.

— Mateus. — Sua voz, embargada e rouca. — Receba essa nova aliança como símbolo de que de agora em diante tudo será verdadeiro e que é a minha escolha dividir minha vida com você. Receba todo o meu amor. — Ela desliza o aro grosso também feito de ouro branco em meu dedo anelar.

Eu tremo novamente, com a sensação que toma todo o meu corpo. Como se o ar tivesse parado à minha volta, a respiração fica presa em minha garganta, contraindo-a e apertando-a em formato de um nó, mas sei imediatamente como desfazê-lo.

— Agora você é minha, de verdade — rosno. — Assim, como eu sou seu.

Ela sorri. O amor emana de seus olhos verdes.

— Não há nada mais lindo do que a consagração do amor. Quando dois corações e duas vidas se unem com a bênção de Deus, o amor é ungido pela proteção divina. Mateus e Isabella, vocês começam agora um percurso muito bonito: o casamento e a constituição de uma família. Que a união de vocês seja muito feliz, que seja forte o suficiente para enfrentar qualquer dificuldade que a vida coloque no caminho de vocês. Que haja muita paz, tolerância e companheirismo. Onde há amor, há felicidade! Que a vida do casal seja iluminada sempre! Parabéns aos noivos e que Deus abençoe essa união. Eu os declaro, novamente, marido e mulher. Pode beijar sua esposa.

Em menos de um segundo, a puxo para mim, colocando minhas mãos em suas costas, apertando-a forte em meu peito. E mais rápido ainda, estou beijando-a, com todo amor e carinho que consigo expressar. Meus lábios se movem tão calmos sobre os seus. Cada pensamento e sensação que esse beijo me causa é como se fossem milhões de estrelas nascendo e iluminando dentro de mim. Amor, desejo, alívio de tê-la encontrado, de ter lhe proposto um acordo de casamento — uma coisa que nunca tinha desejado. E algo que nunca conheci: felicidade. Felicidade de estar aqui, renovando nossos votos, felicidade por corresponder o meu amor.

Tudo, cada ação e todas as minhas escolhas, me trouxe até aqui. A esse momento. E eu não poderia agradecer mais por ter seguido esse caminho. Por ter feito as escolhas

que fiz. O passado de cobranças ficou para trás, a solidão que era minha vida já não existe mais.

Agora estou abraçando o presente que a mulher que tenho em meus braços me proporciona. E sonho e espero o futuro que, por causa de Isabella, promete ser cheio de luz e momentos felizes.

Eu a olho. Seus braços jogados em volta do meu pescoço, nossas testas coladas uma na outra, nossos narizes quase se tocando.

— Para toda eternidade — digo rouco, quando separo nossos lábios.

— Para todo o sempre — ela diz, sorrindo e enchendo meu peito de alegria.

É tudo que eu preciso.

É tudo que nunca vai acabar.

Nunca!



Por enquanto….. Em breve virá um conto para nosso amado casal. # MatIsa.

SOBRE A AUTORA

Nascida em Teresina no dia 16 de setembro de 1991, esta jovem de 27 anos, apaixonou-se por livros aos 10 anos. Há mais ou menos três anos, resolveu que escreveria, pois, sua paixão por livros, transcendia de seu interior. Era necessário que sua sensibilidade fosse posta no papel.

Surgiu assim, seu primeiro livro O Tutor, que tinha surgiu como uma história de fanfic, que foi logo seguida por O Clã, uma duologia de romance de época que conta a história de amor entre uma pupila e um tutor, disponível para leitura na Amazon. Logo após, Príncipe da Sedução, um romance inter-racial, onde um garoto de programa faz uma aposta para seduzir uma virgem. Posteriormente, Intensa Atração, uma comédia romântica, que traz muitas risadas do casal Lorena e Raul, o verdadeiro casal cão e gata.

Intensa Atração.

Link: https://www.amazon.com.br/dp/B07NXP7Q1V

Sinopse

É possível o amor ferir?

Lorena Garcia sentiu esse conceito na pele, uma vez que teve o coração partido em mil pedaços pelo homem que jurou amá-la, mas que apenas lhe entregou promessas vazias.

Erguendo um muro ao seu redor, jurou jamais confiar nesse sentimento que só lhe trouxe dor e sofrimento.

Mas todos merecem uma segunda chance, certo?

Um misto de sentimentos foi jogado no ar quando Lorena conheceu Raul Torres, um dentista renomado, pervertido e bem-humorado. A fama do homem fazia jus à sua simpatia nata, todavia, não foi isso que chamou a atenção dela. O ódio foi à primeira vista.

O que não foi diferente com Raul, que sentiu a mesma conexão desagradável com Lorena. Vivendo apenas para amar o único filho, ele não abria espaço para outra mulher em sua vida, apenas em sua cama.

Eles não queriam relacionamentos, eles não queriam sofrer novamente.

Porém, evitar algo que você quer possuir e que deseja loucamente, não é capaz de parar a força do amor, não quando existe uma atração intensa e irresistível que derruba todas as barreiras.

Capitulo 1

Lorena

Olho pelas grandes janelas da casa de praia, hoje é meu casamento, sequer consigo esconder meu sorriso. A felicidade fazendo morada em mim. Desde quando acordei, sei que esse dia será especial para mim. Então, como uma brisa que sopra em meu rosto, as

lembranças do pedido de casamento vêm em minha mente, aquele dia foi tão perfeito. Tenho plena convicção que fiz minha escolha certa, ao dizer sim há oito meses:

Álvaro assim como eu, era um aventureiro de carteirinha. Gostávamos de testar nossos limites e buscar cada vez mais a adrenalina. Assim passaríamos cinco dias de aventura no complexo turístico da Chapada das Mesas em Carolina, cidade que ficava ao sul do Maranhão, cerca de oitocentos quilômetros de distância de São Luís, onde morávamos. Eu sempre tive vontade de conhecer aquele local repleto de montanhas, cachoeiras, lagos. Desbravar o lugar pouco conhecido e frequentado por pessoas, um paraíso de belezas naturais que nos fazia suspirar pelas belas fotos postadas na internet.

Voamos até o aeroporto de Imperatriz. Pegar um voo até essa cidade era o caminho mais prático e percorreríamos o restante do percurso de carro. Olhei para meu namorado, o homem que tinha meu coração e amor. O homem que dominava todos os meus sonhos. Ele é tão lindo que parece ter saído de outro universo. Estamos juntos há três anos, desde que nos conhecemos em uma festa pós-formatura. Eu acredito que foi amor à primeira vista, desde aquela bendita noite eu simplesmente não conseguia tirar os meus olhos dele. Seu rosto limpo e sem barba, que deixava claro todas as suas expressões. Seus olhos azuis são outra porta para sua alma. E seu corpo definido na academia, uma perdição e meu lugar preferido nas noites que dormimos juntos.

Álvaro que poderia ser modelo, é um advogado muito requisitado em nossa cidade. Tenho certeza que é excelente no que faz, mas também acredito que a maioria de sua clientela dá-se graças ao seu pai, José Rodrigues, governador do nosso estado por dois mandatos seguidos. Nunca quis confirmar minhas suspeitas, não quero que meu homem pense que não o acho capaz.

Ele me olhou, como se soubesse que estivera o olhando e babando durante vários minutos. Sorriu para mim e piscou. Segurando minha mão, me encaminhou para um carro grande, de alta tração, devia ser necessário, já que viajaríamos por três horas. Colocou nossas coisas na parte traseira, me ajudou a subir e seguimos todo o caminho em um silêncio gostoso.

Paramos em frente à uma pousada. Pousada Candeeiros, com decoração colonial, rústica e simples. Comum em cidade pequena. Esses cincos dias seriam fantásticos. Uma pequena féria em nossos cotidianos corridos.

A noite passou como um vulto e já me vi escolhendo um guia e a nossa programação de passeio do dia. Nosso primeiro lugar visitado foi o Poço Azul, o lugar

era simplesmente magnífico, água extremamente cristalina e o reflexo do céu, deixa uma impressão de coloração azul. Visitamos tantas cachoeiras que fiquei maravilhada como existem tantas, cachoeira Santa Paula, cachoeira do Moreno, cachoeira Santa Bárbara.

Nos segundo, terceiro e quarto dias, visitamos a cachoeira do São Romão e Prata, duas quedas d'águas incríveis e de forte correnteza. Então só pudemos contemplar a beleza, nada de mergulho.

Enfim, era nosso último dia e decidimos encerrar com uma visita ao complexo da Pedra Caída. Um passeio mais bem estruturado. Começamos com uma trilha longa, de quase uma hora e agradeci mentalmente por ter colocado um tênis que já estava bem amaciado. Esbaforida, cheguei ao topo, onde tinha uma espécie de santuário, para fazer orações e pedidos. Fiz os meus e Álvaro os seus. Acredito que ambos pedidos estavam interligados. Ao menos eu, pedi para que minha vida estivesse unida para sempre a de meu amor.

— Que tal um pouco de adrenalina? — Álvaro perguntou ao circular minha cintura por trás e encaixar sua cabeça em meu pescoço. Estávamos admirando a vista juntos.

— Eu amo isso, você sabe como amo. — disse e ele concordou silenciosamente, ele sabe que foi ele quem me apresentou e viciou nesse mundo.

— Sim, minha aventureira linda. — apertou seus braços fortes ainda mais em minha cintura. Eu poderia viver somente entre o conforto de seus braços. Para sempre. — Vem, vamos logo. Tenho uma surpresa para você lá embaixo.

— O quê? — perguntei quando ele saiu correndo feito um menino que estava aprontando. — Álvaro — gritei, mas foi em vão. Ele já estava na preparação da sua descida.

Isso mesmo. Faríamos uma tirolesa de mil e quatrocentos metros, segundo o guia.

Quando cheguei próximo ao precipício da descida, meu namorado já estava todo seguro com os equipamentos e pronto para dar o primeiro impulso de descida.

Criança. Ele sabe que não gosto de surpresa. Prefiro a certeza, as coisas calculadas e exatas.

Vou até meu guia. Ele estava checando todo o equipamento e cordas.

— Preparada para descer? — perguntou. Acho que ele devia estar procurando medo em mim.

— Já nasci pronta. — respondi sem nenhum resquício de pavor.

Ele me ajudou a vestir o equipamento e me levou até o precipício. Abaixo tinha uma área de preparação. Ele saltou primeiro e esperou eu fazer o mesmo. Assim que estou junto, ele prendeu uma corda em meu equipamento e a prendeu na corda que faria a descida. Senti meu sangue correr mais rápido. A adrenalina apossando-se do meu ser. Então eu impulsionei meu corpo para a queda. Tão rápido! Eu estava deslizando numa corda, rápido. Nesse momento somente o vento soprava em meu ouvido. Minha alma começou a ficar leve. Uma tranquilidade invadiu meu ser e eu me deixei ser tomada por isso. Nada melhor que a adrenalina.

De repente, olhei para baixo. Uma onda de euforia, roubando lugar da adrenalina passou por todo meu corpo. Eu senti uma vontade imensa de gritar de felicidade quando vi, lá em baixo, em cima de uma pedra, Álvaro sorrindo e rodeado de flores vermelhas. As flores formando um grande coração. A visão trouxe lágrimas aos meus olhos e fez meu coração saltar rápido. Respirei com dificuldade, ansiosa para fazer logo a aterrissagem. Eu não acreditei que ele estava fazendo isso para mim. Álvaro sempre foi romântico, mas isso com certeza ficou no 'top 1' de todas as coisas que ele já fez por mim.

— Meu amor, você é louco? — perguntei, gritando, quando aterrissei e quando tiraram o equipamento de mim, praticamente corri em direção ao homem que continuava entre as flores.

Ele sorria lindamente. Fazendo minhas entranhas se revirarem.

— Um pouco de loucura faz bem, meu amor. Surpresa! — levantou-se e me abraçou com seus braços fortes bem apertados em minha cintura.

— Ah, meu Deus. Você quer me matar do coração? — perguntei, chorando, mas eram lágrimas de felicidade rolando por minhas bochechas.

— Não morra agora. Antes, quer se casar com esse louco? — Ele perguntou e se ajoelhou novamente. Do bolso, tirou uma pequeninha caixinha vermelha. Ofeguei.

— Hum… deixa eu pensar. — Tentei brincar, para esconder meu nervosismo. Eu sempre sonhei com esse dia. Realizar o "sonho" com o grande amor da sua vida é bem melhor ainda.

— Vou te dar 10 segundos. — Sorriu para mim, entrando na brincadeira.

— É muito pouco tempo.

— Então não pense muito, meu amor. Case com esse homem louco.

— Com certeza sim. Sim! Eu caso com esse louco, porque infinitamente eu amo esse louco. Eu te amo, Álvaro. Eu te amo para sempre — gritei.

Ele levantou e me beijou como se não houvesse depois. Seus lábios doces explorando lenta e suavemente os meus. Sua língua pediu passagem e eu cedi, apaixonada. Beijamo-nos por horas, pois assim que ele largou minha boca, eu respirei profundamente.

Olhei bem em seus olhos azuis, minhas duas piscinas onde eu gostava de me jogar, sempre. E nele estava refletindo toda minha felicidade. E aqui, agora, se possível, meu amor por esse homem duplicou, triplicou… tornou-se infinito.

— Você será meu. Eu vou te amar para toda vida. — prometi, meu coração ainda pulava apressado em meu peito. Deslizei minha mão por todo o seu rosto de anjo. Eu amo esse homem, era verdadeiro nosso sentimento.

— Eu te farei a mulher mais feliz do mundo — disse e colocou um anel em meu dedo. Um belo anel e com uma grande pedra de brilhante, mas isso era o de menos, se ele me desse apenas uma fitinha para amarrar em meu dedo, estaria feliz do mesmo jeito. Voltamos a nos beijar com amor e entrega, como foi dali em diante.

← ♥ →

Sorrio com as lembranças e saio de perto da janela. Estou pronta para descer, para entregar minha vida nas mãos do homem que amo e receber a vida dele. Para juntos construímos um futuro promissor e uma família feliz. Falando em família, com um pouco de relutância, aceitei que nosso casamento fosse uma grande cerimônia na casa de praia dos pais de Álvaro. E uma coisa que posso dizer, é que esses oito meses de organização foram os mais desgastantes de minha vida. Graças a Deus casarei com o homem da minha vida, acredito que não teria mais saco para aturar outro casamento. É praticamente uma tortura, ainda mais quando a mãe do noivo quer interferir em cada detalhe. Depois de muita implicância dela, eu definitivamente explodi quando ela quis decidir até mesmo sobre o meu vestido. Meu noivo, claro que apaziguou os ânimos e não escolheu nenhum dos lados. Um ponto para ele. No final eu consegui ficar com meu modelo sereia.

Minha mãe e irmã entram para conferir os últimos detalhes. Elas estão mais radiantes que eu, quase impossível. Elas sempre foram fãs de Álvaro. Dona Maria bem mais que Laura. Papai vem atrás, seus olhos da cor de mel iguais aos meus, me analisando. Eu sei que ele espera que eu desista, ele acredita que ainda sou seu bebê e que

poderia ficar para sempre embaixo de seus braços. Olho para mamãe e papai com orgulho, eles sempre fizeram tanto por mim e por minha irmã, até além do que podiam e deram uma vida digna e cheia de caráter. Ensinando-nos o que era certo e errado. Trabalhando duro para não nos faltar nada. Não somos *lascados*, não, mas não somos bem afortunados como a família do meu noivo.

— Vamos, querida. Todos estão te esperando. — Mamãe diz, chorosa, enquanto minha irmã pega o véu do meu vestido.

— Lorena, tirou a sorte grande com Álvaro. — Laura diz, suspirando alto — Não o perca nunca. Agora vamos lá agarrar seu homem para sempre.

Assinto e caminho vacilante até papai. Ele agarra meu braço e me ajuda sair do quarto. Juntos, eu e minha família, vamos para o local onde será a cerimônia. Estou com os nervos à flor da pele e muito emocionada. Em meu peito, o coração bate forte. Minha barriga *gelada*, experimentando todas as emoções fortes. Mas longe do nervosismo do momento, estou muito feliz e realizada.

Minhas pernas tremem ainda mais quando chegamos bem próximos ao altar montado. Eu consigo ver algumas cabeças dos convidados. Mamãe me entrega meu buquê de flores de laranjeiras e vai, acredito que para seu lugar. Minha irmã, Laura, faz os últimos ajustes no véu e também se vai. As duas emocionadas e chorando.

Papai me olha, ainda procurando desistência em mim. Como não vê nada, ele assente e começa a andar, carregando-me com seu braço enlaçado no meu. Quando chego na ponta do tapete vermelho a marcha nupcial começar a soar alto. Todos se viram para olhar. O buquê de rosas chega a tremer em minhas mãos. Ao horizonte, rente ao pôr do sol, está montando um altar, com uma armação de flores e folhas. Um espetáculo.

Mais lindo ainda está meu noivo, usando um fraque branco. Quando as daminhas e pajens começam a jogar pétalas no caminho, papai e eu voltamos a caminhar. Eu sinto que a qualquer hora posso desmaiar pelas emoções nunca vividas. Firme, me mantenho em pé. Afinal, meu maior presente me espera ao final do tapete. Só isso já é um incentivo imenso. Quando chegamos até Álvaro e papai me entrega em suas mãos, ele sorri, estendendo uma mão para *seu* Manoel, que aperta forte. Quando pega a minha, a sinto fria. Ou deve ser a minha, de fato não sei. Nos acomodamos de joelhos, em frente ao púlpito do padre.

A cerimônia passa depressa. Apenas declaramos nossa vontade e nossos votos. Na hora do beijo, Álvaro se excede um pouco mais e os convidados assobiam felizes. Mais feliz estou eu em saber que somos um do outro. Somos marido e mulher. Esse sem

dúvidas é um dos dias mais felizes de minha vida, se não o mais feliz, que guardarei para o todo sempre, como minha melhor memória.

Depois de todo banho de arroz e valsa dos noivos, finalmente a recepção começa. Todas as mesas e banquete montados um pouco distante do local da cerimônia, mas com a mesma vista para o mar. Olho encantada para tudo, sem ainda acreditar que estou casada. A festa está rolando com perfeição, como pudera, foi bem planejada, cada família em uma mesa, garçons circulando direto com bebidas, sem falar do *buffet* digno de jantares de reis.

Minha sogra cisma que eu tenho de conhecer o restante da família. Assim, ela pega em meu braço e começa a andar comigo por todo local. Sou apresentada a alguns convidados que não conhecia. A uns primos distantes, tias mais distantes ainda e para vários figurões da políticas e até mesmo alguns famosinhos.

Depois de circular muito, na verdade, ser arrastada muito. Sento-me em uma mesa reservada aos noivos e família. Aceito uma taça de champanhe *rosé*, que me é oferecida por um dos *milhares* de garçons. Bebo e interajo um pouco com todos presentes. Como uma mariposa que sente falta da luz, sinto falta do meu marido. Entretida com alguns familiares nem percebi que ele tinha desaparecido. Despeço-me das pessoas e começo minha procura por ele. Planejo cortar o bolo, jogar o buquê e finalmente ir para nossa noite nupcial. Estou doida para mostrar a Álvaro as peças intimas por debaixo do meu vestido. Ele irá enlouquecer e teremos uma noite longa de prazer.

Rodo um pouco e nem vestígio dele. Começo a sentir um aperto no peito, como se algo de errado estivesse acontecendo. É como se fosse uma angústia tomando todo meu corpo, me deixando preocupada e amedrontada.

Procuro mais e nada. A preocupação deixando-me em alerta.

Quando estou desistindo, vejo um lampejo do pedaço do fraque branco escondido atrás de uma pilastra. Suspiro aliviada, já estava passando em minha cabeça todas as piores paranoias. Caminho até lá para verificar o que ele está fazendo, ali escondido, mas quando estou próxima o suficiente, sons de gemidos chegam ao meu ouvido tão rápido, quanto a percepção do que está acontecendo chega em minha mente.

Dou mais uns passos e quase caio dura quando vejo Álvaro e uma mulher loira agarrados e se beijando. A mulher com as mãos em seu pescoço, pendurada. Ele, meu marido, percorrendo as dele pelo corpo de violão dela. Meus olhos embaçam na mesma medida que um nó se forma em minha garganta. O meu coração batendo dolorosamente desenfreado e pulsando sangue *gelado* para todo meu corpo. Eu tremo, com um frio

inexplicável, tremo incapaz de suportar tal visão. É como se eu estivesse em meu pior pesadelo.

— Álvaro…

Link dos demais livros

O Tutor :

https://www.amazon.com.br/dp/B072SCK31H

Sinopse:

Sebastian Damman, era conhecido por sua beleza e se dava muito bem com isso, levava sua vida sem se preocupar com responsabilidades. Tinha fama de mulherengo e amante de mulheres casadas. Era considerado a perdição para qualquer mulher. Mas, um golpe calculado de seu tio distante, chefe do clã Sallie lhe obrigaria a ser tutor de sua filha, para proteger interesse de ambos. Pelo lado de Damman, seria a oportunidade de rever os conceitos ao seu respeito. Não que ele estivesse cansado de sua vida libertina, mas a chance de demonstrar sua responsabilidade era fundamental para ser um líder respeitado.

Pelo lado do seu tio, defender o clã dos seus inimigos contraídos durante brigas territoriais levando em diante sua descendência. Mas o que Sebastian não esperava era que Olívia Sallie não era mais criança, podendo ser a mais bela jovem que seus olhos já tinham visto.

Abandonada em um internato distante, Olívia Sallie, cresceu longe do amor familiar. Com sua maioridade chegando junto com a promessa de conhecer o mundo de fora, ter outro futuro ou não. Quem sabe encontrar um amor que mudaria sua vida, tipo de amor que ela só conhecia o conceito pelo o que ela lia nos livros de romance da biblioteca do internato.

Mas a primeira vez que Olívia ficou frente a frente com Sebastian, seu coração a fez nutrir um sentimento estranho. Algo que lhe parecia errado para condição que o destino lhe tinha reservado, mas que era bem mais forte que tudo e todos.

Será que o amor é à primeira vista? Será que Sebastian e Olívia conseguirão ir bem mais além do que um título de Tutor e Pupila?

Uma história de amor que enfrentará medos, dúvidas e batalhas.

O Clã:

https://www.amazon.com.br/dp/B077RQGDHG

Sinopse:

Sebastian Damman sabia que tempos atrás, Liam Sallie havia conquistado de forma duvidosa muitas propriedades, deixando um rastro de inimizades e sede por vingança. Agora, cabia a ele cumprir com o dever de defender e proteger tais

propriedades. Queria tornar-se o chefe dos clãs, e faria tudo para conseguir, até mesmo casar-se por obrigação com Olívia Sallie.

Olivia Sallie, ao conhecer seu tutor Sebastian, o encantador homem de olhos azuis e físico musculoso, soube que perdera seu coração no momento em que o viu. Entretanto, beleza não era a única marca de seu tutor, era leviano e de reputação duvidosa, descrente de amor. Nada do homem que sempre sonhara para entregar o seu coração.

O Testamento havia sido lido, a união dos clãs Damman e Sallie seria concretizada com o casamento dos herdeiros. Para Sebastian, o matrimônio seria somente interesse em alcançar o poder, ou pelo menos, era isso que o mesmo pensava. Para Olívia, seria sua vida fadada à infelicidade, amor de sua parte não faltava, mas tais sentimentos nunca seriam correspondidos, seu tutor nunca lhe amaria como mulher.

Mas, seus corações ao conhecerem-se, começaram a pulsar como um somente, resultando em um amor invencível.

Príncipe da Sedução:

https://www.amazon.com.br/dp/B07HDX34GZ

Sinopse:

Henry Foster é um jovem de 25 anos, conhecido em seu mundo de sedução como “O Príncipe”. Tinha tudo que desejava e o que não desejava. Levava a vida com alegria, seu sorriso brilhante era incomparável e encantador. Seu corpo forte, sua pele negra era coberta por tatuagens inconfundíveis. O objeto de desejo de muitas mulheres. A personificação do pecado carnal, da sensualidade e do sexo. Tinha o corpo de uma mulher rendido em sua cama facilmente, dando a ela sua melhor noite, a qual jamais esqueceria e teria vontade de repetir incontáveis vezes. Henry protegia sua identidade verdadeira, seus sentimentos e principalmente seu coração. Porém não foi isso o que aconteceu ao conhecer Stella, a dura e fria mulher de olhos verdes. Uma mulher que não se rendia facilmente. Então seu agente resolveu lançar um desafio e ele prontamente aceitou para mostrar que conseguia e domava todas as mulheres que quisesse.

Stella Morris, mulher de 23 anos, trabalhava em sua área para uma grande rede hoteleira. Considerava-se uma mulher que não tinha tempo para romance e muito menos acreditava no amor. Usava seu tempo para estudar e trabalhar. Ainda era virgem e isso não a incomodava, mas Stella não contava com a obra do destino. Quando conheceu Henry tudo mudou e todas as suas convicções se transformaram. Tudo virou de cabeça para baixo …

Ela estaria prestes a cair na maior confusão de sua vida, ou não. Ele estaria prestes a mais uma conquista, ou não.

Um jogo começou. Ganhará quem apostou com o amor ou sedução?

Redes Sociais para contato:

Facebook

https://www.facebook.com/livros.embook

Fanpage:

https://www.facebook.com/LivrosSthefane/

Instagram:

https://www.instagram.com/sthefanebook/

Email:

stheraraujo@hotmail.com